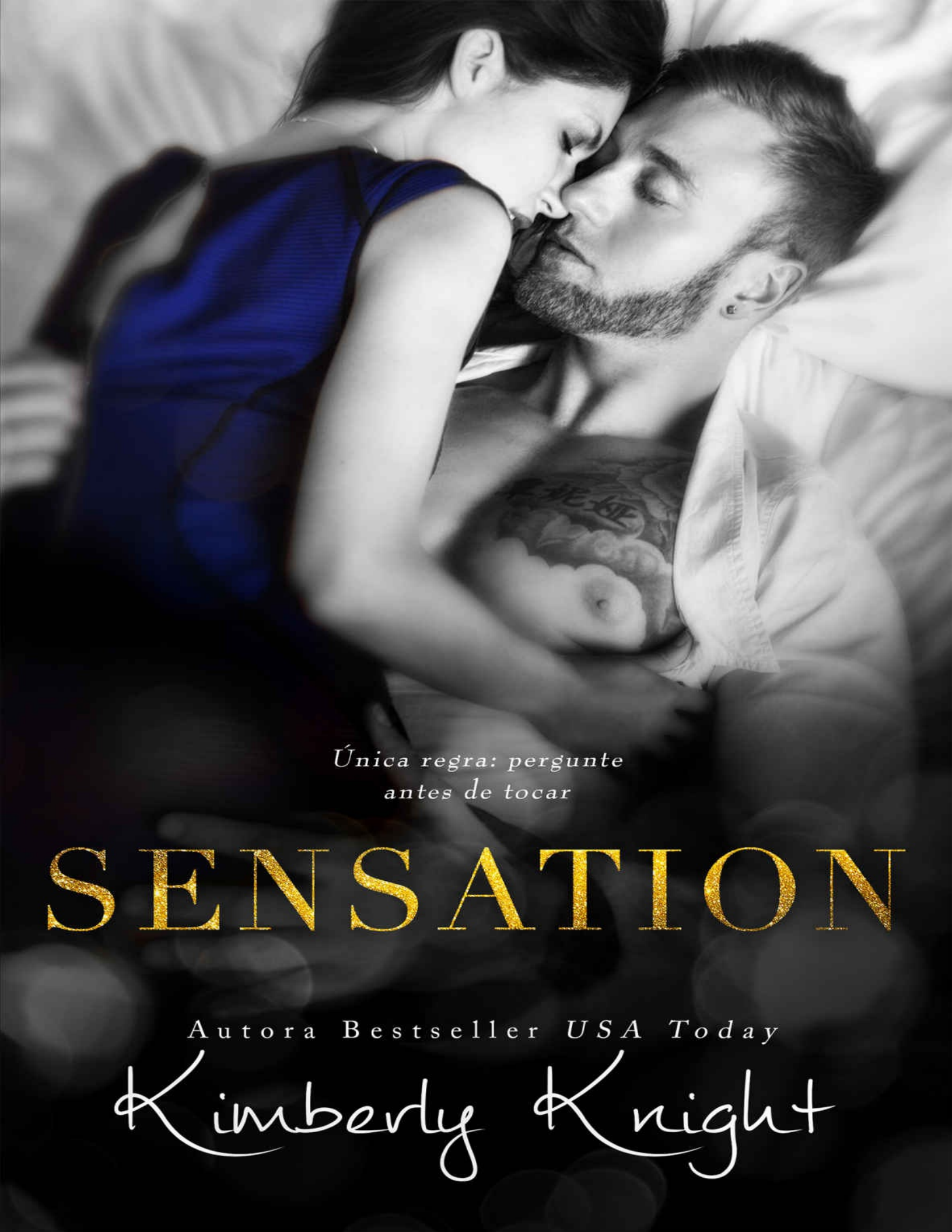


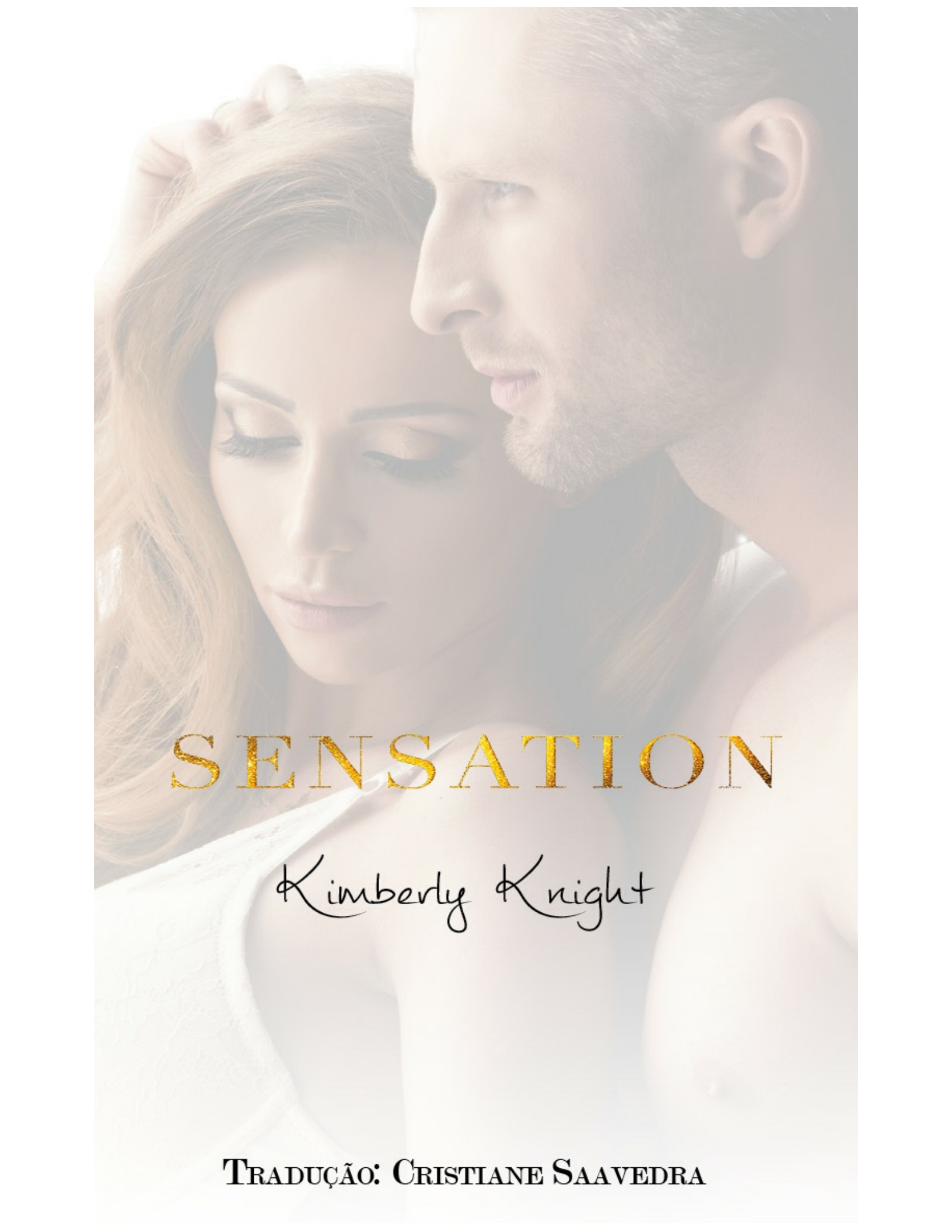


*Única regra: pergunte
antes de tocar*

SENSATION

Autora Bestseller USA Today

Kimberly Knight



SENSATION

Kimberly Knight

TRADUÇÃO: CRISTIANE SAAVEDRA

TODOS OS DIREITOS COPYRIGHT RESERVADOS.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, digitalizada ou distribuída de qualquer forma, seja impressa ou eletrônica, sem permissão. Este livro é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência. Os personagens e enredos são criados a partir da imaginação da autora ou são usados ficticiamente. O assunto não é apropriado para menores de idade. Por favor, note que este romance contém palavrões, situações sexuais explícitas e consumo de álcool.

Sensation

Copyright © 2017 Kimberly Knight

Copyright da Tradução © 2017 Cristiane Saavedra

Tradução, Edição e Diagramação: Cristiane Saavedra

Revisão: Marta Fagundes

Publicado por Knight Publishing & Design, LLC

Foto da Capa: ©E. Marie Fotografias

Arte da capa: ©Okay Creations.

Todos os direitos reservados.

ESTE LIVRO SEGUE AS REGRAS DA NOVA ORTOGRAFIA DA LÍNGUA PORTUGUESA.

Knight, Kimberly

Sensation / Kimberly Knight

Título Original - By Invitation Only

ISBN: 978-85-93920-00-4

1. Romance Estrangeiro



Dedicatória

Para Jessica Gibson:

Obrigada por sempre ter tido fé em mim e na minha escrita.

SUMARIO

Capa

Ficha Catalográfica

Dedicatória

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

Nota da Autora

Agradecimentos

Sobre a Autora

Conheça a Série B&S



Peyton

— Então, essa cadela chega na minha cara e exige que eu diga o que *porra* estou fazendo com o homem dela. *Exige!* Quem diabos ela pensa que é, achando que pode exigir que eu diga alguma merda a ela?

— E deixe-me adivinhar. Agora você precisa de uma advogada? — Tomei um gole do meu *Cosmo*.

Minha melhor amiga Lorelei e eu tínhamos ido para o bar na rua do nosso trabalho, que frequentamos quase todas as noites de sexta-feira e, às vezes, para um *happy hour* durante a semana. O Rick's era tudo o que se espera de um bar em Beverly Hills. A comida era ótima, o ambiente agradável e os drinques sempre eram perfeitos e feitos com os melhores licores. Mas o que diferenciava o Rick's dos outros bares da área, e o que fazia com que Lorelei e eu voltássemos sempre, era a sala de degustação de vodka.

Não era uma simples sala. Era uma câmara frigorífica de vidro, projetada exclusivamente para vodka em sua forma mais pura. Eles nos davam casacos de peles sintéticas para vestir, pois a temperatura era inferior a dois graus abaixo de zero, e um especialista em vodka ficava aproximadamente quinze minutos dando degustações e informações sobre as centenas de vodkas diferentes que ficavam alinhadas ao longo da estante de couro branca. Era uma experiência legal. Lore e eu só tínhamos entrado uma vez, mas como era envidraçado, víamos pessoas lá dentro o tempo todo.

Lorelei acenou para mim.

— Não, eu não preciso de advogada. Antes que eu pudesse fazer qualquer coisa, Tom chegou na cara dela e lhe disse para dar o fora.

— Oh. Agora é ele quem precisa de advogada?

— Não. — Ela revirou olhos castanhos claros. — Você nem é criminalista.

— Bem pensado — concordei. — Continue.

— A garota caiu no choro. *Chorou!* No meio da boate.

— Uau... — exalei, jogando meu cabelo longo e escuro sobre o ombro. — Por que ela chorou? Lore encolheu os ombros.

— Acho que eles terminaram recentemente e ela ainda está apaixonada por ele. Engraçado, eu não me importo. Nunca mais saio com esse cara. Não preciso de uma merda dessa na minha vida.

Sorri.

— Precisa gostar muito de encontros online.

— Exatamente. — Ela tomou um gole do *Cosmo* dela. — E que cara leva uma garota para

uma boate no primeiro encontro? Digo, eu gosto de dançar e beber como qualquer garota, mas não antes de ele, pelo menos, me alimentar.

— Você é demais. — Eu gargalhei.

— É por isso que você me ama. — Ela sorriu e alisou o cabelo para baixo.

— Eu te amo porque você salva minha pele quase que diariamente.

— Eu salvo sua pele diariamente — ela concordou, gargalhando.

Trabalhamos em um escritório de advocacia especializado em direito de família em Beverly Hills há mais de cinco anos. Nos conhecemos no dia em que ela foi contratada por Chandler & Patterson, LLP como minha assistente jurídica. Ela era meus olhos para ter a certeza de que eu não estragaria quaisquer argumentos, e minha secretária, organizando impecavelmente meus arquivos de cliente em ordem de data, dentre outras coisas. E é minha melhor amiga. Algumas firmas não viam com bons olhos advogados fazerem amizade com colegas de nível “inferior”, mas não a C&P. Quando um assistente trabalhava bem com a pessoa a quem estava auxiliando, era eficaz para ambas as partes.

Chandler e Patterson era um escritório de advocacia de alto nível que representava atores e atrizes famosos, diretores, músicos ou outras pessoas no centro das atenções que estavam se divorciando e/ou que tivessem problemas de custódia. Devido a nossa clientela, também somos especializados em acordos pré-nupciais e tentamos fazer mediação quando necessário. A maioria dos clientes não queria que viesse a público o que estava acontecendo em suas vidas conjugais.

Entrei no universo jurídico por causa do meu pai. Antes de se aposentar, ele foi advogado criminalista por mais de vinte anos e depois juiz, em Los Angeles. Eu queria seguir os passos dele, mas eu não era criminalista, meu objetivo era um dia me tornar juíza de vara de família.

— Então, a garota foi embora ou o quê? — Eu estava interessada em ouvir o final da história já que a minha vida sentimental era uma merda. Merda no sentido que tive alguns encontros que nunca me levaram a nada. Ou eu não gostava do cara, ou quando ele descobria o que eu fazia para ganhar a vida corria porque presumia que eu tiraria tudo o que valia a pena dele, se viéssemos a nos divorciar um dia. Claro que eu sabia o que fazer e o que não fazer quando se tratava de aspectos financeiros de um casamento, mas nem todos os casamentos terminavam em divórcio. Sem mencionar que esses caras não eram os mais adequados para mim.

Lorelei bufou.

— Eu não sei. Ela saiu correndo chorando e não vi para onde ela foi. Tom comprou mais algumas bebidas pra mim, dançamos e depois fui para casa.

— Sozinha? — Sorri.

Ela franziu as sobrancelhas.

— Sim, *sozinha*. O cara não tinha potencial. Ele era bonito e tal, mas não tenho tempo para drama de ex-namorada. Estou velha demais para essa merda. — Eu era dois anos mais velha do que ela, que tinha trinta, então também estava velha demais para essas merdas.

— Pelo menos tem homens interessados em você.

— Pey — Lorelei se inclinou para frente e agarrou minha mão. — Tem homens interessados em

você. Você não está interessada neles.

Foi minha vez de arquear as sobrancelhas.

— Não, não tenho. — Sabia que não era exatamente verdade. Eu era exigente.

Ela piscou lentamente, balançando a cabeça como se não acreditasse no que eu tinha dito.

— Tá vendo aquele cara ali? — Ela virou lentamente a cabeça na direção do bar.

Virei-me e vi um cara moreno de cabeça raspada, vestido de jeans e uma camisa azul de botões, olhando para nós.

— Estou, e?

— Há vinte minutos ele está olhando para você.

— É para você que ele está olhando — retruquei.

— Hum, não.

Olhei para o cara novamente e ele ergueu o copo. Virei-me para Lorelei.

— Ok, talvez ele esteja olhando para mim, mas só porque é noite sexta-feira e ele quer ficar com alguém.

— E? — Ela riu.

— Eu não sou esse tipo. Também quero ser alimentada.

Nós duas começamos a rir e virei para olhar o cara novamente para ver se ele ainda estava olhando para mim. Estava, mas franziu o cenho e desviou o olhar.

— Ah, ele acha que estamos rindo dele.

Dei de ombros.

— Bom, assim ele para de olhar.

— Somos duas cadelas de merda.

Balancei a cabeça.

— Somos. Mas vim aqui beber com minha amiga depois do trabalho. Não vim para arrumar uma aventura de uma noite.

— Talvez você esteja precisando de uma.

Virei a cabeça ligeiramente e estreitei os olhos.

— O quê?

— Você anda muito tensa por causa do trabalho. Eu entendo, é estressante, mas essa é mais uma razão para arrumar uma transa de uma noite.

— Bem, não com *aquela* cara. — Acenei a mão na direção do pobre cara.

Um sorriso se espalhou pelos lábios cor de rubi dela.

— Bem, vamos encontrar um.



Meu motorista Uber me deixou na porta da frente do meu prédio, e depois de pegar o elevador até o meu andar, tropecei de bêbada. Lorelei e eu tínhamos bebido *Cosmos* — cinco, se me lembro bem. E porque estávamos em nosso próprio mundinho, fofocando e observando as pessoas, não achamos um cara para levar para casa. O que não era realmente o meu caso. Sem dizer que muitos dos homens que frequentavam o Rick's eram advogados, e eu não queria me envolver com alguém com quem eu tivesse casos contra. Poderia ser confuso e é antiético. Se advogados se envolverem, eles precisavam informar aos clientes em comum, e ainda assim, um deles precisaria se retirar do caso para que não houvesse conflito. Quem faria isso por uma transa de uma noite? Eu não.

Quando passei pelo apartamento do meu vizinho coloquei a mão na porta, desejando que ele a abrisse, me puxasse para dentro e me fodesse. Se fosse para eu ter um caso de uma noite, queria que fosse com o meu vizinho sexy. Aparentemente, muitas mulheres tinham vivido aquela fantasia. Eu o ouvia o tempo todo apreciando a companhia daquelas mulheres, e cada uma delas soava diferente. Ri sozinha enquanto estava parada em frente da porta dele, lembrando algumas das coisas que eu tinha ouvido.

— Você comprou aquela luminária na Target? — perguntou uma mulher entre gemidos.

— Eu vou te foder com força! — Outra mulher gritou. No começo, pensei que fosse o Sam gritando, porque parecia o rosnado profundo do Batman. E outra que me fez rir muito foi, “Você gosta assim, *biscuit* atrevida?”. Onde Sam encontrava essas mulheres ia além da minha compreensão. Sem dizer as que gemiam mais e mais e *mais*, e me irritavam profundamente. Não sabia ao certo se era porque ele era tão bom de cama ou elas pensavam que gritar era sexy.

E todas as vezes desejei que fosse eu.

Já que eu estava meio tonta, queria mais do que apenas uma rapidinha com o meu vibrador esta noite, mas meu vizinho não abriu a porta, então só me restava ir para casa, usá-lo. Pensando bem, eu deveria ter ficado com aquele cara de cabeça raspada no Rick's para pagar minhas bebidas e me levar para casa. Pelo menos eu não estaria desejando meu vizinho, que nem sabia que eu existia.

Isso não era verdade.

Sam sabia que eu existia, mas só que eu era a garota do lado. Nunca tínhamos trocado mais do que duas palavras nesses três anos como vizinhos. Talvez ele tivesse uma regra sobre não comer onde caga ou, neste caso, foder as vizinhas. Talvez ele pensasse que eu fosse comprometida. Ou talvez me achava feia. Eu nunca via as mulheres que ele trazia para casa (só as ouvia), então talvez ele só transasse com supermodelos que falavam como super-heróis ou tinha alguma coisa com ser caseiro e transar em casa.

Depois de tirar a roupa e deixá-la jogada pelo caminho, parei na frente do enorme espelho do meu quarto. Não, definitivamente eu não era uma supermodelo. Por um lado, eu não era alta e com pernas longas. Tinha um metro e sessenta e cinco centímetros de altura e apenas os seios eram de tamanho normal. Não do tipo que pulavam para fora do bojo do sutiã ou aqueles que precisavam de enchimento para parecer seios. Eu tinha ouvido que o importante para o homem é que era necessário que enchesse a mão. Esse quesito eu atendia, não mais do que isso. Eu não era gorda e muito menos modelo de passarela. Eu era *normal*. Pesava o que era certo para a minha

estrutura.

Meu desejo de estar com Sam começou a sumir enquanto eu continuava a me encarar, pensando em todas as razões pelas quais ele nunca tinha me olhado de forma diferente. E então aconteceu...

— Sim! — gritou a mulher. — Sim! Aí!

Eu sabia o que ele estava fazendo atrás da parede do meu quarto. Eu nunca tinha visto, mas o barulho indicava e confirmava que ele a estava fodendo com força, pois a cabeceira da cama estava batendo na parede ao lado da minha.

Bam.

Bam.

— Sim! Porra, sim!

Bam.

Bam.

— Ok, filho da puta — murmurei sozinha. Definitivamente a minha bebedeira estava diminuindo, e meu ódio pelo Sam, aumentando. — Você só pode estar brincando comigo!

— Você gosta disso, Nikki?

— Sim! — Nikki gritou *novamente*.

Eu revirei os olhos. *Bem, eu poderia ter respondido essa pergunta.*

Sam começou a gemer, Nikki começou a gemer, e eu ali, aguentando. Antes que me desse conta, estava totalmente nua, batendo na parede que dividia nossos apartamentos.

— Parem! — gritei. — Tem gente aqui tentando dormir!

Eu era uma perdedora. Claro que já era tarde, mas era noite de sexta-feira, e eu tinha acabado de deixar o bundão do meu vizinho gostoso saber que eu não tinha vida, porque estava “dormindo” às três da manhã e não tendo o cérebro fodido como estava tendo a Nikki.

A bateção da cabeceira da cama parou e eu suspirei. Funcionou. Se tivesse feito isso há anos, Sam poderia ter percebido que eu o ouvia e talvez tivesse escolhido um lugar diferente para trepar. Como no sofá ou no balcão da cozinha. Droga, talvez até no chão.

Estava indo em direção ao banheiro quando escutei uma batida na minha porta da frente. Parei no meio do caminho e não me mexi, esperando que *ele* fosse embora. Só poderia ser apenas uma pessoa e, aparentemente, eu o tinha irritado. Mais batidas vieram e eu preendi a respiração. Se ele não me ouvisse, presumiria que eu estava dormindo.

E mais batidas.

— Abra a porta, Peyton.

Ele sabia o meu nome? Bem, eu sabia o nome dele porque sou mulher e a gente sempre descobre essas coisas. Assim que o vi quando se mudou, quis saber o nome dele, mas é claro, eu não perguntaria a ele. Seria loucura.

Eu não era tímida. Apresentava casos e mais casos em tribunais, e todos os olhos focavam em mim enquanto eu falava. Também me encontrava com estranhos todos os dias, com novos clientes a

advogados com quem nunca tinha trabalhado antes. Mas isso era diferente. Ele era o Sam. O vizinho gostoso cujo nome eu sabia só porque tinha ouvido uma mulher gritando. Claro, isso aconteceu quando coloquei um copo na parede e pressionei o ouvido nele, tentando escutar o que estava acontecendo no quarto dele. *Mal sabia que nem precisaria de copo.* Mas não fazia ideia de como ele sabia o meu nome.

— Peyton, abra a porta.

Suspirei e fechei os olhos. Sam agora já tinha dito mais de duas palavras para mim. Tá certo que não foi cara a cara, mas se eu abrisse a porta, seriam mais que oito palavras ditas.

— Eu não vou embora até você abrir a porta.

Eu não fazia ideia do que nossos vizinhos estavam pensando sobre Sam gritando na minha porta. Era tarde, ou cedo. Depende do ponto de vista.

Sam bateu de novo.

— Porra, Peyton. Abra a maldita porta.

Antes que ele causasse mais cena, peguei meu roupão de trás da porta do banheiro e o vesti enquanto ia até a porta da frente. Felizmente eu não estava dormindo. Meu cabelo e maquiagem ainda estavam intactos e me deram um pouco mais de confiança quando abri a porta.

— O que é? — sibilei.

Ele abriu a boca para falar, então observei seus olhos percorrerem meu corpo e depois voltarem para cima.

— Eu pensei que você estava dormindo.

— Eu disse que estava tentando — esclareci.

— Você dorme totalmente maquiada?

Fiz uma careta. *Quem era esse cara?*

— Não, acabei de chegar em casa e estava me preparando para dormir até ouvir você...

— Quer se juntar a nós?

Abri a boca para falar, mas as palavras não saíram. Sam sorriu, então me lembrei porque me sentia atraída por ele. Ele era alto, escuro e atraente: a combinação perfeita. Os dentes brancos brilhavam em contraste com a pele morena, e eu engoli em seco. Meu olhar percorreu seu torso nu e arregalei olhos. Eu nunca o tinha visto sem camisa, e *porra*, ele era perfeito. Abdome tanquinho, cintura perfeita que ligava àquele V que deixava as mulheres loucas, e sem pelos no peito. A parte inferior do estômago era uma história diferente, e eu sabia exatamente para onde ia a leve penugem.

— Você quer se juntar a nós? — ele perguntou novamente.

— Como você sabe o meu nome? — perguntei.

— O quê? — ele riu.

— Como você sabe o meu nome? — repeti.

— Porque somos vizinhos de porta há três anos.

Cruzei os braços sobre o peito.

— Mas nunca trocamos mais do que um oi.

— Você sabe o meu? — ele perguntou.

Bufei.

— Impossível não saber quando as mulheres o gritam todas as noites.

— E isso te excita?

— Eu... O que é isso? — perguntei, movendo a mão para frente e para trás entre a gente.

Sam colocou uma mão no batente da porta, se aproximou mais e sussurrou:

— Você não estava dormindo e está vestida apenas com um roupão preto, o que me leva a acreditar que me ouvir foder uma mulher estava te excitando. Então quero saber se quer se juntar a nós.

— Mas quando veio até aqui, você não sabia que eu estava apenas de roupão e não estava dormindo — eu o corriji.

Com a mão livre, passou os dedos pela gola de seda do meu roupão.

— Eu vejo seus olhos descerem pelo meu corpo quando você me vê, e um tom de vermelho se espalha por suas bochechas. Sei que você me quer e imagino que me ouvir te excita. Quero te levar para a minha cama.

Afastei-me e sua mão caiu longe da minha roupa.

— Você acha que eu gostaria de te compartilhar?

Sam abriu outro sorriso.

— Você já fez um ménage?

— Isso não é da sua conta.

— Isso é um não. Nesse caso, coloco Nikki pra fora e podemos ser só nós.

Que diabos estava acontecendo?

— Eu passo — disse e alcancei a porta para fechá-la.

Sam a segurou.

— Tem certeza?

Eu estava começando a me dar conta de que a minha fantasia com esse idiota era somente isso, uma *fantasia*. Ele não era quem eu pensava ser. Claro, ele transava com um monte de mulheres, mas imaginei...

Pensei que um dia ele perceberia que a garota que ele queria morava ao lado.

Eu era uma total perdedora.

— Não estou interessada nisso.

Ele sorriu de novo.

— Nisso o quê?

Gesticulei em direção ao apartamento dele.

— Ser outra a marcar ponto na cabeceira da sua cama.

Ele gargalhou.

— Peyton, somos vizinhos há algum tempo. Sei que você quer ser outra a marcar ponto e estou te dando a chance.

— Você é um idiota.

— Mas você já pensou sobre isso, não? — ele perguntou, ignorando totalmente o fato de que eu estava puta e tinha acabado de chamá-lo de idiota.

Não querendo dar ainda mais confiança, eu disse:

— Imaginei que você fosse um cara legal.

— Eu sou um cara legal. Quando quero algo, corro atrás. Isso não significa que eu seja idiota.

Cruzei os braços novamente.

— Por que agora? Por que você está disposto a chutar essa pobre garota?

— Quando bateu na minha parede, percebi que poderia estar transando com você, então eu vim aqui para te pegar. Nikki já foi abatida, de qualquer forma. Se eu só puder te ter sozinha, então a expulsarei.

— Você já ouviu o ditado “um pouco tarde demais”?

— Não faz assim, Peyton. Você sabe que nós dois nos desejamos. Lamento ter esperado até agora.

Revirei os olhos.

— Desejava.

— O quê? — Ele inclinou a cabeça.

— Admito que te achava atraente. Mas agora que sei que você é um depravado desprezível, não quero mais nada. Tenha uma boa noite. — Empurrei-o para trás e fechei a porta na cara dele. Depois dessa, eu não estava mais bêbada ou excitada. Na verdade, queria me mudar dali. *O que eu estava pensando?* Ele tinha estado com inúmeras mulheres. *Inúmeras!*

Peguei meu jeans e blusa jogados no chão enquanto voltava ao quarto e fui tomar banho. Eu me senti suja apenas por estar no mesmo espaço que o Sam. Quando saí do banho, parecia que ele estava literalmente prendendo Nikki na parede. Ouvi o que presumi ser o corpo dela se movendo para cima e para baixo na parede enquanto ele a fodia. Sam estava tentando me torturar.

Não havia a menor chance de eu conseguir dormir na minha cama com tantos gemidos. Então peguei meu travesseiro e fui dormir no sofá.



Eu não vi Sam o resto do final de semana. Provavelmente porque não saí de casa, exceto para ir até os meus pais para o nosso jantar semanal de domingo. Não fiz isso de propósito, ou meu cérebro estava convenientemente inventando coisas para eu fazer em vez de sair, mas eu tinha faxinado todo o meu apartamento, separado algumas roupas velhas e as colocado em um saco de lixo para doar para caridade, e assistido um monte de programas de TV no meu DVR. Foi um fim de semana produtivo e não ouvi um pio do lado de Sam.

Nem batidas.

Nem gemidos.

Nem gritos.

E ele não voltou a bater na minha porta.

A segunda-feira começou cheia. Passei no tribunal logo cedo, antes de ir para o escritório. Tive uma Conferência de Conciliação em pauta, e felizmente o advogado opositor e eu chegamos a um acordo. Não seria necessário julgamento, o que economizaria tempo e dinheiro aos clientes. Mas tinha outra audiência que eu sabia que não seria tão fácil. Era contra um advogado que gostava de alongar as questões mais do que o necessário.

Vestida com um terninho preto e uma blusa branca, passei pelo detector de metais e fui direto para a sala onde a minha primeira audiência estava agendada. O tribunal tinha três salas somente para julgamentos de direito de família. Quando entrei na que não tinha janelas, sentei na fileira de trás, próxima ao meu cliente que já estava lá.

— Bom dia, Derek. Como você está?

Ele virou a cabeça para mim.

— Ficarei melhor quando acabar essa merda. Os paparazzi estão me seguindo mais do que o normal.

Um sorriso caloroso espalhou pelo meu rosto.

— Isso explica as poucas vagas no estacionamento.

Derek era um grande astro do cinema internacional. E ser um colírio para os olhos também o ajudava. Ele era moreno e tinha uma *vibe* meio desleixada que ia do cabelo castanho desalinhado até a barba por fazer, o que enlouquecia as mulheres. E estava se divorciando de outra atriz porque ambos tinham conhecido outras pessoas.

— Acho que eu já deveria estar acostumado com isso.

— Viver no centro das atenções tem suas vantagens. Foi assim que você conheceu a Maggie, não é? — Derek já estava vivendo com outra atriz, Maggie Sharp.

— Sim, nos conhecemos nas filmagens de *Manmade* — ele confirmou.

Eu tinha visto pela Blockbuster, era sobre uma droga sintética que queimava um por cento da gordura corporal a cada dose. Derek atuou como médico e Maggie era a paciente dele que não seguiu a dosagem correta. A premissa era de que ele tinha que salvá-la antes que os efeitos

colaterais a matassem. Então, claro, os personagens se apaixonaram — aparentemente dentro e fora da tela.

O juiz entrou na sala e ficamos de pé, esperando que ele sentasse para que pudéssemos fazer o mesmo. O oficial de justiça chamou o primeiro julgamento do juiz, e observei quando Booker Jameson (contra quem eu teria a minha segunda audiência) e Regina Rinks se aproximaram das mesas designadas na frente do juiz, cada um com seus clientes.

Eu tinha um bom relacionamento com Regina. Nós tínhamos o mesmo jeito de fazer as coisas. Ambas queríamos que tudo fosse arquivado em tempo hábil e que os casos fossem resolvidos em seis meses, que era o tempo que levava para finalizar um divórcio, no estado da Califórnia.

Já Booker gostava de ser durão. Ele representava um monte de clientes do sexo feminino, e eu estava quase certa de que elas o contratavam por causa do sotaque britânico, dos olhos azuis sonhadores e do cabelo loiro curto meio arrepiado em cima como se tivesse acabado de arrumar rapidamente depois de foder uma mulher e, claro, a barba. Muitas mulheres gostavam de barbas e eu tinha que admitir, a do Booker era supersexy. Quando o vi pela primeira vez quase sucumbi à beleza dele. Foi difícil resistir.

Até que percebi o quanto ele era arrogante.

Ele não tinha má reputação, mas eu tinha certeza de que ele e Sam compartilhavam das mesmas atividades extracurriculares todas as noites. Ele só fazia do jeito dele. E o sorriso de derreter calcinhas também não ajudava.

Peguei meu celular na bolsa para verificar e-mails e passar o tempo enquanto esperava minha audiência ser chamada.

— Não fomos capazes de chegar a um acordo de pagamento, Meritíssimo — Booker afirmou.

Tentei não olhá-lo, eu realmente tentei, mas aquele sotaque era como seda escorregando pela minha pele. Olhei brevemente, revirei os olhos e voltei para o meu celular. Depois de mais alguns minutos, o oficial de justiça chamou meu caso. Derek e eu levantamos e começamos a caminhar pelo corredor do meio. Booker e Regina estavam reunindo seus pertences, então esperamos que eles se retirassem. Virei em direção do som da porta de madeira abrindo e vi Ernie Berg e a esposa de Derek, entrando por ela.

Regina saiu primeiro e trocamos um sorriso amistoso, então Booker se virou. Seus olhos azuis encontraram os meus castanhos e ele piscou. Ele piscou!

Idiota.

Permaneci calada quando ele passou por mim, instantaneamente, o cheiro de sândalo e almíscar me atingiu. *Droga! Ele é muito cheiroso.*

Fiz o melhor que pude para não olhá-lo enquanto passava por ele para que eu pudesse começar a minha audiência.



Minha primeira audiência foi curta e amigável. Resolvemos o caso, e eu ainda tinha mais ou menos uma hora, antes da próxima, que seria contra o Booker. Decidi sair e ir tomar sol. Sempre

que eu ia ao tribunal, ia pelas escadas. Era coisaminha. Já que não ia à academia ou qualquer coisa dessa natureza, então imaginava que subir e descer pelas escadas justificava a minha preguiça. Pelo menos era o que eu dizia a mim mesma.

Enquanto descia pela escada, na altura do terceiro andar, ouvi a porta abrir e fechar atrás de mim, em seguida, passos descenderem. Continuei descendo, até que meu nome foi chamado.

— Ei, Peyton.

Virei e vi Clint Davis, da firma do Booker, descendo as escadas. A firma dele era composta, na sua maior parte, de advogados masculinos, e todos eles se achavam os fodões. O cabelo loiro penteado para trás estava perfeitamente no lugar, o terno não tinha uma ruga, e ele cheirava a desodorante *Old Spice*.

— Oi, Clint.

— É seu caso, o casamento dos Waterford?

— Sim — respondi ao parar com uma perna no degrau de baixo e a outra no de cima.

— Eu acabei de ser designado pelo marido.

— Ótimo. Será adorável trabalhar com você de novo. — Na verdade, não era, mas eu estava sendo legal. Clint tinha uma vibração ruim, duvidosa. — Estou ansiosa por isso. — Continuei descendo, mas suas palavras me pararam.

— Que tomar um drinque? Falar sobre o caso?

Eu não tinha o costume de sair para beber com advogados adversários e conversar sobre qualquer caso. Quando saía do escritório, deixava meu trabalho lá. Claro que eu pensava sobre os processos, mas não achava pertinente debater assuntos dos meus clientes em um *happy hour*.

— Ainda não recebi o advogado substituto, Clint — disse, tentando desviar da pergunta.

Ele mexeu dentro de uma pasta-arquivo marrom que estava segurando.

— Na verdade, acabei de arquivar.

Bem! Foda-se.

Ele me entregou a cópia arquivada e eu a peguei, tentando pensar em algo rápido para dizer.

— Não posso, Clint. Tenho reunião com um cliente.

— Hoje à noite, então. Preciso me atualizar sobre esse processo.

Leia o arquivo!

— Desculpe, tenho planos. Por que não marca uma reunião com a minha assistente? Dessa forma podemos discutir as coisas.

— É um drinque inofensivo.

Esse cara não desiste. Quando eu estava prestes a responder, Booker, de todas as pessoas no mundo, estava subindo as escadas. Nossos olhos se encontraram e havia desgosto em seu olhar quando passou, embora fosse dirigido ao colega dele de trabalho. *Interessante.*

— Eu não disse que uma bebida não seria inofensiva. De qualquer forma, você é casado. — Do canto do olho vi os passos do Booker vacilarem quando ele riu. — Eu realmente estou muito

ocupada e acho que é melhor termos essa reunião no meu escritório, ou no seu. O que for melhor.
— Quando me virei para sair, falei por cima do ombro — Tenha um bom dia.



— Então, você e o Clint, hein?

A repentina pergunta do Booker, enquanto ele sentava ao meu lado na parte de trás da sala do tribunal, me pegou de surpresa. Virei para ele e revirei os olhos.

— Humm, não.

— Esse ser desprezível quer entrar na sua calcinha.

Franzi as sobrancelhas. Isso *jamais* aconteceria.

— Você se refere a todos os seus colegas de trabalho assim?

Booker sorriu maliciosamente.

— Somente os que merecem.

Ficamos em silêncio enquanto eu observava meu cliente entrar e encontrar um assento no lado oposto ao meu. Normalmente eu me sentava ao lado do meu cliente, mas estar ao lado de Booker, estava fazendo coisas para mim. A discussão com o Sam na noite de sexta-feira deve ter feito o meu cérebro pensar em sexo porque comecei a pensar em fazer um boquete no Booker. Um boquete *no meio do tribunal* no Booker, que era deslumbrante por fora, mas desagradável por dentro.

Bem, sendo justa, eu não sabia se Booker era desagradável por dentro. Só tinha conversado com ele sobre processos jurídicos, e conhecia a reputação dele. Apenas presumi, já que não podia atizar a fera, que ele era daquele jeito dentro e fora do tribunal. Então por que diabos o meu cérebro estava imaginando eu fazendo um boquete nele, estava além da minha compreensão.

Eu estava tentando não ficar ainda mais excitada pelo cheiro de sândalo e almíscar do Booker, quando o oficial de justiça finalmente chamou o nosso caso. Levantamos e Booker fez sinal para eu ir à frente. Enquanto eu caminhava até o centro, o juiz instruiu a todos que não fossem parte do processo de um dos advogados para saírem da sala. Como era uma audiência de custódia, e todos os casos de custódia infantil eram confidenciais, a sala da audiência precisava estar vazia. Não era um caso típico de custódia infantil, onde os pais estavam lutando para conseguir a guarda da criança. Não, a cliente do Booker, a avó paterna, queria a custódia da menina, baseada em uma besteira que ela pensava ser verdade.

Todos nós caminhamos até as duas mesas diante do juiz, Booker e o cliente dele à esquerda, eu e minha cliente à direita. Sentamos e esperamos o juiz começar.

O juiz lia um arquivo na mesa enquanto falava:

— Estamos aqui a pedido do advogado Jameson para alteração da custódia de uma criança. Eu avaliei o pedido. O advogado tem alguma coisa a acrescentar?

— Sim, obrigado, Meritíssimo. — Booker levantou, abotoou o paletó preto e começou a falar de novo. — Minha cliente é avó da filha de dez anos da cliente da Srta. Winters, e chegou aos

ouvidos da minha cliente, que a Sra. Alexander sai para boates quase todas as noites e deixa a filha, Carly, sozinha em casa.

Isso não era verdade.

Booker continuou.

— A Sra. Vogel também foi informada de que há drogas em casa.

Isso também não era verdade.

— E quem fez essas acusações à sua cliente, Sr. Jameson?

— A amiga da Sra. Vogel, que vive no mesmo complexo da Sra. Alexander.

— Srta. Winters? — O juiz olhou para mim.

Eu fiquei de pé.

— Sim, bom dia, Meritíssimo. — Olhei para Booker por um breve segundo antes de voltar a atenção para o Juiz Walters. — A cliente do Sr. Jameson não tem conhecimento pessoal do que se passa atrás da porta da casa da minha cliente. É apenas especulação e boato. Minha cliente é mãe solteira devido ao fato do filho da Sra. Vogel estar preso, e ela está fazendo o melhor que uma mãe jovem e solteira pode. Não há drogas na casa, e quando a Sra. Alexander precisa sair, ela contrata a filha da vizinha, de dezesseis anos, para cuidar da Carly.

— Meritíssimo — Booker interrompeu e eu comecei a ficar agitada. Isso era típico dele. Ele sabia que esse caso era uma merda. Não havia prova alguma de qualquer coisa que foi alegado pela cliente dele, e para ser honesta, eu não fazia a menor ideia do porque ele pegou esse caso, para início de conversa. — Minha cliente pede que um exame toxicológico seja requisitado, como também uma avaliação psicológica para a Sra. Alexander.

Balancei a cabeça ante ao pedido ridículo.

— Meritíssimo, os pedidos do Sr. Jameson são absurdos. Minha cliente está em pleno gozo das faculdades mentais, e Carly é uma estudante a cima da média. Tendo em conta o que Carly tem sofrido com a ida do pai para a prisão, a Sra. Alexander está fazendo um trabalho fantástico em educá-la.

— O Sr. Vogel está na prisão por vender drogas, Meritíssimo — respondeu Booker.

— Minha cliente não teve nada a ver com os negócios dele e nem nunca foi acusada — respondi.

— Vamos parar os dois por aí — disse o juiz Walters, levantando a mão. — A Srta. Winters está certa, Sr. Jameson. Seu pedido se baseia apenas em especulações e boatos. Vou recusar esse caso sem prejuízo, Sr. Jameson, e se você apresentar outro pedido com mais provas, podemos rever este assunto. Por agora, você não tem provas suficientes.

A cliente de Booker resmungou e eu tentei esconder o sorriso. Booker sempre supôs que conseguiria o que queria, mas não nesse caso. Minha cliente me abraçou em agradecimento antes de sair. Quando me dirigi à saída da sala, Booker foi junto comigo, ao meu lado.

— Você sabe o que isso significa, né?

Virei-me para ele e o olhei enquanto caminhávamos.

— Você vai apresentar outro pedido?

— Sim, mas também que a minha cliente vai requerer proteção à menor.

— Você acha que o juizado de menores vai encontrar alguma coisa?

Ele sorriu.

— Não importa se vão encontrar. Mas significa que verei seu lindo rosto de novo.

Eu parei de andar. Booker, não.

Ele estava flertando comigo?



Voltei ao escritório um pouco antes do meio-dia. Assim que passei pelas portas duplas de vidro da C&P, acenei para a recepcionista. Maria tinha a idade da Lorelei. Tinha cabelos negros longos, falava com sotaque hispânico e vivia a fantasia que todos nós sonhávamos: o casamento perfeito com dois filhos perfeitos. Maria acenou de volta e eu continuei andando pelo corredor, em direção ao meu escritório.

— Como foi o seu fim de semana? — Lorelei perguntou quando parei na mesa dela para pegar minhas mensagens telefônicas.

Dei de ombros.

— Tranquilo, sem maiores incidentes.

— Você devia ter aceitado a minha oferta da semana passada. O lago era incrível.

— Lore — sorri —, minha ideia de diversão não envolve ficar dois dias sem tomar banho.

— Tecnicamente, foi um dia, e você acabava se banhando no lago.

Eu estremei.

— Que nojento.

— Então, quantas mulheres o Sam traçou esse fim de semana? — Ela se inclinou na minha direção como se estivesse esperando a última fofoca.

Lorelei sabia tudo sobre o Sam. Ela o tinha visto, já o tinha cobiçado e até o ouviu transando. E depois ela rapidamente foi embora para casa, e eu sabia que nós duas usaríamos os nossos fiéis vibradores, pensando sobre o que tínhamos ouvido. Agora, só de lembrar, me fez querer socá-lo na cara.

Dei de ombros.

— Só uma, na noite de sexta-feira.

— Parece que ele está desacelerando. — Ela sorriu.

Soltei um suspiro. Ainda não tinha tomado café suficiente para conversar. Em vez disso, mudei de assunto.

— Como está a minha agenda essa tarde?

— Ava Ashley vem às treze horas para trazer a papelada do processo. — A papelada é a

documentação para dar entrada no divórcio e dissolução de bens no fórum. Nós já tínhamos nos reunido quando ela me contatou para representá-la como sua advogada no processo de divórcio. Ela era atriz, já tinha ganhado alguns Emmys, e tinha a minha idade. E era *deslumbrante*.

— Ótimo. Vamos almoçar agora para podermos voltar antes de uma hora.



Eu estava absorta navegando pela internet quando Lorelei enfiou a cabeça na minha porta, informando-me que Ava estava esperando.

— Perfeito. — Levantei-me e fui em direção ao corredor até a área da recepção. Eu odiava fazer os clientes esperarem. Todos tinham um lugar para estar, e não particularmente no escritório de seu advogado.

— Ava. — Sorri, cumprimentando-a. Ela olhou por cima do celular, e eu acenei. — Vamos lá para dentro. — Ela sorriu, e quando estávamos chegando ao meu escritório, perguntei: — Gostaria de beber algo?

— Vinho? — Ela riu.

— Dia ruim?

— Apenas nervosa.

Balancei a cabeça.

— Não precisa ficar nervosa. É por isso que você me contratou. Vou conduzir esse processo da forma mais tranquila possível. Mas tenho certeza de que podemos encontrar algo para você, depois que assinar todos os papéis para o tribunal. Por favor. — Fiz um gesto para Ava entrar no escritório. Não era um escritório de canto, fechado. Ele era notório. Tinha uma parede de vidro com vista para os arranha-céus do centro de Los Angeles ao longe. Do lado oposto tinha uma parede de vidro que dava visão da mesa da Lorelei.

Depois de Ava e eu sentarmos à minha mesa de mogno, ela me entregou um envelope com uma lista de seus bens, dívidas, despesas e declaração de renda. Lorelei iria preparar a petição, intimação e comprovação de recebimento, anexando as provas, com base nas informações dadas por Ava, na nossa reunião.

— Você tem alguma pergunta?

Ava suspirou.

— Eu não sei...

Lorelei nos trouxe dois copos de água. Eu sorri para ela quando os colocou na minha mesa, em seguida, virou-se para sair.

— Vamos repassar renda e despesa, primeiro — sugeri. — Não é necessário apresentar na petição para a separação, mas gosto de ter tudo organizado para fazer a coisa andar.

Ava assentiu com a cabeça, e comecei a descrever o que ela tinha relatado. Quando comecei a trabalhar em casos de grande visibilidade, fiquei chocada com o quanto nossos clientes faturavam. Não devia ter ficado surpresa, já que eram astros de Hollywood, consagrados

mundialmente, mas era muito mais do que eu ganhava. Admito que na época eu tinha apenas dois anos de formada. De lá pra cá eu tive algumas promoções, e nos últimos cinco anos, consegui vários aumentos, mas ainda não chegava nem perto dos milhões, que ao que tudo indicava, a Ava fez.

Quando repassamos suas despesas mensais, uma coisa em particular me chamou atenção.

— Você gasta mais de trinta mil dólares por mês em entretenimento, presentes e férias? — Não era propriamente dito incomum, mas estávamos falando de um mês, e não um ano. Normalmente, a soma era metade dessa quantia.

Ava riu.

— Eu acho que deve ser mais.

Arregalei os olhos.

— Em entretenimento? Talvez precisemos considerar algum em outra categoria.

Ela encolheu os ombros timidamente.

— Bem, o tribunal saberá quais são as minhas despesas?

Inclinei-me para trás, na cadeira.

— Não exatamente, mas se você está dizendo que gasta trinta mil em entretenimento, e está incluindo comer fora como despesa, ela precisa ser abatida porque há um lugar para ela.

Ava balançou a cabeça de longos cabelos loiros.

— Eu não chamaria isso de comer fora.

— É para prostituição ou algo do gênero? — Ri, mas estava meio séria. Já tinha visto isso antes.

— Bem... — Ela parou. — Na verdade, não.

Inclinei-me para frente e apoiei os cotovelos na mesa, cruzando as mãos na frente do queixo.

— O que quer que você me diga aqui, fica entre nós. Você sabe disso. Sigilo profissional.

Ela suspirou e depois disse de supetão:

— É um clube de sexo.

Arregalei os olhos, mais uma vez surpresa. Eu não esperava essa resposta.

— Você gasta trinta mil dólares em um clube de sexo?

Ela respirou fundo.

— Não, mas o que eu disser deve ficar entre nós. É altamente confidencial.

Assenti com a cabeça.

— Claro.

— Trent e eu somos membros de um sofisticado clube de sexo. Nós nos reunimos uma vez por mês, em Beverly Hills. Você tem que ser membro para participar ou ser convidado, porque é altamente exclusivo. O preço depende da adesão ao título comprado. E eu tenho o título de sócio mais caro, que é de vinte mil dólares por mês.

Permaneci em silêncio enquanto assimilava a informação. Eu tinha tantas perguntas, e nenhuma

delas tinha nada a ver com o divórcio da Ava ou talvez tivesse.

— Na nossa outra reunião você disse que estavam se divorciando por divergência irreconciliável. A Califórnia é um estado segurado contra todo e qualquer risco, o que significa que traição não pode ser a causa de divórcio.

Isso não era inteiramente verdade. Quando alguém trai, e o outro não aprovava, é que era uma divergência irreconciliável, *tecnicamente*. No entanto, eu conhecia juízes que não concedem divórcios por esse motivo. Em vez disso, as partes eram enviadas para aconselhamento para tentarem a reconciliação.

Ava sacudiu a cabeça.

— Traição não é o fator. Honestamente, é o nosso trabalho. Ele está em filmagem ou eu estou em filmagem. Quase não nos vemos mais, exceto no *Sensation* e...

Observei-a tomar longos goles de água antes de falar novamente.

— Tudo bem, talvez ele esteja me traindo. Quer dizer, não posso afirmar com certeza, mas como eu disse, não nos vemos mais, exceto no clube.

Balancei a cabeça.

— Então vocês dois já têm outros parceiros, e você não está mais satisfeita com essa situação?

Ela suspirou.

— Eu adoro o clube. Um monte de pessoas que eu conheço vão lá, e é seguro. Não há fãs enlouquecidas ou qualquer coisa do tipo. Eu só precisava de mais no meu casamento, e Trent não está disposto a me dar. É como se ele quisesse viver tudo ao extremo e eu não fizesse parte dos planos dele.

— Você disse a ele que está pedindo o divórcio? Lembro-me de você dizendo que estava pensando em conversar com ele com calma.

— Disse — Ava assentiu.

— O que ele disse?

Ela encolheu os ombros.

— Nada, exceto que não estava surpreso. Ele também disse que estava contratando um advogado que nós dois conhecemos.

— Quem é? — questionei e tomei um gole de água.

— Booker Jameson.

Eu comecei a engasgar com o líquido, quando passou pela minha garganta.

— Você já ouviu falar dele? — perguntou Ava.

Bufei.

— Sim, nós trabalhamos muito com a empresa dele.

— Ele é um cara legal.

Dei uma risada.

— Talvez, mas não quando se trata de trabalhar com advogados da outra parte.

Ava tomou outro gole de água.

— Por que isso?

— Ele tem uma reputação de fazer as pessoas produzirem uma grande quantidade de descoberta, e é conhecido por solicitar audiências de urgência como se não fossem nada.

— O que isso significa?

Respirei fundo.

— Ele tem um jeito de conduzir as coisas para fazer os juízes agendarem audiências de emergência. Geralmente, é quando se trata de custódia ou abuso doméstico. Felizmente, você não tem filhos e não me contou nada sobre qualquer tipo de abuso.

Ava sacudiu a cabeça.

— Não, sem filhos e nada de abusos.

— Bem, eu não me surpreenderia se ele te pedisse para fornecer cada trecho de e-mail seu, ou qualquer coisa que pudesse favorecer o Trent. — Comecei a passar os olhos por cada arquivo que a Lorelei tinha reunido com as minhas anotações e ficha de cliente, desde a primeira vez que me reuni com Ava. — Se bem me lembro, o acordo pré-nupcial é bem claro. Visto que ambos têm rendimentos separados e têm vivido como se fossem solteiros, não deve haver problema com pensão alimentícia. A única coisa que realmente precisamos, é determinar os bens que foram comprados juntos.

— Ele quer tudo.

Suspirei novamente.

— Imagino. E Booker vai tentar fazer isso acontecer.

— Ele vai conseguir ficar com todas as casas?

— Eu não vou deixar e nem o juiz, também. — Peguei a tabela de bens e dívidas de Ava e a examinei rapidamente. — Você indicou que todas essas propriedades são compartilhadas. Isso significa que vocês a compraram meio a meio?

— Mais ou menos. Nossos contadores é que resolveram tudo.

— Bem, vamos pegar toda a papelada com eles para sabermos exatamente quanto cada um investiu, e vamos precisar avaliar as propriedades.

— Podemos evitar tudo isso?

— Só se você dois concordarem sobre o que dividir.

Ava tomou o resto da água.

— Ele nunca vai concordar com isso. Ele acha que ganha mais do que eu.

— Não importa se ele ganha mais. Na verdade, o juiz pode até te conceder pensão alimentícia por causa disso. Nós vamos descobrir. Vou dar entrada em tudo hoje, antes que o fórum feche. Também vou providenciar que um oficial de justiça o entregue.

— Trent sabe que a notificação chegará em breve e não vai abrir o portão de segurança para qualquer um. Ele vai esperar até que a papelada dele esteja pronta, antes de fazer qualquer coisa.

— Não há nenhuma razão para ele evitar o recebimento se sabe que está chegando.

Ela encolheu os ombros.

— Ele acha que se for o primeiro, ficará com tudo.

Dei uma risada.

— Não é assim que funciona, e se Booker disse o contrário, ele tem outra coisa em mente.

— Eu posso entregar? Ainda preciso fazer a mala antes de ir para a casa da minha amiga.

Espero que tudo isso se resolva logo.

Neguei com a cabeça.

— Não, as partes envolvidas não podem entregar documentos. — Eu já tinha lidado com pessoas evitando o oficial de justiça antes, mas esse caso era diferente. Celebridades tinham segurança extra, então tinha que ser matreira. Se Trent não saísse de sua mansão até Booker dizer que poderia, eu teria que bolar um plano.

— O Trent sabe onde você está agora? — perguntei.

— Não. — Ela balançou a cabeça. — Eu só disse ontem à noite que queria o divórcio. Não acho que ele esteja ciente de que já iniciei processo.

— Você sabe dizer se ele já ligou para o Booker?

— Provavelmente não. Acho que ele ia esperar até a próxima noite do clube.

Fiquei boquiaberta.

— Booker é membro?

Ava olhou para o colo, respirou fundo, então olhou de volta para mim.

— Sim, mas você não sabe disso. Foi lá que nos conhecemos.

Sorri presunçosamente. Pensei que o Sr. Arrogante pudesse conseguir a mulher que quisesse. Claro, ele agia como tal.

— Quando é a próxima festa?

— Sábado à noite.

Eu ainda estava sorrindo.

— E você disse que era somente com convite? Ou seja, eu poderia ser convidada?

Ava sorriu.

— Poderia, mas preciso enviar a papelada hoje para que possa ser aprovada até lá.

— O que precisamos fazer? — perguntei, ainda sorrindo.

— Você precisa preencher um formulário de convidado e também fazer um teste de DST. Mas se você for, não quero que as pessoas saibam que você está lá para entregar os papéis do divórcio ao Trent.

Sorri calorosamente para ela.

— Ninguém vai saber e saio logo depois.

Ava ficou em silêncio por alguns instantes, em seguida perguntou:

— Peyton, gostaria de me acompanhar ao *Sensation*?

Eu sorri.

— Você está me convidando?

Ela sorriu em troca.

— Estou.

Dei uma risada.

— Eu aceito o convite. Agora, o que precisamos fazer para que eu possa entrar? —
Inacreditável, eu ia entregar uma intimação ao marido de uma cliente, num clube de sexo.

Às vezes você tem que jogar com as armas que tem.



Quando fui para casa naquela noite, depois da minha reunião com Ava, enviei o formulário para ser aceita como convidada. Eu não queria fazê-lo no trabalho e o departamento de TI ver que eu tinha procurado por um clube de sexo, mesmo que fosse para um caso. Quando entrei no site, li na página inicial:

Sensation.

Um lugar sagrado, livre de julgamentos ou inibições.

Única regra: pergunte antes de tocar.

Sensation é uma festa black-tie exclusiva, frequentada por pelo menos cento e cinquenta membros dos clubes mais privilegiados de Beverly Hills, realizada uma vez por mês em uma mansão sigilosa.

Você pode assistir.

Pode interagir.

Pode ir acompanhada ou sozinha.

A escolha é sua.

Gostaria que fosse bruto?

Gostaria de ser acariciada e adorada?

Ou somente observar?

O que você deseja?

O que eu desejava? Não era o cara do bar que queria me comer ou o meu vizinho que só me queria para sexo. Eu queria algo *mais*. Alguém que não se importasse com o que eu fazia para viver e quisesse mais do que uma noite comigo. Já fazia alguns meses que eu não transava. Fui a alguns encontros que não levaram a lugar nenhum, ou porque eu não gostava deles ou a minha profissão os assustava.

Imediatamente após eu completar e enviar o formulário, um e-mail chegou à minha caixa de entrada, avisando onde eu tinha que ir para fazer o exame de doenças sexualmente transmissíveis. Antes que eu pudesse ler mais sobre o *Sensation* — embora eu também não achasse que um clube de sexo fosse a minha praia —, Sam recebeu uma visita. Não havia a menor chance de eu ler sobre como se tornar membro (mesmo se eu quisesse) ou qualquer coisa dessa natureza, enquanto Sam estava trepando com uma mulher, bem atrás de parede do meu quarto. Então fechei o notebook, liguei a TV e assisti a minha comédia favorita *How to Get the Girl* com o deslumbrante galã Jason Black. Ele *definitivamente* estava no topo da minha lista de celebridade.



— Não acredito que você vai a um clube de sexo hoje à noite — exclamou Lorelei. — E sem

mim.

Sorri. Ela passou a semana toda reclamando de que eu ia e ela não, e agora que eu estava me arrumando para sair, a reclamação estava mil vezes pior.

— Você age como se eu fosse lá para transar.

Ela gargalhou.

— Você acha mesmo que vai lá, simplesmente entrar, encontrar o Trent, entregar a notificação e ir embora?

— Hum, acho — respondi enquanto passava a sombra *Shroom* da M.A.C, ao longo do osso das sobrancelhas.

— Peyton. — Lorelei inclinou o quadril, colocando as mãos de cada lado. — Você não vai, repito, não vai deixar escapar essa oportunidade.

Coloquei o pincel da sombra em cima do balcão do meu banheiro.

— Isto é trabalho.

Lorelei jogou as mãos para cima.

— Meu Deus! Você está indo para um clube de sexo de elite onde existem pessoas famosas. Pessoas famosas que querem transar, e você não vai nem mesmo tentar ficar com algum da sua lista de celebridades tops?

Eu olhei para o chão, pensando no que ela estava dizendo. Sinceramente, não tinha pensado nisso.

— Você acha que eles querem alguma coisa com uma desconhecida como eu?

Ela arregalou os olhos.

— Humm, sim! Há anos eu digo que você é sexy pra caralho. Você não me ouve.

— Mas não sou como a Ava. Jason Black não olharia duas vezes pra mim.

Ela ficou boquiaberta.

— Jason Black é membro?

Revirei os olhos e estendi a mão para pegar meu pincel de sobrancelha novamente.

— Eu não sei. Mas estou dizendo que uma celebridade como Jason estará em cima de outras celebridades. Não uma mulher que o tem no topo da lista de suas celebridades preferidas nos últimos quatro anos.

— Pensei que não eram somente celebridades que faziam parte deste clube.

Passei uma sombra *Copperplate* no vinco da pálpebra enquanto eu falava.

— Não é. Eu estou apenas dando um exemplo.

— Como sua melhor amiga, digo que você não pode deixar passar essa oportunidade. Chegue lá, encontre o Trent e entregue a notificação, e depois pelo menos *assista* as pessoas interagindo e se divertindo. Talvez isso te deixe mais solta e excitada e você encontre um cara gostoso para transar. Mesmo que seja apenas por uma noite. Viva um pouco.

Parei de aplicar minha sombra *Silver Fog* no canto interno da pálpebra e olhei para Lore pelo

reflexo do espelho.

— Vou pensar sobre o assunto.

Eu tinha que admitir que ir a esse clube de sexo exclusivo era uma oportunidade rara. Na minha cabeça, eu tinha imaginado um vale-tudo de pessoas transando em cada peça do mobiliário. Imaginava chicotes, correntes, açoites, mordanças, dominadores e dominatrizes. Eu não fazia ideia do que esperar. O que eu sabia era que estaria vestida com um traje de coquetel. Ava tinha me dito que as mulheres não usavam calcinha para irem ao clube — *para facilitar o acesso*. Optei por usar um fio-dental, porque ir sem nada requereria uma coragem que eu não tinha.

— Acho bom — Lore respondeu. — E quero detalhes.

— Não vou poder te dar detalhes. É confidencial, lembra? — Não era confidencial que Lorelei ou alguém soubesse sobre a existência do clube de sexo, mas *era* confidencial falar ou expor sobre quem e o que acontecesse na mansão.

— Tudo bem. Eu não preciso saber quem estava lá. Só quero saber o que você viu e o que você fez.

Revirei os olhos e fechei a porta do banheiro na cara dela. Eu tinha que terminar de me arrumar para a festa, e estava cansada de discutir com a minha melhor amiga.



Meus Louboutins pretos com pontas prateadas em toda face lateral clicavam no piso de madeira enquanto eu ia do quarto para a sala de estar. Lorelei olhou por cima de uma revista que estava lendo no meu balcão de café da manhã, logo que entrei em seu campo de visão.

Ela ficou sem palavras.

— Estou bem? — falei de pronto. Se meu visual estivesse uma merda, eu precisava saber. Estava usando um vestido preto sem mangas que abraçava cada curva. O cabelo estava puxado para trás em um coque frouxo na nuca, e brincos pretos frisados pendiam das orelhas. Mas o que destacava no meu visual eram os sapatos. Nenhum visual poderia dar errado com um par de Louboutins de mil dólares.

— Se eu te visse em um clube de sexo, daria em cima de tudo isso. — Ela gesticulou de cima a baixo.

— Então estou bem?

— Querida, você está melhor do que bem. Se Jason Black estiver lá, ele certamente vai com tudo pra cima de você.

Balancei a cabeça e ri baixinho.

— Ok. Bem, Ava vem me buscar em poucos minutos. Já que estou pronta, vamos lá para baixo.

Lorelei entregou minha bolsa preta.

— A petição e a intimação estão aqui com os documentos de resposta em branco para você entregar ao Trent.

Sorri.

— Você é a melhor assistente do mundo.

— Melhor assistente ao ponto de, quando você se tornar membro do *Sensation*, me levará como sua convidada?

Soltei uma risada.

— Sim. Se isso acontecer, você será minha acompanhante.

— As regalias desse trabalho estão ficando cada vez melhores. — Ela riu.

Saímos pela porta da frente e, enquanto eu a estava trancando, ouvi Lorelei falar.

— Oi, Sam.

Minha mão parou com a chave na fechadura superior.

— Olá, senhoras — ele respondeu.

Olhei por cima do ombro e vi seu olhar em mim. Olhei-o furiosa.

— Peyton, preciso dizer que você está gostosa o suficiente para ser fodida.

Lorelei ofegou. Eu não tinha contado a ela sobre a minha briga de uma semana atrás com ele. Eu sabia que seria interrogada por horas. Felizmente, eu não tinha tanto tempo. Puxei a chave da fechadura e comecei a andar na mesma direção que ele, porque, infelizmente, estava no caminho do elevador. Lorelei não moveu um músculo. Seus olhos estavam quase do tamanho de um pires, enquanto observava, esperando a minha reação.

Parei em frente ao Sam e o encarei. Eu estava tão perto, que podia sentir o calor de seu peito penetrando em meus ombros nus.

— Sorte a minha que você jamais terá essa chance. — Dei um passo atrás para ir embora, mas ele agarrou meu pulso, me detendo.

— Você ainda está chateada por causa da semana passada?

— Eu estou irritada por você não ser um homem melhor.

— Peyton, nós já passamos por isso...

— Não passamos por merda nenhuma. — Libertei-me de seu agarre e comecei a me afastar. — Você é um babaca. Ponto final.

Ele sorriu e eu revirei os olhos, ainda me afastando. Lorelei começou a me seguir, mas olhando para trás e para frente, entre nós, enquanto andava.

— Aonde você vai vestida assim? — Sam perguntou.

Virei-me, andando de costas.

— Participar de um ménage.

Lorelei respirou novamente, e abriu um sorriso debochado para o Sam, depois me virei e continuei andando para o elevador. Eu sentia Sam me olhando enquanto esperávamos. Eu sabia que ele permanecia parado porque não o ouvi entrando em seu apartamento. Assim que Lore e eu estávamos no elevador, e as portas começaram a fechar, meus olhos encontraram os dele. O olhar que ele me deu, foi um aviso de que a nossa conversa não tinha acabado. Eu era um desafio para ele, e obviamente, ele não estava acostumado a um.

Quando estávamos fora de vista de Sam, Lorelei se virou para mim.

— Se você não me contar que merda foi essa, peço demissão da C&P na segunda-feira.

Olhei para o painel iluminado.

— Não temos tempo para isso agora.

— Pey, é melhor você arrumar tempo. Essa merda foi intensa. Porra, eu nem sabia que vocês já tinham conversado, exceto um “oi”.

Assim que chegamos ao térreo e as portas se abriram, vi a limusine de Ava estacionada na rua em frente do meu prédio.

— Prometo contar tudo amanhã. Ava chegou.

— Conte-me uma versão *resumida* agora.

Parei de andar antes de sairmos. Eu não queria que Ava ouvisse nada sobre a minha vida pessoal.

— Sam estava sendo Sam e transando com uma mulher na sexta-feira, como eu já tinha dito a você. Fiquei farta e bati na parede para eles pararem, e então ele apareceu na minha porta e pediu para eu me juntar a eles.

Lorelei ficou boquiaberta. E, novamente, ficou sem palavras.

— Claro que recusei porque não me envolveria numa merda dessa, e ele obviamente não aceita não como resposta.

— Mas... Mas você passou três anos o achando sexy — ela gaguejou.

Dei de ombros.

— Isso foi antes de saber que só pensa com o pau.

Ela respirou fundo, como se para acalmar a empolgação.

— Bem, temos muito que conversar. Portanto, vamos almoçar juntas amanhã e você vai me contar *tudo*.

Sorri.

— Está bem, mas não se esqueça de que vou jantar com meus pais amanhã à noite. — Eu a lembrei. Quando Lorelei se empolga com fofocas, ela passa horas falando e eu realmente tinha que estar na casa dos meus pais às dezessete horas.

— Também quero que você me envie uma mensagem de texto essa noite, quando chegar em casa.

— E se eu não voltar para casa? — Sorri.

Ela sorriu, um olhar de aprovação nos olhos.

— Bem. Use camisinha, e amanhã quero *todos* os detalhes. Absolutamente *todos*.

Nós nos despedimos quando o motorista da limusine abriu a porta traseira e eu entrei.

— Oi — Ava cumprimentou.

Sorri de volta.

— Oi.

Ela me entregou uma taça de champanhe espumante.

— Amei os sapatos.

— Como consegue vê-los? — Sorri e olhei para o chão escuro.

— Quando você estava falando com Lorelei eu os reparei. Estou pensando em roubá-los. —

Ela sorriu.

— Só sobre o meu cadáver. — Tomei um gole da bebida deliciosa. — Então eu estou bem?

Ava estava usando um vestido vermelho tomara que caia. O cabelo loiro estava solto e ondulado e os sapatos eram Louboutins pretos, mas sem os detalhes das pontas prateadas na parte de trás.

Eu senti o carro em movimento enquanto falava.

— Você está perfeita. Algumas mulheres usam espartilhos com saias. Outras, sutiãs com saias. Você deve vestir o que te faça se sentir sexy.

— Então, eu deveria ter usado apenas os sapatos? — brinquei.

Ava começou a rir.

— Bem, é um clube de sexo.

— Existe alguma coisa que eu precise saber antes de chegarmos lá? — perguntei, mudando de assunto.

— Não, a menos que você pretenda ficar mais tempo depois de entregar os documentos ao Trent.

Mordi o lábio inferior. Parte de mim queria ficar. Essa era uma oportunidade única e, como disse Lorelei, eu não deveria desperdiçá-la. Além disso, se Jason Black fosse membro e quisesse transar comigo, eu não pensaria duas vezes.

— Você quer ficar? — perguntou Ava. — Meu motorista pode te levar para casa a hora que você quiser.

— Não precisa fazer isso. Posso pedir um Uber quando quiser ir embora.

— Nem pensar. O salário dele é muito alto e prefiro pagá-lo para fazer algo útil do que ficar sentado no carro jogando *Candy Crush*.

Dei um sorrisinho

— Veremos. Ainda não sei no que estou me metendo. De qualquer forma, minha prioridade é encontrar o Trent.

Uma carranca se formou no rosto de Ava.

— Essa é a primeira vez que vamos ao clube separadamente.

Estendi a mão sobre a dela, dando-lhe um aperto de leve.

— Eu sinto muito. Mas você tem certeza de que ele vai?

— Ele nunca deixa de ir. Mesmo quando está em filmagens, ele sempre volta, nem que seja apenas por uma noite.

— Você se importa se eu perguntar o que vocês dois fizeram juntos lá?

Ava suspirou, lembrando-se de quando ia junto com o ex.

— Um monte de ménage à trois. Ele também gosta de me ver com mulher.

— Oh... — suspirei. — O que você acha que ele vai fazer essa noite?

Ela encolheu os ombros.

— Normalmente, ele toma um ou dois drinques, depois encontra alguém para se juntar a nós. Hoje à noite, já que não estamos juntos, ele provavelmente vai encontrar duas mulheres para transar, mas ele gosta de assistir primeiro para ficar mais no clima.

— Assistir? — perguntei.

Ava abriu um sorriso.

— Nem todo mundo pode entrar em um quarto privado. Há pessoas por todos os lugares... se divertindo.

Imagens dos meus devaneios, de pessoas transando por todos os móveis, passaram pela minha cabeça. Ao que tudo indica, eu tinha razão sobre isso.

— Certo, então eu devo encontrar o Trent no bar? — Presumi que haveria algum tipo de bar, já que ela disse que ele toma um ou dois drinques.

— Há alguns bares espalhados, mas ele gosta do que fica ao lado da piscina para que possa fumar.

— Ótimo, vou começar por lá. — Estava pensando sobre meu plano de ataque quando outro pensamento me veio à cabeça e girei bruscamente de volta para Ava. — Booker estará hoje à noite, né?

— Sim. Ele vai sempre.

Eu gelei. A possibilidade de ver Booker em um clube de sexo me deixou nervosa. Não por pensar que ele pudesse contar às pessoas que me viu (se me visse). O que me deixou nervosa era possivelmente vê-lo envolvido em atos sexuais. Não sei se algum dia eu esqueceria essa visão. No entanto, um lado meu queria vê-lo. Não nego que eu o achava atraente. Além disso, sabendo que ele era mulherengo, eu meio que queria vê-lo em ação. Assim eu saberia se todo o alvoroço sobre ele era verdadeiro. Vê-lo no tribunal seria estranho, mas, provavelmente, mais agradável, já que conhecia o segredo dele.

Mordi o lábio tentando esconder o sorriso que se formou enquanto eu imaginava Booker fodendo uma mulher de quatro. Limpei a garganta.

— Certo. Apenas curiosa do que me espera.

— Vai ficar tudo bem. Digo, no final de tudo. Talvez eu tenha que me esconder ou encontrar alguém e subir. Pode ser que Trent fique puto. Ele não vai fazer cena, mas pode me procurar depois que você entregar a intimação.

— Vai ficar tudo bem — concordei. — Booker não é estúpido. Já que Trent sabe que você quer um divórcio, não deve ficar tão surpreso. Ele provavelmente procurará Booker, que o acalmará. Tenho certeza que ele vai enrolá-lo com alguma besteira, mas não estou preocupada.

— Espero que você esteja certa. Odiaria ter que sair mais cedo.

Virei-me para ela.

— Você não vai sair mais cedo. Trent não tem vantagem aqui, Ava. Mas se quiser sair mais cedo, não se preocupe comigo. Pego um Uber tranquilamente. Porém, o que quero que você faça é, encontrar o cara que você sempre quis transar e levá-lo para cima ou para onde quiser, e esquecer tudo o que estou fazendo em relação ao Trent.

— Tudo bem — ela concordou. — Sempre admirei o Michael Zapino.

Respirei profundamente.

— Michael Zapino do *How to Get the Girl*?

— Esse mesmo. — Ela sorriu.

— Por favor. Por-fa-vor, me diz que o Jason Black é membro? — Minha emoção foi nas alturas ao imaginar que finalmente eu conheceria Jason. Lorelei ia surtar, se eu pudesse contar a ela, o que não podia. Quando estávamos conversando sobre eu transar com Jason, era totalmente brincadeira.

Ela riu.

— Ele é. Você é fã?

Eu era fã? Não perdia um episódio.

— Fã não é a palavra certa.

— Eu vou apresentá-lo a você.

Meu coração começou a bater mais rápido.

— Sério?

— Isso me dá uma desculpa para falar com Michael. — Ela piscou.

Como eu ia conhecer meu *crush* e não poder contar para a minha melhor amiga no dia seguinte?



A limusine parou e eu virei a cabeça para olhar pela janela escura. Duas mulheres e um homem estavam subindo as escadas acarpetadas em vermelho. As duas estavam vestidas com roupas provocativas, mas elegantes, e o homem estava usando um smoking preto e branco. Parecia que estávamos participando de um evento black-tie.

Enquanto esperava o motorista dar a volta e abrir a minha porta, voltei a atenção para Ava.

— Esse lugar é espetacular. — Não havia outra palavra que descrevesse a casa de estuque marmorizado com pilares e topiarias colocados ao longo dos doze ou mais degraus. Não conseguia nem imaginar como seria à luz do dia.

Ava sorriu.

— É sim. Está pronta?

Antes que eu pudesse responder, a porta abriu e nós descemos. Depois de arrumarmos nossos vestidos, começamos a subir as escadas. Ava abriu sua *clutch* e tirou o que parecia ser um cartão de crédito preto com a palavra “SENSATION” escrito em prateado. O S da palavra era um dodecaedro em 3D. Apenas seis dos doze lados e o centro, exibiam a cor branca, já os cinco lados remanescentes eram vermelho, verde, azul, e um lado branco prateado.

— Status do cartão preto? — provoquei.

— É com ele que provo que sou um membro regular. Todos têm que tê-lo. E se cancelarmos a adesão, o cartão será retido.

— Todos são pretos?

Ela balançou a cabeça.

— Não, depende de seu nível. O meu é o Diamante.

— E esse é o mais alto?

— É.

— Ela sorriu e mostrou o cartão para um homem alto, corpulento e muito bonito. Ele estava vestido com calça e camisa polo, ambos pretos, e com fone de ouvido na orelha. Ele sorriu para ela e olhou para a prancheta.

— Quais são os outros níveis? — perguntei, vendo o homem lendo a prancheta.

— Pérola, Rubi, Esmeralda, Safira e depois o Diamante.

Assenti. Eu queria fazer tantas perguntas, mas estávamos em uma missão. Ou pelo menos, eu estava. Eu estava aqui a trabalho, não por prazer. Embora estivesse curiosa com o significado de cada nível, não perguntei, já que era somente por uma noite.

— Obrigado, Sra. Ashley. Você e a Sra. Winters podem entrar. — Hesitei por ele saber meu nome, mas depois me lembrei de que eu tinha enviado meus dados para o convite e para estar na lista de convidados.

Antes de chegarmos ao topo das escadas, olhei para trás por cima de ombro, e vi um fila de

limusines e carros de luxos com choferes parados na calçada circular e continuando pela rua. Mal tinha dado 22 horas e parecia que todos queriam estar lá dentro quando a festa começasse.

Dois homens, um de cada lado de uma porta dupla de ferro forjado com vidro fosco, a abriram quando nos aproximamos. Eles eram mais baixos que o segurança e estavam vestidos como se fossem mordomos. Eles sorriram e acenaram para nós quando passamos pelo limiar e na entrada de mármore.

Ava caminhou para o que parecia ser a chapelaria. Eu a segui, embora nós duas não estivéssemos usando casaco.

— Temos que deixar todos os nossos pertences aqui. Não é permitido entrar com celulares, câmeras ou qualquer coisa dessa natureza. Eu costumo colocar o batom na frente do vestido junto com o cartão de associado.

— Por que você precisa de seu cartão de associado?

— Tem coisas aqui que nem todo mundo pode fazer. — Ela sorriu.

— Oh?

— Se você vir algo de que goste, me avise que eu providencio.

Fiquei intrigada, mas não a pressionei já que mais pessoas estavam chegando. Ela fez sinal para eu colocar minha bolsa no balcão para o chapeleiro guardá-la.

— Mas seus papéis do divórcio estão aqui — sussurrei.

— Certo... — Ela parou, mordendo o canto do lábio enquanto pensava por um momento. — Você pode dobrá-lo e colocá-lo dentro do vestido?

Olhei para o meu vestido justo, tomara que caia, que abraçava perfeitamente cada centímetro do meu torso. Um vestido que não tinha espaço para um único pedaço de papel, muito menos para um envelope ofício.

— Humm... — Hesitei, tentando pensar em um plano quando o atendente estendeu a mão para mim, para que entregasse meus pertences. — Acho que consigo. — Abri minha *clutch* preta e peguei o envelope. Nós duas entregamos nossas bolsas e a atendente as registrou com o último sobrenome de Ava.

— Lembre-se, não se sinta pressionada a fazer absolutamente nada que não queira. Se não se sentir confortável, basta ir lá fora, e dizer ao Luke para chamar o meu motorista. Eles sabem o número, está no meu arquivo. Eles ligam para o Steve, e ele vem buscá-la.

Concordei com a cabeça, dobrando o envelope, e o enfiei no vestido. Ele deixou meu seio esquerdo um pouco maior, mas felizmente eu tinha uma prioridade, e os papéis não ficariam grudados em mim por muito tempo.

— Fica tranquila. Tenho certeza de que ficarei bem.

Seu sorriso ampliou.

— Eu sei que ficará. Pronta?

— Você já me perguntou isso. — Provoquei, mesmo sem ter certeza se estava pronta. Afinal de contas, eu não tinha escolha.

— Eu sei. Apenas avisando, assim que atravessarmos essa cortina preta, você verá coisas.

Olhei para a cortina que separava a porta de entrada do resto da casa, engoli em seco e assenti.

— Vamos lá.

Cada uma puxou um lado e entrou. Parecia que estávamos entrando em outra dimensão. A iluminação mudou de neutra para tons de vermelho e rosa. A música que ouvi baixinho, instantaneamente ficou mais alta, mas não ao ponto de ter que gritar para a pessoa ao lado ouvir. Era mais para abafar os gemidos de êxtase.

— As pessoas não esperam, né? — perguntei.

— Os clientes habituais e aqueles que querem mais do que um parceiro, não. Alguns ficam por aqui, transam aqui mesmo e depois ficam assistindo a maior parte da noite. Depois começam tudo novamente e vão para casa às três da manhã quando a festa termina.

— Interessante — comentei, meu olhar fixo em duas mulheres se beijando perto de uma lareira. A loira estava com a mão por dentro do vestido de uma outra mulher acariciando a bunda dela, e ambas gemendo na boca da outra.

— Vamos pegar uma bebida e encontrar o Michael. Então você pode procurar pelo Trent e saber onde estou para que possa me encontrar depois que entregar o documento a ele.

— Perfeito.

Eu estava tentando manter a calma enquanto caminhávamos pelo amplo espaço. Pelo que pude observar, a mobília deve ter custado um mês do pagamento da minha hipoteca, embora fosse difícil dizer exatamente a cor de cada uma porque era tudo num tom de vermelho ou rosa. Além disso, era difícil olhar para a mobília com tudo o que estava acontecendo ao vivo, diante dos meus olhos. Tentei absorver tudo, já que eu não voltaria.

Saímos de onde estávamos e entramos em uma sala com estantes de livros até o teto e janelas de vidro que davam para ver uma piscina toda iluminada. Eu conseguia ver fracamente as pessoas em pé perto dela enquanto caminhávamos mais para dentro da sala, indo diretamente para o bar.

— Trent deve estar lá fora, certo? — Apontei para a piscina.

Ava voltou seu olhar para a água azul, e respirou fundo.

— Sim.

Estiquei o braço e coloquei a mão ombro dela.

— Relaxa. Vai ficar tudo bem. — Bem, definitivamente, não era a palavra do dia. Não era uma situação ideal. Geralmente, a parte que notificava a outra não estava por perto e muito menos na mesma festa casa. Embora, verdade seja dita, a mansão era enorme e Ava poderia se esconder, se quisesse.

Depois de termos pedido uma vodka cranberries, cada, saímos da sala, indo em outra direção. Eu não sabia para onde estávamos indo, mas já estava convicta de que em algum momento me perderia ali dentro. Após passarmos por outro ambiente e olharmos quarto após quarto com as portas abertas, até Ava parou abruptamente.

— Lá está ele. — Ela acenou com a cabeça, e eu a segui com os olhos. O salão era parecido

com o que tínhamos pedido as nossas bebidas. As pessoas estavam de pé, em círculo, conversando, assistindo e tocando.

— Parece que ele está observando um cara com...

Todas as palavras sumiram do meu cérebro. Ao lado de Michael estava o Jason. Ambos estavam olhando para um cara apalpando uma garota enquanto ela acariciava a frente de suas calças. Os penetrantes olhos verdes de Jason não desgrudaram do casal enquanto os estávamos observando. Ele era mais lindo pessoalmente, mesmo com tons de vermelho marcando suas feições. O cabelo escuro estava penteado para trás e os braços musculosos marcando o smoking. Instantaneamente, me senti como uma colegial virgem que tinha uma queda pelo quarterback da escola. Eu não estava nem aí para o fato de eu ter mais de trinta anos. O que importava era que o cara mais sexy que eu já tinha visto, estava a menos de três metros de mim.

— Vamos falar com eles — Ava disse e deu um passo, mas depois parou quando duas mulheres se aproximaram de Michael e Jason.

Vi quando a loira montou no colo de Jason assim que ele sentou. A mão dele deslizou pela coxa nua dela e agarrou sua bunda, fazendo-a se encostar nele. Eu não tinha ideia do que a ruiva estava fazendo com Michael. Meu olhar estava em Jason. E eu desejei que suas mãos estivessem passando por todo meu corpo.

— Sim, vamos falar com eles — concordei, meu olhar fixo nele.

— Ele está com uma garota agora.

Virei a cabeça para Ava.

— E daí? Existe uma regra sobre não poder interromper? Pensei que você fizesse ménage.

— Mas eu estava sempre com o Trent.

— Você tem que começar em algum lugar, certo? — *E eu não quero perder a minha chance de conhecer Jason.* Tomei um gole do meu drinque frio de cranberry, o que não teria acontecido se eu não tivesse visto o barman despejar a vodka no copo.

— Certo — ela concordou e se dirigiu para as cadeiras de encosto alto onde tinham acabado de sentar.

Respirando fundo a cada passo, tentei relaxar para não fazer papel de boba. E se eu dissesse algo estúpido? E se tivesse alguma coisa no meu rosto? Imediatamente comecei a passar a mão no rosto para limpar qualquer tipo de merda imaginária.

E agora eu pareço uma esquisitona.

Parei com a minha esquisitice, recuando alguns passos, quando Ava cumprimentou Michael.

— Oi, Mike — ela ronronou.

Virei a cabeça para encará-la quando as palavras saíram de sua boca. Eu não esperava que ela usasse um tom sensual. Agora eu tinha certeza absoluta de que estava fora do meu elemento.

Os olhos de Michael desviaram da ruiva para Ava.

— Oi, A. Onde está o Trent?

Ela parou por um momento antes de responder. Claramente ninguém sabia que ela queria o

divórcio. Eu não a culpei.

— Acho que na piscina. — Ela encolheu os ombros.

— Quem é a sua amiga? — Jason perguntou.

Meu olhar voltou para ele, que me olhou de cima a baixo. *Eu!* A Zé Ninguém, Peyton Winters.

— Essa é Peyton — Ava respondeu.

— Nunca te vi aqui antes, Peyton — Jason retumbou.

— É a minha primeira vez — respondi. Não faço a mínima ideia de como as palavras saíram.

O som do meu coração batendo no peito estava abafando o barulho da música.

— Do que você gosta? — Jason se inclinou para frente, e a loira deslizou de seu colo. Ela virou o olhar para mim e me encarou.

Minhas bochechas aqueceram à pergunta dele.

— Como assim?

Ele sorriu e levantou, ficando a menos de trinta centímetros de mim.

— Você gosta de assistir apenas? De interagir? Gosta de bruto, ou de ser acariciada e adorada?

— Eu... — gaguejei. *Sério que ele me fez as perguntas que estavam listadas no site?* — Não sei.

— Bem, por que você veio ao *Sensation* se não sabe o que está procurando? — Jason estendeu a mão e passou um dedo sobre meus lábios rosados.

Antes que eu pudesse responder — inferno, a quem eu estava enganando? Estava prestes a desmaiar como uma fã louca —, Ava falou:

— Na verdade, Peyton precisa me fazer um favor antes de fazer qualquer coisa com você, Jay.

Jay. Eu queria chamá-lo de Jay.

Despertei do meu torpor e murmurei rápido:

— Exato. Foi bom conhecê-lo. Se você ainda estiver aqui quando eu voltar, te dou uma resposta. — Sorri docemente para ele. Ou pelo menos eu esperava.

Os olhos de Jason se direcionaram a Ava.

— Como assim, ela tem que te fazer um favor?

Falei antes da Ava:

— Só preciso ir fazer uma coisa, bem rápido e volto logo. — Sorri e me virei antes que pudessem perguntar novamente.

Caminhando de volta na direção da sala com o bar, procurei uma saída para a piscina. Pessoas estavam por todos os lados fazendo suas coisas. Um casal estava em uma cadeira, a mulher cavalgando no pau do cara. Eu queria parar e prestar atenção porque era a primeira vez que via alguém, que não fosse eu mesma, fazendo sexo ao vivo, mas eu estava com uma incumbência. Precisava encontrar Trent, entregar o documento e voltar para o *Jay* e dizer...

Eu não sabia o que diria a ele, porque antes que eu pudesse chegar a uma conclusão, avistei

o Trent. Porém, ele não estava sozinho. Estava de pé, com o homem em pessoa.

Booker Jameson.

Meus pés vacilaram quando pisei porta afora e andei pelo caminho de pedra que levava à piscina. Não que eu estivesse hesitante em falar com Booker. Só não estava preparada para vê-lo, ainda. Meus pensamentos eram de encontrar Trent e depois encontrar Jason, mas agora, o perfil lateral de Booker me fez parar de repente, como se fosse ele o que eu queria.

Ele estava vestido com um smoking preto. Eu já o vira de ternos, mas havia algo que o deixava mais elegante de smoking como se estivesse emoldurando seu corpo, o que me fez vê-lo de forma diferente. *Também poderia ser que eu estivesse tirando proveito do Jason dando em cima de mim.*

Bebi o resto do coquetel já diluído e coloquei o copo vazio em uma bandeja. Peguei o envelope de dentro do vestido, desdobrei-o, endireitei os ombros, mantive-me ereta e caminhei até os dois homens. O olhar de Trent me alcançou primeiro e ele parou de falar quando um sorriso se espalhou pelos lábios. Booker virou na minha direção, e no momento que percebeu que era eu, estreitou os olhos como se estivesse perguntando por que eu estava lá. Não lhe dei muito tempo para refletir sobre qualquer pergunta que eventualmente ele poderia estar pensando. Estendi o envelope para o Trent, e no momento em que ele pegou de minhas mãos, eu disse:

— Trent Inglewood, você está sendo notificado.

O sorriso dele esmoreceu, e Booker sibilou um “caralho” em voz baixa.

— Tenha uma boa noite. — Pisquei para Booker e fui embora.

Ninguém tinha vantagem quando se tratava de Booker. Mesmo que Trent tenha sido notificado primeiro, isso não importava. A vantagem estava no fato de ter pego Booker de surpresa. Se eu tivesse que apostar dinheiro, apostaria que ele e Trent estavam conversando sobre Ava querer o divórcio e que ele precisava que Booker o representasse.

O casal fazendo sexo na cadeira ainda estava lá quando passei de volta para encontrar Ava e Jason, mas agora eles estavam em uma posição diferente. A mulher estava curvada de lado na cadeira creme de encosto alto e o homem a estava comendo por trás. Os seios dela pulavam a cada estocada, os gemidos penetrando o ar.

Olhei para a multidão em volta. Alguns se acariciavam enquanto outros observavam. Eu queria parar e também ficar assistindo porque estava me excitando, mas eu tinha que voltar para a Ava. E para o Jason. Senti que se eu deixasse Jason por muito tempo, ele retornaria para a loira, esquecendo que eu existia. Se houvesse uma única chance essa noite, tentaria ver o que poderia fazer com Jason Black. Nunca que eu teria outra oportunidade.

Entrei na sala onde eu tinha deixado Ava. Ela e Michael estavam sentados em um sofá, ela com as pernas no colo dele e as bocas grudadas. Jason não estava com a loira que eu temia que estivesse. Ele estava com duas mulheres. Claro que estava. *Por que ele esperaria pela Peyton Zé Ninguém?*

Precisando dizer a Ava que o trabalho foi feito, me aproximei e cutuquei seu ombro.

— Desculpe interromper — eu disse. — Feito.

Ela interrompeu o beijo e arregalou os olhos, olhando para mim.

— Feito?

— Sim — respondi, olhando em volta à procura de um relógio. Eu precisava me lembrar da hora que foi entregue para que na segunda-feira eu pudesse colocar no comprovante de entrega.

— Peyton. — Minha atenção mudou quando ouvi meu nome. Era o Jason. — Você voltou — continuou ele.

Balancei a cabeça.

— Voltei e você está...

— Passando o tempo até você voltar. — Ele sorriu.

Engoli em seco.

— Sério?

— Sério. Não é todo dia que uma raposa pura vem ao *Sensation*.

— Raposa pura? — perguntei.

— Ele quer dizer virgem — Ava interveio.

— Eu sou... Eu não sou virgem. — Ri sem jeito.

— Você é virgem de um clube de sexo — Jason respondeu e se levantou.

— Bem, isso é — confirmei, mordendo o lábio.

— E eu quero te mostrar as cordas.

Eu tinha certeza de que naquele momento eu ia desmaiar. Ou melhor, cair morta. Sim, eu ia cair morta na frente do meu ídolo porque eu era muito desequilibrada. Voltei meu olhar para Ava. Por quê? Eu não fazia ideia. Eu era crescidinha e estava acostumada a ficar rodeada de celebridades, mas já tinha visto todos os filmes e programa de TV do Jason, e tinha salvado tudo em DVD.

Ava acenou com a cabeça como se estivesse me dizendo que estava tudo bem e que eu deveria seguir em frente.

— O que você tem em mente? — perguntei quando me virei para Jason.

O olhar dele focou algo atrás de mim, e antes que eu pudesse virar para ver o quê ou quem ele estava olhando, um corpo quente colou nas minhas costas. Imediatamente eu soube a quem ele pertencia por causa do aroma de sândalo e almíscar que me envolveu.

— Agora que você já fodeu o Trent, que tal falarmos sobre mim?



Meu corpo retesou quando senti a respiração quente do Booker no meu pescoço. Eu não sabia como reagir. Ele, claramente, estava irritado, mas o que ele disse foi o que eu pensei?

— Que porra é essa, Book... — Jason o enfrentou.

— Cai fora, companheiro. — Booker cuspiu de volta.

Virei a cabeça lentamente em direção a Ava e gesticulei com a boca “Que porra é essa?”. Seus olhos estavam arregalados. Michael levantou e ficou ao lado de Jason.

O que está acontecendo?

Jason voltou a me encarar.

— Eu o ouvi corretamente? Você veio foder com Trent Inglewood?

Abri a boca para responder, mas Booker se adiantou.

— Escolha suas palavras com sabedoria, *amor*.

Eu sabia o que Booker estava tentando me dizer. Ava pedir o divórcio não era de conhecimento público, propriamente dito. Era, de fato, de registro público, caso alguém procurasse nos registros do tribunal, já que ela já tinha iniciado o processo de divórcio. Mas aqui, nesse momento, apenas quatro pessoas sabiam o que estava acontecendo, e eu sabia que Ava queria manter as coisas em segredo.

— Não. — Balancei a cabeça, ainda sem me virar de frente para o Booker. — Eu só precisava falar com ele por alguns minutos. — E realmente não levou mais que cinco minutos.

— Então por que você está em cima dela, Booker? Estávamos, claramente, chegando a algum lugar e pelo que Peyton me disse, ela não é uma *aventureira*.

Aventureira? O que ele quis dizer com isso?

— Tenho que ir — eu disse a Ava que ainda estava sentada no sofá, ela e Michael estavam começando a se curtirem momentos antes. Dei um passo para fazer exatamente isso, mas Booker agarrou meu braço e começou a me afastar do grupo. — O que você está fazendo? — sibilei, tentando libertar o braço de seu agarre.

Ele não falou.

— Booker! — Ouvi Jason gritar.

Booker continuou sem dizer uma palavra enquanto me conduzia pela casa, para um destino desconhecido.

— Sério, me solta! — Tentei libertar meu braço, mas com seu aperto firme, foi inútil.

Ele parou quando viramos em um canto. Antes que eu me desse conta, empurrou-me numa parede e, de novo, seu corpo quente pressionou o meu. Desta vez, seu peito no meu.

— Você não deveria perguntar antes de tocar?

Ele olhou para onde estava segurando meu pulso.

— Se eu tivesse perguntado, você teria dito não. E não gosto que me digam não.

— Então você acha que a solução é recorrer à força?

— Lute contra isso o tanto que você quiser, *amor*, mas as pessoas só pensarão que estamos interpretando nosso joguinho sexual.

Olhei dentro de seus olhos azuis que estavam escaldantes como labaredas.

— O que você quer de mim?

Ele lambeu os lábios, e meu estômago traidor deu um nó de ansiedade.

— Você não quer que eu responda a isso.

Revirei os olhos e suspirei.

— Pare de joguinhos. Sei que está irritado porque eu notifiquei o Trent aqui, e sei que você o está representando.

Sua irritação irradiou quando rosnou.

— Você não sabe nada.

Pisquei.

— O que quer dizer?

Ele se aproximou ainda mais, e imediatamente *senti* o que ele queria dizer.

— Desde a primeira vez que você revirou esses deslumbrantes olhos castanhos para mim, no tribunal há quatro anos, eu queria te colocar sobre o meu joelho.

Gargalhei. Não havia outra resposta que eu pudesse inventar.

— Sua risada só me deixa mais duro.

O que dizer?

— Você está de brincadeira — sussurrei.

— Não estou. E agora que você está aqui, nós pode...

— Nós não podemos fazer nada — eu disse. — Em primeiro lugar, nossos clientes estão aqui, e em segundo, eles não são os únicos clientes que temos juntos. É antiético, e poderíamos nos meter em *um monte* de problemas.

Advogados até podem se envolver com outros advogados, mas não podem ter o mesmo cliente, em lados opostos. Caso aconteça, eles devem informar isso ao juiz e uma das partes tem que se retirar do caso em comum.

— É aí que você se engana. Aqui dentro estamos em um mundo diferente. Tudo o que acontece por trás dessas paredes é confidencial. Nada sai desta casa. *Nunca*.

Ele estava falando sério? Sendo esta, uma festa elitizada, definitivamente era um mundo diferente. Um mundo onde ninguém tinha inibições. Onde ninguém se importava se as pessoas parassem e te assistissem e onde ninguém se importava se você tinha um fetiche louco. Tudo era *normal*.

— Eu não sei o que eu quero — confessei, pensando no que Jason tinha me perguntado. Jason, o homem que cobicei por anos porque era uma celebridade sexy e inalcançável. Agora ele não era tão inalcançável, e eu também tinha um homem que me irritava imensamente, me querendo.

Havia também o meu vizinho que só me queria para sexo. E Clint que, provavelmente, também me queria só para sexo. Pensando nisso, todos queriam transar comigo. Eu não contaria a Lorelei que ela estava certa e que tinha homens dando em cima de mim.

No entanto, qual deles eu queria?

E parecia que eu teria que tomar uma decisão rapidamente. Virei a cabeça e vi Jason caminhando na nossa direção. Engoli em seco. Booker virou na mesma direção, e esperei o concurso de mijo recomeçar.

Fico?

Vou embora?

Fujo para longe, para bem longe?

Quando Jason estava a alguns passos de nós, Booker agarrou meu queixo e me virou de volta para encará-lo, então seus lábios colidiram nos meus. Eu parei de respirar, não acreditando no que estava acontecendo. A mão dele deslizou lentamente pela frente do meu pescoço — como a gota d'água deslizando por uma janela. O leve toque causou arrepios na minha pele sedosa, e um calafrio atravessou meu corpo. Sua língua traçou meu lábio inferior e eu o abri para ele. Eu não sabia o porquê. Eu pensei que eu deveria estar contra esse homem algum dia me tocando, quanto mais me beijando.

Mas eu não estava.

Sua língua deslizou para dentro...

Experimentando.

Chupando.

Saboreando.

Quando ele começou a chupar minha língua, um fogo irrompeu de dentro de mim. Antes que eu percebesse o que estava acontecendo, meus braços envolveram o pescoço dele e o puxei com mais força. Estávamos grudados. Nem ar passava entre nossos corpos. Sua barba curta arranhava minha bochecha enquanto nossas bocas se fundiam numa só. Eu queria mais.

Muito mais.

— Cristo — ele murmurou quando afastou a cabeça para trás depois de longos segundos. — Pensei que você seria tão fria quanto o seu último sobrenome, mas eu estava errado. Você é quente como o maldito diabo.

Meus olhos abriram com suas palavras.

— Você acha que eu sou o diabo? — perguntei, então notei que Jason estava nos observando.

Booker não se importou porque nem olhou para ele.

— Acho. Um diabo que me tenta há muito tempo. E agora que eu tive um gostinho, não vou parar.

Meus olhos foram para o Jason. *Devo escolher aquele que tenta meu corpo, ou o que tenta a minha alma?*

Booker finalmente virou a cabeça.

— Você o quer também?

— Eu... eu...

— Eu não gosto do jeito que ele te olha, e não gosto das mesmas coisas que ele.

O que diabos isso significa?

— Que coisas? — perguntei, olhando para Jason que tinha se inclinado na parede, de braços cruzados sobre o peito, a aproximadamente três metros de onde estávamos. — E como ele me olha? Eu acabei de conhecê-lo.

— Para começar, se você quer foder com dois homens, não sou eu quem vai se juntar a você.

Meus olhos deslizaram de volta para o Booker.

— Ele é... gay? — sussurrei, imediatamente imaginando Jason com outro homem.

— Não tenho certeza. Mas sei que ele gosta de sexo a três, e eu não gosto de compartilhar.

Eu gostaria? Nunca tinha estado em um ménage (embora Sam tenha me abordado há uma semana para participar de um), mas no *Sensation* parecia poder ter tudo o que se quisesse.

— Eu preciso de outra bebida — eu disse e dei a volta em Booker. Eu ainda não sabia como Jason olhava para mim. Claro que ele estava mostrando interesse, mas pensei que estava apenas sendo educado ou jogando um jogo.

Booker não me seguiu, e nem Jason. Nem me importei de eles terem permanecido lá, se fulminando com o olhar. Eu tinha que sair dali, e precisava de outra bebida para que pudesse colocar meus pensamentos em ordem. Booker, de todas as pessoas, tinha acabado de confessar que me deseja há anos. O que eu faço com essa informação?

O barman se lembrou de mim, e depois que peguei outra bebida no bar perto da piscina, aventurei-me ao redor, absorvendo o que via. Eu não sabia onde Ava estava, mas esperava que ela estivesse se divertindo e que o Trent não a importunasse. Não fazia ideia de onde Booker ou Jason estavam. Provavelmente ainda estavam tentando decidir quem ficaria com a “raposa pura”. O que fez eu me sentir como uma virgem. Desta vez, porém, eu sabia onde estava me metendo. Ou não? Se Booker estivesse certo, eu poderia transar com Jason e outro homem. Isso seria novidade para mim. Estar com outra mulher também seria novidade para mim. E se fosse com o Booker, não teria como dizer como a minha noite acabaria.

Virando em um canto, vi uma grande multidão em um semicírculo olhando para algo. Era difícil de ver, mesmo em meus saltos de dez centímetros, então dei um passo à frente e deslizei entre um casal. Quando eu estava na frente deles, virei-me para agradecer por terem me deixado passar, mas os olhos da mulher estavam fechados e a mão do homem estava dentro do vestido dela. Ela estava gemendo suavemente enquanto a mão dele estocava dentro e fora dela. Meu agradecimento morreu na garganta porque instantaneamente minha boceta ficou molhada e morri de inveja do prazer que ela estava recebendo. Fazia meses que eu não transava. Meses desde a última vez que alguém me tocou assim, que me fez gozar dessa forma.

Senti-me estranha por olhá-los, apesar de ser *permitido*, então me virei para ver o que a multidão estava olhando. Enquanto saboreava minha bebida, vi um homem sentado em uma

cadeira vermelha de encosto alto. Ele estava usando uma máscara que cobria os olhos e o nariz. A boca ainda estava exposta, e pelo que eu podia ver, ele era bonito. Tinha o maxilar acentuado e lábios definidos. Também estava vestido com um smoking preto e branco, mas o que o destacava, era a coleira de couro que ele segurava na mão.

Meus olhos viajaram para baixo, pela corda preta, que acabava em uma loira na outra extremidade. Ela também estava de máscara, mas a dela só cobria os olhos. Era de rendas, portanto, transparente, e ela estava vestida com um collant preto e um colar no pescoço. A corda era presa na coleira e ela estava sentada ao lado dele como um animal de estimação faria.

— Aquele é o Savior.

Tive um sobressalto com a voz — aquela voz com sotaque estava começando a fazer coisas em mim. Ou talvez fosse porque eu já estava excitada com tudo ao meu redor. Booker mais uma vez estava atrás de mim. Eu sentia o calor de seu corpo às minhas costas. A sensação era de que centenas de velas estivessem prestes a queimar minha pele, mas ainda assim, não virei para encará-lo.

— Savior? — perguntei.

— Ele é dominador.

— Por que o nome dele é Savior? Ele salvou alguém?

— Todo mundo precisa ser salvo. O Savior faz isso de uma maneira que os demônios já não podem mais assombrá-los.

Olhei para Savior e o animal de estimação dele.

— Como colocar uma coleira em uma mulher a salva?

— Algumas pessoas que sofreram traumas no passado encontram uma certa paz em abrir mão do controle, quase como um transe. Ouvi rumores de que o estado de espírito conhecido como subespaço é diferente de tudo o que alguém já tenha experimentado.

— Você faz isso? — Fiz um gesto para Savior.

— Você quer dizer BDSM?

— É — assenti.

— Não como o Savior.

— Como assim?

— Até gosto um pouco de bondage, mas não estou à procura de um animal de estimação ou de causar dor a qualquer pessoa.

Mas ele me disse ainda pouco que há quatro anos queria ter me curvado em seu joelho. Isso significava me dar palmadas. E para mim, palmadas dói.

Ficamos em silêncio enquanto olhávamos a cena e eu pensava sobre o que ele tinha dito. A fêmea de estimação do Savior começou a lambendo a mão dele e minhas sobrancelhas arquearam. *Como isso iria salvá-la?* Eu não fazia ideia de como era o universo BDSM, e felizmente Booker não fazia... isso. E nem conseguia imaginar uma mulher lambendo a mão dele como se ela fosse um cachorrinho.

Terminei minha bebida, o cérebro congelando com a quase dor quando o líquido passou rapidamente pela garganta. Isso não aconteceu. Coloquei o copo em uma bandeja vazia que estava ao meu lado.

— Savior faz demonstrações e dá treinamento prático se você estiver interessada. Ou — ele se aproximou mais e sussurrou no meu ouvido —, eu poderia te mostrar o que eu gosto.

Meu corpo estremeceu novamente em reação ao pensamento de Booker me *mostrar algo*. Eu não respondi. Em vez disso, recuei e pressionei o corpo no dele. Seus lábios imediatamente foram para o meu pescoço, onde ele deu leves beijos e foi descendo até o ombro nu. Meu corpo entrou em órbita e ali tomei a decisão. Mesmo que pudesse ter minha licença de advocacia suspensa pelo que estávamos fazendo, eu ainda queria isso. Eu o queria. Mesmo que fosse por uma noite em uma mansão confidencial. Lorelei tinha me dito para não deixar passar essa oportunidade, e mesmo que fosse com Booker, a quem sempre veria no tribunal, eu confiava nele. Ele também poderia ter problemas, caso alguém na empresa dele soubesse, então eu tinha certeza de que não sairia correndo para contar que transamos.

A mão de Booker envolveu minha cintura e ele me puxou para mais perto dele. Sua ereção era inconfundível ao ser pressionada na minha bunda. Inclinei a cabeça para trás e a descansei no peito dele, saboreando a sensação de tê-lo lambendo meu pescoço e fazendo a umidade entre as minhas pernas aumentar. Eu estava tão excitada que estava tentada a me ajoelhar a seus pés e devorá-lo com a boca, como tinha imaginado fazer no tribunal no outro dia. Todas as minhas preocupações desapareceram quando senti a mão dele descer pela minha coxa e depois subir, por baixo do meu vestido. *Cristo!*

Eu *sabia* o que ele ia fazer.

Eu *queria* o que ele ia fazer.

Eu *precisava* do que ele ia fazer.

Então ele parou.

— Você está usando calcinha. — Não foi uma pergunta.

Balancei a cabeça lentamente, ainda em minha neblina de luxúria.

— Por quê?

Abri os olhos. *Que tipo de pergunta era aquela?*

— Porque eu uso calcinha. — Minhas palavras saíram ofegantes. Eu queria que ele continuasse a torturar meu corpo.

— Mas você veio ao *Sensation* — afirmou.

Balancei a cabeça novamente.

Ele me virou para que eu encarasse seus olhos azuis safiras.

— Você só veio aqui para notificar o Trent?

Mais uma vez, balancei a cabeça.

— E quanto àquele cara, o Jason?

Olhei para o peito de Booker. Eu não conseguia encará-lo por mais tempo. Como posso dizer

que se ele não tivesse aparecido, eu teria ficado com outro homem? Apesar de eu fantasiar com ele.

— Ele é minha celebridade *crush* — confessei.

Booker abafou o riso.

— Sua celebridade *crush*? Esse maluco?

— Maluco? — Olhei para cima.

— Nossa, ele é apenas um bonitão que não consegue satisfazer sozinho a uma mulher.

— Como você sabe? — Eu o desafiei.

Ele sorriu.

— Honestamente, já aconteceu de termos transado com a mesma mulher e elas me disseram que ele não lhes deu prazer.

— Você está com ciúmes?

Ele parou por um momento, olhando diretamente para as profundezas da minha alma.

— Eu deveria estar?

— Não. — Balancei a cabeça. E parei de brincar. No momento em que pressionou pela primeira vez a boca à minha, meu corpo tomou a decisão. Agora todo o resto estava concordando. Eu só esperava que fosse a decisão certa.

Booker pressionou os lábios nos meus novamente. O beijo começou lento, aumentando enquanto tentávamos expressar o que queríamos. Naquele momento, nos queríamos. Amanhã seria um outro dia.

— Tire a calcinha — disse ele, ainda nos meus lábios.

— Aqui? — perguntei, afastei a cabeça e olhei em volta. Ninguém estava nos observando. Savior provavelmente estava fazendo algo, porque todo mundo estava olhando na direção dele.

— Aqui ou subimos para um quarto.

Eu não me importava se estava tendo sexo ao meu redor. Era tudo novo para mim, e mesmo querendo transar aqui e agora com o Booker, eu não podia.

— Sub...

Booker segurou minha mão e me arrastou pela multidão. Eu não tinha ideia de onde estávamos indo ou onde ficavam as escadas. Antes que eu me desse conta, tínhamos subido correndo uma escada e estávamos em um corredor. Ele tentou a primeira porta, mas estava trancada. Tentou a segunda, mas também estava trancada.

— Estão todos ocupados?

— Melhor que não estejam ou vou te comer aqui.

Minha barriga contraiu com a imagem. Eu ficaria bem com uma transa rápida contra a parede já que aqui em cima era isolado. Dei um passo atrás para impedi-lo de continuar andando.

— Está bem.

— O que está bem?

— Eu quero isso agora. Quero você agora.

Ele sorriu e segurou meu rosto com as duas mãos.

— Embora seja tentador, tenho outros planos para nós dois.

Sorri nervosamente.

— Tem?

— Eu disse que ia mostrar o que eu gostava. Pelo menos parcialmente.

— Parcialmente?

— Há uma coisa que não consigo tirar da cabeça, e já que estamos tendo essa oportunidade, vou tirar o máximo proveito dela.

— Ok — sussurrei.

Booker beijou meus lábios suavemente e depois voltou para checar as portas. Nem todas estavam trancadas, mas os quartos estavam ocupados.

— Foda-se — ele gemeu e tentou a última maçaneta. Que abriu. Booker se virou para mim e sorriu. — Última chance para mudar de ideia. Depois que atravessarmos essa porta, não haverá mais volta.

Engoli em seco.

— Tenho certeza.

A luz já estava acesa quando ele me puxou para dentro do quarto, e me senti como se tivesse entrado em uma revista. A primeira coisa que notei foi a vista panorâmica do horizonte. Era deslumbrante como as luzes da cidade cintilavam ao longe, no escuro da noite. Depois meu olhar voltou para o quarto quando caminhamos mais para o interior. Uma pintura gigante de uma mulher estava pendurada acima da lareira. Eu não a reconheci, o que provavelmente era melhor. Duas cadeiras brancas de veludo estavam dispostas na frente da lareira e uma mesa com uma tigela cheia de preservativos estava entre elas.

— Este quarto não é vermelho — eu disse enquanto olhava ao redor.

Booker riu.

— Não, linda, ele não é. Vermelho é só no andar de baixo.

— Você já esteve nesse quarto antes? — *Por que eu estava perguntando isso?*

— Isso importa? — ele perguntou, afrouxando a gravata borboleta preta.

— Acho que não. Apesar disso, é lindo. — Eu precisava falar sobre o quarto e não de suas últimas aventuras no *Sensation*. Ele era membro do clube, e não havia necessidade de dizer o que tinha feito em qualquer um dos quartos. Olhei para o chão porque não conseguia suportar encará-lo enquanto pensava no passado dele. Como alternativa, me concentrei em explorar o lugar. Eu esperava um tapete de pele de urso em frente à lareira. Em vez disso, havia um tapete de couro marrom e branco.

— Vem aqui.

Virei e vi Booker de pé ao lado de uma cama king size. Os lençóis eram brancos e estavam bem esticados.

— Não parece que essa cama já tenha sido usada hoje à noite.

— Por que você está enrolando?

Dei de ombros.

— Sou nova nisso.

— Em sexo?

— Não. — Sexo não era novidade para mim. Apenas tinha tempo que eu não fazia.

Booker deu alguns passos, então me puxou para a cama. Nervosismo tomou conta de mim como uma corrente elétrica. Eu estava prestes a ter relações sexuais com Booker Jameson? Sóbria?

— Você está extremamente exuberante esta noite. Além do normal.

Que diabos ele estava falando? Exuberante e normal não caminham juntos.

— Isso é um elogio? — perguntei.

Ele riu.

— Sim, e seus seios estão lindos neste vestido.

Corei.

— Obrigada.

— Agora, vamos tirar a sua calcinha porque está na hora de foder.

Minha barriga contraiu com suas palavras, e não consegui responder. Ele andou em volta de mim, parou às minhas costas e começou a abrir o zíper do vestido. Quando terminou, o vestido escorregou pelo meu corpo e caiu junto aos pés, formando uma piscina preta. O dedo do Booker percorreu ao longo da minha espinha, e mais uma vez me arrepiei toda. O toque dele era como eletricidade sendo plugada na tomada, e meu corpo era essa tomada.

— Estonteante — ele murmurou.

Minha cabeça pendeu enquanto Booker continuava sua exploração da minha parte traseira. Então as mãos dele engancharam nas alças do meu fio dental de rendas e o deslizou pelas pernas.

— Saia — ele ordenou.

Assim o fiz. Meus Louboutins assassinos foram as únicas coisas que restaram, e quando olhei e encontrei seus olhos, ele estava olhando para o meio das minhas pernas. Corei sob seu olhar e esperei.

— Deite na cama.

Era isso. Já tínhamos nos beijado, mas agora estávamos prestes a explorar outro nível. Um nível que teríamos que fingir que não aconteceu. Virei-me, então comecei a rastejar pela cama.

— De costas, linda.

Olhei por cima do ombro enquanto ele falava, em seguida me virei para deitar no meio do colchão macio. O edredom branco abraçava a minha pele nua enquanto eu assistia Booker tirar a gravata e depois a camisa. O que vi foi algo inesperado. O peitoral e braço esquerdo dele eram cobertos de tinta preta. Pelo que dava para perceber, pareciam rosas espalhadas em nuvens.

Tinha também uma escrita chinesa sobre o coração, misturado ao design.

Eu não falei, mesmo querendo perguntar sobre o significado da frase e das tatuagens. Ele estava em forma — provavelmente não do mesmo jeito que ele quis dizer que eu estava. Seu peitoral e abdome eram esculpidos, e minha mão coçava para tocá-lo. Meu olhar viajou pelo tórax e parou nos quadris estreitos que começavam a revelar o V que levava ao pênis.

Ele se inclinou e pegou minha calcinha.

— Acho que vou ficar com ela.

— O quê? — zombei. — Você não pode ficar com a minha calcinha.

— Quer apostar? Algo para me lembrar desta noite.

Uma sensação de desolamento invadiu meu coração quando me lembrei de que seria apenas uma noite.

— Está bem — sussurrei, e ele enfiou a calcinha na calça dele que agora estava no chão.

— Eu nunca pensei que teria essa noite. — Ele começou a contornar a cama enquanto falava. — Sempre pensei que você fosse fria como seu sobrenome e me rejeitaria. Também não sabia que você gostaria de vir a uma festa de sexo, ou eu teria te convidado há muito tempo.

— Eu não gosto.

— Mas você está aqui nesta cama, em uma festa de sexo — afirmou.

— Eu nunca planejei estar nesta situação. Vim para notificar o Trent e só ia assistir, e mesmo assim, porque a minha assistente me disse que eu não deveria deixar passar essa oportunidade.

Ele se abaixou e pegou algo do chão.

— Você teria transado com o Jason.

Arregalei os olhos quando os desviei dele para ver o que ele tinha pegado no chão.

— O que é isso? — perguntei, esquecendo-me do Jason.

Booker sorriu.

— Isso é o que eu gosto.

— Achei que você não fosse dominador.

Ele puxou o velcro, separando as partes, e pegou meu pulso.

— Eu não sou.

— Mas você está me amarrando.

— Você nunca foi amarrada antes?

Balancei a cabeça e ele sorriu.

— Não, não posso dizer que já fui.

Ele pegou a braçadeira preta e prendeu em volta do meu pulso esquerdo. A outra parte estava presa abaixo da cama.

— Eu sei que você gosta de estar no controle. Você é agressiva no tribunal. Mas quando estiver amarrada e deixar alguém assumir o controle do seu corpo, você vai se render. — Observei quando ele se mudou para o pé da cama e puxou outra braçadeira do chão. — E

quando não precisar tomar decisão sobre o que fazer ou precisa, você pode simplesmente se divertir.

— Quem disse que não gosto de sexo normal? — perguntei quando ele algemou meu tornozelo esquerdo.

— Apenas um palpite. Só há uma maneira de descobrir. — Booker foi até o outro lado do pé da cama e pegou outra braçadeira preta. — A única coisa que precisa focar é em como vou fazer você se sentir.

Ele agarrou meu tornozelo direito e o puxou para ele, me deixando espalhada em cima da cama. Ele firmou a algema, enquanto explicava.

— Dominação tem tudo a ver com a capacidade de ler o que a parceira gosta ou não. Prestar atenção na respiração, saber o que a faz arquear as costas da maldita cama e gritar o meu nome. Se você não estiver gostando, tudo o que terá que fazer é dizer não, e eu paro na hora. Simples assim. Como pode ver, o poder é todo seu.

— Não devemos ter uma palavra de segurança? — Eu tinha certeza de que lembrava de já ter ouvido isso antes.

— E qual você quer que seja?

Pensei por um momento.

— Vermelho?

— Vermelho?

— Para parar — esclareci.

— Entendido. — Booker subiu na cama e prendeu meu pulso direito. — Agora você está pronta, linda?



Meu batimento cardíaco soava nos ouvidos.

Tum-Tum...

Tum.

Tum-Tum...

Tum.

Tum-Tum...

Tum.

Eu estava espalhada na cama king — aberta — esperando — *exposta*. Nenhuma palavra me vinha à boca enquanto eu o observava andar até o pé da cama e olhar de *cima*, diretamente para mim. Eu não estava com medo. Não estava nervosa. Eu estava... *pronta*. Tão pronta que a sensação era como se eu estivesse esperando por esse momento a minha vida toda.

Esperando por essa noite.

Esperando por esse homem.

Assenti com a cabeça em resposta.

Ele sorriu.

— Nunca imaginei que eu te deixaria sem palavras.

— E eu nunca imaginei que estaria deitada em uma cama, nua, com você olhando pra mim como se quisesse me devorar.

Seu sorriso aumentou.

— Eu quero fazer mais do que te devorar. Quero fazer você gemer. Gritar. Fazê-la *minha*.

— Sua... — sussurrei a palavra como se a estivesse testando nos lábios.

Booker deslizou a cueca boxer pelas pernas e eu levantei a cabeça da cama para dar uma boa olhada nele. Minha excitação aumentou e uma gota de desejo fluiu da minha boceta. Porra, ele era perfeito. Tão perfeito que eu ansiava por ele. No fundo da minha mente eu sabia que isso era apenas essa noite, e quando saíssemos pelas portas do *Sensation* nunca mais falaríamos sobre essa noite de novo, mas não me importei.

Ele começou a engatinhar pelo meu corpo, o olhar percorrendo minha pele quente. Se ele não me tocasse logo eu tinha certeza de que perderia a cabeça.

— Toque-me — eu sussurrei.

— Eu vou, linda. Eu vou.

Minhas costas arquearam para fora da cama na tentativa de fazer nossos corpos se tocarem. Eu precisava sentir seu peito duro pressionando em mim — sentir suas mãos no meu seio, me provocando. Sentir o que suas mãos fortes poderiam fazer com meu corpo. Ele, definitivamente, era o único a determinar em que direção estávamos indo.

Nossos olhares se encontraram e seus tempestuosos olhos azuis detinham tanto desejo que eu queria poder esticar o braço e passar as mãos pelo cabelo loiro curto. . Eu ansiava sentir a barba dele no meu rosto novamente — os lábios nos meus, me saboreando.

— Tanto tempo... — ele murmurou.

— O quê? — perguntei sem interromper o nosso contato visual.

Ele não respondeu. Em vez disso, seus lábios colidiram nos meus e eu consegui o que queria. O beijo começou lento e não era como os que tínhamos dado antes. Esse beijo falava. E me dizia que ele estava falando sério e que isso não era um jogo. Nossas bocas estavam guerreando, lutando para se consumirem — conquistar — tomar posse.

Booker segurou meu rosto com as duas mãos, me fazendo arfar em sua boca com a adição súbita de prazer. “Sim!”, eu queria gritar. Precisava do orgasmo, precisava saber do que ele era capaz. Em vez disso, gemi em sua boca.

Um dedo deslizou para dentro de mim e ele afastou os lábios dos meus.

— Você me quer, linda?

— Quero — sussurrei.

Puxei as restrições dos braços quando ele acrescentou outro dedo e começou a estocar dentro e fora. Meu corpo estava em chamas, necessitando gozar. Esperei que ele me beijasse de novo. Em vez disso, ele baixou mais a cabeça, a boca chupando meu mamilo. Minhas costas arquearam novamente. Sua língua deslizou do mamilo para baixo, pelo tronco e barriga.

Eu estava perto, muito perto. Passei a maior parte da noite excitada, e agora que, finalmente, meu corpo estava recebendo a atenção que desejava, ele queria desmoronar várias e várias vezes. Booker acrescentou o polegar no meu clitóris e eu me curvei, minhas costas voltando para a cama para que meus quadris pudessem começar a se mover com a mão dele. Eu estava tão perto e pronta para desmoronar em um mundo que eu nunca iria querer sair. Revirei os olhos de prazer e puxei as restrições de novo...

E então eu caí.

Caí tão longe que gritei ao gozar. Gritei tão alto que os vizinhos, provavelmente, pensaram que estávamos em uma competição.

Minha respiração estava começando a voltar ao normal quando Booker levantou e começou a tirar as algemas dos meus tornozelos. *Era isso? Não foi tão ruim.* Ele removeu as algemas nos pulsos e comeci a sentar.

— Não — ele retrucou.

— Não? — perguntei.

— Vire de bruços.

Oh!

Virei sem hesitação. Nós não tínhamos acabado. Ouvei o farfalhar do que presumi ser um pacote de preservativos, e depois de alguns segundos, senti cada sapato sendo retirado dos meus pés, em seguida os ouvi caindo no chão de madeira. Logo depois ele estava em cima de mim, de novo, agarrando um pulso de cada vez e os prendendo de volta com as algemas. Afastando

minhas pernas com os joelhos, a mão dele deslizou pelos meus quadris até a cama, então ele o puxou um pouco para cima. Foi o suficiente para ele deslizar para dentro, e eu gemi quando me penetrou. Não foi lento e cuidadoso. Foi um impulso “estou cansado de perder tempo”.

Meus quadris ficaram pressionados na cama enquanto ele estocava em mim. Então agarrou o coque na parte de trás da minha nuca e puxou. Minha cabeça inclinou para trás e ele continuou puxando até soltar o cabelo e o deixá-lo solto e em volta dos meus ombros. Os grampos caíram ao meu redor, mas eu não me importei por ele ter acabado de estragar meu penteado. A sensação era de puro êxtase à medida que ele puxava com mais força.

Quadris colidindo.

Puxões de cabelo.

Os sons de excitação enchendo o ar.

— Mal posso esperar para dar umas palmadas na sua bunda — ele gemeu, estocando repetidamente.

Eu gemi em resposta. Não sabia se queria que ele batesse na minha bunda, mas se fosse algo parecido com o que estávamos fazendo nesse momento, posso estar aberta a isso. Então me ocorreu...

Eu *confiava* nele.

Depois de todos esses anos pensando que ele era um advogado arrogante e que queria fazer o inferno nos meus casos, me dei conta de que jamais veria Booker Jameson com os mesmos olhos. Depois dessa noite tudo mudaria. Mesmo que ele continuasse solicitando a Deus uma terrível quantidade de *novas provas*, eu sabia que o respeitaria num piscar de olhos.

Esse era o meu fim.

Eu estava total e completamente submissa a este homem e tudo o que era preciso, eram os lábios dele tocarem os meus.

Ele gemeu, eu gemi, e quanto mais forte ele estocava, mais fora de controle e perto de gozar novamente, eu estava.

— Como você é gostosa — ele gemeu.

— Sim! — gemi. — Sim, bem aí!

Oh, Deus, eu parecia com as mulheres que ouvia do meu quarto, mas não me importava. A cada movimentação, Booker atingia aquele ponto que fazia arrepios correr pela minha espinha. Já estava na hora de eu receber uma boa foda. Já tinha passado muitas noites ouvindo mulheres receberem o que eu não tinha e fantasiava ter.

Booker puxou com mais força a minha cabeça, fazendo os braços esticarem as restrições. Eu não tinha por onde escapar com ele bombeando mais e mais em mim.

— É isso aí, linda. Ordenha meu pau.

Essa foi a minha segunda ruína. Gozei no pau dele, seu nome saindo dos meus lábios enquanto eu gritava de novo e o prazer corria por mim como uma corrente elétrica. Ele gemeu novamente, desta vez, me seguindo no limite do esquecimento.

Booker descansou em cima de mim enquanto nossas respirações normalizavam. Eu tinha certeza

de que nunca mais queria me mexer.



Estávamos deitados na cama há alguns minutos quando finalmente perguntei:

— Que horas são? — Não tinha relógios pelo quarto e eu não estava com o meu celular. Parecia estranho não saber as horas.

— Não sei — ele respondeu.

Olhei para ele ao meu lado, vendo-o de braços cruzados atrás da cabeça.

— É melhor irmos para sabermos a que horas a festa termina.

— Quer me deixar tão cedo? — Ele sorriu.

Dei um sorrisinho.

— É que eu não sei as regras. Precisamos ir embora quando a festa termina às três?

— Não. Eles nos permitem ficar ainda mais meia hora para terminar o que ou com quem estiver fazendo, antes que te façam sair.

— Mas como vamos saber que ainda temos mais meia hora, já que estamos aqui em cima?

— Eles batem na porta, como aviso.

— Oh... — Calei-me.

— E eu ainda não acabei aqui com você. — Ele rolou para cima de mim.

Sorri para ele.

— É mesmo?

— Você não achou que eu a deixaria ir embora daqui essa noite, sem provar a sua boceta, não é?

Só em pensar no rosto dele entre as minhas pernas, me deixou excitada.

Booker sorriu novamente, então suavizou o peso do corpo e deslizou para baixo do meu, passando a língua pela pele, no processo. Ele começou em cada seio, deixando os mamilos duros. Agora minhas mãos estavam livres para tocá-lo, então agarrei o cabelo dele, segurando como se minha vida dependesse disso.

Quando chegou ao lugar que desejou, Booker separou meus lábios vaginais, piscou para mim, então sua boca desapareceu. Um silvo escapou dos meus lábios quando ele teve o primeiro gosto, e minhas mãos entrelaçaram apertadas o seu cabelo loiro. Eu me remexi debaixo dele, puxando a cabeça para mim, querendo mais. Muito mais.

Ele não parou.

Aquela boca me lambeu — chupou — devorou. Devorou-me ao ponto de não querer que acabasse.

— Oh, Deus — gemi. Porra, eu estava perto. Eu nunca tinha gozado com apenas a boca de um homem em mim. Eles geralmente tinham que adicionar um dedo ou dois, mas o jeito como Booker

estava me consumindo, estava me enviando para as profundezas do que eu queria. *Necessitava.*

— Caralho — sibilei. — Aí. Oh, Deus...

Sim, eu estava perto. Muito perto. Tão perto que a qualquer momento eu perderia o controle do meu corpo e ia me despedaçar em minúsculos pedaços na cama. Como? Eu não sabia, mas tinha certeza de que ele seria destruído.

Minha boceta começou a pulsar, e sem que eu percebesse, a pulsação se transformou em explosão. E eu gozei, minhas costas saíram da cama e as pernas fecharam firmemente em volta da cabeça de Booker. Gozei com tanta força que vi estrelas. Como foi que esse homem soube exatamente como me transformar em uma poça de água em segundos?

Booker deslizou pelo meu corpo, e novamente passou sua língua pelo meu corpo. Eu estava tentando fazer minha pulsação voltar ao normal, mas foi inútil, porque em seguida ele me beijou. Esse beijo estava misturado com o meu gosto e o recebi de bom grado. Eu sabia que estava começando a me acostumar com a sensação dos lábios dele nos meus. Acostumando com a língua dele guerreando dentro da minha boca. Ele pensou que nós dois estávamos tentando lutar pela vantagem quando na realidade ela era dele.

Eu não sabia como iria enfrentá-lo depois desta noite. Como você faz contato visual com um homem que conhece cada centímetro do seu corpo? Fingiria que nunca aconteceu? Desejaria poder tê-lo outra vez? Fantasiaria sobre isso todas as noites? Eu estava segura de que faria as três coisas.

Booker colocou outra camisinha. Nós não falamos. Em vez disso, ele entrou em mim lentamente. Nossos olhares fixos um no outro, e eu podia sentir meu coração quebrando por dentro a cada impulso dos quadris dele. Eu não queria que essa fosse a última vez que estivéssemos juntos. Eu queria mais. Mas não poderia. Essa noite seria a última vez...

A não ser que eu me tornasse membro.

Ele beijou meus lábios novamente.

Gentil.

Sem pressa.

Lento.

Tão lento que eu mal conseguia respirar. Era como se nós dois soubéssemos que a noite estava prestes a terminar e estávamos saboreando o momento. Mas meu corpo tinha outros planos. E quando me dei conta, comecei a sentir a onda de êxtase invadir meu âmago e meus olhos fecharam por conta própria. Não houve aviso. Nem intensificação. Apenas eu, desmoronando com o pênis dele dentro de mim, batendo repetidamente no ponto certo.

— Adoro ver seu rosto quando você goza.

Abri os olhos e vi Booker ainda me observando enquanto continuava a bombear os quadris.

— Saber que fui eu quem colocou esse olhar no seu rosto, linda, é o suficiente para me colocar de joelhos.

Mais uma vez fiquei com a língua presa. Nenhum homem jamais tinha falado comigo do jeito que Booker falou. Antes de me deixar envolver com aqueles que não se interessavam pelo meu

trabalho, eu terminava a relação. Nem pensava duas vezes. Ou eles não me queriam, ou eu não os queria, ou não lhes dava uma chance porque lidava com divórcios diariamente. Eu protegia o meu coração. Era *assim* que minha carreira tirava vantagem da minha vida sentimental. Eu não aceitaria o dinheiro de um homem. Eu nunca deixaria um suficientemente perto para experimentar essa possibilidade. Agora, com apenas uma noite, Booker estava esculpindo o nome dele nas barras de aço que protegiam meu coração, *porque eu confiava nele*. Só não sabia se era porque agora compartilhávamos um segredo ou se porque eu estava realmente começando a perceber que sentia coisas por ele.

Ele parou de se mover, sentou-se sobre os calcanhares e me puxou para sentar junto. Ainda sem sair de dentro de mim, meus braços envoltos no pescoço dele, os seus em volta da minha cintura, começamos a nos mexer, ele bombeando em mim novamente. Estávamos indo devagar, sem pressa para o término da noite, mas pouco tempo depois seus quadris começaram a estocar com mais força e eu sabia que ele estava perto. Eu também estava perto novamente. Sua boca grudou na minha e, desta vez, ele abafou meus gritos de prazer com um beijo, enquanto nós dois gozávamos juntos.

Então ouvimos uma batida na porta. Nosso aviso de trinta minutos.

Permanecemos unidos por não sei quanto tempo. Nós dois sabíamos que estava tudo acabado. Minha cabeça deitada no seu ombro, e suas mãos acariciando minhas costas. Apenas alguns minutos se passaram até que voltamos à realidade.

— Vista-se que vou te levar para casa. Eu só preciso usar o banheiro antes de ir.

Assenti com a cabeça e nos separamos. Booker saiu da cama e eu fiquei observando a bunda perfeita indo em direção ao banheiro da suíte, depois de pegar as roupas.

Era isso. Realmente estava tudo acabado.

Houve uma nova batida na porta enquanto eu estava calçando meus sapatos, mas quando a abri, não era o segurança. Uma loira que eu vagamente me lembrava de ter visto mais cedo, estava ali de pé, parada com um sorriso largo no rosto.

— Booker já está pronto?

— O quê? — perguntei.

— Ele está pronto para ir pra casa? — perguntou ela, passando por mim e entrando no quarto.

— O quê? — perguntei de novo, com os olhos arregalados. — Quem é você?

Ela parou e se virou para mim.

— Eu sou esposa dele.



Booker

— O que você fez?

Assim que saí do banheiro, eu soube que Peyton não estava no quarto. Carrie estava encostada na parede, e quando nossos olhares se encontraram ela sorriu. Normalmente nos encontrávamos no andar de baixo, mas justo hoje, ela decidiu vir me buscar.

— O quê? Ela? — perguntou, gesticulando com o polegar em direção à porta.

— Sim, *amor*. Peyton. Onde ela está?

— Me chamando de amor? Você só usa esse termo *carinhoso* quando está sendo um bundão. Olhei furiosamente para ela.

— Onde está Peyton?

Carrie deu de ombros.

— Eu não sei. Ela foi embora.

— O que você disse a ela?

— Por que você acha que eu disse alguma coisa? Todas vão embora satisfeitas, não é? Estava ficando muito puto.

— Responda a porra da minha pergunta, ou você vai andando para casa, *amor* — rosnei a última palavra.

Carrie se virou para sair do quarto e eu a segui. Era melhor descer logo antes que o segurança viesse à nossa procura.

— Eu estava no quarto ao lado, então vim ver se você estava pronto para ir embora ou se já tinha ido lá para baixo.

— Isso não explica o porquê de ela ter ido embora — eu a cortei.

— Ela começou a questionar quem eu era, então eu disse.

Parei de andar e a agarrei pelo braço.

— E o que você disse a ela?

— A verdade. — Ela sorriu.

Meu aperto intensificou sem eu me dar conta.

— Caralho, fala logo o que você disse a ela! — ordenei.

— Você sabe que eu gosto de uma pegada bruta.

Empurrei-a na parede, meu braço indo logo abaixo da sua garganta. Eu estava puto e, embora Carrie adorasse essa merda extrema, meu domínio não a assustava. Verdade seja dita, eu nunca encostei um dedo nela, até agora.

— Jesus Cristo! — gritei, cuspe voando no rosto dela.

Ela levantou a mão e limpou a saliva.

— Está bem. Eu disse a ela que somos casados.

Eu já não estava mais puto. Estava descrente e arrasado, e minha cabeça estava prestes a explodir. Respirei profundamente, em seguida, desci as escadas para tentar encontrar Peyton e me explicar. Sim, Carrie e eu somos casados, mas não no sentido tradicional. Era uma relação de amizade, do tipo *uma mão lava a outra*.

Não consegui encontrar Peyton no mar de pessoas enquanto andava entre elas. Parecia que um show tinha terminado e todo mundo estava indo em direção à saída. No entanto, eram apenas cento e cinquenta pessoas ou um pouco mais, e não milhares. A parte ruim era que todos estavam tentando chegar às suas limusines e merda... Eu só queria encontrar a minha garota.

Minha garota.

Parei de andar. Que diabo me fez pensar isso? Essa noite foi apenas... *essa noite*. Eu só queria explicar a Peyton que Carrie foi uma cadela e queria assustá-la. Eu ia matar a minha esposa.

Comecei a andar novamente no meio das pessoas e encontrei o Trent.

— Oi — ele disse, o braço em volta de uma ruiva. Bem apropriado... o divórcio dele.

— Desculpe, amigo. Estou sem tempo agora. Preciso encontrar... — *Bem, preciso encontrar a advogada da sua esposa porque passei as últimas horas transando com ela.* — Você já viu sua esposa? — Peyton era convidada da Ava, e, provavelmente vieram juntas.

— Não, eu não vi aquela vadia.

A ruiva deu um tapa no ombro dele.

— Não fale assim.

— O quê? — perguntou. — Ela é sim.

Eu conhecia bem a Ava e o Trent. Ava não era vadia, Trent só estava irritado porque ela queria o divórcio, embora, mais cedo ou mais tarde, aconteceria. Em Hollywood ninguém permanecia casado por muito tempo, e era por isso que eu ganhava muito dinheiro.

— Companheiro, você pode ligar pra ela, por favor?

— Eu não vou ligar. Que porra você quer com ela?

— Eu... — *Porra!* — Eu preciso falar com a mulher que... você sabe. — Ele não sabia a verdade, mas esperava que ele pensasse que era sobre o divórcio deles.

Ele me deu um tapinha no ombro.

— Book, isso pode esperar até segunda-feira. Candace e eu estamos indo para a minha casa para continuarmos a festa. Você está convidado a se juntar a nós.

— Você sabe que eu não topo isso. — Eu não gostava de compartilhar. Não era a minha praia. Eu queria que mulher minha gozasse por minha causa e só por mim.

— Tudo bem, mas é você quem está perdendo.

— Obrigado, mas não estou interessado.

A multidão tinha seguido e nós estávamos acabando de chegar às portas da frente.

— Olha lá a vadia. — Trent apontou e eu segui para onde ele havia indicado.

— Pare de chamá-la disso — eu disse e corri para onde Ava estava. — Onde está a Peyton?
— perguntei a ela.

Ava estava com Michael Zapino. Estava claro que ela e Trent seguiram em frente.

— Eu não sei. Não a vi. A bolsa dela não estava com as nossas coisas quando fui pegar a minha. Com certeza ela já foi embora. Por quê?

Esfreguei a parte de trás do meu pescoço.

— Eu preciso falar com ela sobre... coisas.

Ava se aproximou de mim como se não quisesse que alguém ao redor nos ouvisse.

— Tenho certeza de que ela não veio aqui para trabalhar a noite toda. Ligue para ela na segunda-feira.

A segunda-feira parecia tão distante, mas na verdade era em menos de vinte e quatro horas.

— Me dê o número do telefone dela — eu disse quando a limusine de Ava parou ao nosso lado.

Ela revirou os olhos.

— Peyton estava certa. — O motorista de Ava abriu a porta para ela e Michael entrarem. — Eu não vou te dar o número pessoal dela, Book. Deixe a pobre mulher em paz e ligue para ela na segunda-feira.



Meu alarme disparou, me acordando. Tive uma noite de merda. Merda total. Eu tendia a dormir mal depois de uma noite no *Sensation*. Meu corpo ficava cansado de ficar acordado até às cinco da manhã. Era como se eu tivesse vinte e poucos anos e tivesse passado a noite de bar em bar bebendo e pegando todas. Mas eu não tinha. Já tinha trinta e quatro anos, e, embora eu me achasse um garotão, meu corpo me dizia o contrário, mesmo com as horas que eu passava na academia.

Pelo menos era só uma vez por mês e valia a pena. *Totalmente, valia a pena.*

Quando saí do *Sensation* domingo de manhã, enviei mensagens para Peyton pelo Facebook. Nós não éramos amigos, por isso minhas mensagens provavelmente devem ter ido para outra pasta. Quando cheguei em casa, fiquei na internet perseguindo-a incansavelmente, mas nada me forneceu o número do celular ou o endereço residencial dela. Depois não conseguia dormir relembrando a nossa noite. Eventualmente, o sono veio, mas não dormi por muito tempo. Meu alarme me acordou às dez para eu ir para a academia.

Peyton ainda não tinha visualizado minhas mensagens.

Naquela noite tentei ir dormir cedo porque tinha que levantar às cinco da manhã para ir à academia antes do trabalho. Claro, tudo o que eu conseguia pensar era no rosto dela quando Carrie lhe disse que éramos casados. Imaginei seu olhar de traição antes de sair correndo do quarto.

Carrie tinha razão. Normalmente eu não me importaria que ela dissesse a alguma mulher que eu tivesse transado no *Sensation*, que éramos casados. Porém ela nunca tinha feito isso antes, e a maioria dos membros não sabia sobre nosso estado civil. Então, de todas as pessoas, ela tinha que abrir a merda do bocado justamente para a única pessoa que realmente me importava. Como tinha dito a Peyton, eu sentia atração por ela há anos. Ela era linda, determinada, inteligente e tinha um corpo... Bem, agora que o conhecia nu, estava fodido. Totalmente fodido.

Eu nunca tinha me aproximado dela, até agora, porque estávamos em lados opostos. Peyton estava certa, nós poderíamos ter problemas se as coisas entre nós progredissem e não contássemos a ninguém. Eu sempre imaginei que se tivesse um gosto, tudo se resumiria a sexo. Mas no decorrer do dia, não consegui tirá-la da cabeça, me fazendo perceber que eu realmente me importava muito com ela. Mesmo que não desse em nada, eu só queria uma chance de contar a Peyton a verdade sobre Carrie. Pode ter sido apenas um lance de uma noite, mas como eu ia ficar cara a cara com ela no tribunal, conhecendo o gosto dela? *Eu não podia*. Essa era a resposta.

Saí da cama e coloquei um short de basquete preto e uma camiseta branca *Under Armour*. Meu olhar desviou para cima da cômoda. Eu tinha deixado a calcinha de Peyton ali, para olhar sempre que eu estivesse no quarto. Eu não conseguia olhar para ela, então a guardei na gaveta de cima. E não tinha a intenção de devolvê-la.

Depois de calçar meias e tênis, peguei a carteira, chaves, celular e fui para a cozinha. Meu sangue começou a ferver quando vi Carrie fazendo o próprio café.

— Você ainda está com raiva de mim? — ela perguntou quando estiquei o braço para pegar minha proteína em pó no armário para fazer meu shake pré-treino.

— O que você acha, *amor*?

— Quanto tempo isso vai durar?

Virei-me para ela.

— Eu não sei. Talvez eu peça o divórcio.

Ela riu.

— Não, você não vai.

Ela estava certa, mas ainda era genial pensar no calor do momento. Poderíamos nos divorciar, mas isso poderia se transformar em um pesadelo para mim, por isso era melhor permanecer casado. Nós já estávamos casados há tempo suficiente para que eu pudesse me tornar um cidadão residente, mas simplesmente não havia necessidade disso agora. Além disso, eu não teria tempo para ir a todas as entrevistas e estudar para os testes que eu precisaria fazer para legalizar o processo de cidadania.

— Você é minha melhor amiga, mas, sério, você tem uma boca grande da porra. Nós concordamos que ninguém *já* saberia. — Tudo bem, isso não era verdade. Somente as pessoas que *precisavam* saber, sabiam que éramos casados.

— Quem se importa? Era só uma mulher do *Sensation*. Você sabe que nada do que acontece lá é falado. Está nas regras.

Cruzei os braços sobre o peito.

— É aí que você se engana. Peyton é uma colega.

— Ela trabalha na sua empresa?

Balancei a cabeça.

— Não. Mas temos casos contra o outro.

Carrie deu de ombros.

— E daí? Ela sabe que você é casado. Grande coisa.

— Sabemos que somos casados — eu disse, gesticulando com a mão entre nós. — Agora Peyton sabe, e se ela contar a alguém, poderia dar merda com a gente.

— Por que ela contaria a alguém? Ser casado não é crime.

— Eu não sei, *amor*. Vocês, mulheres, adoram abrir a porra da boca. — Eu estava louco. Sim, Carrie poderia falar demais, mas eu nunca tinha falado com ela assim antes.

Carrie revirou os olhos.

— Mas ela conhece as regras, não é?

Suspirei.

— Sim, suponho que ela conheça. Só estou dizendo que você não deveria sequer abrir a boca, independente de onde estivermos.

— Ok, tudo bem. Esse é o nosso segredinho sujo. — Ela sorriu.

Suspirei.

— Eu te pego mais tarde. — Peguei meu shake de proteína sem água e saí.



Depois da academia comprei um copo gigante de café antes de ir para o escritório. Eu tinha tomado banho depois de malhar e colocado o terno reserva que tinha deixado no armário da academia. Na pressa, tinha esquecido de pegar um terno em casa.

Eu trabalhava para a Lee & Thompson, LLP desde que me formei na faculdade de Direito. Eu tinha vindo para os Estados Unidos para estudar na Universidade da Califórnia, em Los Angeles. Enquanto frequentava a UCLA, eu trabalhava para uma firma de advocacia como um arquivista para ganhar dinheiro para me sustentar. Foi quando eu soube o que queria para o meu futuro.

Eu tirei o meu diploma de advogado na faculdade de Direito da UCLA. Meu plano inicial era voltar para Leeds depois de me formar. No entanto, desde que decidi que queria ser advogado, quis ficar nos Estados Unidos. Se eu voltasse para a Inglaterra depois de me formar em Direito, meu diploma teria sido inútil porque as leis são completamente diferentes. Mas como eu poderia permanecer nos Estados Unidos depois que meu visto de estudante expirasse? Eu não tinha encontrado um emprego que me desse um vínculo empregatício firmado que garantisse o visto de trabalho, e eu precisava de algo dentro de trinta dias ou seria enviado de volta para Leeds. Resumindo uma longa história, minha melhor amiga e eu descobrimos um plano para que eu pudesse permanecer nos Estados Unidos após a graduação.

— Não acredito que finalmente vamos nos formar em uma semana — disse Carrie, sentada sofá do apartamento que dividimos fora do campus.

— Vai ser legal.

— De qualquer forma, não estou ansiosa pela prova da Ordem dos Advogados.

Olhei para longe da TV.

— Nós vamos passar por isso. Sempre passamos. — Isso é, claro, se eu ainda estiver nos Estados Unidos.

Ela ficou em silêncio por um tempo.

— Vou sentir sua falta.

— Você vai me visitar. — Não era uma pergunta. Eu sabia que ela iria.

— Sim, mas eu gostaria que houvesse algo que pudéssemos fazer para que você pudesse permanecer aqui.

— Estou procurando um trabalho com vínculo empregatício estabelecido que me garanta um visto de trabalho.

— Eu sei, mas se não encontrar, você vai embora.

— Nós vamos nos visitar, querida.

— E se... — Ela começou depois parou.

— E se, o quê? — perguntei, levantando uma sobrancelha para ela.

— Nada. É estúpido.

— Diga.

— E se a gente se casar e você solicitar o Green Card? Dessa forma, você pode se tornar residente permanente, e só terá que renovar a cada dez anos, ou se quiser.

Eu comecei a rir.

— Você quer casar?

Ela revirou os olhos cor de chumbo.

— Você sabe que eu nunca vou casar.

— Só porque gosta de boceta não quer dizer que você nunca vai casar. As leis da Califórnia podem mudar ou de outro estado.

Ela começou a rir como se não acreditasse em mim.

— Certo.

— Bem. Vou fazer um trato com você.

— Qual?

— Procure um trabalho em um escritório de advocacia da área civil. Quero que você se especialize em direitos LGBT, e quando as mudanças acontecerem, e você puder se casar com uma garota, nós nos divorciamos.

— Deixe-me ver se entendi. Você está me dizendo o que fazer com minha carreira antes de se casar comigo? Acho que quem tá ficando com a extremidade curta da vara aqui sou eu, Book.

Dei uma risada.

— Não, querida. Não há nada curto ou pequeno em mim.

— Você é tão arrogante. — Ela bateu no meu braço.

— O quê? Quer meu pau agora?

Ela revirou os olhos.

— Não, obrigada.

Corri para ela e a envolvi nos braços.

— Casar pode funcionar de verdade. E eu sei que um dia vou te levar até o altar.

Carrie perdeu o pai em um acidente de moto quando era criança. Eu tinha ouvido histórias de quando ela estava crescendo, que ele dançaria com ela como se estivessem no casamento dela.

Quando ficou mais velha, ela percebeu que gostava de mulheres e não de homens. Eu sabia que chegaria o momento em que ela poderia casar com a mulher que quisesse, e também sabia que seria eu quem a levaria até o altar.

Então, no dia anterior a nossa formatura na faculdade de Direito da UCLA, nos casamos no cartório. De fato, meus pais nem sabiam que tinha me casado com a minha melhor amiga para que eu pudesse permanecer nos Estados Unidos. Eles pensaram que eu tinha arrumado um emprego e estava com um visto de trabalho. As únicas pessoas que sabiam eram os nossos amigos, Amelia e Randy, porque precisamos deles como testemunhas. Não havia nenhuma razão para ninguém, além de RH, saber.

Sim, dois advogados estavam infringindo a lei. E agora Carrie tinha aberto a boca e contado a alguém de fora do círculo que “precisava saber”.

Estacionei a Mercedes preta na minha vaga demarcada na garagem a L&T, e peguei o elevador até o décimo primeiro andar. A agenda do dia estava cheia e eu precisava honrar com meus compromissos antes que perdesse a cabeça.

Eu não sabia o porquê, mas sentia a necessidade de fazer as coisas de forma correta com a Peyton. Antes de sábado à noite, a única coisa que já tínhamos conversado, era sobre casos. O que eu sabia era que ela era linda, e aquilo havia me deixado mais arrogante sempre que estava perto dela. Eu parecia um garotinho com uma paixão por uma garota e é mau com ela para chamar atenção.

Agora eu não conseguia tirá-la da cabeça.

Eu nunca tive esse problema antes. E já tinha estado com muitas mulheres. Muitas. Por isso eu gostava do *Sensation*. Poderia ter sexo seguro sem expectativas futuras, e não precisava me preocupar com alguém que quisesse meu dinheiro ou qualquer coisa dessa natureza. E eu tinha grana. A L&T me pagava muito bem porque eu faturava muito e angariava os clientes mais ricos. Na verdade, eu estava rumo ao meu objetivo de me tornar um sócio.

— Oi, Booker. — A recepcionista sorriu e acenou para mim quando saí do elevador. Eu sabia

que ela queria dar para mim. Todas as mulheres no meu escritório me lançam olhares “me come”, diariamente.

Mas eu tinha uma regra: não cague onde você come.

Eu realmente aprendi isso da forma mais difícil. Minha antiga assistente e eu tivemos um caso e o marido dela descobriu. Isso gerou uma enorme confusão e eu quase fui demitido. Felizmente, a L&T não podia se dar ao luxo de me perder, então eles pagaram uma quantia considerável para encerrar o assunto.

— Bom dia, Sandra. Espero que o seu fim de semana tenha sido bom.

— Foi, obrigada.

Continuei andando em direção ao meu escritório, passando pela sala de conferências/biblioteca. Era ali que eu e minha antiga assistente costumávamos transar. Bons tempos.

Minha nova assistente, Monica, estava sentada à mesa dela quando passei em direção a minha sala.

— Bom dia, Monica — eu a cumprimentei. — Você pode pegar o número do escritório da Peyton Winters, por favor?

— Claro. — Ela sorriu, e eu entrei no meu escritório.

Tirei o paletó cinza, o pendurei na porta, e fui até a minha mesa de vidro. Eu tinha um monte de trabalho para fazer, mas minha cabeça estava exclusivamente em uma única coisa, mais precisamente, uma única pessoa.

Monica entrou carregando um *post-it*.

— Aqui está.

— Excelente, obrigado. Você também pode me trazer uma xícara de chá?

— Sem problema. — Ela sorriu e se virou para sair.

Sem hesitar, peguei o telefone e disquei o número que Monica me deu. Ele tocou duas vezes antes de atenderem.

— Chandler e Patterson, a quem posso direcionar sua ligação?

— Peyton Winters — falei curto e grosso.

— Um momento.

Minha pulsação começou a disparar enquanto a ligação era transferida.

— Escritório da Srta. Winters — uma mulher, que não era a Peyton, atendeu.

— Peyton, por favor.

— Quem... Quem deseja falar?

— Booker Jameson.

— Um... um momento, por favor. — Fui colocado em espera.

Por que diabos ela estava gaguejando? Virei-me, olhando pela janela, do chão ao teto, enquanto esperava. O escritório de Peyton não era longe do meu, e eu estava pensando

seriamente em ir até lá.

— Sinto muito, Sr. Jameson. Peyton não está disponível. — Essa era a desculpa dela para não falar comigo. — Quer deixar algum recado?

Suspirei.

— Peça para ela me ligar. — Dei o número do meu celular e do escritório antes de desligar.

Entrei no site do tribunal para ver se ela tinha alguma audiência hoje. Não tinha. Decidi esperar até à tarde para ver se ela me ligava, ou eu iria até o escritório dela. Eu *sabia* que Peyton não me ligaria de volta, mas ia esperar até depois do almoço. Nesse meio tempo, eu tinha a papelada de resposta do Trent para preparar.



E eu estava certo.

Peyton não retornou minha ligação.

Poucos minutos antes do meio-dia, entrei no tribunal e apresentei os documentos do Trent. Ele esteve no meu escritório por volta das dez e os assinou. Eu já sabia da maioria das informações que tinha enviado para ele preencher e assinar, quando tinha perseguido a Peyton na internet, no domingo. Normalmente, eu só arquivaria a resposta mais tarde. No entanto, Peyton apresentou alegações financeiras da Ava quando entrou com a petição, então senti que eu também deveria fazer. Embora tivéssemos trinta dias para responder a petição, eu me adiantei para ter uma desculpa de me explicar pessoalmente a Peyton. Eu não conseguiria esperar trinta dias. Eu precisava falar com ela agora. Sim, eu podia ter enviado a minha advogada assistente ou corrido até o tribunal e arquivado a resposta, mas eu precisava disso feito imediatamente, e já que eu estava na rua, poderia ir até à Chandler e Patterson para entregar o documento pessoalmente a Peyton, como ela tinha feito comigo.

Atravessei as portas duplas de vidro da C&P, com as costas retas e determinado. Peyton até poderia pensar que conseguiria me ignorar, mas nem fodendo ia conseguir. Não, eu só queria dizer a ela...

Eu parei de andar.

O que eu ia explicar? Que era casado com a minha melhor amiga, mas que não significava nada e só estávamos enganando o Governo para que eu pudesse permanecer no país? Sim, isso seria ir mais além. Eu estava sendo tão estúpido quanto Carrie, quando abriu a boca. Eu precisava pensar sobre o que deveria dizer a Peyton em vez de ouvir o meu pau.

Dei meia volta para ir embora e dei de cara com quem passei o final de semana inteiro pensando. O envelope com os documentos apresentados por Trent estava na minha mão, mas eu não conseguia me mexer. Peyton estava mais bonita do que eu me lembrava. O cabelo castanho escuro caía em volta dos ombros como da última vez em que a vi, na cama, no *Sensation*. Ela estava vestindo uma calça de terno cinza com uma blusa magenta. Eu já a tinha visto vestida dessa forma em muitas ocasiões no tribunal, mas sabendo o que estava por baixo daquela roupa, fez meu pau contrair em atenção.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou Peyton.

— Estou indo verificar as nossas mensagens. — A mulher que estava com ela, disse. Eu nem tinha percebido que ela estava acompanhada até que a pessoa falou. Eu só olhava para Peyton.

— E então? — ela perguntou, cruzando os braços sobre o peito. Meus olhos foram para os seios dela. Seios que eu já tinha experimentado. Conhecia o gosto.

— Booker! — Peyton sibilou e meus olhos subiram até os dela.

Então me lembrei de como ela gritou meu nome na cama e meus olhos desceram para seus lábios, depois voltaram para os olhos. Ela os revirou e meu pau estremeceu novamente.

— Faça isso de novo — eu finalmente disse, sem me importar de onde estávamos.

— Fazer o quê?

Aproximei-me e disse em voz baixa.

— Revire os olhos.

— Nós não podemos fazer isso aqui — ela afirmou.

— Então vamos ao seu escritório.

— Booker... — ela disse baixo.

Dei um passo ainda mais perto e sussurrei em seu ouvido:

— Eu vim notificar você, linda.

— Dê-me. — Ela estendeu a mão.

— Eu quero dar *isso* a você — admiti, mas eu não estava me referindo aos papéis. Ela mexeu a mão, silenciosamente, pedindo o envelope. Neguei com a cabeça. — Preciso falar com você primeiro. — Eu não sabia o que ia dizer a ela, mas não queria ir embora.

— Eu não tenho nada para falar com você.

— Eu tenho algo para te dizer — devolvi.

Ela suspirou.

— Booker, por favor.

Nós poderíamos passar a tarde toda ali, mas nenhum de nós dois tinha tempo a perder, então me virei e fui para o seu escritório. Eu sabia onde era porque já tinha estado ali várias vezes por causa de outros casos e a já tinha visto sentada à mesa dela. Eu não parei quando chamou meu nome, me seguindo. Quando entrei na sala, desabotoei o paletó e sentei em uma cadeira à frente de sua mesa. Eu não ia embora até conversarmos.

Ela fechou a porta quando entrou e deu a volta na mesa. Coloquei o envelope à sua frente.

— Você é muito cínico.

Abri um enorme sorriso.

— Não fala isso.

— Não fala isso? — Ela levantou a voz. — Você me usou.

— Eu não usei você — corrigi. — Nós estávamos em um clube de sexo. O que pensou que aconteceria?

Ela piscou os lindos olhos castanhos claros.

— Você está certo. Eu não sabia o que estava pensando.

Ficamos em silêncio, ambos pensando. Eu estava tentando pensar em como dizer a ela que eu queria fazer novamente. Literalmente.

— Você pode ir embora? Volte para a sua esposa.

— Linda...

— Não me chame assim — ela resmungou.

Passei a mão sobre a boca e suspirei.

— Por que você está tão furiosa?

Eu sabia o porquê de ela estar furiosa. Eu mesmo estava puto. No entanto, eu queria que ela dissesse as palavras. Queria que ela me dissesse que o que compartilhamos no sábado foi mais do que sexo. Eu odiava que ela estivesse com raiva de mim. Embora a verdade é que ela sempre parecia estar irritada comigo quando nos víamos, mas isso foi antes da minha boca passar por cada centímetro daquele corpo macio.

Ela olhou para mim, sem falar.

— Então? — Incitei-a.

— Eu não sabia que você era casado — ela respondeu com um suspiro.

Sorri e me inclinei para frente.

— E daí? Nós estávamos em um clube de sexo. Pessoas trocam o tempo todo.

— Essa não é a minha praia. Não gosto de dormir com homens casados.

— Minha esposa não se importa.

— Ótimo. Bom para ela. Eu fui pega de surpresa com ela aparecendo na porta. Você poderia ter me contado...

— Quando? Quando eu estava com a boca no seu seio? Quando estava no meio das suas pernas? Quando eu estava enterrado profundamente dentro de você, enquanto gritava o meu nome?

Ela revirou os olhos novamente, e eu estava muito perto de trancar a porta do escritório e colocá-la sobre os meus joelhos.

Muito perto.

— Só precisamos esquecer que o sábado aconteceu. Você mesmo disse que o que se passa por trás das portas de *Sensation* permanece lá.

— Não — falei rapidamente.

— Não?

— Eu não vou esquecer, e nós vamos fazer de novo.

Ela gargalhou.

— Não, nós não vamos.

— Não se atreva a jogar essa porcaria de ética em mim. Quero que você vá para a próxima festa. Fale com Ava e vá como convidada dele novamente. Venha como minha convidada.

— Você perdeu a cabeça

— Por que diz isso?

— Booker, você é membro de um clube de sexo. Você pode trepar com qualquer uma daquelas mulheres. Inferno, você pode trepar com a sua esposa lá. Você não precisa foder comigo.

— É aí que você se engana.

— Não, eu não estou. Você me vê como um desafio ou algo parecido, e não vou ser usada novamente.

Levantei e abotoei o paletó.

— Há coisas que você não sabe. Vá ao *Sensation* no mês que vem e eu vou te contar.

— Por que eu preciso esperar até lá? — ela perguntou, erguendo uma sobrancelha.

— Porque é confidencial, e na sua mentalidade, coisas secretas só podem acontecer no clube.

Então vou fazer o seu jogo. A bola está do seu lado, linda.



— Ouvi dizer que você está bravo com a Carrie?

Olhei para cima e vi meu amigo Randy parado na porta do meu escritório. Ele trabalhava comigo para Lee e Thompson. Tinha barba e cabelo ruivos, o penteado liso e para trás, e olhos verdes. Nós malhávamos juntos na academia, por isso posso dizer que ele estava em boa forma. Também era membro do *Sensation*.

— Cai fora, companheiro. Isso é entre mim e minha esposa — falei curto e grosso.

Ele fechou a porta e caminhou até a cadeira à frente da minha mesa.

— O que aconteceu?

Revirei os olhos e imediatamente pensei na Peyton.

— Carrie não te contou?

— Ela só me disse que você estava bravo com ela e que eu deveria conversar com você hoje.

Balancei a cabeça, irritado.

— E então você poderia acalmar as coisas?

Randy deu de ombros.

— Acho que sim. Conte-me o que aconteceu, ou faço a Amelia te perseguir como um cão de caça.

É claro que Carrie ia envolver pessoas que conheciam a nossa situação.

— Ela disse a alguém no *Sensation* que somos casados — respondi.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Mesmo? Quem?

Suspirei.

— Uma mulherzinha que eu peguei lá.

Eu odiava chamar Peyton de “mulherzinha”. Ela era mais do que isso para mim. Ou foi. Depois que passei a bola para ela, qualquer coisa poderia acontecer. Se não a visse no *Sensation* de novo, então saberia que foi apenas sexo para ela.

— Grande coisa.

Balancei a cabeça.

— É grande coisa. É... — Hesitei porque ele conhecia a Peyton. Já teve casos contra ela também.

— É?

— Peyton Winters.

Seus olhos verdes se arregalaram.

— Peyton Winters de Chandler e Patterson?

Assenti.

— A própria.

Ele deu uma risada.

— Você está me dizendo que comeu uma das advogadas mais gostosas de Beverly Hills?

Arqueei as sobrancelhas.

— Por que é tão difícil de acreditar? — Digo, eu era o Booker Jameson. As pessoas se referiam a mim como mulherengo, e eu estava bem com isso porque não estava à procura de compromisso. Bem, não que eu pudesse. Afinal de contas, eu era casado.

— Bem, para começo de conversa, ela estava no *Sensation*, sábado? Eu não a vi.

— Ela está representando Ava Ashley. Ela está se divorciando do Trent, e Peyton foi com Ava para entregar a intimação ao Trent, no clube.

— Bem, me fodi. Perdi um monte de coisa no sábado. — Ele riu. Observei-o cruzar as pernas e ficar confortável. — Como ela estava?

— Gostosa o suficiente e quero transar com ela de novo — admiti. Eu não ia dar mais informações do que isso.

— Você? Booker Jameson quer uma segunda rodada?

E terceiras. E quartas. E depois, ainda por cima, buffet a noite toda, novamente.

Eu sorri, sem responder.

— Droga, Book. — Sua testa enrugou. — Espera. E os clientes de vocês? E o Trent? Ele sabe?

Neguei com a cabeça.

— Ele não sabe, e nem vai descobrir. Ninguém vai.

— Isso quer dizer que ela não vai voltar ao *Sensation* de novo?

Dei de ombros.

— Eu não sei. Eu disse a ela que a queria, mas ela está furiosa porque sou casado e não posso contar a porra da verdade. — Exceto se ela for ao *Sensation*. Lá seria o único lugar que eu poderia contar.

Ele balançou a cabeça lentamente.

— Parece que você está num mato sem cachorro.

— Eu tenho uma solução. Fazê-la ir ao *Sensation* no mês que vem para que eu possa saboreá-la novamente.

— Você está disposto a arriscar a sua licença de advogado por uma mulher? Disposto a arriscar a dela?

— Não. — E eu não estava. — Você sabe tão bem quanto eu que o que acontece no *Sensation*, permanece no *Sensation*.

— Até que o Trent ou Ava vejam.

— Se a Peyton for mesmo.

— Certo — ele concordou.

Se Peyton fosse como minha convidada, teríamos que resolver detalhes sobre o caso Trent e Ava. Se ela fosse como convidada da Ava, então seria possível que já conversasse com a Ava e estava tudo bem de estarmos envolvidos romanticamente, ou o que ela quisesse dizer. De qualquer forma, eu tinha um mês para convencer Peyton de voltar ao *Sensation*. A decisão era somente dela, mas isso não significava que eu não pudesse trapacear. E era óbvio que eu não seguia as regras.

— Bem, está na hora da nossa reunião semanal — Randy disse ao olhar o relógio. As reuniões eram uma maneira de os sócios manterem o controle dos funcionários e se certificarem de que estávamos tendo rotatividade de clientes. Os encontros eram geralmente na parte da manhã, mas Mitch, o sócio majoritário, tinha ido ao tribunal hoje.

Suspirei.

— Ótimo.

Nós dois levantamos e fomos para a sala de conferências/biblioteca. Randy e eu nos sentamos um ao lado do outro. Quando Clint entrou pela porta, revirei os olhos. Eu odiava aquele idiota. Nós dois estávamos concorrendo para ser sócios, e todos sabiam que éramos competitivos. Os parceiros atuais engoliam porque entrava mais dinheiro.

— Tudo bem, vamos começar — disse Mitch. Ele sentou na cabeceira da grande mesa retangular que tinha pelo menos dez pessoas. Outros, incluindo assistentes de advogados e secretárias, estavam em pé ao redor da sala, e todos com blocos para fazer anotações. Ele passou brevemente por todos os casos, em seguida voltou sua atenção para mim.

— Como vocês sabem, Booker e Clint estão concorrendo para se tornarem sócios da firma. — As pessoas aplaudiram, comemorando o anúncio. Meus olhos foram para Clint e os dele para os meus. *Filho da puta*. — Enquanto nós gostaríamos que os dois pudessem ser sócios, só podemos promover um de vocês, então não vamos levar em conta quem está aqui há mais tempo. Estamos nos baseando unicamente em quem lucra mais para a empresa, e nesse exato momento, os dois estão empatados.

Suspirei.

— Ainda temos mais três meses até o fim do ano. Quem trazer o maior montante até lá, se tornará sócio a partir do dia dois de janeiro.

E agora parecia que eu tinha dois jogos para ganhar. Um com Clint, que eu sabia que teria sucesso, e outro com a Peyton, que eu não sabia se ganharia.



Depois de um longo dia no escritório, entrei em casa, à qual eu dividia com Carrie, e parei no limiar. Carrie estava de costas no sofá, nua, e com outra mulher, de bunda para o ar, entre as pernas. Já tinha entrado nesse cenário antes. Ser casado com uma lésbica tinha seus benefícios, e esse era um deles. Pornografia ao vivo, em carne e osso.

Fechei a porta, silenciosamente, e assisti. Carrie gemeu ao agarrar os próprios seios. Meu pau endureceu e todos os pensamentos de um longo dia se dissiparam. Andei até a poltrona do outro lado do sofá e comecei a apreciar o show. Os olhos de Carrie encontraram os meus e ela sorriu.

— *Esposa* — cumprimentei ironicamente com um sussurro. Eu ainda estava bravo com ela, mas esse show estava me vencendo.

Ela sorriu e esticou o braço para a cabeça da mulher e deslizou os dedos pelo cabelo dela. Foi então que notei que a mulher era morena, e meus pensamentos foram para Peyton. Eu não gostava de compartilhar a mulher que estava interessado, mas imaginar que era Peyton ali na minha frente, só me deixou mais duro.

Fiquei mais confortável na poltrona, abri as pernas e comecei a desabotoar a calça. A morena esticou os braços e segurou os seios de Carrie, fazendo-a gemer novamente e jogar a cabeça para trás. Tirei o pau de dentro da calça e lambi os lábios enquanto começava a me masturbar.

Imagens da boca de Peyton envolvendo meu pau me vieram à mente, e eu gemi. Intensifiquei o movimento e a pressão, ao pensar em Peyton e no corpo escultural dela. Nas pernas longas. No cabelo castanho comprido que envolvi no punho e segurei firme. Lembrei-me da Peyton presa, algemada, enquanto eu estocava nela. Continuei me masturbando enquanto observava Carrie gozar, em seguida, a morena engatinhou pelo corpo dela e parou de pernas abertas no rosto, a boceta na direção da boca. Eu conseguia sentir o cheiro da excitação no ar, e isso me deixou ainda mais excitado.

Eu me masturbava brutalmente, vendo as duas mulheres se desfrutando. A morena de costas para mim não me deixava ver seu rosto, então continuei fingindo que era a Peyton. No olhar castanho dela cheio de desejo quando gozou em volta do meu pau. E como ela gritou meu nome quando eu estava enterrado profundamente em seu interior. Eu estava perto.

Carrie usou as duas mãos para abrir os lábios vaginais da morena, que jogou a cabeça para trás, seu cabelo caindo em cascata sobre os ombros. Meu ritmo acelerou, e assim que a morena gemeu ao gozar, eu gozei junto. Jatos de esperma esguichavam sobre a minha barriga enquanto eu continuava a ordenhar meu pau e ver as duas mulheres à minha frente.

A morena levantou a cabeça do meio das pernas da Carrie e se virou, encontrando meu olhar enquanto eu limpava meu estômago com um lenço de papel que estava ao lado. Ela não se parecia em nada com Peyton, mas ainda assim, foi divertido imaginar que era ela.

— Oh... — ela disse quando percebeu que eu estava sentado ali.

— Não se preocupem comigo — brinquei e coloquei meu pau de volta dentro da calça.

— Eu não sabia que o seu companheiro estava em casa — disse a morena para Carrie.

Carrie colocou as pernas para baixo, sentando-se ao lado dela, no sofá. Meu olhar imediatamente foi para o meio das pernas dela.

— Você não se importa em ter audiência, não é? — Carrie perguntou à morena e a beijou.

Quando se separaram, a morena se virou para mim.

— Não, mas seria mais gostoso se ele se juntasse a nós.

Eu sorri.

— Você já percebeu que a Carrie não gosta de pau, e eu não gosto de compartilhar. Fico feliz em apenas assistir. — A morena assentiu.

— Você ainda está com raiva de mim? — Carrie me perguntou.

Inclinei a cabeça um pouco para o lado enquanto pensava na pergunta.

— Isso foi planejado, não foi, *amor*? Eu entrar e ver vocês duas?

Carrie sorriu.

— Talvez.

Eu levantei.

— Boa jogada, mas se a Peyton não for ao *Sensation* de novo, você terá que fazer muito mais do que um showzinho para mim.



Hoje eu ia fazer algo que nunca tinha feito antes.

la tentar resolver um caso fora do tribunal. Fazia duas semanas que tinha apresentado a documentação da resposta de Trent e, geralmente, eu fazia as coisas mais lentamente, me certificando de apresentar todos os documentos, solicitando comprovante de rendimentos desde o início do casamento à separação. Quanto mais horas eu me dedicava em um caso, mais era remunerado. Eu não enganava meus clientes, por assim dizer, apenas era cuidadoso.

Certo.

Eficiente.

Trent e Ava não tinham nada pelo que discutir. Eles tinham alguns imóveis que compraram enquanto casados, mas tinham diferentes contas bancárias e um acordo pré-nupcial que estabelecia que ambos renunciariam aos seus direitos à divisão de bens em caso de separação se adquiridos antes ou depois do casamento. Ou seja, tudo o que comprassem com o próprio dinheiro, pertencia a essa pessoa. Normalmente, uma avaliação é feita em cada propriedade e então elas são divididas, ou um compra a do outro. Ambos apresentaram declaração de renda que tinham comprado três casas, juntos, por isso era apenas uma questão de quem manteria o quê, e, aparentemente, Trent queria manter todos.

Eu queria uma desculpa para ver Peyton, mesmo se isso significasse que eu teria que trabalhar horas extras em mais casos, então eu ia convencer Trent a aceitar o acordo para que eu pudesse aparecer no escritório dela novamente. Normalmente eu enviaria um e-mail para ela, mas não

agora. Não, já que eu pensava nela a cada maldita hora do dia. As coisas teriam sido diferentes se eu a levasse para casa depois do *Sensation* naquela noite? E se ela não soubesse que eu era casado? Estaríamos mantendo um caso secreto por que a noite que passamos juntos foi algo que nós dois nunca tínhamos experimentado antes? Eu nunca saberia, graças a minha esposa.

Monica interfonou no meu escritório.

— Booker, Trent Inglewood está aqui.

— Mande-o entrar — respondi.

Peguei a pasta do Trent no canto da minha mesa e abri na minha frente. Quando ele entrou, eu levantei e o cumprimentei com um aperto de mão.

— Trent, como tem passado?

— Bem — ele respondeu.

— Quer uma xícara de café? Chá?

— Não, eu estou bem. Obrigado.

Fiz um gesto para ele sentar à frente. Uma reunião informal, onde o juiz tentaria resolver amigavelmente o caso e evitar um longo processo, estava agendada para daqui a um pouco mais de um mês. Se ambas as partes não entrassem em acordo, o juiz agendaria o julgamento, mas eu não queria esperar um mês para ver a Peyton novamente. Eu precisava convencê-la de ir à *Sensation*, em menos de duas semanas.

— E então, a Ava já se mudou? — perguntei quando nós dois nos sentamos.

Ele suspirou.

— Já. Ela tirou todas as coisas dela nesse último final de semana.

— Vocês dois discutiram a divisão dos imóveis?

Ele balançou a cabeça.

— Não. Que eu saiba, todas são meus, esqueceu?

Eu ri.

— Não é assim que funciona.

— Então eu brigo contra ela pelos imóveis.

Normalmente eu faria de tudo para uma briga, mas não nesse caso. Eu queria que Trent concordasse em resolver tudo por causa da Peyton, mas também porque eu era amigo de Ava.

— Mesmo que você lute, o juiz não vai te dar os imóveis a menos que tenha pago por eles só com o seu dinheiro. Você pagou? — Eu sabia a resposta, mas perguntei de qualquer forma para provar meu argumento.

— Não. Nós compramos juntos a propriedade em Montauk, a vila no Lake Como e a casa em Beverly Hills. Ava já se mudou da casa daqui. Ela abriu mão dessa.

Ri e balancei a cabeça.

— Novamente, não é assim que funciona.

— Eu não me importo de como funciona, Booker. Eu te contratei para conseguir o que quero.

Ava me envergonhou por fazer tudo isso, e não vou recuar facilmente.

Ah, então era isso. A verdadeira razão pela qual ele estava irritado. Não era porque o amor da vida dele o deixou. Era porque ela feriu o ego dele.

Inclinei-me para frente e apoiei os cotovelos sobre a mesa.

— Ouça, companheiro. Qualquer juiz será justo com ambas as partes. Se você quiser ficar com as casas, vai precisar comprar a parte da Ava. Ninguém precisa saber. Você pode dizer às pessoas que comprou a parte dela porque valia a pena. Ninguém vai saber a verdade, a menos que procurem nos registros do tribunal.

— Para a minha sorte, eles iriam. Alguns paparazzi idiotas tentariam lucrar com o meu divórcio fazendo isso num piscar de olhos — ele gemeu.

— Então você precisa esquecer o assunto. Nós podemos lutar contra isso tudo o que você quer e ir a julgamento, o que te custará mais dinheiro. E mais tempo, o que sei que você não tem, porque você está filmando. E para finalizar, você ainda pode não gostar do que o juiz decidir.

— Eu não posso cair sem lutar.

— Eu entendo, companheiro. Mas vale a pena?

— Ela vale a pena. — Olhei para ele, que continuou. — Digo... Está bem. O que você sugere?

Eu lidava com divórcios há muito tempo. E sabia quando um ainda amava o outro, e este era um desses casos. Trent ainda amava a Ava, e sentia que quanto mais ele lutasse, mais tempo permaneceriam casados. Mesmo não estando mais juntos, essa era uma razão para eles ficarem em contato. Mesmo que fosse através de advogados.

— Bem, eu sugiro que você fique com a casa dos Hamptons, ela com a casa de campo em Lake Como, e você compre a parte dela na casa de Beverly Hills. — Inclinei-me na cadeira. — Ou você luta por ela.

Ele riu.

— Lutar por ela?

— Eu conheço vocês dois há um bom tempo. Vocês são ótimos juntos. Talvez esteja na hora de você perceber o mesmo e lutar por ela. Provar que ela é o que você quer, e não aquelas mulheres que você trepa quando você está filmando longe.

— É tarde demais para isso.

Balancei a cabeça.

— Nunca é tarde demais. Diga-me o que você quer fazer, e eu vou falar com a advogada dela.



Passei pelas portas duplas da Chandler e Patterson sem aviso prévio.

Novamente.

Eu não tinha ouvido falar da Peyton e sabia que ela não atenderia minha ligação ou marcaria

uma reunião comigo. Se eu fosse até seu escritório, ela teria que me ver, mesmo que me fizesse esperar o dia todo. Mas eu não desistiria.

Sim, eu estava desesperado.

Não só porque queria vê-la novamente. Eu queria provar a ela que não podia ser ignorado. Que não podia ignorar o que poderia acontecer entre nós.

— Estou aqui para ver a Srta. Winters. — Abri meu sorriso que sempre funcionava com as mulheres.

— Você tem hora marcada, Sr. Jameson? — Ela sorriu de volta.

Ela sabia quem eu era. Perfeito.

— Não, *amor* — respondi firme. Eu só queria ver a Peyton.

— Vou chamar a assistente dela.

Fingi estar olhando para uma arte abstrata na parede, enquanto ouvia a recepcionista ligar para Lorelei, assistente da Peyton. Se as coisas não saíssem como planejado com Peyton, eu ia ter que conquistar Lorelei. Ela me ajudaria a entrar.

— Sr. Jameson.

Virei-me e caminhei de volta para a mesa da recepcionista.

— Sinto muito, mas a Srta. Winters não está disponível.

— Ela está com cliente?

— Eu... eu sinto muito, não posso dar essa informação.

Na verdade, ela podia. Só tinha que manter o nome do cliente confidencial. Mas a julgar pela reação dela, não acho que Peyton estivesse com cliente, então decidi arriscar.

— Obrigado — falei enquanto dava a volta pela mesa dela e fui em direção ao escritório da Peyton.

— Sr. Jameson — ela gritou. Eu não parei. — Sr. Jameson!

Sorri enquanto caminhava pelo corredor. Quando me aproximei de Lorelei, ela olhou para cima de sua mesa e sorriu. Ela imediatamente me deu a impressão de saber o que tinha acontecido entre mim e Peyton.

— Não se preocupe comigo — eu disse e continuei andando.

Lorelei riu, sem dizer uma palavra. *Ela, definitivamente, sabia.*

Entrei pela porta aberta do escritório de Peyton. Ela ergueu os olhos do laptop e abriu a boca para dizer algo, mas parou ao perceber que era eu.

— Olá, linda. Saudades de mim? — Fechei a porta.

Peyton revirou os olhos.

— Você precisa parar de fazer isso.

— Fazer o quê? — perguntei, então me sentei à mesa, em frente a ela.

— Você não pode simplesmente entrar aqui quando quer.

— Mas eu entrei.

Ela revirou os olhos novamente.

— Booker...

— Você vai se arrepender disso.

— Arrepende do quê?

— De revirar os olhos pra mim.

— Estou ficando cansada deste joguinho. — Ela se recostou na cadeira e cruzou os braços. O decote da blusa evidenciou e meus olhos foram para os seus seios. Essa merda estava me deixando louco.

— Eu trouxe uma coisa. — Olhei de volta para os olhos cor de chocolate.

— O quê?

Puxei duas pequenas pilhas de papel separadas da minha pasta executiva e me levantei. Ela me observou com curiosidade enquanto eu caminhava em volta de sua mesa.

— Eu me encontrei com Trent ontem.

Seu tom mudou.

— Ok, eu estou ouvindo.

— Ele está fazendo duas propostas de acordo.

— Duas? — Ela franziu as sobrancelhas.

— Duas para a Ava escolher.

— Certo, deixe-me vê-las. — Ela estendeu a mão.

Balancei a cabeça e me inclinei em sua mesa, segurando os papéis.

— Mas eu tenho uma condição.

— O quê? — Ela riu. — Você tem uma condição?

— Tenho.

— E qual é?

Inclinei-me mais e sussurrei em seu ouvido:

— Você me dar uma chance.

— Booker...

Ainda a um centímetro de sua orelha, eu disse baixo:

— Ouça-me, linda. Se você só quer ficar comigo uma vez por mês no *Sensation*, então vá daqui a duas semanas.

— Eu não estou interessada em me juntar à sua troca de casais.

Fechei os olhos e respirei fundo. Eu precisava usar as palavras sabiamente. Levantei-me e abotoei meu paletó.

— Para participar de troca de casais, você precisaria ser íntimo da sua parceira para, consequentemente, trocar.

— O que você quer dizer com isso?

Coloquei os papéis em sua mesa, sabendo que a conversa não estava saindo do jeito que eu queria.

— Eu disse que te contaria no *Sensation*. Você tem duas semanas para decidir se quer ir. E sabe como se tornar convidada. Use o meu nome. Ou o de Ava. Eu não me importo, desde que você vá. Apareça e eu te digo o que isso significa. Se não aparecer, voltarei a ser somente o advogado adversário.

— E quanto ao seu acordo?

Caminhei em direção à porta fechada.

— Analise a proposta de acordo e veja o que Ava quer fazer. Se ela não aceitar, então vamos para o tribunal. Você sabe que eu gosto de lutar. Mas neste caso, espero que a Ava escolha ficar com o Trent.

— Ficar com o Trent?

Com a mão na maçaneta da porta, eu disse:

— Como eu, linda. Quando ele quer uma mulher, ele é persistente.



Duas semanas se passaram e continuei sem ter notícias da Peyton. Eu estava começando a sentir que essa era uma batalha perdida e estava perdendo a esperança. Também não tinha tido mais notícias do Trent, o que me fazia presumir que Ava não tinha tomado sua decisão.

Trent propôs o que sugeri sobre dividir as duas casas e comprar a parte de Ava, da casa em que moravam juntos em Beverly Hills. Ele também estava pedindo outra chance a Ava. Uma proposta era a defesa propriamente dita, e a outra era uma carta para Ava. Se ela escolhesse a última, Peyton precisaria preparar um pedido de desistência e encerramento para eu assinar e depois apresentar ao tribunal.

Se Ava e Trent estivessem juntos essa noite, eu teria essa resposta. E se Peyton aparecesse, também teria essa resposta.

— Vamos juntos hoje à noite?

Olhei para a porta do meu quarto e vi Carrie no limiar. Ela estava usando um casaco preto. Eu sabia, pelos anos de convivência, que ela estava vestindo apenas lingerie por baixo do casaco. Arrumei os punhos da manga do meu smoking quando me virei.

— Não vamos sempre?

— O que acontecerá se aquela mulher for hoje à noite?

— Como assim?

— Você gosta dela.

— Gostei de muitas mulheres antes — esclareci.

Ela balançou a cabeça.

— Assim não. Normalmente, elas é que correm atrás de você, não o contrário.

— Quem disse que estou correndo atrás dela? Ainda nem conversamos sobre isso.

— Porque você me deixou de fora desde a última festa — ela reclamou.

— Exatamente, então como descobriu que estou correndo atrás dela?

— Eu conversei com Amelia.

Caminhei até a porta.

— *Eu* nem sequer falei com Amelia.

— Mas você conversou com o Randy — Carrie disse, me seguindo pelo corredor.

Eu devia ter adivinhado. Carrie e eu éramos tão próximos quanto Randy e Amelia. No entanto, eles não eram casados ou mesmo namoravam. Amelia era casada com outra pessoa e tinha filhos. Carrie provavelmente cuspiu para Amelia, que ligou para o Randy e fofocou, já que trabalhamos juntos, e ele poderia descobrir essas merdas para elas.

— Olha, se Peyton for hoje à noite, pegue uma carona. Eu não estou correndo atrás dela, mas se ela aparecer, pode ser que dê em algo.

— Eu poderia ajudar, você sabe.

Parei de andar e me virei de frente para ela.

— Acho que você já ajudou bastante, *amor*.

Ela revirou os olhos, mas meu pau nem se abalou dentro da calça. Ele só desejava aquela morena.

— Por *nós*, espero que ela te dê uma chance.

— Nós vamos superar, mas primeiro ela precisa aparecer.



Estava dentro da minha Mercedes na calçada circular do *Sensation*. Estávamos na fila para entrar há vinte minutos, e eu estava mais nervoso do que a primeira vez que participei do clube. Naquela noite eu não tinha ideia do que esperar. Fui convidado por um colega que tinha usado dinheiro que recebeu de herança para se tornar membro. Não é todo dia que te convidam para participar de uma festa de sexo, e de alguma forma, meu colega sabia que eu toparia. Quem não toparia estar em uma mansão em Beverly Hills com pessoas transando em todos os lugares?

Naquela noite, eu só observei. Tinha meus vinte e poucos anos e sabia exatamente o que queria dizer quando as pessoas falavam: “Como uma criança numa loja de doces.”. Esse era eu. Cheguei em casa e me masturbei até o sol nascer. Não conseguia tirar as imagens da minha cabeça: mulheres juntas, homens juntos, ménages, sadomasoquismo...Tudo o que se pode imaginar, eu, provavelmente, vi naquele dia ou passei a ver, desde então.

Agora eu era sócio do clube e, claro, também coloquei a Carrie como sócia. Ela ainda era convicta de que nunca se casaria — apesar de as leis terem mudado —, então eu a trazia para comer todas as bocetas que ela desejasse. Nos associamos e começamos pelo nível Rubi. Naquela época custava quinhentos dólares por mês. Agora, eu não fazia a mínima ideia de quanto custava, mas ao longo dos anos eu pude me dar o luxo de fazer um *upgrade* e me tornar membro Diamante. Verdade seja dita, quando me tornei membro Diamante, era muito mais barato do que agora.

— Se ela não aparecer, pelo menos curta a noite, Booker — disse Carrie do banco do passageiro quando o manobrista se aproximou.

— Eu vou, querida. Não se preocupe comigo.

— Eu me preocupo.

Segurei a cabeça dela com as duas mãos e a puxei para mim, para dar um beijo na testa dela.

— Vá comer algumas bocetas.

Ela riu e me empurrou quando os manobristas abriram as portas. Quando já estávamos fora do carro, pisquei para Carrie e ela enganchou o braço no meu. Subimos as escadas de tapete vermelho, juntos. Depois de Luke verificar nossos nomes na lista — sempre estavam —, entramos e Carrie verificou o casaco.

— Como saberei se vou precisar de carona? — ela perguntou.

Essa era uma boa pergunta. Geralmente, nos encontrávamos aqui na saída e íamos juntos para o carro. Esfreguei a parte de trás do pescoço.

— Que tal se você pegar uma carona e eu te encontrar em casa?

Ela ficou na ponta dos pés e beijou meu rosto.

— Combinado. Mais uma vez, espero que ela apareça.

Eu, com certeza, também esperava.



Normalmente, eu tinha um plano. Tomava um drinque, encontrava uma mulher em forma e fazia as minhas coisas. Às vezes a gente ficava assistindo os outros para que ela pudesse ficar excitada, ou ela me daria um boquete na frente das pessoas, o que parecia excitar algumas mulheres. Eu nunca me importei. Outras vezes eu ia para o meu quarto para apreciar a vista de Los Angeles ao longe, quase como se eu precisasse colocar meus pensamentos em ordem.

Essa noite era diferente.

Eu tinha um plano, mas que não envolvia apenas encontrar alguém para transar. Essa noite eu ia andar por aí, à procura da Peyton. Parei e conversei com pessoas que eu conhecia, tomei um drinque, mas cada segundo eu olhava pelo ambiente, entre as mulheres, tentando encontrá-la.

Carrie estava certa. Eu nunca tinha agido assim antes, com uma mulher. Peyton era o fruto proibido, e uma vez que eu a provei, estava prestes a ser expulso do jardim. Eu sabia que era errado, Peyton sabia que era errado, mas quando se é proibido de fazer algo, mais você quer fazer.

A noite estava em pleno andamento, e quanto mais eu andava, mais pensava que Peyton não apareceria. Eu não a culpava. Ser casado era empecilho para se começar qualquer relacionamento, mas eu tinha as minhas razões e queria dividir com ela. Se ainda assim, ela não quisesse ter nada comigo, então eu a deixaria em paz. Boceta não era problema para mim. A diferença é que com a Peyton era mais do que sexo e eu queria explorar essa coisa com ela.

Meu olhar caiu sobre um sofá e vi um homem nu, o pau dele dentro de uma mulher e outra montada em seu rosto. Compartilhar não era a minha praia, mas a cena estava me deixando excitado. Já tinha um mês que eu não fodia, e esse não era o meu normal. Claro que eu vinha ao *Sensation* por causa do sexo, mas aqui não era o único lugar que eu transava. As mulheres que eu fodia fora do *Sensation* não curtiam, necessariamente, as mesmas coisas que eu, e, aqui dentro, eu poderia encontrar alguém para me ocupar com o que eu fantasiasse.

— Estou surpreso por você não estar no seu quarto.

Virei a cabeça e vi o Randy encostado mesma parede que eu.

— Ninguém para levar até lá — respondi.

Ele sorriu.

— Book, tem um monte de mulheres aqui em volta que você poderia levar lá para cima.

— Não a que eu quero.

Ele riu.

— Ah, cara, você foi pego de jeito.

Fui mesmo.

— Que seja. Estou só esperando para ver se ela aparece, está bem?

— Você quer dizer, ela?

Olhei para onde ele apontava, perto da janela que dava para a piscina. Estávamos aproximadamente uns cinco metros de distância do outro e pessoas estavam ao redor. No momento em que meu olhar bateu nela, meu pau contraiu. Ela estava rindo com a Ava. E elas estavam sozinhas.

Elas estavam sozinhas...

Será que Ava decidiu continuar com o processo de divórcio? Peyton veio por minha causa ou como convidada da Ava para encontrar outra pessoa? Pensei que assim que visse a Peyton, saberia o que ia acontecer. Agora, eu ainda não fazia a porra da menor ideia.

Sem dizer uma palavra, dei dois passos em direção a elas e parei. Jason *Filho da Puta* Black se aproximou e entregou uma bebida a Peyton. Vi como seu rosto se iluminou e ela sorriu para ele, me causando uma dor no peito. Literalmente. Comecei a massageá-lo para acalmar a dor.

— É melhor você ir rápido até lá. Ouvi dizer que Jason coloca merda nas bebidas das mulheres — disse Randy ao meu lado.

— O quê? — perguntei, virando a cabeça para olhar para ele. Isso era contra as regras do *Sensation*, e ele poderia ser expulso por fazer isso.

— Ele contou ao Cole que era assim que conseguia fazê-las se soltarem para fazer DP nelas.

— O quê?

— Dupla penetração.

— Eu sei o que significa, mas por que diabos ele faria isso?

— Alguns homens são doentes.

Vi quando Peyton olhou para o copo, em seguida brindou com Jason. Corri feito louco até eles e assim que o copo encostou-se aos lábios dela, eu o afastei. A multidão ao nosso redor ficou em silêncio, e eu olhei para Jason.

— Que porra é essa, cara? — perguntou.

Peguei o copo com o líquido vermelho e o empurrei na cara dele.

— Que tal você tomar um gole?

Ele expressou desaprovação.

— Eu peguei a bebida para Peyton.

— O que você está fazendo, Booker? — Peyton perguntou ao meu lado. — Devolve a minha bebida.

— Não — falei curto e grosso. — Eu quero que o Jason tome um gole primeiro.

— Cara. — Ele franziu as sobrancelhas. — Devolve a bebida da dama.

Fiquei com o rosto a um centímetro do dele.

— Não, até que você tome um gole.

Peyton puxou meu braço.

— Booker. Por favor.

— Linda — sibilei. Não tinha mais o que dizer enquanto eu olhava Jason nos olhos.

Ele deu um passo atrás e voltou a olhar para ela.

— Vou pegar outra.

— O inferno que você vai. — Agarrei a camisa branca do smoking com a mão livre.

— Por que você está agindo assim? — perguntou Peyton.

— Você deve perguntar isso a esse idiota.

Ele me olhou sem falar nada. Eu o encarei em silêncio, pedindo-lhe para contar a verdade.

— Quer me enfrentar no mano a mano? — Jason se atreveu.

Ri alto.

— Você quer lutar comigo?

— Não vai ter luta nenhuma. Booker, solte-o. Você está fazendo cena e chamando atenção. —

Peyton puxou o braço que ainda segurava o copo.

— É melhor eu fazer uma cena do que você não se lembrar dessa noite.

Seu puxão abrandou.

— O quê?

Dei um passo mais perto de Jason, meu peito encostando-se ao dele e sussurrei:

— É isso mesmo, filho da puta. Eu sei o que você faz, e não vai fazer isso com a minha garota.

Ele riu e se afastou do meu agarre.

— Sua garota? Nós estávamos começando a nos familiarizar. Parece que ela não te escolheu.

Meu punho cerrou forte na camisa dele.

— Acha mesmo que eu vou deixá-la em qualquer lugar perto de você de agora em diante?

Eu sei, cara. Eu sei! — Empurrei o copo na frente do rosto dele.

— Eu não tenho que lidar com essa merda. Ela é toda sua.

Sim, ela é.

Ele tentou se libertar da minha mão, e eu o soltei. Andei até a porta, joguei o líquido fora e coloquei o copo vazio em uma bandeja preta. Todos os olhos estavam em mim, incluindo Randy que tinha se aproximado em algum momento.

— Ele ia me drogar? — Peyton sussurrou quando me aproximei dela novamente.

Suspirei.

— Ia, linda. Esse é o *modus operandi* dele.

Ela se sentou em uma cadeira e eu me ajoelhei na frente dela.

— Está tudo bem.

— Não está tudo bem — afirmou. — Nunca imaginei que isso pudesse acontecer em um clube privado.

— Nem eu, mas aparentemente ele faz esse tipo de merda, colocando alguma coisa na bebida das mulheres para que elas façam o que ele quiser.

Ava se aproximou e deu um tapinha no meu ombro.

— Obrigada, Book. Estou indo encontrar o Trent.

Virei a cabeça na direção dela.

— Está?

Ela sorriu.

— Sim. Depois do seu encontro com a Peyton, eu disse que o encontraria para que pudéssemos conversar.

Isso significava que eles, provavelmente, se reconciliariam e não importava mais, para eles, se eu estava com a Peyton.

— Gostei de ouvir isso — sorri.

Ela sorriu de volta antes de se afastar. Meu olhar desviou para o Randy, que acenou e se afastou também.

— Então você não teve que me procurar muito — eu disse, olhando nos olhos cor de chocolate da Peyton.

— Te encontramos há cinco minutos, mas você estava absorto no show. — Ela acenou com a mão na direção do sofá, onde o trio ainda estava firme e forte.

Quando a olhei de volta, estiquei o braço e passei o polegar pelo lábio inferior dela.

— Eu estava pensando em você.

Ela sorriu.

— Você quer conversar agora?

Sorri de volta. — Bem, prefiro fazer outras coisas.

Ela revirou os olhos. *Quantas vezes ela já tinha feito aquilo? A bunda dela era minha.*

— Eu só vim porque a Ava disse que não sabia que você era casado. Se ela não sabia, então significava que poderia haver uma boa razão.

Ótimo, agora Ava sabia que eu era casado.

— Você contou a ela sobre nós?

Ela balançou a cabeça ligeiramente.

— Não entrei em detalhes e esperei até ela decidir sobre o que fazer com o Trent. Parece que não vamos mais representá-los, então perguntei se ela conhecia a sua esposa. Ela disse que não. Por isso, aproveitei a chance e perguntei se poderia vir como convidada dela de novo porque eu precisava falar com você.

Bem, Ava conhecia a minha esposa, mas eu não ia corrigir a Peyton.

— Ok, vamos para o meu quarto conversar. — Levantei-me e estendi a mão.

Ela franziu as sobrancelhas.

— Seu quarto?

— O que estávamos na última vez — esclareci.

Ela parou. — Como assim, seu quarto?

— Todos os membros Diamante têm um quarto.

Ela piscou.

— Você paga vinte mil por mês em um clube de sexo?

Agarrei a mão dela, precisando sentir sua pele macia na minha.

— Não, linda. Quando me tornei membro Diamante, era a metade disso.

— Dez mil — ela sussurrou. — Por uma noite por mês.

Inclinei-me e sussurrei no ouvido dela:

— Na verdade, eu ganho muito dinheiro vindo aqui. Muitos dos meus clientes são membros.

— E a sua... hum, esposa?

Dei de ombros.

— Ela tem dinheiro. — Quando o pai de Carrie faleceu, ela herdou um belo seguro de vida porque os pais eram divorciados e ela era a única beneficiária.

— Mas...

— Vamos lá para cima, onde é tranquilo para que eu possa explicar.

Vi sua garganta engolir antes de ela sussurrar:

— Tudo bem.



Subimos as já familiarizadas escadas que levam ao meu quarto no *Sensation*. Eu o tinha usado muitas vezes, mas desta vez era diferente. Nós íamos *conversar*. Quem conversava em um clube de sexo? Eu não me importava. Peyton precisava saber a verdade, e eu ia contar o que ela quisesse saber. Eu confiava nela.

Enquanto subíamos as escadas, olhei a sua bunda, finalmente notando como ela estava vestida. Antes eu não tinha notado qualquer coisa, exceto o copo de álcool que estava ameaçando ferrar a minha garota. Mas agora, enquanto olhava aquela bunda num vestido turquesa justo, meu pau despertou. E não despertou apenas por causa daquilo. Não. O vestido era aberto na parte de trás, com caimento até pouco acima do topo do seu traseiro. *Porra, ela ia me matar.*

Assim que passamos por algumas portas, Peyton parou.

— Por que na outra você checou todas as portas para ver se estavam abertas, se tem o próprio quarto?

Olhei para o teto creme e passei a mão livre pelo rosto.

— Eu nunca esperei que houvesse mais de uma noite entre nós. Não queria que você soubesse, então fingi que não sabia para onde te levar.

Um mês atrás, quando a levei para o meu quarto, pensei que seria apenas sexo. Eu não me importava se ela soubesse que eu gostava de transar com mulheres aqui em cima. O que se passava por trás das portas do *Sensation*, ficava aqui. É claro que, quanto mais eu pensava que se as coisas não progredissem hoje à noite, poderia ser um pouco estranho no tribunal. Só ia pensar em como agir, quando chegasse a hora.

— Parece que há muita coisa que você não quer me contar.

Puxei-a pela mão e coleí meu corpo ao dela.

— Tinha, linda. *Tinha* muita coisa que eu não queria te contar.

Ela me olhou nos olhos.

— Você vai me contar tudo?

— Vou contar qualquer coisa que você queira saber — respondi, olhando em seus lábios rosados.

Lábios que eu queria provar novamente.

Lábios que eu sonhei.

Lábios que eu queria em volta do meu pau.

Mas resisti e me virei para continuar andando até o meu quarto, sua mão ainda na minha. Deixei Peyton entrar antes de mim.

— Você decorou esse quarto? — ela perguntou, olhando em volta como se nunca tivesse estado aqui.

Abri um sorriso.

— Não. Alugo apenas para passar a noite.

— Esse é um pagamento caro pela hora do quarto. — Ela riu.

— Vale a pena cada centavo para que eu possa...

— Para que você possa o quê? — ela perguntou.

Passei a mão pelo pescoço.

— Nada.

— Booker. Me conta.

— Para que eu possa estar com você novamente.

Ela não disse nada enquanto lentamente piscou.

— Viu? Estúpido — admiti.

— Eu só não entendo.

— Vamos sentar na cama e vou te contar o que você quer saber. — Andei os dois passos até o pé da cama king size e sentei, esperando que ela fizesse o mesmo. Ela mordeu o lábio, hesitando, então resolveu me seguir e sentou ao meu lado. Ela virou para ficar de frente para mim e nossos joelhos se tocaram.

— Por onde você quer começar? — perguntei.

— Acho que devemos começar pela grande questão.

— Qual é? — Eu sabia qual era, mas antes de abrir a boca, queria ter certeza.

— Como você justifica ser casado e pensar que eu estaria bem com isso?

— Bem, não achei que você ficaria bem com isso, por assim dizer.

— Não estou. — Ela balançou a cabeça.

— Você promete manter o que eu te contar, entre nós? — Estendi a mão e segurei a dela.

— A quem eu contaria? Não planejo arruinar minha carreira.

— Isso não é exatamente o que quero dizer.

— O que é então?

Eu ia colocar tudo pra fora. A situação era pegar ou largar.

— Carrie e eu somos casados, mas não é um casamento tradicional.

Ela inclinou ligeiramente a cabeça, como se estivesse processando o que eu disse.

— Isso quer dizer que ser promíscuo e fazer sexo aqui, está tudo bem para vocês?

Eu gargalhei.

— De certa forma.

— De certa forma?

Respirei fundo.

— Eu vim para os Estados Unidos com visto de estudante. — Ela franziu as sobrancelhas. — Depois da faculdade, eu tinha que voltar para Leeds, mas não queria, e Carrie também não queria que eu voltasse, então criamos um plano.

— Se casarem? — perguntou Peyton.

Fiz que sim com a cabeça.

— Sim, nos casamos na semana seguinte no cartório, e com isso consegui o Green Card.

Ela ficou em silêncio, olhando para mim com aqueles lindos olhos castanhos.

— Então você só está casado para poder permanecer nos Estados Unidos?

Assenti.

— Certo. Isso eu entendo, mas por que a Carrie?

Sorri.

— Porque ela é minha melhor amiga e nós dois gostamos de boceta.

Peyton arregalou os olhos.

— Ela é lésbica?

Balancei a cabeça novamente.

— Mas casamento entre mulheres é permitido — ela respondeu.

— Agora sim, mas não há nove anos.

— Você é casado há nove anos? — exclamou ela.

— Porra, eu acho que sim. — Sorri.

— Mas há quatro ou mais, casamento entre pessoas do mesmo sexo foi legalizado na Califórnia.

— Sim...

— E você ainda está casado.

— Você quer que eu seja deportado? — brinquei. Não seria esse o caso. Eu pediria para me tornar cidadão americano antes de isso acontecer.

Peyton riu.

— Não, mas você está me dizendo que Carrie não encontrou alguém ainda?

Dei de ombros.

— Ela já teve relacionamentos, mas a maioria não vive o mesmo estilo de vida.

— Você quer dizer sobre querer ir a um clube de sexo?

Balancei a cabeça.

— Sim, ou não podem se dar ao luxo de se tornarem membros como ela.

— Certo...

— Quero dizer, ela já trouxe mulheres aqui antes, mas geralmente ela gosta só de se divertir.

— Ou ela não quer ter um relacionamento sério por sua causa.

— O quê? — perguntei e pisquei. Será? Eu sempre presumi que Carrie era feliz dessa forma.

Peyton deu de ombros.

— Eu não sei o que faria no lugar dela, mas imagino que deva ser difícil ter um

relacionamento sério com alguém se você não tem perspectiva. Especialmente quando se é casada e em segredo.

E se eu estivesse privando Carrie de ser feliz? Eu era um babaca egoísta.

— Ela nunca disse nada que me fizesse pensar o contrário.

— Quem sabe ela não consiga?

— Vou conversar com ela. Na pior das hipóteses, tento me tornar cidadão americano. Já tive Green Card tempo suficiente.

— Ok, então seu casamento é uma farsa. O que mais?

O que mais?

Eu queria beijá-la — *muito* —, isso era o que *mais* . E foi o que eu fiz. Inclinei-me para frente, meus lábios caindo em cima dos dela. Ela não se afastou, então deslizei a língua para fora, buscando aprovação. Ela abriu a boca e, finalmente senti o gosto dela. Era uma mistura de hortelã e champanhe, e tinha um sabor divino. Segurei seu rosto com as duas mãos e as deslizei até os cachos soltos. Minha mão roçou o laço do vestido frente única.

Porra, eu ansiava por ela.

— Isso é o que *mais* . Todas as vezes que te vi, desde o mês passado, eu queria sentir seus lábios nos meus novamente, linda — eu disse quando precisei respirar.

— Eu queria você — ela respondeu ao abrir lentamente os olhos.

— Você me fez passar maus bocados — eu a lembrei.

— Eu tive que fazer — ela riu. — Eu estava magoada.

Segurei-a pela bochecha e olhei diretamente em sua alma.

— Eu nunca faria isso de propósito. Sinto muito, de verdade, por Carrie ter falado daquela forma.

Peyton olhou para baixo, nos nossos colos, sem dizer nada.

— Podemos esquecer que parte daquela noite aconteceu e ver onde isso vai dar?

Ela me olhou de volta, minhas mãos ainda segurando seu rosto.

— Onde isso vai dar?

Eu sorri.

— Agora que você sabe o meu segredo, podemos ficar juntos. — Beijei seus lábios suavemente, depois tirei as mãos do rosto dela para segurar as mãos novamente.

— Booker. Já é ruim o suficiente termos alguma coisa aqui. Você está falando fora das paredes confidenciais do *Sensation*?

— Ninguém precisa saber. Se eu consigo ser casado e ninguém sabe, tenho certeza de que posso manter nossa relação em segredo.

— Eu não sei... — Peyton falou, duvidosa.

— Eu quero você, Peyton. Quero muito. Nossos trabalhos não devem ser impedimentos para isso.

— Nós dois estudamos muitos, nos especializamos, fizemos prova rigorosa na Ordem, tudo para nos tornarmos advogados. Você tem certeza de que quer arriscar?

— Por você? Sim. Tenho.

— Se você realmente quer um relacionamento comigo, por que não se retira dos casos que temos contra o outro e faz as coisas do jeito certo?

Respirei fundo.

— Eu faria isso. Faria num piscar de olhos, mas estou a um passo de conseguir aquela sociedade e preciso desses casos. Você quer se retirar?

Ela pensou por um momento.

— Eu também preciso desses casos.

— Vamos deixar rolar por alguns meses até eu me tornar sócio. Então eu me retiro.

— Ok — ela concordou. — Mas o que vamos fazer se um de nós dois arrumar um cliente e a outra pessoa já for o advogado adversário?

— Nós não aceitamos o caso. É um conflito de interesses.

— E você faria isso, mesmo que significasse não se tornar sócio?

Aquela era uma pergunta válida. E se Peyton e eu não déssemos certo? Eu arriscaria a possível sociedade para ficar com ela?

— Podemos deixar para pensar nisso quando e se chegar o momento?

— Podemos. Vai ser incrível se você se tornar um sócio efetivo.

Abri o meu sorriso arrogante.

— Eu vou conseguir.

Ela riu.

— O mesmo Booker de sempre.

— Admita. Você sentirá falta de brigar contra mim no tribunal.

Peyton bufou.

— Vou sentir falta de chutar a sua bunda.

— Agora você pode fazer outras coisas com ela.

Nós nos encaramos por alguns segundos e depois caímos na gargalhada. Por fim, perguntei:

— Tem mais alguma coisa que você queira discutir?

— Tem mais uma coisa que me ocorreu. — Observei-a sair da cama e se ajoelhar aos meus pés. O vestido subiu até as coxas e respirei fundo. Todo riso tinha morrido e fiquei instantaneamente duro com a visão dela de joelhos. — Nunca nenhum homem me protegeu como você fez lá embaixo.

Olhei para baixo, em seus olhos castanhos, enquanto ela olhava de volta para mim, a mão no botão da minha calça.

— Eu quero matar aquele idiota — confessei.

— Eu não posso te deixar fazer isso. — Ela sorriu. — Senão, como eu iria te agradecer?

— Agradecer a mim, como?

Sem uma palavra, Peyton desabotoou a calça do smoking preto e depois, lentamente, a abriu. Inclinei-me para trás, apoiando-me nas mãos, e vi seu sorriso perverso ampliar quando ela alcançou meu pau e o agarrou. No instante em que a sua mão quente envolveu meu comprimento, eu gemi. Eu senti falta dessa mulher durante um mês, e, finalmente, sua mão estava em mim.

— Gosto desse seu jeito de pensar — eu disse.

— Ah, é? — ela perguntou antes de sua cabeça descer até o meio das minhas pernas. A boca quente envolveu meu pau, e o calor causou calafrios na espinha. Eu já tinha recebido muitos boquetes, mas a Peyton me chupando, era muito mais prazeroso. Eu não conseguia tirar os olhos dela, maravilhado de como ela me lambia, chupava e envolvia meu pau em sincronia com a boca.

— Linda — avisei. — Eu vou gozar, e prefiro fazer isso com a sua boceta em volta do meu pau.

Ela levantou a cabeça, e seus olhos encontraram os meus. Um som de estalo encheu o ambiente quando a boca saiu do meu pau.

— Temos toda a noite, não é?

— Temos mais do que essa noite — esclareci.

— Então me deixe fazer isso. Venho pensando nisso há muito tempo.

Abri um sorriso

— Vem?

— Sim, mas só porque sei que você vai devolver o favor. — Ela sorriu.

— Vou fazer mais do que comer a sua boceta, baby.

— Que bom. — Peyton voltou a boca para meu pau.

Contornando os lábios sobre a cabeça, ela chupou e depois deslizou a língua para baixo, na parte inferior do meu membro sensível, ainda pulsando excessivamente. Minhas mãos agarraram a colcha, e eu mordi o lábio para tentar abafar o gemido. Ela voltou a acariciar e me chupar.

— Peyton, devagar. Não vou durar muito mais tempo.

Mas a minha mulher me ignorou. Em vez disso, chupou mais forte, consumindo meu pau da ponta à base. Estremeci com outro gemido e gozei no fundo da garganta delicada.

— Oh, meu Deus, Peyton.

Depois que engoliu tudo, outro som de estalo fez meu pau aparecer. Ainda estava duro.

— Agora é a minha vez. — Sorri.

Levantei-a do chão e a coloquei em cima de mim, então acariciei as coxas nuas. Quando subi a mão até a bunda empinada, senti sua pele lisa.

— Sem calcinha essa noite?

Peyton deu uma risada na curva do meu pescoço.

— Não, você tem o hábito de roubá-la.

Eu sorri.

— Só foi uma vez. Como isso é um hábito?

— Apenas um palpite. E mais, ouvi que aqui calcinhas não são necessárias.

— Não, linda. Não são. Elas só atrapalham. — Ela veio ao *Sensation* sem calcinha. Isso significava que ela sabia o que ia acontecer entre nós? Mesmo que meu casamento não fosse uma farsa?

— Eu tenho mais uma pergunta.

— Só uma? — Sorri.

— Por enquanto.

— Qual é? — perguntei enquanto acariciava a bunda dela.

Ela levantou um pouco para me olhar nos olhos.

— Se você é o único que usa esse quarto, por que tem uma tigela gigante cheia de preservativos na mesa perto da lareira?

Afastei a cabeça para trás, surpreso com a pergunta. Não que eu não fosse responder. Mas porque não esperava essa pergunta. Dei uma risada quando respondi.

— Porque estamos em um clube de sexo.

— Sim, mas se você é o único que usa esse quarto, então por que tem mais do que algumas? Não é como se você tivesse dias para usá-los.

— Eu não as uso só nesse quarto. Além disso, acho que pensaram que seria mais bonito do que ter uma caixa de preservativos em cima da mesa quando decoraram o quarto. — Dei de ombros.

Minha resposta a fez rir.

— Preservativos como decoração? Isso é engraçado.

Sorri de volta.

— Eu realmente não tenho outra resposta para você.

— Mas você não usa todos, né?

— Acho que meu pau cairia por excesso de uso, se eu acabasse com todas as camisinhas.

— Oh. — Ela riu.

— Falando nisso, está na hora de usar uma.

— Sr. Romântico — Peyton brincou.

Eu rapidamente me levantei e a virei de costas. Ela gritou quando fiquei em cima dela, mas a silencieei com a minha boca. Suas pernas engancharam em volta do meu quadril, e eu me esfreguei nela enquanto acariciava sua perna macia. Nós nos encaixávamos perfeitamente.

Peyton gemeu em minha boca enquanto minha mão continuava subindo pela coxa, buscando aquele ponto que eu sabia que estava pulsando. Rolei para o lado, cobrindo apenas metade do seu corpo com o meu, e continuei minha jornada, encontrando a boceta lisa, molhada e inchada. Meu pau estava ainda mais duro, e eu ansiava enterrá-lo profundamente nela outra vez. Meus

dedos encontraram o tesouro, e eu sorri em sua boca.

Deslizando os dedos pela abertura, sua excitação os revestiu, o peito arfando enquanto devorava minha boca com mais agressividade. Ela parecia estar tão faminta por mim quanto eu por ela, e devolvi os beijos ao mesmo tempo em que enfiava os dedos em sua boceta. Ela gemeu novamente na minha boca enquanto meus dedos trabalhavam dentro dela. As pontas dos seus dedos corriam para cima e para baixo nas minhas costas, causando estremecimento diretamente no meu pau, fazendo-o pulsar de necessidade. Não importava que eu tivesse gozado em sua boca apenas dez minutos antes. Eu estava pronto novamente.

Deslizei os dedos para fora e Peyton interrompeu nosso beijo. Antes que ela pudesse dizer uma palavra, minha mão continuou a descer, deslizando sobre o períneo, e ela respirou fundo.

— Shhh — sussurrei, então grudei a boca em seu pescoço, lambendo a pele para sentir seu gosto, necessitando ter o corpo todo em cima do dela. Seus braços ficaram apertados em volta de mim quando forcei o local específico enrugado.

— Ah, porra — ela sibilou.

Meu dedo rodeou o buraco e eu sussurrei no seu pescoço.

— Você gosta disso?

Molhei o dedo novamente com sua excitação e o deslizei de volta para trás, aumentando a pressão e fazendo-a gemer.

— Eu... eu não sei.

Tudo parou e levantei a cabeça para olhar em seus olhos.

— Você nunca fez isso antes?

Ela balançou a cabeça.

— Não.

Sorri.

— Eu queria comer sua bunda desde que a vi pela primeira vez.

Ela encarou meus olhos azuis e molhei o dedo novamente antes rodear a carne doce enrugada. O dedo deslizou um pouquinho para dentro, buscando aprovação. Ela respirou fundo, em seguida, sussurrou:

— Tudo bem.

Senti a pequena abertura relaxar, permitindo meu dedo deslizar um pouco mais. Suas mãos me soltaram para agarrar o lençol enquanto inclinava a cabeça para trás, expondo a garganta, à qual agarrei e suguei, enquanto meu dedo empurrava e recuava, em seguida empurrava um pouco mais.

— Oh, Deus — ela gemeu.

— Está gostoso?

— Sim. — Ela tomou fôlego. — Não pare.

Ela era tão apertada. Continuei trabalhando meu dedo mais e mais.

— Espera aí — eu disse e me levantei.

— Espera — Peyton protestou.

— Um segundo. — Abri a gaveta de cima da mesa de cabeceira e peguei o frasco de lubrificante.

— Oh — ela disse, olhando para mim.

Eu não disse nada quando deitei ao seu lado novamente e revesti o dedo com o lubrificante. Ela abriu as pernas, inclinou os quadris para cima, e eu voltei a mão à borda enrugada.

— Me dá sua boca de novo, linda — eu disse e a beijei novamente. Eu queria que ela se concentrasse na minha língua enquanto eu deslizava o dedo centímetro por centímetro. Ela gemeu na minha boca enquanto meu dedo a distendia. Assim que estava totalmente dentro, adicionei outro lentamente.

— A sensação é boa? — perguntei ao interromper nosso beijo.

Ela hesitou antes de responder.

— É. Eu quero mais.

Sorri para ela.

— Não precisa pedir duas vezes.

Levantei-me e rapidamente descartei as roupas enquanto Peyton tirava o vestido e o jogava no chão. Depois de pegar um preservativo e colocar o lubrificante ao meu alcance, sentei no final da cama, com os pés no chão. Passei lubrificante no meu pau e fiz sinal para ela ficar por cima dos meus quadris.

Ela piscou.

— Você vai estar no controle — esclareci. Já que era a primeira vez dela, eu a queria ditando o ritmo.

Um pequeno sorriso enfeitou seus lábios, e ela fez o que eu queria. Ficamos cara a cara, apenas um centímetro de distância. Enquanto ela abaixou no meu pau, nossos olhares se prenderam. Separei bem suas nádegas enquanto ela descia, a respiração ficando mais ofegante, então para deixá-la mais excitada, desci a mão entre nós e circulei o clitóris com o polegar. Ela gemeu e continuou deslizando. *Caralho, ela era apertada.* Quanto mais meu pau a penetrava, mais eu gemia, porque a sensação era fenomenal. O pensamento de ir onde nenhum homem tinha ido antes estava fazendo minhas bolas comprimirem, e eu estava a ponto de gozar antes que ela estivesse totalmente sentada.

— Você está bem? — perguntei, precisando me concentrar em suas palavras, em vez do jeito que ela estava me fazendo sentir.

— É apertado, e realmente não é a melhor sensação.

— Continue — insisti. — Quando entrar tudo você vai entender.

Ela balançou a cabeça e subiu ligeiramente e depois baixou novamente. Nossos olhos ficaram fixos no outro. Eu jamais tinha me sentindo tão consumido por uma mulher como estava sendo nesse exato momento pela Peyton. Ela se levantou de novo, e desta vez adicionei mais lubrificante antes de ela descer o corpo. Isso a fez penetrar completamente.

— Você está bem? — perguntei novamente.

— Estou — ela tomou fôlego e começou a deslizar para cima e para baixo.

Voltei o polegar para o clitóris, circundando-o, e seus gemidos encheram o quarto.

— É isso aí, baby.

— É tão... gostoso — ela ofegou.

Eu gemi em resposta, e quanto mais ela cavalgava meu pau, mais nossas respirações ficavam ofegantes. Nós dois estávamos cada vez mais perto do limite, e sem que eu percebesse, meus quadris estavam empurrando para cima, encontrando os movimentos dela. Minha mão esquerda saiu do clitóris, e com as duas agarrei sua bunda, cada mão em uma nádega, separando-as mais uma vez. Porra, ela estava linda. A pele ruborizada e o rosto com uma expressão de puro êxtase. Ela era absolutamente linda, especialmente enquanto cavalgava meu pau. Peyton jogou a cabeça para trás enquanto eu usava os braços para deslizá-la para cima e para baixo. Minha boca grudou em sua garganta exposta e eu a chupei.

— Eu vou gozar — ela engasgou.

— Goza, baby — gemi, estocando mais forte.

E então ela se desfez. O ânus contraindo em volta do meu pau. Enquanto gemia seu êxtase, ela descansou a cabeça no meu ombro e o som do seu gozo foi o suficiente para eu segui-la.

Ela não se mexeu. Eu não me mexi. Depois de alguns minutos, nossa respiração voltou ao normal e ela saiu de cima de mim.

— Então, o que achou?

— Você não percebeu? — Ela sorriu.

Eu sorri.

— Percebi, apenas queria ter certeza.

Um rubor subiu em seu pescoço e me inclinei colando os lábios nos dela.

— Venha, vamos tomar banho. — Peguei sua mão e nos levantamos. Então a levei para o banheiro e no chuveiro nos lavamos e curtimos.

— O que significam as suas tatuagens? — ela perguntou, passando o dedo pelo meu peitoral esquerdo.

Olhei para baixo, para o meu peito molhado.

— É o nome da minha filha numa escrita chinesa.

— O quê? — ela gritou.

— Brincadeira. — Sorri. — É o nome da minha avó. Eu cresci com ela e éramos muito próximos, e ela faleceu há cinco anos.

— Oh, eu sinto muito.

— Obrigado. Eu fiz as rosas porque eram sua flor favorita, e o nome dela nas nuvens, já que ela está no céu.

— Isso é tão doce.

— Doce como você. — Beijeí seus lábios e depois fiz outras coisas com ela sob a água morna. Eu não queria falar da minha avó quando estava com a mulher mais linda, e nua, na minha frente.



Peyton

Se você tivesse me perguntado dois meses atrás, quem eu imaginaria estar namorando, jamais teria respondido Booker Jameson. *Nem em um milhão de anos.* Sempre que o via, ele era arrogante, egocêntrico e presunçoso. Na verdade, eu odiava vê-lo semanalmente, ou às vezes diariamente, no tribunal. Mesmo quando não estávamos advogando em lados opostos, eu ainda o via porque o tribunal era a nossa segunda casa.

Até mesmo um mês atrás, eu não imaginaria estar namorando Booker. Claro que ele correu atrás de mim, mas nunca pensei em lhe dar outra chance ou que iríamos além do *Sensation*. Honestamente, não imaginei que ele quisesse fazer nada além de me foder no clube.

Aparentemente, me enganei a respeito dele. Ele era mais do que o advogado arrogante que me fazia subir pelas paredes. E estava mais do que disposto a arriscar sua carreira por mim.

Mas segredos sempre são descobertos.

Eu estava realmente disposta a arriscar minha carreira por ele?

Claro que nós tínhamos um plano, mas e se...? E se alguma coisa acontecesse e a pessoa errada descobrisse sobre a gente antes de ele se tornar sócio? A maioria dos advogados não daria a mínima de quem namorava quem, mas tem sempre alguns idiotas no nosso meio, e bastava apenas um para nos denunciar.

— Eu te ligo amanhã — Booker me disse quando me deixou em casa na noite anterior. Na verdade, hoje, já que era domingo, ou ele quis dizer segunda-feira? Eu estava muito enfeitiçada para assimilar qualquer coisa, e agora eu parecia uma adolescente apaixonada, esperando o telefone tocar.

Alguém bateu à minha porta, e meu coração acelerou. *Senhor! Passei uma noite com um homem gostoso e já estou agindo como uma pessoa louca.* Fui até a porta, espiei pelo olho mágico, e suspirei. Não era ele.

— Posso ajudá-la? — perguntei ao abrir a porta.

Lorelei me empurrou e passou.

— Pode. Eu quero todos os detalhes. E não deixe nada de fora.

Joguei a cabeça para trás e revirei os olhos. Eu sabia que ela vinha. Assim como fez no mês anterior, ela bateu à minha porta para almoçar e me interrogar. Embora da última vez eu não estivesse de bom humor.

— Só se tiver trazido camarão ao mel e mostarda — respondi e fechei a porta.

— Sou sua assistente *há séculos*. Acho que sei o que você gosta de comer.

Abri o sorriso enquanto caminhava em direção ao sofá, em que agora ela estava sentada, e a vi tirar de uma sacola, caixas de comida chinesa.

— E gyoza?

— Trouxe. Agora comece a falar, enquanto eu sirvo a comida. — Ela se levantou e foi para a cozinha. Vi quando foi direto para o armário dos pratos. Lorelei conhecia minha casa muito bem, pois a frequentava nos últimos cinco anos ou mais.

— Lembre-se, se der um pio do que vou contar, eu digo ao Kenny que você é apaixonada por ele.

Ela parou no meio do caminho e revirou os olhos. Kenny era assessor jurídico na nossa empresa, e era apaixonado por ela, mas não fazia o seu tipo. Ela gostava mais do tipo saradão, e Kenny era... bem, não era.

— Você não faria isso.

— Faria. — Sorri.

Ela começou a caminhar de volta para o sofá novamente.

— Não importa. Você sabe que não digo nada. Então, ele é realmente casado?

Não precisávamos nem dizer o nome *dele*. Nós duas sabíamos a razão de eu ter ido ao *Sensation* novamente.

Assenti com a cabeça.

— Sim, ele é. Há nove anos.

Lorelei parou de espetar o camarão e olhou para mim.

— *Nove anos?* — exclamou ela.

Balancei a cabeça novamente.

— É.

— Nove anos — disse ela novamente, como se não conseguisse acreditar. — Então eles vão para o *Sensation* para fazerem troca de casais como suspeitávamos?

Eu gargalhei e peguei meu prato dela. Corri de volta para o meu sofá verde petróleo e sentei de pernas cruzadas.

— Mais ou menos.

— Mais ou menos? Como assim?

— Dedinho juradinho — eu disse e estiquei firme a mão com o dedo mindinho estendido. Eu não ligava que fôssemos mulheres adultas. Todo mundo sabia que um juramento com o mindinho equivalia a lábios selados e você *não* contaria a ninguém. Na verdade, de acordo com o Japão, onde o gesto foi criado, se a pessoa contasse o segredo, então teria que ter o dedo mindinho amputado. *Isso* era importante.

Ela estendeu a mão e entrelaçamos nossos dedos mínimos. A promessa foi feita.

— Ele casou com a melhor amiga, que é lésbica, para poder permanecer nos Estados Unidos e não ter que voltar para a Inglaterra.

Ela hesitou.

— O quê? Você está falando sério?

Balancei a cabeça.

— Muito sério.

— Então o casamento dele é falso?

— Praticamente.

— Que coisa de louco.

— Pois é, não? — concordei.

— Por que ele teve que esperar ir até o clube pra te contar? Poderia ter dito qualquer uma das vezes em que vocês ficaram trancados no seu escritório.

Dei uma risada.

— Primeiro de tudo, nós não ficamos trancados no meu escritório.

— Uh-huh — ela murmurou.

— Não ficamos — confirmei. — E em segundo lugar, eu te disse que o *Sensation* era um lugar confidencial. O que acontece lá, fica lá, então ele quis me contar lá, assim eu não contaria a ninguém. Você não conta, *obviamente*. — Eu sorri.

Nós duas demos uma garfada na comida antes de Lore continuar me questionando.

— Então, vocês dois transaram de novo? — Ela ia sempre direto ao ponto. Virei a cabeça para olhar pela janela que dava para a rua.

— Então isso é um sim.

Eu olhei de volta para ela.

— Claro que transamos.

Um sorriso se espalhou em seu rosto.

— Quero detalhes.

Balancei a cabeça.

— Não vou contar mais detalhes.

— Ah, conta, vai.

— Não. — Balancei a cabeça novamente.

— Eu vou te embebedar na sexta-feira à noite e fazer você me contar tudo.

Revirei os olhos e levei uma garfada de arroz à boca.

— Então, o que mais aconteceu? Foi você quem se aproximou dele ou ele que te procurou de novo?

— Eu o encontrei. Ele estava assistindo um *ménage*. E enquanto eu esperava que ele finalmente me notasse, Jason Black se aproximou de mim e me entregou uma bebida.

— Sério? Droga, eu preciso ser convidada para esse clube.

— Não para me cantar. Ele tentou me dar um *Boa-noite Cinderela*.

Seus olhos arregalaram.

— O quê?

— Aparentemente, ele faz isso para tirar proveito das mulheres.

— Mas ele é uma celebridade. Pode ter a mulher que quiser.

— Eu sei. Não entendi completamente o porquê, mas Booker disse que é assim que ele consegue que as mulheres o deixem junto com outro cara, para fazer dupla penetração.

Lorelei ficou boquiaberta.

— Mas ele está em um clube de sexo. Pensei que para ele encontrar mulheres bem dispostas a praticar isso não fosse um problema.

Dei de ombros.

— Talvez drogue aquelas que ele realmente sabe que não aceitariam fazer isso?

— Você destruiu a imagem que eu tinha dele. E acabou com o meu tesão pelo Jason Black.

Gargalhei alto.

— É. Tente viver com isso.

— Então, você disse que ele tentou te drogar. E não conseguiu?

Sorri e balancei a cabeça.

— Booker aparentemente sabia, e ele o viu me entregando a bebida. Ele a arrancou da minha mão e enfiou na cara do Jason.

— Seu próprio cavaleiro de armadura brilhante.

— Sim, mas nenhum pouco Sr. Romântico. — Eu ri. — Ele simplesmente foi curto e grosso ao me dizer que íamos transar naquele momento. Sem nenhum estímulo ou coisa parecida.

— Sério?

— Bem, isso foi depois que eu fiz um boquete nele. — Dei um sorrisinho. — E ele percebeu que eu estava sem calcinha.

— Ahh — ela gemeu. — Me coloquem nessa lista. Quero tanto ir.

— Eu teria que me tornar membro para te convidar.

— Bem, então se torne. Até parece que você não quer voltar lá.

— Você quer que eu gaste milhares de dólares para poder te levar a um clube de sexo comigo?

— Quero — ela falou na maior cara de pau.

Gargalhei.

— Eu posso ir como convidada do Booker, sabia?

— Espere. O quê?

— Sim, pois estamos mais ou menos juntos agora.

— O quê? — Ela levantou, quase derrubando o prato no chão.

Dei de ombros. Era tudo o que eu podia fazer, porque sabia que ela estava furiosa por eu não ter dado essa informação logo. Isso era uma puta informação.

— Você me deixou seriamente chocada agora. — Lorelei sentou-se ao meu lado e enganchou

uma perna na outra, ficando de frente para mim.

— Mas estou com medo — admiti.

— De quê?

— É antiético.

Lorelei suspirou.

— Sim, é. Mas vocês são adultos. Basta serem discretos até você sentir que as coisas estão ficando sérias.

— Foi praticamente isso o que dissemos que íamos fazer.

— Uau — ela suspirou. — Eu nunca te imaginei namorando Booker Jameson.

— Eu sei. — Sorri. Eu sabia o que ela queria dizer. Era loucura.

— Bem, você sabe que eu não vou dizer nada. Estou muito feliz por você.

Sorrimos uma para a outra.

— Obrigada.

— Mas, falando sério. Ele é uma fera na cama ou o quê?

Eu ri muito. Não havia a menor chance de eu contar para ela sobre as minhas peripécias sexuais. Então mudei logo de assunto, perguntando da vida amorosa dela. Ela não se importava de me contar os detalhes.



Booker não ligou no domingo. Então imaginei que o até amanhã dele realmente fosse até segunda-feira e não poucas horas depois. Por mim tudo bem, mas tive dificuldade para dormir. Fiquei pensando nele e na nossa noite no *Sensation*. Eu estava faminta antes de ficarmos juntos, e agora estava sedenta sem ele.

Fui para o escritório depois de uma rápida passada no tribunal. Verifiquei o andamento de um processo, e já que o caso estava indo bem, e uma audiência de conciliação foi agendada, sentimos que podíamos chegar a um acordo. Para o meu desgosto, não vi o Booker. Eu realmente queria vê-lo de novo. Que me beijasse como se precisasse de *mim* para respirar.

Depois de cumprimentar Maria quando entrei pelas portas de Chandler e Patterson, caminhei pelo corredor até o meu escritório. Assim que a Lorelei me viu, abriu um enorme sorriso.

— Que cara é essa?

Ela deu de ombros.

— A minha.

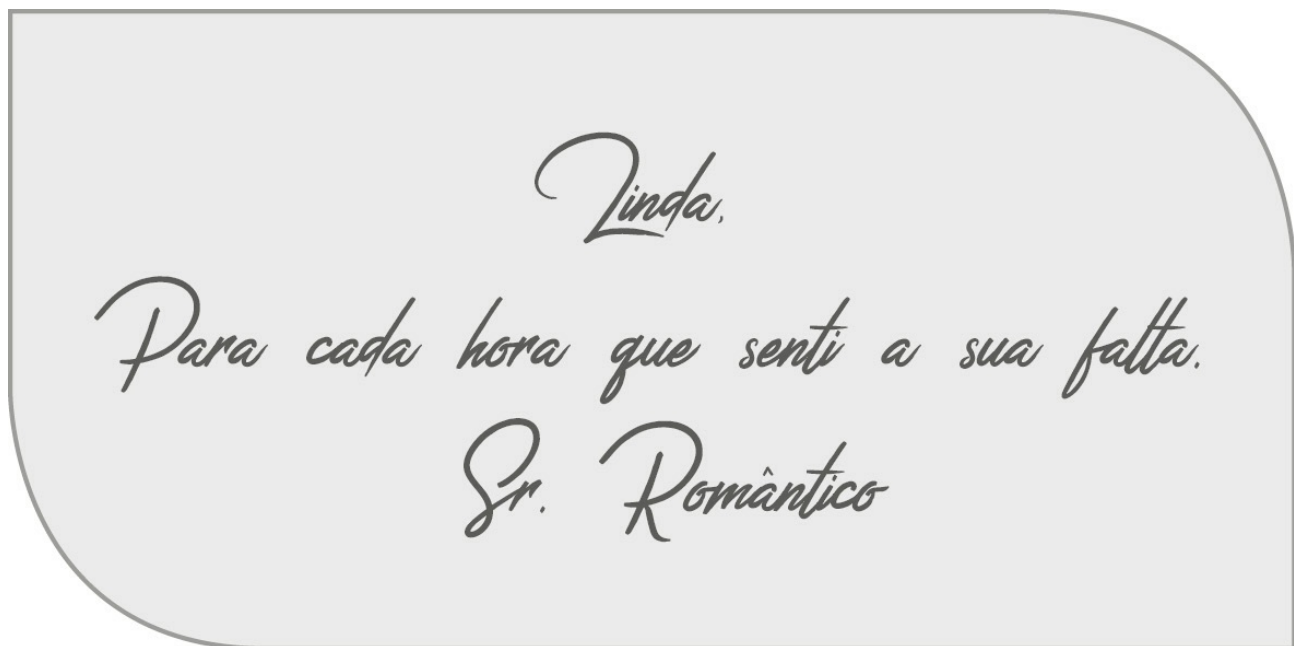
— Por que não acredito em você?

Ela deu de ombros novamente, sem responder.

— Algum recado? — perguntei.

Lorelei me entregou um papel com os recados, ainda sem dizer nada.

— Obrigada — respondi e comecei a andar em direção ao meu escritório, mas ao chegar à porta, parei de repente quando notei o buquê de rosas vermelhas na minha mesa. Virei a cabeça para Lorelei, e ela sorriu. Peguei o pequeno cartão que estava entre as rosas.



Abri um sorriso com o bilhete. Acho que eu não poderia mais continuar me referindo a ele como não sendo romântico. Lorelei me observava atentamente quando olhei na direção da mesa dela. Ela sorriu, e percebi que também estava sorrindo. Coloquei as rosas no aparador atrás da minha mesa e verifiquei os recados. Booker tinha ligado.

Depois de sentar na cadeira e respirar fundo, disquei o número dele. Quando uma recepcionista atendeu, me dei conta de que era o número do escritório.

— Booker Jameson, por favor.

— A quem devo anunciar?

— Peyton Winters.

— A respeito de qual caso?

Ahh.

— Hum, Ashley contra Inglewood — menti.

— Aguarde, por favor.

Respirei fundo outra vez e me recostei na cadeira, esperando Booker atender. Juro que eu podia sentir os olhos de Lorelei em mim, e sabia que na hora do almoço eu seria interrogada mais uma vez. Talvez eu devesse dar um jeito de levá-la ao *Sensation*. Acho que dessa forma, ela teria as próprias histórias e não ia querer saber da minha.

— Saudade de mim?

Senti meu corpo todo arrepiar quando ouvi o sotaque dele ao telefone. Deus, era sexy e tão ele. Especialmente com aquele corpo musculoso e tatuado que nem todo mundo podia ver.

— Estou — admiti. — Obrigada pelas rosas.

— Não tem de quê, linda.

— As pessoas vão perguntar sobre elas. — Mordi o lábio e olhei para Lorelei que, aliás, ainda estava me olhando. Eu a enxotei e olhei fixamente.

— Deixe que perguntem. Eu não assinei o cartão.

Sorri.

— Eu sei, Sr. Romântico. Mas ainda não tinha recebido flores aqui.

— Agora recebeu. E cada vez que olhar para elas, vai pensar em mim.

— Não preciso das flores para isso.

— Quando posso te ver novamente?

Meu estômago vibrou com o pensamento.

— Eu... eu não sei. — Não era como se pudéssemos sair em público.

— Eu vou para a sua casa hoje à noite.

— Mas e se alguém ver você?

— Quem vai me ver?

Dei de ombros.

— Eu não sei. Só estou preocupada.

— Eu vou vestido de preto e subo pela janela — brincou.

Dei uma risada.

— Isso não me assusta nem um pouco.

— Vai tudo ficar bem. Eu quero te ver de novo. Vou até levar o jantar.

— Eu faço o jantar — ofereci.

— A única mulher que já cozinhou pra mim foi a minha mãe.

— Nem mesmo a Carrie? — Franzi a testa ao mencioná-la. Ainda era estranho para mim, mesmo sendo uma farsa.

Booker gargalhou.

— Carrie queima até torradas.

— Então vou preparar o jantar.

— É um encontro, linda.

Meu sorriso alargou e o meu coração aqueceu.

— Combinado.

— Teve notícias da Ava?

— Oh... — Pisquei para a súbita mudança de assunto. — Ela deve ter me enviado algum e-mail, mas não tive tempo de conferir. Um sujeito me mandou rosas, e não tive chance de ligar meu computador. — E nem tive tempo de checar meus e-mails no celular. Fui ao tribunal, na primeira audiência do dia e depois vim para cá.

— Eu preciso chutar o traseiro desse sujeito? — Booker provocou.

— Talvez. Ele é muito arrogante.

Ele gemeu. — Não me faça ficar duro.

Arregalei os olhos e sorri, minhas bochechas corando, também.

— Booker — eu o repreendi.

— Tudo bem, tudo bem. Eu já estou duro.

— Oh, meu Deus. — Eu ri. — Deixe-me checar meus e-mails. Te vejo à noite.

— Preciso do número do seu apartamento.

— Ah, certo. — Eu dei a ele.

— E o número do seu celular.

Bem, isso explica porque ele não me ligou no domingo. Dei a ele.

— Te vejo às sete, linda.



Booker

Na segunda de manhã meu alarme tocou, me acordando de um sonho com a Peyton. Todo dia eu acordava para ir à academia, e todas as manhãs eu estava feliz em fazer isso, mas hoje eu queria voltar para a terra dos sonhos. Em vez disso, levantei, me vesti, e fui direto para a cozinha.

Mesmo enquanto fazia meu *shake* de proteína, não conseguia parar de pensar na Peyton. Depois de mais de cinco anos encontrando-a no tribunal e estando em lados opostos, eu *finalmente* ia passar um tempo com ela fora dele para conhecê-la. E não seria somente no *Sensation*.

Desde o primeiro dia eu fiquei balançado por Peyton Winters. Havia algo sobre uma mulher forte que me deixava excitado. Também ajudou o fato de ela ser gostosa pra caralho. Eu queria que as coisas evoluíssem, e praticamente implorei de joelhos para ela me dar outra chance.

Agora eu só precisava me certificar de não estragar tudo.

— Quando vou conhecê-la?

Pulei ao som da voz de Carrie atrás de mim, deixando a colher de proteína cair.

— Jesus, mulher. Não faça isso comigo.

— Você esqueceu que eu moro aqui também? — ela perguntou enquanto pegava uma caneca de café.

— Não, mas... porra. Você é como um ninja e essas merdas.

Ela riu.

— Acho que a sua cabeça está em outro lugar, ou devo dizer outra pessoa?

— Devo dizer outra pessoa? — Zombei. — Sim, *amor*.

Ela parou de derramar o café na caneca e olhou para mim.

— Ok, alguém está de mau humor esta manhã.

Balancei a cabeça.

— Não é isso. Só estou preocupado com toda essa coisa de relacionamento secreto.

— Relacionamento? — Seus olhos se estreitaram. — Vocês estão namorando?

— Estamos.

— Por que está preocupado? — Ela tomou um gole de café, e comecei a misturar o pó marrom com água no meu copo.

— Eu não estou preocupado em namorar com ela. Quero levá-la para um encontro, ir à praia, coisas desse tipo, mas nós dois concordamos que precisa ser segredo, para ninguém descobrir enquanto eu não me tornar sócio da firma.

— Eu tenho certeza de que você vai descobrir como fazer.

— Sim — concordei, embora não estivesse totalmente certo de como faria. Los Angeles era

uma cidade grande, mas ao mesmo tempo, pequena como o inferno.

Carrie ficou na ponta dos pés e beijou minha bochecha antes de sair da cozinha.

— Mas eu quero conhecê-la formalmente.

— Você vai, querida.

— Em breve?

— Logo — concordei.



Depois de malhar, ainda estava com Peyton na cabeça. Eu queria vê-la novamente, e logo. Quando sentei no meu carro, antes de ir para o escritório, liguei para uma floricultura local para entregar três dúzias de rosas vermelhas para ela.

Nada romântico? Vamos ver sobre isso!



Randy bateu à porta e, em seguida, enfiou a cabeça no meu escritório.

— Pronto?

— Sim.

Estava na hora da nossa reunião mensal com os funcionários, e eu tinha acabado de desligar o telefone com a Peyton. Ela tinha recebido minhas flores e ia me preparar o jantar. Uma mulher não cozinhava para mim desde que eu era rapaz e me masturbava no chuveiro todas as noites, às vezes duas vezes por dia.

Assim como em todas as reuniões em que participei, sentei ao lado de Randy na mesa gigante de conferência. As pessoas se amontoaram e então começou. Era chato, mas necessário.

— Antes de concluir a reunião, eu só queria atualizar todos sobre a disputa para associado — Mitch falou ao final da reunião.

Meus olhos dispararam para ele.

— Claro — Clint respondeu, e eu concordei com a cabeça.

— Como vocês sabem, nós só temos mais dois meses até que a decisão seja tomada, e vocês dois ainda estão empatados.

Clint sorriu para mim, e eu revirei os olhos.

Idiota.

— Mantenham o bom trabalho, rapazes.

— Obrigado — respondi, e todos se levantaram.

Eu precisava intensificar meu jogo.



Você imagina que eu não estava nervoso de ir para o apartamento da minha *namorada*, mas eu estava nervoso pra caralho. Não tinha tido uma namorada séria... bem, nunca. Eu estava aproveitando as mulheres e focado na faculdade e, depois na minha carreira antes de sossegar. Eu não estava com medo porque estava indo para ver Peyton. Estava ansioso por isso. Ela era como a cor no meu mundo. O que estava me incomodando era o fato de que eu estava começando um relacionamento quando precisava passar todas as horas possíveis no trabalho. Eu queria vê-la todas as noites. Porra, eu queria. Mas também queria aquela sociedade, e aquele filho da puta do Clint ainda estava na minha cola.

Entrei e subi de elevador até o andar da Peyton. Hoje à noite eu não pensaria em trabalho. Eu realmente senti falta daquela mulher, e tinha sido só um dia. Amanhã eu descobriria um plano, mas essa noite, precisava da minha dose.

Depois de ter saído do elevador, caminhei pelo corredor em direção ao número indicado do apartamento. Quando estava levantando a mão para bater à sua porta, a porta do vizinho abriu. O som fez com que minha mão parasse ainda no ar, e por instinto, olhei e vi um idiota saindo. Quando ele se virou para trancar a porta, me viu. Passaram-se alguns segundos, mas fizemos contato visual. Ele era vizinho da Peyton, e eu precisava ser educado, por isso, sendo o cavalheiro que eu era, o cumprimentei com a cabeça.

— Você está... Você está indo na Peyton?

Franzi as sobrancelhas, minha mão ainda erguida para bater.

— Sim, amigo — respondi. Tentando esconder nosso relacionamento.

Ele estufou o peito, e acabei fazendo o mesmo enquanto eu abaixava a mão. *Que porra é essa?*

— Apenas um conselho, mano. As paredes são superfinais. — Ele elevou o queixo e saiu.

Isso significava que ele ouviu Peyton antes, porra? Eu finalmente bati e a porta abriu.

— Oi, linda. — Dei um passo à frente e a envolvi nos braços.

Os braços de Peyton passaram pela minha cintura, e ela murmurou contra o meu peito:

— Oi.

Cheirei o ar.

— Algo cheira bem.

Nós nos separamos.

— Eu não sei...

Ela não terminou a frase, pois meus lábios desabaram sobre os dela. Uma hora era muito tempo sem beijá-la, e já fazia mais de quarenta sem fazer aquilo. Sua boca se abriu para mim, e eu senti o gosto de vinho assim que minha língua encontrou a sua. Ela tinha um gosto bom pra caralho.

— E você tem um gosto bom — eu disse quando nos separamos.

Ela corou, em seguida fechou e trancou a porta atrás de nós.

— Não quer que eu escape? — eu provoquei.

Peyton riu.

— Não, é apenas um hábito.

— Um bom, aliás.

— Eu espero que você goste de piccata de frango. — Ela sorriu.

— Sim, linda. Gosto de quase tudo.

— Bom. Gostaria de uma taça de vinho?

— Claro — respondi, seguindo-a até a cozinha. Eu até diria que dei uma olhada no apartamento, mas não estava olhando para qualquer lugar, além da bunda dela enfeitada pelo jeans apertado. Eu nunca a tinha visto de jeans antes. Isso me fez querer agarrar aquela bunda e apertar.

— Você precisa de alguma ajuda? — ofereci.

— Não — ela respondeu enquanto servia uma taça de vinho branco. — Sente-se aqui, estará pronto em cerca de dez minutos. — Peyton fez sinal para que eu me sentasse no balcão. Ela deslizou a taça à minha frente e se virou para a frigideira no fogão.

— Ah, conversei com a Ava antes de sair do escritório.

Sorri.

— Vamos falar mesmo sobre trabalho?

Ela riu.

— Não, mas você me perguntou, quando conversamos mais cedo, então estou te dizendo o que ela disse para que eu possa economizar tempo e não ter que te ligar amanhã.

— Eu quero que você me ligue.

— As pessoas vão ficar desconfiadas, você não acha?

— Por quê? — perguntei, e tomei um gole do vinho ácido. — Você está ligando para falar sobre um caso ativo.

— Certo, assim como fiz hoje.

— Nós meio que conversamos sobre o caso. — Mantive os olhos na bunda dela. Desde que comi aquela bunda no *Sensation*, honestamente, isso era tudo em que eu pensava.

— Enfim, Ava disse que conversou com Trent e eles vão tentar resolver as coisas. Vou preparar a anulação de manhã.

Era isso o que eu queria. Para que eu pudesse ver Peyton novamente e para os meus amigos voltarem a ficar juntos. No entanto, eu precisaria de mais horas para faturar. Hollywood sempre tinha casos de divórcios, eu só esperava que eles me ligassem.

— Maravilha. Estou feliz por eles tentarem resolver as coisas.

— Você os conhece melhor do que eu. Trent vai ser bom para ela?

Balancei a cabeça.

— Vai. Ele sabe que é fodido, e Ava foi a melhor coisa que já aconteceu com ele. Se eles não se resolverem, saberão para quem ligar.

Peyton olhou por cima do ombro e sorriu.

— Verdade.

— Agora que isso não é mais problema, vamos falar sobre por que você está cozinhando com roupas.

— O quê? — Ela virou, com um par de pinças de cozinha na mão.

Sorri.

— Eu pensei que você estaria cozinhando meu jantar... nua.

Ela riu, e meu pau despertou.

— Eu nunca disse nada sobre ficar nua.

Deslizei para fora da cadeira e caminhei alguns passos até ela, um sorriso desenhando meu rosto.

— Em quanto tempo você disse que o jantar ficaria pronto? — Deslizei os braços em volta da cintura dela.

— Não tempo suficiente para *isso* — ela protestou e enfiou um dedo no meu peito.

— Você está dizendo que eu não consigo te fazer gozar em menos de três minutos?

— É exatamente o que estou dizendo — desafiou.

Peguei as pinças de metal de sua mão, coloquei-as no balcão, em seguida, a girei para que ela estivesse de frente para os armários, avancei e recostei meu peito às suas costas.

— Nunca tive um desafio que eu não pudesse vencer — sussurrei em seu ouvido.

Senti-a estremecer contra mim.

— Então tente.

Comecei a trabalhar no jeans. Abri o botão, em seguida deslizei o zíper para baixo. A cabeça de Peyton inclinada para frente. Eu queria ver minha mão desaparecer dentro dela, mas deste ângulo, tudo o que eu podia fazer era provar a pele do pescoço.

Meus dedos deslizaram ao longo da borda da calcinha, em seguida avançaram para dentro. Ela respirou fundo, preparando o corpo para o prazer que eu estava prestes a lhe dar. A cabeça inclinou para o lado enquanto eu procurava seu gosto com a língua, percorrendo em direção à orelha. Minha mão continuou para baixo em sua calcinha, e quando encontrei o calor que estava procurando, meu dedo foi direto para o alvo. Ela empurrava contra mim enquanto eu esfregava o feixe de nervos.

— Você já está molhada — gemi contra sua pele.

Ela se pressionou mais em mim. Meu pau pulsava e esfregava no tecido da calça, enquanto o atrito entre nós crescia. Havia uma chance de que eu gozaria em três minutos se ela continuasse esfregando a bunda deliciosa no meu pau.

— Estou desejado você desde que ouvi sua voz essa manhã. — Inseri um dedo, e ela cavalgou minha mão. O polegar ainda estava circulando o clitóris, e ela gemeu. Meus dentes afundaram na

curva do seu pescoço, fazendo-a sibilar.

— Oh, Deus...

— Se você não tiver cuidado, posso te comer como jantar.

— Sim — ela sussurrou. — Por favor.

Removi os dedos e usei dois deles para esfregar o clitóris. O *timer* no fogão estava apitando, como uma bomba-relógio. Sua respiração tornou-se rasa, os joelhos começaram a tremer abaixo de mim. Segurei-a com a minha perna, ainda esfregando o local que estava à beira de explodir. E então aconteceu. Suas mãos agarraram o balcão, e ela gritou quando uma corrente de gozo revestiu meus dedos. Diminuí o movimento, nossos corpos ainda pressionados juntos, minha mão dentro de sua calcinha.

— Isso foi um bom aperitivo — ela finalmente disse.

— Agora está na hora do prato principal. — Retirei a mão e girei-a em meus braços e a beijei enlouquecidamente.

Meu pau estava pulsando contra o zíper da calça, querendo se libertar e buscar o abrigo daquela boceta quente.

E então o *timer* no fogão tocou.

Peyton tentou se libertar de mim, mas não deixei. Em vez disso, a mantive presa ao balcão, estendi a mão e encontrei o botão para desligar o maldito zumbido, só então desligando o fogão.

— Qualquer outra coisa que precisa ser desligada?

Ela balançou a cabeça.

— Nada está no forno ou alguma coisa?

— Não. — Ela franziu a testa. — Só o frango no forno, e a salada na geladeira.

— Bom — eu disse e a peguei no colo.

— O que você está fazendo? — ela gritou, suas pernas enlaçando minha cintura.

— Comendo o meu jantar.

Ela riu.

— É a *piccata*?

— Confie em mim, linda. Eu vou comer a sua refeição caseira. Mas primeiro vou comer você.

— Vai esfriar.

Parei de andar e puxei minha cabeça para trás para que eu pudesse olhá-la nos olhos.

— Você está me dizendo que não quer isso?

Ela olhou para mim por um instante, depois sacudiu a cabeça.

— Não. Eu só não quero que você pense que sou uma péssima cozinheira, porque vamos ter que requentá-la.

— Eu nunca... diria isso na sua cara. — Peyton jogou a cabeça para trás e riu quando sorri. — Só me aponte a direção do seu quarto ou o jantar vai ser realmente frio.

Ela se virou um pouco em meus braços e apontou para uma porta à esquerda do corredor.

Assim que entramos no quarto, a coloquei na cama e comecei a tirar a calça jeans completamente. Joguei minha camisa no chão, com sua calça e fui de volta para ela. Ela abriu as coxas, e tive a visão de sua boceta. Pré-goza revestiu a ponta do meu eixo. *Deus, ela era linda.* Mesmo com a camiseta até a metade do estômago. Eu não tinha necessidade de ver tudo dela, para saber que ela era perfeita.

Abri suas dobras, e minha boca seguiu, lambendo sua excitação que escorria entre as pernas. Suas costas estavam arqueadas, e um gemido deslizou de sua boca enquanto eu a sentia agarrar os lençóis. Então ouvi outro gemido que não veio da minha garota. Levantei a cabeça, e esperei um momento para ver se ouviria o som novamente.

— Qual o problema? — perguntou Peyton.

— *Sim! Sim, bem aí!*

Virei a cabeça para a parede atrás da cabeceira de Peyton. A parede que eu presumi ser a do seu vizinho.

— Ahh — Peyton gemeu, e me virei de volta. — Ele deve estar ocupado agora!

— Quem? — perguntei, embora já soubesse.

— Meu vizinho, Sam. Normalmente, ele espera até sexta-feira e/ou sábado à noite. Não me lembro de já tê-lo ouvido em uma segunda-feira.

— Isso é uma coisa normal?

Ela respirou fundo.

— Sim, e a única vez que eu bati na parede para ele parar, ele veio aqui e me convidou para me juntar a ele.

Meu corpo ficou imóvel. Foi este mesmo idiota que me disse que as paredes eram muito finas?

— Ele quer transar com você?

— Ele quer transar com qualquer mulher, tenho certeza.

— Acho que o vi.

Peyton se ergueu sobre os cotovelos.

— O quê? Quando?

— Logo antes de bater à sua porta. Ele estava saindo, e quando me viu, perguntou se eu estava vindo para vê-la. Então ele me *aconselhou* sobre as paredes serem muito finas. — Aparentemente, Sam não foi muito longe antes de voltar para casa ou mudou de ideia e chamou uma ficante para vir imediatamente.

Nós ficamos em silêncio enquanto a mulher ao lado gritava a Deus.

— Você tem amizade com este idiota? — perguntei.

Sua testa franziu com a minha pergunta.

— Não. Eu literalmente só falei com ele sobre suas propostas.

Propostas. Plural. Meu sangue estava começando a esquentar.

— Você quer mostrar a eles como se faz? — Sorri.

— O quê?

— Nós dois sabemos que ele está fazendo isso para tentar te fazer ciúmes. Ou para tentar provar que é o melhor homem ou alguma merda. Então, eu digo que vou te foder duro, fazer essa cabeceira bater na parede e tudo isso. Deixe que seja ele a ouvir dessa vez, para variar.

— Eu não sei. Isso provavelmente vai atirá-lo mais...

— Se ele continuar com isso, eu vou falar com ele.

— Você vai? — Seus olhos se arregalaram.

— Ele vai saber quem eu sou, eventualmente. Não vou a lugar algum.

Ela sorriu calorosamente para mim.

— Não?

— Não — confirmei. — Agora, tire toda a roupa, fique de quatro, e se prepare para balançar a cabeceira da cama. — Apontei com a cabeça naquela direção.

— Eu não posso acreditar que estamos fazendo isso.

— Baby, não vai ser a única vez que eu vou agitar o seu mundo nesta cama. — Descalcei meus sapatos, meias, em seguida a calça. Peyton jogou a camiseta no chão com o sutiã.

— Eu não vou conseguir fazer contato visual com Sam nunca mais.

— Você tem uma razão para fazer isso?

— Bem, não...

Descartei a cueca.

— Exatamente. E se ele disser alguma coisa, você me diz.

— Sempre vindo em meu socorro. — Ela sorriu e se posicionou na cama.

— Sempre — confirmei. Não havia a menor chance de algum outro idiota ficar perto dela novamente. Ela era minha. Toda minha, porra. E mesmo que eu tivesse que rastejar na cama dela tarde da noite, depois de trabalhar dezoito horas, eu faria.

Acaricieei meu pau algumas vezes, me certificando de que estava duro como aço. Claro que estava. Nós dois éramos arrogantes, e agora tínhamos um show para colocar em prática. Coloquei a camisinha que tirei da calça, e me ajeitei atrás da Peyton, no centro da cama.

— Pronto, linda? — perguntei e passei um dedo pela sua fenda. Sim, ela estava pronta.

— Sim — respondeu ela.

— Quando eu estiver todo dentro, pegue a cabeceira e segure.

— Ok. — Ela suspirou.

Segurei meu pau, deslizei a ponta do látex em sua excitação algumas vezes e então entrei lentamente. Sua vagina imediatamente chupou meu pênis como uma luva no inverno. *Sim, isso era melhor do que qualquer refeição caseira.* Eu queria sobreviver exclusivamente da boceta da Peyton, até o dia em que morresse.

Balancei os quadris para deslizar totalmente para dentro. Quando cheguei ao final, falei:

— Segure firme.

Ela estendeu a mão e agarrou a cabeceira. Seu corpo inclinou, fazendo com que meu eixo batesse no ponto que eu sabia que a deixaria louca. Peguei velocidade, os seios de Peyton saltando com cada estocada, e grunhi. Ela era incrível pra caralho.

— Oh, Deus — ela gemeu.

Então ela falou com Ele também...

— Sua boceta é apertada pra caralho — gritei. — Deus, Peyton, você é tão gostosa.

Bem, merda, eu estava falando com Ele também.

Ela gemeu, a cabeceira batendo na parede.

— Não pare.

Parar? Porra, não. Eu não ia parar até que ela gritasse meu nome para que o Sam soubesse quem diabos eu era. Eu gemi. Ela gemeu. A cama rangia, e a cabeceira da cama começou a marcar a tinta cinza.

Peyton gozou uma vez.

Continuei meus impulsos, desejando adiar meu próprio orgasmo. Suor escorria pelo meu corpo, enquanto eu bombeava, a cabeça do meu pau batendo o fundo daquele paraíso úmido.

— Porra — ela sussurrou enquanto seu corpo se movia em sincronia com o meu.

Ela gozou novamente.

Minhas bolas começaram a contrair, e eu sabia que estava perto. Eu também sabia que o local contra o qual eu estava empurrando estava ainda mais excitado depois de um orgasmo, ou dois, e se eu continuasse o meu ritmo, Peyton gozaria uma última vez antes de eu gozar.

E então ela gozou de novo.

— Booker! — ela gritou, gozo jorrando dela.

— Ah, merda — Assoviei, então momentos depois, gozei.

Ela se recostou no meu peito, meus braços a segurando, enquanto o líquido leitoso embebia sua colcha. Eu brincava preguiçosamente com seus seios enquanto nossa respiração desacelerava.

— O que foi isso? — ela perguntou.

— Isso, linda, foi você esguichando. — Sim, eu disse isso alto o suficiente para que o tal do Sam ouvisse.

Supere isso, filho da puta.



Peyton

Acordei assustada com um alarme aos berros, mas ainda estava breu. Então ouvi um som desastrado e logo em seguida, o alarme parou. Um braço enganchou na minha cintura.

— Desculpe, é o meu despertador — Booker disse, encostado na lateral nua do meu corpo.

— Despertador? Ainda está totalmente escuro.

— Tenho que ir para a academia.

Oi? Academia? Quem diabos ia para a academia a esta hora?

— Mas primeiro preciso passar em casa e pegar a merda do terno para trabalhar. Não esperava passar a noite, e esqueci de substituir o reserva que eu costumava ter lá.

Depois que trocamos os lençóis encharcados de ontem à noite, coloquei-os na máquina de lavar antes de esquentar o nosso jantar no micro-ondas. A piccata ainda estava deliciosa, apesar de reaquecida. Depois descansamos no sofá até os lençóis secarem (porque era uma sensação deliciosa colocar lençóis recém-saídos da secadora, diretamente na cama e depois deitar), tomamos banho juntos, e fizemos *aquilo* tudo de novo, menos bater a cabeceira da cama na parede. Algum tempo depois, adormecemos.

Virei de frente e envolvi a cintura dele com a perna, quase encaixada completamente.

— Estava tudo tão bom até você acordar os mortos.

Ele deu uma risada.

— Se não for alto, eu não acordo. Tenho o sono pesado, especialmente depois de várias rodadas de sexo.

— Quer que eu faça o seu café da manhã?

Senti sua cabeça mexer no travesseiro, mesmo ainda estando escuro, apenas um pequeno feixe de luz entrava pela cortina.

— Se você fizer isso, não vou sair nunca para a academia ou para o trabalho, e nem você.

Sorri.

— Seria uma ótima ideia.

— Também acho, linda, mas preciso ter o maior número de horas faturadas que eu conseguir, nesses próximos dois meses.

— Oh, certo. Sócio.

Booker virou de costas, o braço ainda em baixo da minha cabeça.

— Sim. Clint acha que ele é o melhor.

— Como você? — eu o provoquei. Não queria que Booker ficasse irritado ao lembrar que o Clint me chamou para tomar um drinque uma vez.

Ele riu.

— Sim, exatamente como eu.

— Sei bem como é. — Um pensamento me ocorreu. — Mas se a Ava e o Trent anularem o pedido de divórcio, significa menos horas nesse caso.

Ele suspirou.

— É. Mas eles são meus amigos, então está tudo bem.

— E se tivermos conflito de interesses com clientes potenciais, isso é menos pra você também.

— Eu já pensei em tudo isso. Vai tudo ficar bem.

Fiquei em silêncio por alguns momentos.

— Ok.

— Apesar de ser muito bom ficar aqui, tenho que ir embora. Volte a dormir, eu te ligo mais tarde. — Booker se inclinou, beijou meus lábios suavemente, e depois minha testa. Eu me derreti. Seria fácil me acostumar a acordar com ele todas as manhãs. No entanto, precisávamos descobrir uma solução para a situação alarmante dele.

Ele levantou da cama e o ouvi colocando as roupas. Antes de sair, voltou até o meu lado da cama e me beijou novamente. Olhei para o teto escuro e suspirei.

Então voltei a dormir.



Meu corpo inteiro doía. Não importa o quanto eu me alongava, cada músculo gritava comigo. Talvez eu precisasse ir para a academia também. Pensei que ficaria melhor, já que não era a primeira vez que Booker e eu tínhamos nos emaranhados nos lençóis por horas, *mas, porra*, meu corpo precisava se acostumar com a minha nova rotina de exercícios.

Eu não precisava ir ao tribunal essa manhã, então fui direto para o escritório. Quando me aproximei da mesa de Lorelei, ela olhou para cima e encontrou o meu olhar. Um sorriso se espalhou pelo rosto dela e pelo meu.

— Detalhes. Quero todos os detalhes.

— Você sabe muito bem que não vou te dar detalhes — eu disse quando parei na mesa dela.

Ela bufou.

— Eu estou vivendo de forma indireta através de você.

— Você nunca teve problema em conseguir suas façanhas.

— Não, não tenho, mas também nunca transei com o...

— Shhh — eu a repreendi.

— Eu não ia dizer o nome dele.

— Mesmo assim. Ninguém pode saber dos meus assuntos pessoais.

— Você sabe que todo mundo quer saber de onde as rosas vieram, ontem.

Dei de ombros.

— Que pena.

— Eu não vou dizer nada, você sabe disso. — Ela se inclinou para frente e sussurrou: — Mas ele foi pra sua casa ontem, né?

Assenti com a cabeça.

— Vou te contar uma coisa. Mas depois.

Um olhar de entusiasmo iluminou seu rosto.

— Fiquei intrigada.

Eu ri.

— Agora me dê meus recados. — Ela deu, e antes de eu sair para ir para a minha sala, disse: — Ah, e se alguém ligar e for um novo caso para o lado de cá, você pode encaminhar para... *ele*? — sussurrei a última palavra.

Ela franziu as sobrancelhas.

— Está bem. Achei que você quisesse que *ele* passasse mais tempo com você, não tendo uma tonelada de casos.

— Eu quero — concordei. — Mas ele está tentando se tornar sócio.

Isso não era uma ocorrência diária ou algo que eu tivesse que conflitar, mas aconteceu. Nunca pensei que algum dia eu ajudaria o Booker. Agora queria que ele se tornasse sócio porque eu estava feliz por ele.

— Pode deixar, chefe. — Lorelei sorriu.

Sorri de volta e fui para o meu escritório. As rosas vermelhas estavam começando a abrir, e o cheiro invadiu meu nariz quando cheguei mais perto da minha mesa.

Definitivamente, eu poderia me acostumar com isso.



Uma hora mais tarde, enviei por e-mail, um pedido de anulação do processo ao Booker. Tínhamos outros dois casos juntos que não estavam próximos de nenhum acordo ou de serem encerrados, mas esses casos não estavam com audiências marcadas nos próximos meses, pelo menos até o primeiro dia do ano.

Dez minutos depois, uma nova mensagem entrou no meu e-mail. Era do Booker.

Srta. Winters,

Segue em anexo o arquivo da anulação. Assim que for arquivado, por favor, envie uma cópia ao meu escritório.

Seu,

Booker Jameson

Fiquei encarando a mensagem. Eu não esperava um e-mail amoroso dele, mas...
Não importa.



Lorelei colocou a cabeça na porta do meu escritório

— Vamos almoçar?

Dei uma olhada rápida no relógio do computador, percebendo que era meio-dia.

— Vamos, onde você quer ir?

— *Chipotle?* — Ela sorriu.

Balancei a cabeça.

— Parece uma boa.



Cada uma pediu um prato de burrito, e antes que eu desse a primeira mordida, o questionamento começou.

— Então, o que você tem para me contar de ontem à noite?

— Eu juro por Deus, você é como um cão com o osso.

— Você está caçoando de mim — ela lamentou.

Eu dei uma mordida, em seguida olhei em volta. Não vi ninguém conhecido, então resolvi contar um pouco da minha noite.

— Ontem à noite ouvimos o Sam.

Lore pestanejou.

— Ouviram o Sam?

Balancei a cabeça

— É, o ouvimos.

— Ohhh. — Seu rosto se iluminou. — E?

— Bem, acho que quando... — Olhei em volta do restaurante novamente. — Quando *ele* chegou, esbarrou com o Sam saindo do apartamento dele ou algo do tipo. Sam começou a falar pra *ele* que as paredes eram finas. — Dei outra garfada na comida.

Os olhos castanhos de Lorelei se arregalaram.

— Uau!

— Então, não sei se o Sam ligou para uma de suas garotas, mas, não muito tempo depois, ele estava, você sabe. — Levantei um ombro.

— O que... — Ela gemeu em frustração. — Quer saber, precisamos dar um apelido para ele. Que tal, BJ?

— O quê? — Dei uma risada. — Não vamos nos referir a ele com uma sigla para boquete!

— São as iniciais dele — ela esclareceu.

— Eu sei, mas não vou chamá-lo *disso*.

— Bem, como você quer chamá-lo? E não, *ele* ou *dele* ou o que quer que seja que se refira a *ele* de uma forma não específica.

Pensei por um momento enquanto comíamos.

— Que tal... Algemas?

— Algemas? — Ela jogou a cabeça um pouco para trás, confusa.

Sorri, me lembrando da primeira noite com o Booker.

— Sim.

— Por que algemas? — ela perguntou.

— Digamos que ele gosta de usá-las.

Juro que os olhos dela estavam prestes a caírem do rosto.

— Uau!

— Shhh — sussurrei.

— Juro por tudo o que é mais sagrado que na sexta-feira, no Rick's, vou te embriagar e depois fazer você me contar *tudo*.

Eu gargalhei

— Não tô nem aí. De qualquer forma, Algemas ouviu Sam e o gosto que ele tem por mulheres e se sentiu todo superior, ou alguma merda parecida, porque nós sabíamos que Sam só estava fazendo isso para que pudéssemos ouvir. Quer dizer, era segunda-feira. Ele nunca fazia essas coisas na segunda, não que eu me lembre.

Lore concordou e deu mais duas garfadas no seu frango.

— De qualquer forma, Algemas virou para mim e perguntou se eu queria... você sabe, então Sam nos ouviria. — Ela ficou boquiaberta. — No começo eu fui contra, porque era como se estivéssemos igualando ao nível dele ou sendo imaturos. Então Boo-Algemas disse que queria que Sam soubesse quem ele era e que não ia a lugar nenhum.

— Então você fez *aquilo*... alto?

Eu ri.

— Alto. Batendo cabeceira da cama na parede e eu gemendo o nome dele em voz *alta*.

Lorelei deixou cair o garfo preto de plástico na tigela.

— Eu preciso de um Algemas. Eu quero ter uma concussão de bater a cabeça na cabeceira da cama.

Eu ri alto.

— Não foi bem assim.

— Parece que foi.

Balancei a cabeça.

— Não foi a minha cabeça. Eu estava de quatro e segurando na cabeceira da cama.

— Ahhh. — Ela sorriu. — Entendi, mas, por favor, por favor, *por favor*, me leve com você na próxima festa. Eu te amarei para sempre.

— Você vai me amar para sempre, não importa o quê — eu a corriji.

— Sim, mas vou te amar mais se você me levar.

Eu sorri. — Vou ver o que posso fazer.



No final da tarde, Lorelei me interfonou.

— Algemas está na linha dois.

Virei a cabeça e olhei para ela através da janela que separava meu escritório da mesa dela.

— Não o chame assim se for sobre algum caso. Diga o nome verdadeiro para não parecer suspeito.

— Tantas regras — ela murmurou e desligou.

Revirei os olhos, peguei o telefone e apertei a linha dois enquanto fiz um gesto para ela fechar a porta. Ela continuou me olhando pelo vidro.

— Oi — eu o cumprimentei.

— Oi — ele disse de volta. — Tem um momento para conversar?

— Claro. — Sorri.

— Vou ficar no escritório até tarde. Não sei a hora que vou conseguir sair.

— Oh. — Suspirei.

— Eu sinto muito.

— Tudo bem. Não tínhamos nada marcado ou qualquer coisa.

— Eu sei, mas quero te ver.

— Eu quero te ver também, mas sei que você quer essa sociedade. Eu disse a Lorelei para encaminhar eventuais novos casos que eu tenha para você.

— Você fez isso?

Abri um sorriso.

— Fiz. Ouvi dizer que um merda quente está tentando tirar isso de você.

Ele gargalhou.

— Sim, está. Eu liguei para o Trent para dizer que você está arquivando o processo, e também para ele espalhar que eu sou um merda quente.

Dei uma risada.

— Sim, você é.

— Eu quero te ver hoje à noite. Só não sei que horas saio daqui, e você provavelmente estará dormindo.

— Me liga e eu te deixo entrar.

— Está bem, linda. Vejo você mais tarde.

Meu coração acelerou com o pensamento.

— Até mais.

— Oh, e Peyton?

— Sim?

— Esteja nua.

Eu gargalhei.

— Quem sabe?

— Tchau, linda.

— Tchau.



Booker

Eu estava começando a ficar vesgo. Estava preparando solicitações de provas a tarde toda e essas coisas eram uma dor no saco. A essa altura, eu não me importava se meus clientes já entendiam todas as informações que estavam solicitando. Eu queria tudo: registros bancários, declarações de hipotecas, fundo de pensões, milhas aéreas — basicamente tudo financeiro. Também preparei solicitações de interrogatórios especiais, pedindo a equipe de oposição apresentar detalhes de despesas mensais, renda mensal, informações de emprego, imobiliária etc. Mesmo tendo formulários básicos já preparados que precisavam ser ajustados para caberem nos casos em que estávamos trabalhando, eu ainda tinha que me certificar de que pedi *tudo*.

E também fui a última pessoa a sair do escritório.

O expediente tinha encerrado seis horas antes ou mais. Eu estava trabalhando há dezesseis horas. Tudo o que eu queria fazer era ver a Peyton. Não sabia quanta energia eu teria quando chegasse à casa dela, mas não queria dormir sozinho. Eu precisava do conforto do corpo dela colado ao meu. Precisava sentir o cheiro da pele. Precisava prová-la. *Eu precisava dela*.

Enviei um SMS antes de sair da garagem.

Estou a caminho.

Poucos segundos depois, ela respondeu:

Estou acordada.

Sorri. Achei que ela estaria dormindo, mas já que estava acordada, isso me levou a acreditar que ela estava esperando por mim.

Vinte minutos mais tarde, entrei na garagem do prédio, encontrei uma vaga de estacionamento de convidado, e em seguida, entrei no elevador em direção ao seu andar. Quando passei pelo apartamento do Sam, encarei a porta, furiosamente, me perguntando se ele tinha dito alguma coisa para ela. O que ele teria dito? “Ouvi você ontem à noite sendo fodida até perder os sentidos.”. Ou “Da próxima vez, amor, me chama que eu vou abalar o seu mundo.

Não. Sem chance.

Bati suavemente na porta, tentando não acordar os vizinhos. Alguns segundos depois, a porta abriu, mas nada da Peyton.

— Olá? — eu disse para a porta vazia.

— É só entrar — ela sussurrou.

Entre e a porta se fechou atrás de mim. Virei e vi a Peyton parada ali, vestindo nada. Absolutamente nada. Eu trabalharia vinte e quatro horas seguidas se tivesse sempre essa recepção.

— Linda. — Eu sorri.

Ela sorriu de volta.

— Você disse para eu estar nua.

Merda, parecia que tinha se passado dias que eu tinha falado com ela no telefone.

— Eu disse — lembrei.

— E você está só me encarando.

— Estou.

— Você vai tirar a roupa ou o quê?

Eu queria arrancar a roupa e foder a Peyton na porta da frente.

— Não essa noite.

Ela pestanejou.

— O quê?

Segurei seu rosto com as duas mãos.

— Eu não vim para transarmos.

Ela pestanejou novamente.

— Não?

Balancei a cabeça.

— Não, eu vim para ficar com você. Estou morto de cansado.

— Então por que você me queria nua?

— Eu sempre quero te ver nua. Sou homem. Mas, honestamente, eu disse isso antes de me tocar que trabalharia até depois da meia-noite.

— Oh. Bem, está com fome?

Com a pergunta é que me toquei que não tinha comido nada desde à tarde.

— Estou alucinado de fome.

Ela sorriu, ficou na ponta dos pés e pressionou os lábios nos meus. Depois se afastou.

— Eu fiz espaguete. Você come?

— Eu disse que comeria qualquer coisa.

— Eu sei, mas você acorda antes do sol nascer para ir à academia. Não faço a mínima ideia se você come massas.

Dei uma risada.

— Eu tenho uma dieta rigorosa, mas nesse exato momento, eu comeria um pão de forma inteiro.

Ela pegou minha mão e entrelaçamos os dedos.

— Isso pode ser providenciado.

— O quê? — Meu olhar estava em sua bunda e eu não tinha ideia do que ela tinha dito.

— Se você quiser todos os carboidratos, eu os tenho. — Ela me olhou por cima do ombro

enquanto caminhava em direção à cozinha, comigo a tiracolo.

Meu olhar subiu para os olhos dela.

— Espaguete vai bem.

— Ok. Sente-se que eu preparo seu prato.

Meu olhar passeou pelo corpo dela.

— Você vai preparar meu jantar, nua?

— Não. — Ela riu. — Já está pronto. Só vou colocar para esquentar no micro-ondas, depois vou colocar a roupa de volta.

— Não...

— Não?

— Vá para a cama, daqui a pouco estarei lá. Acho que posso me servir.

Ela me olhou por um segundo.

— Está bem. Fique à vontade. Está tudo na geladeira.

Assenti com a cabeça e depois fiquei observando sua bunda novamente enquanto ela ia em direção ao quarto. *Definitivamente, eu poderia me acostumar com isso.*

Doze minutos depois, eu estava indo para o quarto, morto de cansado. Eu tinha comido um prato enorme de espaguete, mas não me deu nenhuma energia. Pelo contrário, me deixou mais prostrado ainda. Como diabos eu ia passar os próximos dois meses me matando de trabalhar e manter um relacionamento com Peyton?

Eu nunca namorei firme. Nunca tive tempo. Fodia algumas mulheres por aí e me divertia no *Sensation*, mas nada durou mais do que algumas semanas. Estudei por sete anos, e depois eu estava ocupado tentando me firmar e provar minha capacidade na L&T para que eu pudesse receber promoção atrás de promoção. Ia às festas do *Sensation*, e ainda saía com algumas mulheres nos fins de semana. Afinal de contas, era homem e tinha necessidades. Mas nunca tive, de verdade, vontade de dormir junto todas as noites. E eu queria dormir com Peyton todos os dias.

Queria que ela dormisse com a bunda pressionada no meu pau.

Queria acordar com o cabelo dela bagunçado, a cara de sono e ser a primeira coisa que visse todas as manhãs.

O cabelo escuro da Peyton estava espalhado no travesseiro, e me vi pensando em como as coisas tinham ido do nada a isso. Quando, em sã consciência, eu imaginaria que ela me daria bola e cederia à tentação de se deixar algemar, por mim, na primeira noite em que transamos? E como fui sortudo de ela ter me deixado ser o primeiro a comer a bunda dela. Tudo isso estava além da minha compreensão. Ela se entregou totalmente, e esse pensamento me deu um aperto no peito.

Tirei a roupa antes de deitar ao lado dela. Quando levantei o edredom para me cobrir, notei que ela ainda estava nua. Sorri e me aproximei mais, passando o braço em volta da cintura.

— Você comeu bem?

Eu abri meus olhos e a vi me encarando.

— Sim, linda, comi.

— Que bom.

— Pensei que estivesse dormindo.

Ela sorriu.

— Não, estava te esperando.

Abri um sorriso e me inclinei para dar um beijo nos lábios dela. — Obrigado pelo jantar.

— De nada.

Virei e estiquei a mão para a luminária e a apaguei. Já era uma da manhã, e quatro e meia chegaria rápido. *Porra!*

O braço de Peyton foi para a minha cintura e ela se aproximou de mim.

— Você está tão quente.

— Se você estivesse vestida não estaria com frio — provoqueei.

— Eu não sei bem todas as regras.

Pestanejei.

— Que regras?

— Entre nós.

— Não entendi.

Ela suspirou.

— Eu gosto muito de você, mas não sei se o que existe entre nós é apenas sexo.

Beijei suavemente sua testa.

— Linda, eu disse que queria ver aonde isso iria entre nós. Eu quero você. Tudo em você e não apenas sexo. Claro, eu adoraria mais do que tudo estar enterrado profundamente em você agora, mas está tarde, e nós dois temos que trabalhar em poucas horas. Se eu só quisesse sexo com você, não teria vindo essa noite porque, honestamente, tenho certeza de que estarei dormindo em dois minutos.

— Tudo bem — ela sussurrou.

— Mesmo? — perguntei, buscando esclarecimentos de que ela entendeu.

— Sim, tudo bem.

— Bom. — Debrucei-me uns poucos centímetros para beijá-la nos lábios.

A boca de Peyton refletiu a minha quando a abri, procurando a língua dela para um beijo de boa noite. Começou devagar. Eu pretendia que fosse curto e doce, que nos deixaria felizes. Em vez disso, transformou-se em fogo. Meu pau endureceu e pressionou a barriga dela.

— Tem certeza de que está cansado? — perguntou ofegante.

— Tenho — afirmei.

— Então me deixe fazer todo o trabalho.

Abri os olhos.

— O quê?

A mão de Peyton desceu entre nós, e ela segurou meu pau. Inalei profundamente com o contato.

— Você não tem que fazer isso.

— Shhh — ela sussurrou.

Caralho. Não importa o quão cansado eu estivesse, não recusaria uma punheta. Eu acariciava lentamente suas costas, ainda um de frente para o outro, a mão dela bombeando meu pau. Nossas bocas voltaram a se devorar, e antes que eu me desse conta, minha mão estava no meio das pernas dela. A boceta era lisa, macia e estava molhada, e mesmo ela tendo dito que faria todo o trabalho, estava tão excitada quanto eu.

— Merda — murmurei em seus lábios. — Eu realmente...

— Shhh — ela disse novamente, e sua mão começou a se mover mais rápido.

Dois dedos meus bombeavam dentro dela, na mesma velocidade dela. Ela gemeu na minha boca, a boceta apertando meus dedos. Pré-goza vazou da cabeça do meu pau, a mão dela o pegou e começou a deslizar mais rápido. Tirei os dedos de dentro dela e revesti o polegar com os sucos, então o mudei para o clitóris. Quanto mais rápido ela me masturbava, mais forte eu esfregava o clitóris. Eu gemi, prestes a gozar na sua mão.

— Deita de costas — instruí.

Sua mão parou por um segundo, mas depois começou a me trazer mais perto, então ela continuou a me trazer cada vez mais perto do limite.

— Peyton. — Avisei, minha mão ainda trabalhando sua boceta, como se estivéssemos correndo.
— Deita de costas. Agora — rosnei.

Sua mão deixou meu pau quando ela deitou de costas como eu pedi. Também tirei a mão de seu corpo, joguei no chão o edredom que nos cobria e fiquei de joelhos. Retornei a mão à boceta e continuei trabalhando o feixe de nervos que a fazia gemer mais e mais. Minha outra mão bombeando meu pau para cima e para baixo, contornando a cabeça, o polegar na parte inferior, dando mais pressão.

Ela esticou as mãos, agarrou os deliciosos seios e torceu os mamilos.

E então eu gozei.

Minha porra esguichando na barriga e seios dela.

— Caralho — eu gemi.

O corpo dela estremeceu, e ela seguiu o meu gemido com um próprio que pareceu tão profundo na garganta, que eu tive certeza de que começou na boceta e subiu.

Caí deitado de costas, prestes a desmaiar.

— Eu realmente não vim aqui para nada disso. — Não sei por que eu continuava dizendo a ela que meus motivos eram puros, mas eram.

— Eu não estou reclamando.

Virei de lado, tomei sua boca entre meus dedos e a beijei.

— Eu te ajudaria a limpar, mas acho que não tenho forças para levantar agora.

Ouvi sua risada no escuro.

— Eu volto já. Durma. — Ela me beijou e depois saiu da cama.

Ouvi água correndo enquanto o sono me vencia. Assim que comecei adormecer, senti a cama afundar e sua bunda voltar a pressionar meu pau.

Exatamente onde ele pertencia.



Eu podia jurar que tinha acabado de dormir quando meu alarme tocou. Peyton se levantou no susto, ao meu lado, e eu me atrapalhei para desligar o celular.

— Ok. Nós temos que dar um jeito nisso. Um dia, vou ter um ataque cardíaco.

Eu ri.

— Volte a dormir, linda.

— Você vai mesmo embora?

Beijei seu ombro.

— Sim. Mais uma vez eu não trouxe o terno para trabalhar, e preciso ir à academia.

Ela suspirou.

— Acho melhor nesse fim de semana você trazer roupas para que possa ficar mais tempo na cama e me manter quentinha.

Eu sorri.

— Vou colocar roupas extras no carro quando eu for para casa.

— Está bem — ela respondeu sonolenta.

— Te ligo mais tarde.

— Hmm...

Beijei seu ombro novamente e saí da cama. Ainda estava escuro, mas se eu não malhasse, não teria energia necessária para aguentar os próximos meses. Era loucura pensar que dormir menos me daria mais energia, mas era verdade. Claro que eu teria que dormir mais essa noite, mas ter o sangue bombeando nas veias enquanto eu corria e levantava pesos, me dava a merda de uma tonelada de energia.

Além disso, eu precisava liberar as calorias do prato de espaguete.



— Que tal sair para jantar hoje à noite? — sugeri depois que a Peyton me acordou na sexta-feira. Tínhamos decidido que ela colocaria o alarme dela para despertar e depois me acordaria. Eu odiava que ela tivesse que acordar primeiro, em sua própria casa, mas ou ela acordaria assustada ou me acordaria com beijos. Claro, escolhi a segunda opção. E não importava o quanto eu estivesse cansado, ouvir sua voz assim que acordasse, valia a pena.

— Eu não posso.

Meu corpo ficou imóvel. Eu não esperava essa resposta.

— Vamos a algum lugar que ninguém nos conheça.

— Não é isso. É que toda sexta-feira depois do trabalho, Lorelei e eu vamos ao Rick's...

— Conheço o lugar. Volto pra cá quando eu sair do trabalho hoje à noite. Amanhã vamos dormir até tarde e passar o fim de semana juntos.

— Você não tem que ir amanhã à academia ou no domingo?

— Tenho — corrigi. — Mas não preciso ir cedo.

— Ah. Tá. Te encontro aqui, na volta.

— Volte a dormir, linda.

Assim como todas as manhãs, deixei minha Bela Adormecida num sono profundo. Amanhã seria uma história diferente.



— Você vai para a casa da Peyton depois do trabalho?

Olhei por cima da tela do meu computador e vi o Randy na minha porta.

— Não fale a porra do nome dela — falei, contrariado.

Ele ergueu as mãos e caminhou na minha direção.

— Cara, me desculpe. Relaxa.

— Você sabe que não pode dizer o nome dela aqui.

— Não tem mais ninguém aqui — afirmou, acenando para trás, indicando o escritório vazio.

Eu o encarei.

— Alguém poderia estar se aproximando e o nome dela não é comum.

— Ela poderia ser homem. — Ele riu.

— Só não repita o nome dela.

— Bem, como você quer que eu a chame?

Coloquei minha caneta para baixo, recostei na cadeira e pensei na pergunta dele. Como poderíamos chamar a Peyton? Randy era um dos meus melhores amigos, por isso era normal que conversássemos sobre a minha vida amorosa ou minha vida em geral.

— Chama-a de Manning.

— Manning? — ele questionou.

— É — confirmei. — Igual ao Peyton Manning. — O único Peyton que eu conhecia, além da minha garota era o famoso quarterback.

— Certo. Você vai para a casa do Manning depois do trabalho?

Olhei para o relógio. Eram apenas 19 horas, mas depois da semana que tive, estava pronto

para encerrar o expediente.

— Na verdade, você quer tomar um drinque no Rick's?

Ele sorriu.

— O Manning está lá?

Meu companheiro me conhecia muito bem. Abri um sorriso.

— Provavelmente.

— Legal, vamos lá.



Dez minutos mais tarde, Randy e eu estávamos entrando no ostentoso bar. Fomos direto comprar uma bebida e dei uma olhada no ambiente até que meu olhar pousou em Peyton. Ela estava com a Lorelei.

Eu queria caminhar até a mesa alta que elas estavam sentadas, mas muitos dos nossos colegas frequentavam o Rick's. Era perto do tribunal e, portanto, as pessoas passavam muito tempo aliviando a tensão com bebidas.

Em vez disso, peguei meu celular assim que sua amiga levantou e caminhou em direção ao banheiro.

Se divertindo?

Vi quando ela olhou para o celular em cima da mesa, o pegou e digitou de volta.

Sim, embora Lorelei esteja tentando me embebedar para eu contar todos os meus segredos.

Sorri.

Que segredos?

Os nossos segredos.

Como o quê?

O barman parou na minha frente e eu pedi vodka e água. Era a bebida mais simples de pedir, sem açúcar e outras porcarias que ferravam com o meu corpo.

*Como o que fazemos no Sensation. Na cama.
No meu balcão da cozinha.*

Meu sorriso alargou.

Então ela sabe sobre mim?

Claro. Ela é minha melhor amiga, mas eu não contei os detalhes.

Eu não me importo.

Sério?

Se você confia nela, eu também confio.

— Você vai ficar no celular a noite toda ou vai até lá?

Ergui o olhar e o Randy estava olhando para mim.

— Eu não posso ir até ela. Alguém pode ver.

— Cara, vocês dois têm casos um contra o outro. Ninguém vai pensar que vocês estão transando. Só vão presumir que você está sendo cordial.

— Vá encontrar uma mulher e desaparece — eu disse enquanto lia a resposta da Peyton.

Ela não precisa saber detalhes. Embora tenha me comprado quatro bebidas na esperança de eu falar.

Você está bêbada?

Eu a vi rir e digitar de volta.

Um pouco tonta.

Você está usando calcinha?

Ela riu novamente.

Você gostaria de saber, não é?

Sua amiga voltou e eu gemi interiormente. Nossas mensagens de texto estavam ficando boas. Continuei assim mesmo.

Se eu passasse a mão no meio das suas pernas, sentiria sua boceta molhada ou algodão?

Peyton olhou para a amiga e depois de volta ao celular.

Algodão, mas estou usando jeans, então não tem isso.

Ah, sim, sexta-feira casual. Eu mal podia esperar para ver o jeans abraçando cada curva de sua bunda. A bunda que eu queria agarrar enquanto me enfiava nela.

Você iria até a sala de vodka comigo vestindo apenas o casaco de pele para que eu pudesse me certificar?

Eu a vi ficar boquiaberta quando leu meu sms. A amiga dela estava tentando ver a tela, mas Peyton virou, escondendo-a.

Sim, se você estivesse aqui.

Eu não precisava mais de um convite do que isso.

— Já volto — eu disse ao Randy e me dirigi até onde Peyton estava. Sem que me visse, parei atrás dela e sussurrei em seu ouvido:

— Então faça isso, linda.

Ela se assustou, as costas inclinando no meu peito. Eu não queria interromper o contato. Queria poder me inclinar e beijar o pescoço e os lábios rosados e deliciosos dela. Mas segurei e a estabilizei com a mão e dei um passo atrás.

Ela virou, me olhou nos olhos e disse:

— O que você está fazendo aqui?

Eu não sabia quem estava por perto porque não tinha prestado atenção, então por segurança, respondi:

— Vim *saborear* vodka na sala de degustação. — E então me afastei.

Fui até o estande na frente da sala de vidro refrigerado e paguei para nós dois, uma bandeja de vodka para cada com seis amostras diferentes. Teoricamente, o equivalente a três shots. Também disse ao host que não precisaríamos de instrutor e era somente para levar as bandejas e sair porque já tínhamos feito a experiência antes e só queríamos provar mais da coleção deles. O host concordou.

Quando me virei para ver se Peyton estava vindo, eu a vi pegar o casaco com o atendente. Ela hesitou, e o host entrou na sala para servir nossas amostras. Encontrei o olhar de Peyton, que fez um gesto sinalizando que estava indo ao banheiro. Eu sorri. Não sabia como ela ia fazer para entrar sem o jeans ou a calcinha. Quando saiu, distraí o anfitrião para que ele não percebesse que ela levou o casaco.

Poucos minutos depois a porta abriu e Peyton entrou com a bolsa no ombro. Tive que me esforçar muito para não tocá-la. Não éramos os únicos na sala de degustação. Algumas pessoas estavam em volta do balcão central, degustando suas amostras. Do restaurante se via quem estava dentro da sala e, novamente, eu não fazia ideia se havia algum conhecido aqui (além da Lorelei e Randy). Quando olhei pelo vidro, vi Randy conversando com Lorelei na mesa. *Bem pensado, companheiro. Distraia a amiga.*

O host serviu nossas doze amostras transparentes, então voltou a atenção para os outros clientes, perguntando se tinham alguma dúvida.

— Se virarmos de costas e nos encostarmos ao vidro, ninguém dirá que somos nós — eu disse, meneando a cabeça em direção ao vidro. Apenas os painéis do centro iam do chão ao teto, os

outros quatro (dois de cada lado) eram meia parede, e seria perfeito para eu descobrir o que Peyton estava usando sob o casaco.

— Tá — ela disse e andou. Eu a segui. Quando parou em um canto, fiquei ao lado, baixei a mão e entrelacei nossos dedos.

— Mostre-me — ordenei.

Peyton virou a cabeça e me olhou.

— O quê?

Peguei um copo de shot e entreguei a ela, depois peguei um para mim.

— Pegue minha mão e me mostre o que está debaixo do seu casaco enquanto saboreamos essa deliciosa vodka.

Depois de alguns momentos, ela se aproximou de mim, nossos ombros se tocando, então puxou minha mão na frente do corpo e a deslizou, junto com a dela, pela fenda do casaco que estava fechado apenas por botões. Meu corpo bloqueava a visão. Embora ninguém estivesse prestando atenção em nós, ninguém conseguia ver. Como nossos casacos juntos camuflavam, ela pressionou minha mão no calor. Ela estava queimando apesar da sala estar com menos dois graus, o que fazia nossa respiração exalar com fumaça.

— É isso o que você estava procurando?

Respirei fundo e gemi.

— É. — Deslizei dois dedos para dentro dela. — E, claro, você está molhada.

Peyton abriu um pouco as pernas, me acolhendo, enquanto casualmente virou a vodka que estava segurando. Também virei meu shot, estiquei o braço e coloquei o copo vazio de volta na bandeja. Eu fiz o mesmo com o ela, e depois peguei mais dois, enquanto meus dedos continuavam a trabalhar na boceta macia.

Virei outro shot e sussurrei:

— Eu quero tanto te foder naquela parede de vidro.

Ela gemeu e virou o shot.

— Quer?

— Quero.

Meu pau pulsava dentro da calça e a excitação de Peyton escorria pela minha mão. Eu não ligava se alguém estivesse assistindo. Rapidamente viramos mais três shots que nem consegui distinguir os sabores. Só sabia que queimavam enquanto desciam. Meu foco estava totalmente voltado para as respirações superficiais de Peyton, na boceta apertando meus dedos e no esforço que eu fazia para não abrir a calça e fodê-la aqui.

Ainda tínhamos um shot cada, mas em vez pegá-los, passei a esfregar vigorosamente o seu clitóris.

— Oh, Deus — ela gemeu.

Inclinei-me ao ouvido dela.

— Depois disso, vou te levar para casa e te foder tanto, que teremos que ficar na cama

amanhã porque você não vai conseguir andar.

Eu não sabia se isso era possível. O que eu sabia era que o meu pau estava doendo a tal ponto, que se eu não gozasse logo, acabaria molhando a calça como um menino que vê pela primeira vez uma mulher nua em revista. Com as minhas palavras, Peyton gozou. A boceta tensionou e ela virou a boca no ombro para abafar o gemido de êxtase.

Talvez eu não fosse para a academia na parte da manhã, já que agora, queimaria calorias de um jeito totalmente diferente.



Peyton

Passamos aquele final de semana na cama, exceto quando precisei ir à casa dos meus pais, para o jantar semanal de domingo. Enquanto eu estava lá, Booker foi para casa e pegou mais roupas para trazer de volta para a minha. Eu estava começando a me acostumar a dormir com ele ao meu lado todas as noites, e não queria que isso mudasse. Nem fazíamos sexo todas as noites como pensei que faríamos. Às vezes, apenas conversávamos e, claro, nossas conversas matutinas faziam valer a pena acordar com o raiar do dia.

Essa noite, o Booker ainda estava no escritório, então abri meu laptop para pesquisar mais sobre o *Sensation* enquanto observava um cara transar com dez meninas em uma única noite, na minha TV. No sábado teria outra festa no *Sensation*, e enquanto eu achava que ia como convidada do Booker, Lorelei estava me perturbando para levá-la. E ainda havia o fato de que eu realmente gostava de ir a um clube de sexo. Nunca, em meus sonhos mais selvagens, teria imaginado que meu estilo de vida incluísse assistir pessoas transando, mas isso me excitava.

Booker e eu transávamos muito fora do *Sensation*, mas havia algo diferente de estar em uma festa de sexo de elite. Como se estivesse tudo bem em deixá-lo fazer o que quisesse com meu corpo. Claro que, provavelmente, eu o deixaria fazer fora do clube, mas ele não tinha mencionado nada sobre me algemar, dar palmadas ou qualquer coisa quando estávamos no *Sensation*. A cabeceira da cama continuava batendo na parede, mas não para o Sam ouvir, mas porque quando Booker fodia, ele *fodia*.

Digitei o site do *Sensation*. A página inicial abriu com o logotipo dodecaedro em 3D no topo. Embaixo havia um menu com todas as páginas que você poderia visitar. Abaixo dele, tinha a história de como o clube começou e como proceder para se tornar membro. A princípio, a parte da história me intrigou. Eu tinha ouvido falar que as festas de sexo se originaram com os gregos que tiveram suas primeiras orgias em algum momento antes de Cristo.

O *Sensation* inaugurou há vinte anos. Não dizia por quem ou por quê, mas o fato de já ter vinte anos e eu não ter sabido da existência dele, me deixou perplexa. Senti como se eu nunca tivesse experimentado os prazeres básicos da vida. Mas isso tinha mudado, e agora eu queria me tornar membro. Provavelmente, havia alguma regra de que eu não poderia ser convidada do Booker para sempre. Quer dizer, eles cobravam uma fortuna pelas adesões. Se alguém pudesse sempre ir com convidado, não haveria razão de essa pessoa se tornar membro.

Rolei a tela para baixo. O único meio de conseguir uma adesão, era ser convidado por outro membro. Você precisaria, então, apresentar sua candidatura por meio de uma foto ou vídeo para conseguir aprovação. Todos os membros tinham uma identificação, e esse número tinha que ser adicionado no ato da candidatura. Fazia sentido ter um processo de candidatura. Depois da minha primeira noite, eu sabia que o *Sensation* era para ricos e famosos. Eu não era nenhum dos dois, mas como era proprietária do meu apartamento, tinha emprego estável e ganhava muito bem, eu achava que poderia pagar, pelo menos, o pacote Pérola — o que quer que isso implicasse.

Cliquei no botão *candidatar-se*.

Os candidatos são obrigados a receber um convite de um membro ativo.

As candidaturas que não apresentarem as informações solicitadas serão consideradas incompletas e não serão aceitas. Devem ser fornecidas fotos nítidas e recentes ou vídeo do rosto e corpo inteiro. Todas as informações enviadas e conteúdos serão mantidos em absoluto sigilo. Se a candidatura atender à aprovação do Sensation após revisão pelo nosso fundador, um e-mail de aprovação será enviado. O escolhido pode criar uma conta de dodecaedro em que o pagamento deve ser feito através do nosso site seguro. Após a confirmação da compra, as datas e endereço das festas do Sensation serão revelados.

Gostaria que fosse bruto?

Gostaria de ser acariciada e adorada?

Ou somente observar?

O que você deseja?

Deixe o Sensation ser o lugar onde as suas fantasias secretas ganham vida.

Após o aviso legal, havia uma lista de perguntas: nome, data de nascimento, endereço de e-mail, empregador, ocupação, se já estive no clube antes, e várias questões relacionadas às suas fantasias e o que te excitava. *Eu realmente quero me tornar membro?* E se as coisas com Booker não dessem certo? Eu ainda iria querer ir para o clube e experimentar o estilo de vida, mas eu conseguiria lidar em vê-lo com outras mulheres? Ele faria alguma coisa se me visse com outro homem? Booker já tinha manifestado desprezo pelo Jason e pelo Sam, então eu não sabia como ele reagiria.

Eu precisava conversar com Booker para ver o que ele pensava a respeito do clube. Estávamos bem, mas se terminássemos, eu lidaria com o resultado. E ainda havia o fato de ele ser casado, e eu não queria namorar um homem casado pelo resto da vida. Eu queria marido, filhos e a casinha de cerca branca que toda mulher sonhava. Já tinha uma carreira, e esperava ter um homem. Os outros dois poderiam vir depois que o homem se tornasse *meu* marido.

Espera. O quê?

Eu estava louca por pensar que depois de apenas algumas semanas de namoro acabaríamos nos casando. Claro, quando você namora, esse era o objetivo final. Mas não estávamos namorando nem há um mês e eu estava pensando nisso? Provavelmente porque já dormíamos juntos todas as noites, e ele era a primeira coisa que eu via todas as manhãs.

Meu telefone vibrou com uma mensagem de texto.

Estou a caminho.

Olhei a hora. Ainda não passava das dez.

Você saiu cedo.

Tem outro homem na sua casa, linda?

Revirei os olhos.

Não, mas e esses caras de reality shows, contam?

Demorou alguns minutos para ele responder.

Depende do reality show.

The Last Rose?

The Last Rose era um reality show de namoro, onde a cada semana, uma despedida de solteiro enviava pessoas para uma casa até que eles fossem deixados com a pessoa que ficaria noivo no final.

Não é meu gênero, mas não me importo.

Sorri.

Você vai adorar. Tem uma garota que é uma loucura!

Isso não era algo novo. Cada temporada tinha pelo menos uma garota que pensava que o amor à primeira vista existia somente para ela. Então ela causava tensão e drama na casa, aumentando a audiência.

Alguns minutos se passaram e nada de resposta do Booker. Então houve uma batida na porta. Olhei pelo olho mágico e sorri quando vi seu rosto com barba loira. Ele estava olhando na direção da porta do Sam, mas quando abri a minha, não tinha ninguém no corredor.

— Oi. — Sorri.

Booker sorriu de volta.

— Oi. — Ele entrou e me beijou.

Toda noite era a mesma coisa, e embora ele tratasse a minha casa como se fosse dele, eu ainda amava lhe servir o jantar. Minha mãe sempre me disse que o caminho para o coração de um homem era através do estômago. Felizmente, eu sabia cozinhar.

Tirei a carne assada da geladeira e a coloquei no micro-ondas. Quando me virei, Booker estava olhando para onde a minha bunda estava, antes de eu me virar.

Revirei os olhos.

— Como foi o trabalho? Por que saiu mais cedo?

Seus olhos subiram até os meus.

— Você acha que nove horas da noite é cedo?

— Para você? Acho.

— Eu só tive uma consulta à tarde, depois me preparei para o tribunal de amanhã de manhã. Então decidi vir ver a minha garota.

— É? — Sorri.

Ele se levantou e caminhou na minha direção e passou os braços em volta da minha cintura.

— É o quê? Que você é minha garota?

— É.

— Você sabe que é. — Ele colou os lábios nos meus. O micro-ondas apitou, e nos separamos.

— Ou acha que estou transando com a minha secretária?

— Está?

Ele gargalhou.

— Essa não.

Hesitei.

— Essa não?

— Alguns anos atrás eu tive um caso com a minha antiga assistente. Ela não trabalha mais lá porque o marido descobriu. Quase perdi meu emprego.

— Booker! — eu o repreendi.

— Aconteceu há anos. Tenho muito a perder agora para cometer esse erro. Além disso, a Monica não é o meu tipo. Ela me irrita profundamente quando revira os olhos porque sou o chefe e essa merda não funciona comigo. E nas sextas-feiras, quando podemos usar jeans, a bunda dela não mexe comigo.

Eu o encarei. *Que diabos significa tudo isso?*

— Você, por outro lado — ele continuou enquanto segurava meu rosto com uma mão —, faz o meu pau ficar duro como pedra quando revira os olhos, porque é você quem eu quero amarrar e punir. E sem me falar dessa sua bunda, baby.

Olhei em seus olhos azuis royal.

— Você só me amarrou uma vez.

— Há sempre o sábado, quando voltarmos ao *Sensation*, linda. Ou, se você quiser, tenho certeza de que posso encontrar algo por aqui para te prender na cama ou mesa da sala de jantar.

Pisquei em choque.

— Eu poderia usar a minha gravata, a faixa do seu roupão, ou quatro dos seus cintos para prender seus braços e pernas à mesa. Eu não me importaria de comer você no jantar. De novo.

O micro-ondas apitou, me lembrando de que a comida estava pronta.

— Na verdade, eu queria conversar com você sobre o sábado. — Não queria discutir na mesa de jantar. Enquanto isso me intrigou e me deixou excitada imaginar ficar amarrada à mesa e exposta com ele entre as minhas pernas. Eu sabia que o Booker estava exausto porque eu estava exausta, e só trabalhava oito a dez horas por dia, e não as horas loucas dele.

— Sobre o quê?

Servi sua comida e fiz sinal para ele sentar. Quando começou a comer, perguntei:

— Então, suponho que vou com você desta vez.

Ele balançou a cabeça, a boca cheia de carne.

— Como vai ser? Eu não posso ir como sua convidada todas as vezes, posso?

Ele balançou a cabeça e engoliu.

— Não, você só tem permissão para ir duas vezes. Eles imaginam que a primeira seja para conhecer e a segunda para fechar o negócio.

— Duas vezes no total, ou duas vezes por membro?

— Acho que por membro.

— Entendi. Então depois da festa de dezembro eu teria que me tornar membro?

— Tem. Você quer?

Eu corei.

— Bem, imaginei que já que é algo que você curte, eu preciso me tornar membro para continuar indo com você.

— Tudo bem.

Pensei que ele fosse falar mais alguma coisa. Eu não estava apenas comunicando que o acompanharia ao mercado.

— Tudo bem?

— Tudo — ele assentiu.

— Bem, é somente por convite. Você poderia me indicar?

Ele sorriu maliciosamente.

— Claro.

— Quanto custa?

— Você precisa decidir que nível quer e o que pode pagar.

— Eu olhei o site, mas não tinha os preços ou a descrição de cada nível.

— Eu não sei os valores, mas tenho uma ideia geral de cada nível. Não há necessidade de você se tornar membro Diamante, pois já tenho um quarto. Além disso, há uma lista de espera. Porém, a principal vantagem de ser o mais alto nível, é que você recebe os convites para as festas especiais.

— Festas especiais?

— É mais de uma vez por mês.

— O quê? — Arregalei os olhos. — Espera. Se tem mais de uma festa, por que você me deixou esperar um mês antes de eu voltar ao clube para você me contar sobre a Carrie?

— Porque só os membros Diamantes podem participar das festas especiais, convidados, não.

— Ah. Então, o que são essas *festas especiais*?

Ele deu mais algumas garfadas quando fui pegar meu vinho. Eu precisava de vinho para processar os prós e os contras do *Sensation*.

— Só vou te contar porque confio em você e porque quer se tornar membro. Você não vai contar para a Lorelei ou qualquer outra pessoa.

Virei o resto da minha taça.

— Ok, eu juro. — Estiquei o dedo mindinho.

Ele gargalhou.

— Juramento do dedo mindinho?

— É, isso equivale ao nível mais alto de uma promessa.

— Eu sei, mas não esperava que você o fizesse. Você é tão fofa.

— Me dê logo o seu mindinho. — Balancei a mão. Eu estava convencida que faria o juramento do mindinho até o dia em que morresse. Algumas coisas da infância nunca vão embora.

Booker soltou o garfo e estendeu o dedo mindinho direito. Entrelacei meu mindinho no dele e jurei que nunca contaria a Lorelei. Eu falava quase tudo para ela, mas eu conseguiria deixar isso de fora.

— Então? — perguntei.

— Eles têm festas de máscaras aleatórias para os membros Diamantes. Você é obrigada a usar uma máscara o tempo todo. Trata-se de abraçar o amor irrestrito e ter a mente aberta.

— Mas as pessoas fazem isso nas festas normais. Digo, você já viu o que acontece lá.

— Sim, mas e se um Zé Qualquer tiver o poder de levar o seu corpo para um nível de felicidade completa onde você está quase passando por uma experiência extracorpórea? Mas quando você sabe quem é esse Zé Qualquer, você não lhe dá uma chance porque você não se sente atraída porque o seu olhar está... bem, em mim?

Peguei a garrafa e me servi de mais vinho.

— Não faço ideia do que você acabou de dizer, a não ser que queira que eu transe com outro homem.

Ele sorriu.

— Baby, nós sabemos que isso não é verdade e jamais acontecerá. Só estou tentando explicar como funciona a festa secreta.

Ponderei sobre as palavras dele, tentando entender.

— Então você está dizendo que quando não se sabe com quem está transando, você tem uma experiência extracorpórea?

— Sim. — Ele terminou de comer a cenoura.

— Mas eu fico confortável com você, então já tenho a minha experiência extracorpórea.

— Você sim. Outros, não. Pense em quem é membro. E se a Lorie Diaz experimentasse isso com o coadjuvante dela, Ty Sage? Você acha que eles algum dia poderiam trabalhar juntos depois de passarem a noite juntos?

— Eu... eu não sei.

— Talvez, sim. Talvez, não, mas como eles trabalham juntos há anos e são quase como irmãos, sei com toda certeza de que eles jamais transariam intencionalmente.

Um gosto amargo se formou na minha boca.

— Ok, isso é nojento.

Booker deu uma risada.

— Eles não têm parentesco. Apenas são próximos.

— Eu sei, mas pensar em irmãos e irmãs...

— Meu ponto é o que eles poderiam estar perdendo porque não estão dispostos a se darem uma chance. Estar por trás de uma máscara permite que as pessoas desliguem a parte do cérebro que se preocupa, e lhes permite apenas sentir.

— Ok, então o que mais está incluso nesse pacote Diamante?

— Você tem direito aos licores mais caros e sofisticados no bar, assim como a Champagne *Cristal*, *Vieille Bon Secours Ale* que é importado da Bélgica, *Glenmorangie Signet*...

— Eu só conheço o *Cristal*, e estou muito bem com o material barato.

— O que você bebeu quando foi com a Ava?

— Hã?

— Você foi ao bar perto da piscina?

Balancei a cabeça.

— Então você poderia tomar os melhores licores. Já que ela é Diamante, você pôde ter acesso às coisas boas. Se fosse membro regular, teria que usar um bar diferente.

— Entendi, mas eu realmente não preciso dessas coisas sofisticadas. Aquele Chuck de dois contos me cai muito bem.

— Chuck?

— Sim, vinho *Charles Shaw* do Trader Joe's. É barato. Não custa mais do que dois dólares.

— É isso que você me faz beber quando estou aqui?

Eu gargalhei.

— Não, mas é próximo. Esse é *Barefoot*. Na verdade, um vinho premiado.

— Esse provavelmente não é servido no *Sensation*. — Ele riu alto.

— Provavelmente não — gargalhei — O que posso conseguir com vinte mil por mês?

— Todas as coisas exclusivas. Os outros níveis te permitem fazer mais do que um nível inferior. Portanto, o Diamante pode fazer de tudo.

Booker se levantou e caminhou atrás de mim, em direção à pia.

— Você vai a essas festas de máscaras?

— Eu já fui.

— Recentemente?

Ele lavou o prato e o enfiou na máquina de lavar louça enquanto falava.

— Não vou há dois meses.

— Oh. — Mordi o lábio inferior.

Ele beijou minha testa.

— Sinceramente, não sinto vontade de voltar porque só quero transar com você.

Sorri para ele.

— É?

— É.

— Há mais uma coisa que eu preciso te dizer.

— O que é?

— A Lorelei quer ir no sábado.

— Hmmm — ele pensou, balançando levemente a cabeça. — Vou falar com Randy e ver se ele a convida.

Lorelei e Randy se conheceram oficialmente algumas semanas atrás, quando Booker e eu estávamos na sala de degustação de vodka. Lorelei sabia quem era o Randy exatamente como sabia quem era o Booker. Ela falava principalmente com os assistentes no trabalho e não com os próprios advogados. Agora essa pode ser uma história diferente com aqueles dois.

— Você pode perguntar amanhã para ela parar de me perturbar? — Eu meio que brinquei.

Ele entrelaçou os dedos aos meus, pegou o controle remoto da mesinha de centro e desligou a TV.

— Pode deixar, eu pergunto depois do tribunal.

— Obrigada.

Booker me levou para o quarto. Logo que entramos, imaginei que fosse me jogar na cama e fazer coisas pecaminosas comigo. Em vez disso, me girou para ficar de frente para ele e começou a tirar lentamente a minha roupa. Primeiro a blusa do pijama, em seguida a calça e por último a calcinha. Então começou a tirar seu terno. Observei-o tirar a gravata, em seguida, cada peça de roupa.

— Hora de dormir — ele disse.

— Oh — murmurei e fui para o meu lado da cama. — Você vai me contar sobre os outros níveis? — perguntei quando nos deitamos sob o lençol cinza escuro.

Booker me puxou para ele, pressionando minhas costas em seu peitoral.

— Sim, mas resumidamente. Estou acabado.

— Eu também — admiti.

— Você pode ir comigo à academia amanhã?

Eu gargalhei com vontade.

— Se eu fosse para a academia, não teria o meu tão necessário sono da beleza.

— É justo. — Esperei enquanto ele pensava. — Então, Pérola te permite apenas acesso. Você pode entrar, interagir nas áreas comuns e beber no *Open Bar*. Com o Rubi você pode fazer tudo isso, e ainda tem direito a usar um quarto lá embaixo que tem dez ou mais colchões espalhados por ele.

— Andar debaixo?

— No porão. Não, no térreo.

— Na Califórnia não tem porões — eu disse.

— Estamos falando de Beverly Hills. Tenho certeza de que todas as casas são feitas sob medida e Winn sabia o que queria, quando construiu a mansão.

— Winn é o fundador?

— Assim como o Savior.

— O quê? — Sentei-me para encará-lo.

Ele riu.

— Você acha que eles deixariam qualquer um sentar em um trono com mulheres lambendo os pés?

— Bem, sim.

— Não, linda. Aquela cadeira é dele.

— Uau. — Deitei novamente. — É por isso que ele dá demonstrações?

— Muitas pessoas praticam *BDSM* no *Sensation*, mas sim. E se quiser aprender a arte dele, tem que ser nível Safira ou superior.

— E Esmeralda?

— Tem um quarto no andar principal, onde pessoas atuam.

— Atuam?

— Atores.

— Por que precisam de atores para fazer show, quando a mansão é basicamente pornô interativo?

— Arte ou alguma merda. — Senti Booker sorrir no meu ombro.

— E as pessoas pagam mais por isso?

— Para cada um deles.

— Imagino que sim. — Dei de ombros. — Então deixe-me ver se entendi direito. Pérola, você tem entrada no *Sensation* e pode beber no *Open Bar*, bem como interagir com as pessoas nas áreas comuns.

— Exato.

— Rubi tem tudo isso e acesso ao porão onde se tem um pouco mais de privacidade, mas não muita, porque tem um monte de colchões num mesmo quarto?

— Isso.

— E Esmeralda você tem *arte* ao vivo?

— É.

— Safira dá direito a ter aulas particulares com o Savior?

— Correto.

— E então, com Diamante, você tem direito a todas essas coisas e mais quarto próprio, bebidas

mais caras e uma festa exclusiva todo mês?

— Exatamente.

— Hmm. — Pensei por um momento. — Então, sim... eu só preciso do nível Pérola, porque posso ir para o seu quarto e não desejo ter qualquer uma das outras regalias. Exceto, talvez, se eu quiser conferir o que é esse rebuliço todo sobre arte.

Booker sorriu de novo no meu ombro.

— Vamos fazer sua adesão depois da festa de sábado.

Enquanto estávamos deitados na cama, eu não parava de pensar que estava prestes a me tornar membro de um clube de sexo. Sorri ao pensar sobre as questões relativas a pedidos de várias coisas quando se entrava como sócio para qualquer clube. Um clube de sexo, provavelmente, não era o que eles estavam pensando quando formularam essas perguntas.



Booker

Você pensa em voltar pra casa?

Olhei para a mensagem de texto e suspirei. Eu não dormia na minha cama há quase um mês, e quando eu ia para casa, era para pegar roupas, mas não nunca a encontrava em casa. Portanto, ultimamente eu não tinha visto muito a minha esposa. Estava tudo muito pesado sobre os meus ombros. Pensei em como precisava trabalhar pra caramba todo dia, em como precisava me certificar de que a Peyton estava feliz, e agora em como a Carrie, basicamente, estava me dizendo que eu a estava negligenciando.

Sentindo a minha falta?

Alguns segundos depois, ela mandou uma mensagem de volta.

Eu tenho algo para te contar.

Isso despertou meu interesse.

O que é?

Quero falar pessoalmente.

Está tudo bem?

Claro.

Ok, vou conversar com a Peyton e volto pra casa hoje à noite.

Traga-a.

Fiquei encarando as palavras na tela.

Levá-la?

Eu sabia que ela queria conhecer a Peyton oficialmente e, provavelmente, pedir desculpas por ter sido uma cadela com ela naquela noite no *Sensation*, mas se ela tinha algo para me contar, não acho que contaria na frente da minha namorada.

É, a gente pede comida chinesa.

Juro que essas mulheres não sabiam nada sobre a minha dieta. À medida que queimava uma

quantidade excessiva de calorias na academia todos os dias, eu necessitava voltar para o frango, peito de peru e batata doce. Eu passava muitas horas malhando para esculpir meu corpo e tentar não deixar que as mulheres da minha vida não me deixassem gordo. Embora, a verdade, é que eu adorava a comida da Peyton. Era como me sentir em casa.

Tudo bem. Vejo você às sete.

Aparentemente, eu também sairia *mais cedo* do trabalho.

Comecei a digitar um SMS para Peyton, mas em vez disso decidi ligar para o escritório. Depois de passar pela telefonista, Lorelei atendeu.

— Escritório de Peyton Winters.

— Lorelei, Booker.

— Oi, Sr. Jameson, vou transferir...

— Na verdade, eu quero falar com você.

— Ah.

— Peyton me disse que você quer ir no sábado.

— Quero.

Assenti, embora ela não pudesse me ver.

— Falei com o meu amigo Randy, o que você conheceu no Rick's.

— Certo...

— Ele disse que você pode ir como convidada dele.

— Sério? — ela gritou. Tive que afastar o fone da orelha.

— Sim, mas lembre-se:

— Eu sei, confidencial.

— Certo.

— Muito obrigada. Vou transferir para a Peyton agora.

— Obrigado. Te vejo no sábado.

Poucos segundos depois Peyton atendeu.

— Oi.

— Oi. — Sorri assim que ouvi sua voz.

— Está tudo bem?

— Quer jantar na minha casa essa noite?

Houve uma breve pausa.

— Sim, claro.

— Não é que eu não queira ir para a sua, mas a Carrie quer que a gente jante com ela hoje.

— Oh — ela suspirou.

— Tudo bem pra você?

— Bem, com certeza vai ser meio estranho no início.

— Não se preocupe. Ela provavelmente vai te pedir desculpas pela merda que causou entre a gente, então vai te oferecer vinho e vocês serão melhores amigas.

Peyton riu, e meu pau estremeceu.

— Eu gosto de vinho.

— Eu te pego às seis e meia.

— Combinado.

— Ah, e mais uma coisa. Leve roupa para trabalhar amanhã.

— Como eu vou para o trabalho?

— Depois que eu voltar da academia, te busco e levo na sua casa para você pegar o carro.

— Não seria melhor eu te encontrar na sua casa?

— E se você chegar antes de mim, vai se sentir confortável, sozinha com Carrie?

— Bem pensado.

Ri alto.

— Não fique nervosa. A Carrie é inofensiva, e prometo que você irá amá-la.

Peyton ia voltar para casa comigo, a que eu dividia com a minha esposa, mas sabia que elas se dariam bem depois de superarem o constrangimento do primeiro encontro.



Pelo menos uma vez, eu não fui o último a sair do escritório. Cada vez mais o Clint tentava ficar até mais tarde do que eu, mas nunca permiti. Ele tinha esposa e filho pequeno em casa esperando, e não havia a menor possibilidade de eu deixar aquele imbecil tirar a promoção e o aumento de mim. Se tivesse que ficar do lado de fora das casas noturnas, à espera de casais saindo e que estavam brigando, eu ficaria. Qualquer coisa para conseguir mais clientes. Na verdade, eu ia abordar algumas pessoas no sábado, no *Sensation*, que eu sabia que estavam prestes a se separarem.

Quando saí do elevador no andar da Peyton, meu bom companheiro Sam estava caminhando em direção a ele.

— Oi, nocauteador de paredes. — Ele riu quando passou por mim.

Virei de frente para ele.

— Com inveja?

Ele jogou a cabeça para trás, rindo.

— Por que eu estaria com inveja? Você provavelmente está fodendo com uma só mulher, e eu tenho uma lista inteira na discagem rápida.

Primeiro de tudo, praticamente todo mundo estava em discagem rápida hoje em dia. E segundo, eu já tive muita bunda nos meus dias, e eu estava feliz com a que eu estava agora.

— Continue pensando assim, companheiro. — Continuei caminhando pelo corredor, em direção à porta de Peyton. Bati e a esperei atender. Eu *realmente precisava ter uma chave*.

A porta abriu e meu olhar vagou dos pés calçados com botas e subiu até os seus cachos castanhos soltos. Ela estava usando jeans e um suéter creme que pendia em um ombro. Em vez de cumprimentá-la com um beijo como normalmente fazia, dei um passo à frente e pousei os lábios sobre sua pele nua.

— Vamos nos atrasar se você continuar assim — ela brincou.

Sorri contra sua pele.

— Carrie entenderia.

— Contenha-se apenas por algumas horas. — Ela riu e passou por mim, para o corredor.

Fechei a porta e peguei as chaves da sua mão para poder trancá-la.

— Estou tentando, linda, mas não vi você durante o dia todo.

— Acho que você sobrevive.

— Talvez. Talvez não. Você está disposta a arriscar? — Brinquei.

— Depende. Qual vai ser o jantar?

Enquanto caminhávamos em direção ao elevador, peguei a mala de mão da Peyton e lhe entreguei de volta as chaves para que ela guardasse na bolsa. Segurei a mão dela, precisando sentir sua pele na minha.

— Comida chinesa.

Ela deu um leve suspiro.

— Minha favorita.

Abri um sorriso.

— Sério?

— É. Essa noite só pode acabar bem.

Abri um sorriso.

— Pode confiar que vai. Carrie é uma querida.

— Você continua me dizendo isso, exceto pelas primeiras palavras delas que foram rudes.

— Ela presumiu que você fosse apenas uma mulher aleatória, e ela estava pronta para ir para casa. E provavelmente também estava com fome.

Um sorriso lento espalhou pelo seu rosto.

— As mulheres são umas cadelas quando estão com fome.

— Exatamente o que eu penso. Não tenho a menor dúvida de que hoje ela vai se redimir.

— Você a viu no último mês?

Balancei a cabeça.

— Só por alguns minutos no início do mês quando fui em casa pegar minhas roupas para a academia e trabalho.

— Talvez, se as coisas derem certo, posso vir depois do trabalho para ficar com ela enquanto você estiver trabalhando até tarde. Podemos alternar os dias ou algo assim. Eu vou para a sua casa um dia. No outro você vai para a minha.

— Não quer passar uma noite sem mim, baby? — provoquei.

— Faça-me o favor. Foi você quem me disse para eu fazer uma mala para passar a noite.

— Tem razão. Não quero dormir uma noite sem você — admiti.

Ela sorriu, mas não respondeu. Não precisava. Mesmo que fizesse piada sobre isso, eu sabia que ela não queria passar uma noite sem mim.



Vinte minutos depois chegamos à minha rua. Depois de estacionar na garagem, peguei a mala de mão da Peyton, e abri a porta.

— Pronta? — perguntei ao segurar sua mão.

— Eu tenho escolha?

Finalmente pressionei os lábios nos dela. No momento que se encontraram, percebi que não os tinha beijado desde manhã cedo.

— Vou dizer isso mais uma vez. Eu te entendo. Carrie não vai ser uma cadela, e se ela for, eu a ameaço com o divórcio. — Sorri.

Peyton bateu no meu peito.

— Não fala besteira.

Entramos em casa pela porta da garagem que dava na cozinha. Carrie estava sentada à mesa da sala de jantar, com outra mulher que eu não conhecia.

— Peyton! — Carrie exclamou e correu para ela. Minha mão caiu longe da Peyton quando Carrie a envolveu em um abraço. — É tão bom finalmente conhecê-la. Quero dizer, nós nos encontramos antes, mas aquilo foi...

— Ela sabe o que foi, querida. Peyton estava lá. — Interrompi Carrie, porque eu não sabia quem era a outra mulher, e não tinha certeza se Peyton se sentiria confortável com uma estranha sabendo que frequentamos um clube de sexo.

— Certo — disse Carrie, sem tirar as mãos dos ombros da Peyton. — Peço desculpas sobre o que eu disse e como disse.

Peyton deu um pequeno sorriso.

— Obrigada. Está tudo bem agora.

Ela desviou o olhar para mim e eu sorri de volta.

— Tudo no passado — eu concordei.

— Que bom — disse Carrie.

— Eu sou o Booker. — Estendi a mão para a estranha sentada à minha mesa de jantar.

— Taylor. — A loira retribuiu o gesto.

— Booker. Taylor é minha... — Carrie hesitou ao sorrir para Taylor, depois voltou-se para mim.

— Minha namorada.

— Oh. — Sorri para Carrie. — Era isso o que você queria me dizer?

Ela mordeu o lábio inferior.

— Em parte, mas podemos esperar até depois do jantar. Primeiro, acho que devemos pedir a comida e preparar uns drinks.

Inclinei levemente a cabeça.

— Agora estou realmente intrigado.

— Não se preocupe. Estou com fome, e prefiro contar depois que pedirmos a comida.

Suspirei.

— Está bem. Pegue o menu que eu vou mostrar meu quarto a Peyton e levar as coisas dela pra lá.

Peyton me seguiu pelo corredor até o quarto que nunca deixei mulher alguma entrar, exceto Carrie e Amelia, e nenhuma delas jamais sexualmente. Eu raramente passava muito tempo no quarto, a não ser para dormir, por isso era bem vazio, exceto pela cômoda, mesa de cabeceira com luminária e um relógio de parede acima da minha cama. Eu tinha uma foto do Big Ben em uma das paredes para me lembrar de casa, e era isso. Foi a Carrie quem decorou a nossa casa. Na verdade, era a casa *dela*. Ela a comprou não muito tempo depois que se formou e casamos.

— Você está bem? — perguntei quando fechei a porta depois que entramos.

Peyton assentiu com a cabeça.

— Estou. Não esperava receber um abraço ou conhecer a namorada da sua esposa.

Abri um sorriso.

— Eu também não esperava conhecer a namorada da minha esposa.

Peyton sentou na minha cama.

— Da nossa conversa no mês passado no *Sensation*, tenho certeza de que isso também é novo para ela.

Esfreguei a parte de trás do pescoço.

— Provavelmente. De qualquer forma, não sei o que ela quer falar.

Ela deu de ombros.

— Talvez apenas queira compreender a próxima etapa da vida de vocês. Os dois não tiveram relacionamentos sérios desde que se casaram. Talvez ela queira regras básicas ou algo do tipo. Algo como aquele ditado, “Se a casa estiver balançando, nem se incomode em bater.”.

Sentei-me ao lado dela. Ela inclinou a cabeça no meu ombro e passei o braço em volta dela.

— A casa balançou um monte de vezes desde que nos casamos. Isso nunca a impediu.

— Então acho que temos que esperar até que ela esteja pronta.

Ela levantou a cabeça para olhar para mim, e antes de falar novamente, meus lábios roçaram

os dela.

— Vamos lá pedir a sua comida favorita.

Um enorme sorriso se espalhou em seu rosto.

— Está tentando me conquistar, Sr. Jameson?

Olhei para ela, sem saber como responder à pergunta. Eu sentia algo completamente diferente pela Peyton do que por qualquer outra mulher que tenha passado pela minha vida. Nunca quis passar um dia ou uma noite sem vê-la, e eu sabia, com toda certeza, que o último mês foi um dos melhores momentos da minha vida. Isso era amor? Eu tinha estado tão ocupado com tudo para parar e pensar sobre como é sentir o amor. Então eu respondi, brincando:

— Pensei que já tivesse.

Foi a sua vez de me encarar. Antes que ela pudesse responder, houve uma batida na porta.

— Parem de transar e venham olhar o menu!

Esposa do caralho.

— Vamos, linda. Vamos nos alimentar. — Estendi a mão e ajudei Peyton a levantar da cama.



Uma hora mais tarde, estávamos todos sentados em volta da mesa de jantar, nos servindo dos vários tipos de comida chinesa em nossos pratos. Enquanto esperamos pela comida, Carrie nos contou como ela e Taylor se conheceram. Uma semana antes da última festa, elas se conheceram em uma cafeteria que ambas eram clientes, e começaram a se ver no dia seguinte à festa. Aparentemente, Taylor se aproximou de Carrie e uma coisa levou a outra. Taylor não foi ao *Sensation*. Eu sabia disso porque Carrie e eu tínhamos ido juntos, e não me recordo de tê-la visto com alguém. Apesar de que eu tinha outras coisas em mente. Enquanto Peyton e eu estávamos juntos, Carrie estava com a Taylor. Nas manhãs que eu vinha pegar roupa em casa e não via Carrie, ela estava com a Taylor.

Definitivamente, nossas vidas estavam mudando.

— Agora que estamos todos jantando — Carrie começou —, eu quero saber: o quão sério vocês dois estão?

Deixei cair o garfo no prato causando um ruído metálico que irradiou pelo chão da ampla sala de jantar.

— O quê?

— Bem, o que quero dizer é que vocês têm passado todas as noites juntos. Isto é sério?

— Por que isso te interessa? — cuspi. Carrie estava com a Taylor e não precisava se meter na minha vida.

— Já chego nisso.

— Bem, desembucha logo.

— Não fique todo nervosinho, Booker.

Estreitei meus olhos para ela.

— Então, uma noite Taylor e eu ficamos bêbadas...

— E? — Eu não estava furioso com ela por si só, estava mais irritado por ela estar me questionando sobre os meus assuntos.

— Talvez eu tenha dito a ela que somos casados. — Ela deu um sorriso apertado, preocupado.

— Tá falando sério? — Levantei, a cadeira caindo para trás quando a empurrei.

— Me desculpa.

— O que está acontecendo com você? — Estávamos há anos casados sem que ninguém soubesse, e agora ela estava contando às pessoas como se isso fosse de conhecimento público.

Ela se levantou e ergueu as mãos à frente do corpo.

— Me escuta.

— Tem que ser a porra de uma boa explicação, *amor*.

— Não tenho uma boa razão pela qual eu contei a ela...

— Melhor eu esperar no seu quarto — Peyton murmurou ao se levantar.

— Eu vou com você — disse Taylor.

— Não! — falei em um tom contrariado. — Todos na porra dessa sala sabem o que está acontecendo, e já que a minha esposa tem a merda da boca grande, ela poderia muito bem nos dizer por que está curiosa sobre o nosso relacionamento. — Eu olhei para Peyton, e ela sentou de volta. Taylor também.

— Continue, esposa.

— Eu quero saber o quão sério vocês estão porque eu quero o divórcio.

Senti como se todo o oxigênio tivesse deixado meu cérebro.

— O quê? — sussurrei. Claro que já tínhamos discutido isso como uma possibilidade, mas nada certo ou concreto, e agora era como se eu tivesse acabado de levar um soco no estômago porque me fez perceber que, de certa forma, eu estava perdendo a minha melhor amiga.

Carrie desviou o olhar para Peyton e então de volta para mim.

— Eu pesquisei como você pode se tornar cidadão americano.

Eu também sabia, mas eu queria que ela continuasse.

— Continue. — Inclinei-me em sua direção ao apoiar as mãos sobre a mesa.

Observei sua garganta mover para cima e para baixo quando ela engoliu.

— Você cumpre todos os requisitos. Por exemplo: ser residente permanente há mais de cinco anos (ou três, já que somos casados), você tem um bom caráter moral, fala, lê e escreve inglês. Se você der entrada no pedido de naturalização, não vejo motivo de ele ser negado, então quando chegar a hora, você estuda um pouco a história dos Estados Unidos e qualquer outra coisa antes de fazer o juramento de fidelidade. É claro, há mais do que isso, mas acho que você vai se sair bem. Só acho que você deve fazer isso logo, pois pode levar de seis meses a um ano para

acontecer. Ou mais.

Endireitei a cadeira e voltei a sentar, processando o que ela disse. Carrie tinha um bom argumento. Eu não tinha vontade de voltar para o Reino Unido. Minha vida estava aqui, meu trabalho estava aqui, e agora a minha mulher. Mas se as coisas não dessem certo com a Peyton, eu ainda queria viver nesse país.

— Você devia ter começado essa conversa dizendo que pesquisou como eu poderia conseguir cidadania e não perguntando se o meu relacionamento com a Peyton é sério. Isso não é uma preocupação para você.

— Mas é — Carrie devolveu. — Taylor e eu estamos em um relacionamento sério demais, e um dia esse segredo poderia nos causar problemas.

— Não se você mantivesse a boca fechada — rosnei.

— Eu sinto muito, mas...

— Está tudo bem — eu a cortei. — Vamos comer.

— Você está irritado comigo?

Meu olhar voltou para o dela.

— Estou puto porque você fez isso na frente das nossas namoradas. Você deveria ter falado comigo em particular.

— Você está certo. Eu sinto muito.

Todos nós voltamos a comer em silêncio, o relógio na parede marcando cada segundo que passava.

— Sabe — Peyton disse, olhando para a Carrie. — Desde que sentei aqui há uma hora, estou tentando me lembrar de onde eu te conhecia. Não foi de quando você entrou no quarto e me disse que estava esperando seu marido. Você foi a primeira pessoa que eu vi no *Sensation*.

— Sério?

— Quando passei pelas cortinas pretas de veludo, vi duas mulheres se beijando na frente da lareira. Você era uma delas.

Olhei para a Taylor. Ela sabia sobre o *Sensation*? Iria no sábado?

— Cadelas adoram se agarrar na frente de lareiras. — Carrie riu. — Provavelmente era eu.

— Você vai no sábado? — Peyton perguntou a Carrie.

— Claro.

— E...? — Peyton olhou para Taylor.

— Carrie vem me falando sobre o *Sensation* há algumas semanas. Eu também vou.

— Perfeito. Podemos alugar uma limusine ou algo parecido. Minha amiga Lorelei vai com o Randy.

— O quê? — Carrie perguntou, os olhos verdes acinzentados ficando arregalados.

— Não é dessa maneira. — Peyton riu. — Lorelei só precisava de um jeito de ser convidada e o Randy disse que a levava.

Os olhos de Carrie desviaram para mim e nós dois começamos a rir.

— O que foi? — perguntou Peyton.

— Randy vai fazer mais do que apenas levar a Lorelei, se é que você me entende — respondi.

— Sério? Ele disse que estava interessado nela?

— Randy não convida qualquer pessoa para o *Sensation*, a menos que esteja interessado em fodê-las.

— Pensei que ele estava te fazendo um favor — Peyton argumentou.

— Eu apenas plantei a semente. Aparentemente, eles se divertiram no Rick's.

— Não aconteceu nada no Rick's — Peyton rebateu.

— Não fisicamente, mas Randy a acha gostosa.

— Bem, não vou contar isso a Lorelei. Ela vai ficar ansiosa se pensar que isso é um encontro. O Randy é que tem que tomar atitude.

—Ele vai. — Pisquei para ela.



Peyton

— Precisamos definir umas regras básicas — afirmei enquanto dávamos os retoques finais na nossa maquiagem no meu banheiro. Eu tinha decidido usar meu vestido cinza supercurto de lantejoulas, com alças finas que passavam pelo pescoço e cruzavam nas costas antes de serem amarradas em um longo laço. Lorelei estava usando um vestido vermelho justo, estilo *halter* com decote drapeado que ia até o umbigo. Ele era perfeito para uma noite no *Sensation*, e também um vestido que eu jamais poderia usar. Lorelei tinha os seios para ele e eu não.

— Como o quê?

Dei de ombros.

— Não sei. Talvez devêssemos fingir que não nos conhecemos quando estivermos lá. Eu realmente não preciso ver você fazendo sexo.

Lorelei riu.

— Idem.

— Além disso — Sorri. — Tenho certeza de que o Randy te fará companhia.

— Não acho que ele vá querer uma garota como eu quando ele pode transar com uma celebridade.

Coloquei meu rímel para baixo e virei para ela.

— Esqueceu como eu e Booker começamos a namorar? Ele não quis uma celebridade.

— Verdade. Vamos ver o que vai rolar. — Lorelei deu os retoques finais nos lábios. — Ele é bem sexy para um ruivo.

Eu ri.

— Você vai ver um monte essa noite.

— Mal posso esperar. — Durante toda a semana Lorelei falou sobre essa noite. O que eu uso? Quem eu vou ver? Vamos comer antes de ir? Posso levar meu celular? Claro que eu não respondi a maioria delas. Ela precisava experimentar para sentir toda a emoção do que e quem ela veria.

Bateram à minha porta.

— A espera acabou.

Andei em direção à porta depois de pegar minha *clutch* e o casaco. Com um sorriso no rosto, a abri e vi imediatamente Booker de smoking preto e branco. Aquele homem podia vestir qualquer coisa que sempre me deixava com tesão. Ele era confiante usando ternos, mas o smoking o fazia parecer mais garboso e elegante, como se ele tivesse vindo me pegar para ir a um baile. Embora, com o meu vestido revelador, nós éramos meio que opostos.

Vi quando seu olhar vagou pelo meu corpo como sempre fazia quando me via.

— Deslumbrante. — Ele me cumprimentou e deu um passo à frente, cobrindo meu rosto e silenciando qualquer resposta.

— Vocês dois vão ficar assim até lá? — Ouvi Lorelei perguntar atrás de mim.

Booker e eu nos separamos, e ele falou com um sorriso:

— Posso providenciar para que você e o Randy façam o mesmo aqui. — Ele apontou para trás, onde estava o Randy, também vestido de smoking.

— Não dê ouvidos a ele — disse Randy. — Serei um perfeito cavalheiro.

— Quem disse que eu quero um cavalheiro? — Lorelei piscou para Randy, depois passou por nós, saindo para o corredor.

Os olhos de Randy voaram direto para mim e eu sorri.

— Agressiva, ela. Eu gosto. — E então ele a seguiu.

Booker estendeu a mão, silenciosamente, pedindo a minha chave de casa. Entreguei a ele.

— Esses dois juntos vão se dar muito bem ou muito mal.

— Concordo, mas será bom pra ele. Ele precisa de uma mulher que o mantenha em alerta.

Descemos no elevador, mas em vez de irmos para a garagem, saímos pelo térreo em direção a uma limusine preta. O motorista abriu a porta e todos nós entramos. Cumprimentos foram trocados entre Lorelei, Carrie e Taylor. Mesmo que Carrie não tenha sido apresentada como a esposa de Booker, Lorelei sabia quem ela era. Também ficou claro que Carrie e Taylor eram um casal. Elas se apalparam, trocaram beijos e estavam sentadas praticamente uma no colo da outra no trajeto até o *Sensation*.

— Eu sou a única virgem aqui?

Meus olhos se arregalaram com a pergunta de Lorelei, e depois desviaram para o Randy para ver a reação dele. É claro que ela não era virgem, e conhecendo a minha melhor amiga, ela queria dizer virgem, no sentido de ser a única que ainda não tinha ido ao *Sensation*. Randy engasgou com o champanhe, e os olhos de Lorelei encontraram os meus e o silêncio se tornou ensurdecedor dentro do carro. Então Lore e eu caímos na gargalhada.

— Você é virgem? — perguntou Randy, limpando a garganta.

— Quero dizer, eu sou a única que ainda não foi ao *Sensation*?

— Oh — Randy respirou.

— Eu também nunca fui — Taylor falou.

Meu olhar se voltou para a linda loira. Eu não conseguia dizer o que ela estava usando, porque estava com um casaco longo, mas seus penetrantes olhos azuis brilhavam com o contraste de sua sombra cor de cobre. Carrie estava vestida de forma semelhante.

— Ah, bem, não serei a única mulher de olhos arregalados andando com esse grupo. — Lorelei riu, em seguida tomou um gole do champanhe que Booker tinha servido a todos.

Querendo fazer mais contato com Carrie, perguntei:

— Que sombra é essa que você está usando?

— *Honey Lust*. — Ela sorriu.

Sorri. Eu conhecia a cor.

— Eu sou uma viciada em M.A.C. Eu tenho essa cor.

Carrie virou o corpo de frente para mim.

— Também sou viciada em M.A.C!

— Oh, Jesus — Booker reclamou ao meu lado.

Virei a cabeça e o encarei. Ele balançou a cabeça sem dizer mais nada, então me virei de volta para a Carrie.

— Acho que tenho quase todas as cores. Nunca se sabe quando você vai precisar *Bang on Blue*, *Electric Eel* ou *Bio-Green*.

— Acho que eu não tenho essas. Você deve trazer as suas e podemos comparar.

Eu sorri.

— Gostaria disso.

Booker apertou meu joelho, e meu coração comprimiu em resposta. Ele finalmente percebeu o que eu estava fazendo. Carrie e eu poderíamos ter começado da forma errada, mas eu estava me esforçando. Esforçando-me por ele.



A limusine finalmente entrou na rua circular de pedra da mansão em Beverly Hills. Lâmpadas de aquecimento tinham sido colocadas ao lado da escadaria, porque apesar de ser início de dezembro e vivermos no sul da Califórnia, ainda havia uma brisa fria no ar, especialmente quando se estava vestida com pouquíssima roupa.

Todos nós saímos do carro, e Booker segurou minha mão. Eu não tinha ideia de qual era o esquema para esta noite, mas eu queria ver e experimentar tudo o que o *Sensation* proporcionava.

Observei enquanto Taylor seguia Carrie na escadaria de carpete vermelho. Carrie mostrou seu cartão ao segurança, então ela e Taylor entraram.

— Pronta? — perguntei a Lorelei.

— Claro! — Ela abriu um sorriso.

— Então vamos, sexy. — Randy enganchou o braço no de Lorelei, e eles subiram a escadaria.

— Quer tomar um drinque primeiro?

Olhei para o Booker.

— Quero. — Pensei por um momento. — Podemos ver o quarto que tem os artistas?

— Nós podemos fazer o que você quiser. — Ele beijou minha testa, depois mostrou o cartão para o segurança. — Luke.

— Você trouxe um grupo hoje — Luke disse.

— Verdade, companheiro — Booker concordou.

Luke olhou para a prancheta e depois para mim.

— Peyton Winters. Esse nome é familiar.

— Já estive aqui algumas vezes — esclareci.

— Certo. Com... — Ele levou alguns segundos para pensar. — Ava Ashley.

— Exato. — Sorri.

— Estou tentando entender. Ava veio com Trent hoje, embora nos últimos dois meses, eles não tenham vindo juntos. E eu nunca vi o Booker trazer alguém, exceto a Carrie.

Bem, saber disso foi bom para mim por dois motivos. Ava e Trent estavam se entendendo, e Booker nunca trouxe outra mulher para o clube.

— Eu sou a sua primeira convidada? — perguntei ao Booker.

Booker concordou.

— Nunca teve alguém que eu quisesse trazer.

Abri um sorriso.

— Isso quer dizer que sou especial? — brinquei.

— Muito.

E lá se foi meu coração novamente. Borboletas se aglomeravam em volta dele, fazendo-o voltar à vida.

Depois de deixarmos nossos pertences na chapelaria, atravessamos as cortinas de veludo. Eu não sabia onde os outros tinham ido, e não me importava. Como eu tinha mencionado a Lorelei quando estávamos nos arrumando, não estava preparada para ver minha melhor amiga, que também era minha assistente, transando por aí, e não queria também que ela me visse.

Booker me levou pela mão até o bar com vista para a piscina. Foi o mesmo que eu já tinha estado.

— O que você quer beber, baby?

Pensei por um momento, tentando lembrar as marcas chiques que eles tinham. Eu não conseguia lembrar as que o Booker tinha me dito, então apenas disse:

— Vodka cranberry.

— Com vodka boa? — Ele sorriu.

Dei de ombros.

— Seria melhor. Seja ela qual for.

— Eles têm *Beluga*.

Dei de ombros novamente.

— Tanto faz.

Booker pediu minha vodka cranberry e um *Beluga* e água para ele. Tomei um gole e só senti o gosto do suco de cranberry como das outras vezes em que estive no *Sensation*. Quando fizemos a degustação de vodka no Rick's, essa merda desceu queimando. Meu coquetel de hoje estava ácido, um pouco amargo, e se eu não tivesse visto o barman colocar vodka no copo, acharia que eu estava tomando apenas o suco. Talvez por isso esta era a coisa *boa*.

— Pronta?

Balancei a cabeça, e Booker segurou minha mão novamente. À medida que andávamos pela casa, as pessoas já estavam começando a entrar em ação. Antes de me tornar convidada do Booker, eu tive que apresentar provas de que estava limpa de quaisquer doenças sexualmente transmissíveis. E fiz o mesmo na época que fui convidada da Ava. Eu não sabia como funcionava para os membros, mas presumi ser semelhante ao que me foi solicitado antes de ser convidada nas outras vezes. Cada vez eu tive que apresentar provas de que estava limpa e se tive relações sexuais sem ser só com o membro. É claro que havia chance de as pessoas mentirem e dizerem que não tinham feito sexo com mais ninguém, mas se a notícia espalhasse de que a Haley Snow, de um dos programas policiais mais quentes da TV, tinha contraído uma doença em um clube de sexo, ficaria feio. Membros pagavam um bom dinheiro e, portanto, não iam querer arriscar nada.

Paramos em um conjunto de portas duplas com moldura trabalhada no meio, dando um toque elegante, que se adequava à *vibe* da casa. Booker mostrou seu cartão a um homem de terno com fone no ouvido que nos deu um aceno de cabeça.

— Pronta?

— Eu... Eu acho — gaguejei. Neste ponto, eu não sabia o que mais poderia me surpreender.

Entramos em uma sala do tamanho da minha sala de estar e cozinha juntas. Em vez de luzes vermelhas, luzes amarelas subiam pelas paredes. O ambiente estava quente, e de alguma forma, convidativo. As pessoas estavam sentadas em volta de um palco ao nível dos olhos. E atrás, casais estavam de pé, conversando e bebendo. Por alguma razão, eu esperava entrar em uma sala onde as pessoas já estivessem transando.

Olhei para Booker.

— O que está acontecendo?

— Ainda não começou. — Ele olhou para o relógio. — Começa em dez minutos.

— Ah. — Booker me levou até próximo à parede e ficou ao meu lado, sua mão ainda segurando a minha. Tomei um gole da minha bebida antes de perguntar: — Toda vez é a mesma coisa?

— Não. — Ele balançou a cabeça. — É sempre diferente, e não sabemos o que vai acontecer.

— Interessante. — Assenti.

Antes que eu pudesse perguntar mais, uma morena com impressionantes olhos verdes se aproximou de nós.

— Oi, Book, como está?

Seus olhos dispararam para mim antes de responder.

— Ótimo, Tammy. E você?

— Estou bem. — Ela olhou para as nossas mãos entrelaçadas. — Quem sabe, quando você terminar com ela, poderíamos usar o seu quarto?

Meu corpo ficou retesado com as palavras dela. *Que porra é essa?*

Booker soltou minha mão e colocou o braço em volta dos meus ombros, trazendo-me para mais perto dele. Eu me encaixei perfeitamente debaixo do braço, o ombro da altura certa para deslizar

para dentro dele.

— Embora esteja lisonjeado, Tammy, essa é a minha namorada.

Seus olhos cor de esmeralda voltaram para mim e me avaliaram.

— Namorada? Desde quando?

— Isso não é da sua conta, *amor*.

Tomei um longo gole da minha bebida.

Ela deu um risinho.

— Bem, minha oferta ainda vai estar de pé para quando cansar da sua *namorada*.

Observei a tal Tammy se afastar.

— Sinto muito por isso — Booker se desculpou.

— Uma das suas muitas conquistas?

— Por aí. — Ele tomou um longo gole de sua bebida. *Sim, nós dois estávamos nos sentindo desconfortáveis.*

Então a ficha caiu. Booker frequentava o *Sensation* desde a faculdade, há pelo menos dez anos. Se ele ficou com uma mulher diferente a cada festa, então significava que ele tinha transado pelo menos com mais de cento e vinte mulheres, dependendo de quantas festas mascaradas ele foi. Isso era... bizarro.

— Você esteve... — gaguejei porque a pergunta estava na ponta da língua, mas eu estava muito nervosa para colocar para fora.

— Estive o quê? — Ele me beijou na testa quando inclinou para baixo para me olhar nos olhos.

Decidi reformular a pergunta.

— Você já fez sexo com a mesma mulher mais de uma vez, ou era coisa de uma só vez?

Ele franziu a testa.

— O quê?

Eu conhecia a regra: nunca pergunte ao seu parceiro com quantas mulheres ele já tinha transado. Ninguém nunca gostava de dar números. Mas isso era diferente, certo? Não estávamos falando de cinco, dez ou até quinze pessoas. Estávamos falando sobre cem e vinte, *ou mais* mulheres. Eu nem sabia se muitas mulheres *ou* homens.

Então refiz a pergunta de uma maneira diferente.

— O que quero saber, é se vamos continuar sendo abordados por mulheres te pedindo para transar com elas novamente?

Booker tirou o braço dos meus ombros e me virou de frente para ele.

— Não há nada com que você precise se preocupar.

— Eu sei — concordei. O último mês foi perfeito, e queria que jamais acabasse, mas ele estava acostumado a dormir com mulheres diferentes e não com a mesma todas as noites. — Eu só... — Merda, eu não conseguia pronunciar as palavras. Só de pensar em todas aquelas mulheres,

estava me revirando o estômago.

— Linda, fala de uma vez.

Engoli o resto da minha bebida, respirei fundo e falei:

— Eu sou boa em matemática, e aquela mulher Tammy vindo até nós, me fez perceber que você vem aqui há muito tempo. Dez anos ou mais, Booker. Isso é muito tempo, e mesmo se você frequentasse apenas uma festa por mês e não a exclusiva, ainda é muito. Eu...

— Calma, baby.

— Como posso me acalmar? Estamos falando de mais de cem. *Mais!*

Seus olhos azuis penetraram nos meus.

— A resposta é não. Eu *nunca transei* uma segunda vez com a mesma mulher.

Coração, foi bom te conhecer. Eu o senti esmagar dentro do peito enquanto processava suas palavras. Ele nunca repetiu uma mulher, o que significava uma nova a cada festa.

— Mas — ele continuou —, eu não venho todo mês, e às vezes quando vinha, nem sempre encontrava alguém para transar.

— O quê? — sussurrei. Como isso era possível? A clientela daqui era linda. Até eu transaria com algumas das mulheres daqui, se *fosse bissexual*.

— Eu posso ter dado a impressão de ser mulherengo, mas não se esqueça de que eu te disse que tenho um monte de clientes aqui. E os que não são meus, eu tento fazê-los ser. O trabalho vem antes das minhas necessidades.

Olhei para ele sem saber o que dizer.

— Eu não sei com quantas mulheres eu transei, mas não são centenas. E como eu disse, nunca transei uma segunda vez com a mesma mulher, até você.

Até eu. Eu!

— Não deixe a sua insegurança ser um obstáculo entre nós, baby. Você é especial pra mim. Lembre-se disso.

Quando eu ia dizer que estava arrependida, as luzes se apagaram, e ficamos em uma escuridão total. Senti Booker passar o braço ao meu redor novamente. Ele se inclinou e sussurrou:

— Está começando.

Alguns momentos depois, as luzes amarelas voltaram. Desta vez, um homem e uma mulher estavam de pé no palco, no meio da sala, com algum tipo de aro pendurado acima deles. Antes de focar minha total atenção no casal, passei os braços em volta da cintura do Booker e o abracei. Abracei-o porque queria lhe dizer que estávamos bem. Eu confiava totalmente nele e não ia mais ficar pensando no seu passado.

Os dois atores estavam vestidos com robes de seda. O homem começou a caminhar em volta da mulher como se estivesse admirando o melhor ângulo do corpo dela. Quando parou novamente na frente da mulher, começou a desamarrar o robe dela. Ele caiu no chão, deixando-a nua com tudo à mostra. O homem enfiou a mão no bolso de seu robe de seda e puxou uma corda.

Booker inclinou a cabeça para baixo novamente e sussurrou em meu ouvido:

— Você gosta de Shibari?

Olhei para cima e admiti em um sussurro:

— Eu não sei o que é isso.

— É uma arte japonesa de amarração erótica com cordas.

Arregalei os olhos e olhei de volta para o palco. O homem tinha envolvido a corda no pescoço da mulher, e a mesma descia pelo estômago dela até o chão. Continuei observando quando o homem começou a amarrar a corda em parte da barriga da mulher. Quando terminou, havia três nós com pelo menos sete centímetros entre cada um. Ele pegou a ponta das cordas e as subiu pelo meio das pernas dela, passando em volta da bunda e voltando ao pescoço, através do laço que estava em volta da nuca. A mulher gemeu quando ele apertou a corda, e minha boceta contraiu com o pensamento da corda entre as dobras dela e depois em cima de sua fenda.

Booker pegou meu copo vazio e o colocou para baixo, junto com o dele, em seguida, puxou-me para ficar na frente dele. Ele se inclinou e sussurrou:

— A corda, provavelmente, está sobre o clitóris dela.

Eu não respondi e continuei assistindo. Eu estava totalmente envolvida pela cena e me encostei-me à frente do Booker. Eu poderia dizer que ele também estava, pois senti seu pênis endurecer, pressionado em mim.

Um lado de cada vez, o homem pegou as extremidades da corda, puxando-as sob as axilas e através do espaço entre o primeiro e segundo nó no peito da mulher. A corda transpassava em cima de cada um dos seios. Ele pegou as pontas e cruzou em volta das duas cordas que estavam lado a lado em suas costas. Ele repetiu o processo, mas desta vez as cordas estavam sob os seios. Depois de transpassá-las pelas costas, ele envolveu as extremidades em volta da cintura e, juntas, as amarrou no nó inferior.

Ele a envolveu como um presente. Eu nunca tinha visto algo tão... bonito.

— Os nós estão posicionados em pontos de pressão para aumentar as endorfinas — Booker disse ao ouvido.

Eu sempre associei que estar amarrado era algo ruim. Como quando se é sequestrada ou algo parecido. Mas isso era diferente. A mulher estava claramente em algum tipo de transe, enquanto a corda pressionava vários lugares em seu corpo.

Eu não estava em transe. Eu estava excitada com o pensamento de Booker fazendo o mesmo comigo, e quando olhei pela sala, estava claro que os outros também estavam excitados. Mulheres esfregavam as bundas na frente dos homens e eles brincavam com os seios delas, e alguns usavam as mãos para dar prazer ao outro.

Quando pressionei no Booker, comecei a esfregar a bunda devagar nele. A mão dele foi para dentro da parte de cima do meu vestido fino, e no momento em que o seu dedo deslizou sobre o bico no meu seio, eu suspirei.

— Isso está te excitando? — ele perguntou sussurrando.

Assenti com a cabeça.

O homem no palco levou as mãos da mulher para trás das costas e começou a transpassar

uma nova corda por seus braços. Quando chegou ao pulso, ele envolveu a corda firmemente ao redor e voltou para cima, cruzando-a novamente até estar sobre ela. Em seguida, pegou o arco que estava pendurado no teto e o prendeu na corda perto das omoplatas dela.

Meus olhos estavam arregalados enquanto eu prestava atenção, minha boceta pulsava. A mão do Booker saiu do meu seio e foi para baixo, entre as minhas pernas e para dentro de mim. E, novamente, eu não estava usando calcinha.

— Sim, querida. Isso está, definitivamente, te excitando.

Mais uma vez, eu fiquei sem palavras. Só concordei com a cabeça e movi os quadris para ganhar mais atrito e aliviar meu desejo.

Quando o arco estava ligado à corda, o homem balançou a cabeça para alguém fora do palco, em seguida a mulher foi levantada no ar. Vi quando o homem tirou o robe, passou a mão entre as pernas da mulher e depois inclinou seu corpo para que pudesse penetrá-la. Ela gemeu, as costas arquearam quando ele deslizou para dentro. Quando o homem começou a estocar, os dedos de Booker me penetram mais rápido, igualando o ritmo do homem. Era como se eu estivesse presa no ar, incapaz de me mexer.

— Acho que acabei de descobrir o que vamos fazer agora — Booker disse baixinho.

Virei um pouco a cabeça para ele, minha bunda ainda roçando seu pênis.

— Você sabe fazer isso?

— Sei.

Seus lábios começaram a beijar a curvatura do meu pescoço. E eu me perdi. Gozei na sala mal iluminada enquanto imaginava Booker me amarrando, desta vez com a corda e sua boca na minha pele. Eu nem sequer me importei se as pessoas me ouviram.

Booker tirou a mão do meio das minhas pernas.

— Pronta?

Balancei a cabeça e ele pegou minha mão, me levando para fora da sala.



Booker

Eu não consegui levar Peyton rápido o suficiente para cima. Todos os planos que eu tinha de socializar e encontrar novos clientes saíram pela janela no momento em que percebi que ela estava ficando excitada com a cena da corda, e eu a imaginando amarrada com a minha corda. Prender uma mulher até que ela estivesse totalmente submissa e eu pudesse lhe dar todo e qualquer tipo de prazer, deixou meu pau duro como uma rocha. Ao longo da minha vida, eu já tinha imaginado muitas cenas com uma mulher amarrada e de pernas bem abertas e sem poder me tocar. Mas a primeira vez que algemei a Peyton na minha cama, no *Sensation*, percebi que não queria mais fazer isso com outra mulher. Ela era de tirar o fôlego. E agora minha mente viajou enquanto eu pensava em como usar o corpo dela como minha tela, e em como iria *pintá-la* com a corda.

Subimos as escadas e fomos para o quarto, meu pau doía tanto que estava difícil até andar. Assim que entramos, fechei a porta, Peyton parou ao lado da cama e começou a se despir.

— Precisamos conversar — eu disse.

Ela parou, o vestido na metade do corpo.

— Conversar?

Afrouxei minha gravata borboleta.

— Sei que já te algemei antes, mas isso foi antes de eu saber que praticaríamos mais *bondage*. Quero saber o que você gosta, o que não gosta, suas fantasias.

— Eu quero fazer aquela coisa da corda.

Ela arrancou o vestido e o jogou no chão, ficando apenas com os sapatos de salto altos pretos. Ela percorreu um longo caminho desde quando veio a primeira vez, usando calcinha. Meu pau estava gritando para eu calar a boca e fodê-la logo, mas não era assim que funcionavam os verdadeiros relacionamentos *bondage*.

— Nós não vamos fazer exatamente o que eles fizeram, baby. Há muito que podemos fazer com uma corda, e não acho que a sua primeira vez deva ser pendurada.

— Oh — respirou. — Bem, eu não sei o que gosto ou não. Tudo isso é novo pra mim.

Joguei a gravata e o casaco do smoking em uma cadeira. Enrolei as mangas da camisa enquanto me aproximava.

— Eu sei que você gostou das algemas. Percebi pelos gemidos e como ficou molhada. Mas sua primeira experiência com *shibari* deve ser mais para os pontos de pressão do que estar aprisionada.

— Eu confio em você para fazer o que quiser.

— Bom — respondi. — Vamos descobrir o que você gosta, juntos.

Peyton mordeu o lábio.

— Está bem. Por onde começamos?

— Pela corda — respondi, caminhando até a cômoda que ficava na parede ao lado da cama. Nela tinha vários brinquedos para o meu uso. Puxei dois metros da corda nova de dentro da gaveta do meio. Meu olhar percorreu a figura nua da Peyton como se eu estivesse usando água em uma tela em branco para prepará-la para receber a pintura. Quando cheguei aos sapatos sexy, tive a resposta do que eu ia pintar.

— Antes de começar, se houver alguma coisa que te machuque ou que você não goste, me diga. Você se lembra da sua palavra de segurança?

Ela assentiu com a cabeça.

— Vermelho, para parar.

— Certo. Então, se você quiser parar, diga vermelho. Dentro da cômoda tem uma tesoura e posso te soltar rapidamente. Ok?

Ela deu um sorriso e assentiu.

Parei de pé à sua frente, segurando as extremidades da corda, em seguida dei um nó. Depois a coloquei em volta do pescoço de Peyton, deixando o nó caído nas costas nuas. Sem dizer uma palavra, segurei suas mãos, colocando cada uma em cima da corda nas clavículas.

Peguei a corda que pendia na barriga e fiz um nó logo acima dos seios, puxando toda a corda e dando um nó apertado. Repeti o processo mais quatro vezes para baixo, pelo tronco: entre os seios, um palmo abaixo e acima do umbigo, e depois logo acima da boceta. Após os nós estarem firmes, ela removeu as mãos, então passei a corda entre as pernas, me certificando de que ela tocasse o clitóris, e depois a puxei pelas costas, passando-a completamente entre os nós. Peguei a parte do meio da corda e a dividi, puxando cada ponta em volta das axilas.

Meu pau estava começando a endurecer novamente com a visão da corda mordendo a pele dela. Estava apertado apenas o suficiente para fazer a pele macia afundar por baixo da corda. Pegando-a por baixo e no meio do primeiro nó que fiz, puxei as pontas e dei outro nó apertado — mas confortável — e fiz pequenos laços que aderiram à corda acima dos seios com a que ficava abaixo das axilas. Senti o cheiro da excitação dela quando passei as extremidades das cordas pelas costas novamente, e então a uni no meio da corda, à frente do corpo, acima do segundo nó, e chameuscando no lugar. Peyton soltou um gemido, e meus olhos foram para os dela, fazendo com que um sorriso se espalhasse pelo meu rosto. Com todo estica e puxa da corda, eu não tinha dúvida de que ela podia senti-la entre as pernas, onde roçava o clitóris.

Trabalhei a corda em seu corpo, dando a volta nele e depois por cima de cada nó. Depois de todo corpo trabalhado, configurando um diamante, amarrei o final das pontas transversalmente sobre sua bunda. Quando dei um passo atrás, para observar o meu trabalho, Peyton estar usando um espartilho feito de corda. Ela estava linda pra caralho.

— Quer ver? — perguntei, admirando seu corpo sexy.

— Quero. — Ela abriu um sorriso.

Peguei a mão dela e a levei até o espelho de corpo todo que estava pendurado na parede. Quando parou na frente dele e viu meu trabalho manual, ela ofegou.

— Meu Deus...

— Que tal? — perguntei em pé atrás dela, mas olhando para o seu reflexo no espelho.

— Eu adorei. — Ela sorriu novamente, desta vez pelo reflexo.

— Você está sexy pra caralho, baby. — Ela continuou se olhando. — Sabe o que é bom desse lance da corda?

— O quê? — ela perguntou, sem tirar os olhos da corda.

— Você pode usá-la sob a roupa.

Seu olhar finalmente encontrou o meu.

— Oi?

— Imagine você no tribunal com essa corda roçando no clitóris. Só você e eu saberíamos, e eu estaria duro enquanto te assistisse se contorcer em busca de alívio.

— Parece mais uma tortura. — Ela riu.

— Eu a levaria para a escada mais próxima e te daria o que queria. A corda esfregando o clitóris e a minha boca na sua boceta, e a qualquer momento alguém poderia nos pegar. — O peito da Peyton começou a se mover para cima e para baixo.

— Te excita imaginar que poderíamos ser pegos?

— Sim — ela admitiu. — Mas nunca podemos...

— Shhh — eu disse, dando um passo mais perto de suas costas e sussurrei: — Apenas finja. Finja que você está discutindo um caso contra mim e só nós dois sabemos o que está sob sua calça. Imagine meu pau ficando duro quando você se abaixa para pegar uma caneta que deixou cair porque eu sei que a corda está roçando no seu clitóris e a calça está molhada porque você não está usando calcinha. Imagine eu, *acidentalmente*, roçando na sua bunda enquanto passo por você, pedindo desculpa pelo inconveniente, embora meu corpo tenha causado um atrito maior na corda.

Ela não disse nada enquanto nossos olhares estavam fixos pelo espelho. Seu peito se movendo em um arquejar silencioso, e o cheiro da sua excitação deixando meu pau dolorido.

— Se não conseguirmos encontrar uma escada, eu a levo para o meu carro, para o banco traseiro, e me enfiaria em você. Ainda assim, a qualquer momento alguém poderia passar ao lado do carro balançando e nos pegaria. Talvez eles nos encarassem, ficando excitados enquanto seu espartilho de corda mordida a pele, e seus gemidos enchiam o carro. Eles te assistiriam gozar no meu pau até o momento em que você não soubesse onde você terminava e eu...

Peyton girou, me jogando na parede e pulou em meus braços, as pernas envolvendo meus quadris. A boceta parou em cima do tecido que cobria o meu pau. Segurei-a enquanto ela rasgava minha camisa, alguns botões soltando e caindo no chão de madeira. Mesmo que ninguém estivesse olhando, só de pensar o contrário, a excitava. Foi a mesma reação de quando usamos a cabeceira da cama dela para bater na parede.

Com nossas bocas ainda unidas, eu a levei para a cama e a deitei enquanto ela me olhava com excitação em seus olhos cor de chocolate, os quais me lembravam de calda de chocolate, derretendo.

— Me fode, baby — ela choramingou.

Freneticamente, descartei o resto da minha roupa, peguei um preservativo da tigela e o coloquei. Peyton estava deitada de costas com os joelhos dobrados e espalhados. Minha tela

estava completa.

— Você é tão linda — eu disse rastejando pela cama, em direção a ela.

Ela sorriu, e antes que pudesse responder, meus lábios desceram sobre os dela. Ela era doce, picante e deliciosa, e meu coração era totalmente dessa mulher.

— Por favor? — ela implorou.

Eu sabia o que ela queria, e entreguei. Com uma estocada eu entrei nela, as costas arqueando para fora da cama e a corda esfregando em *nós dois*. Levantei a perna dela e deslizei a mão sob a coxa. Enquanto eu bombeava em seu interior, segurei sua bunda com as duas mãos e a abri mais ainda. Pressionei a boca em seu pescoço e chupei, meus quadris investindo rapidamente, entrando totalmente nela.

Peyton gemeu. Suas mãos percorreram pelo meu cabelo loiro, minhas costas, depois agarrou minha bunda, me puxando mais para dentro dela. No momento em que a boceta apertou meu pau, uma corrente percorreu minhas veias e nós dois gememos em nosso êxtase. Foi rápido, selvagem e bruto, e nos deixou respirando com dificuldade.

Continuamos deitados, mas ainda unidos enquanto recuperávamos o fôlego.

— Então, gostou da corda? — provoquei.

Ela abriu um sorriso.

— Acho que sim.

Meus lábios roçaram os dela, capturando o lábio inferior entre os dentes. Chupei, querendo saboreá-la ainda mais, mas eu sabia que ela precisava de uma pausa. A primeira vez com *Shibari* podia ser intensa. Não importava se ela estava apenas com um desenho de espartilho. Depois que ela refletisse sobre o que tinha acontecido, poderíamos conversar sobre fazer mais padrões, incluindo pendurá-la como ela testemunhou.

— Eu volto já. Quero te mostrar uma coisa. — Ela assentiu e eu saí da cama. Depois de me limpar, voltei para o lado dela e estendi a mão. — Venha aqui.

Peyton não hesitou e colocou a mão na minha. Ajudei-a a levantar, então lentamente comecei a desamarrar a corda. Assim que terminei, peguei a mão dela novamente e a levei para a varanda. Seus passos vacilaram antes de sair do quarto.

— O que houve? Alguém pode nos ver?

Virei, coloquei as mãos em cada lado do rosto dela e olhei em seus olhos.

— Podem, se olharem aqui pra cima. Não se esqueça de que as pessoas estão fazendo suas próprias coisas.

— E se nós virmos Randy e Lorelei? E se eles nos virem nus?

Eu ri.

— Você sabe que, eventualmente, isso vai acontecer, não é?

Ela olhou para mim, sem falar.

— Mesmo que eles estejam lá fora, não se importarão. Se nós os virmos, voltamos para dentro. Ok?

Peyton acenou com a cabeça e, finalmente fomos para a varanda, com vista para a área da piscina. Claro que podíamos ver as pessoas na piscina, nas espreguiçadeiras e algumas na grama enquanto davam e recebiam prazer. Depois de dez anos, era normal para mim, mas eu sabia que Peyton era nova nesse estilo de vida.

— Não olhe para baixo. Olhe o horizonte.

O meu quarto tinha uma vista perfeita de Los Angeles. As luzes cintilantes brilhavam à distância, e considerando a vista, a tendência era esquecer a agitação que estava acontecendo nas ruas. L.A. nunca dormia.

— É de tirar o fôlego — ela sussurrou.

— Às vezes eu só vinha aqui para ficar sozinho e olhar as luzes. Era como se aliviasse a tensão do meu dia e esquecesse tudo no escritório, ou esquecer que eu não a tinha em meus braços.

— O quê? — ela perguntou, virando a cabeça para me olhar.

— Eu já te disse. Venho desejando a sua bunda desde que te vi pela primeira vez no tribunal.

— Sim, mas você não pode estar falando sério que costumava pensar em mim assim.

— Eu pensava, mas percebi que nunca poderia ter você. — A sensação era sempre pior quando a via no tribunal.

Ela se virou e jogou os braços em volta do meu pescoço.

— Nunca pensei que diria isso, mas estou feliz por Ava Ashley querer o divórcio do Trent.

Eu gargalhei.

— Eu também.

Peyton descansou a cabeça no meu peito. Não havia nenhum outro lugar que eu preferisse estar, e mesmo me matando de trabalhar, minhas longas horas no escritório estavam prestes a acabar. Eu tinha mais um mês para provar que eu seria o associado perfeito e depois, ia voltar para casa mais cedo, para a minha garota cozinhar todas as noites em uma hora decente.

Nunca me imaginei em um relacionamento sério, mas havia algo na Peyton que me fazia ver o mundo de uma forma diferente. Ela era inteligente, engraçada, sexy, uma ótima cozinheira, e quanto mais eu a conhecia, mais percebia que ela gostava de algumas das mesmas fantasias que eu. Eu, definitivamente, poderia viver para sempre assim.

— Você está com medo? — perguntei antes de perceber o que eu tinha perguntado.

Peyton olhou para mim.

— Medo de quê?

— Da queda.

Ela olhou para baixo em direção ao chão além da grade de ferro forjado.

— Não.

— Eu não estou falando de altura — esclareci. — Eu estou falando sobre nós.

Ela piscou, percebendo a minha pergunta.

— Você está?

Balancei a cabeça.

— Eu estava, mas isso foi antes de eu saber que ficaria devastado sem você.

O *que eu estava dizendo?* Eu nunca na minha vida tinha confessado algo remotamente parecido com isto a ninguém. Mas era a verdade. O pensamento de não dormir na mesma cama que ela todas as noites, e de ela não ser a primeira pessoa que eu via todas as manhãs, me aterrorizava absurdamente.

— É difícil cair quando você já está de quatro.

Eu sorri e disse as quatro palavras que nunca tinha dito de forma romântica, antes de agora.

— Eu te amo, linda.

Ela sorriu, os olhos vidrados.

— Eu também te amo, Sr. Romântico.

Sem falar mais nada, pressionei os lábios nos dela, em seguida, a levei de volta para a cama. Haveria outro momento para refletir sobre a cena do *Shibari*. Agora não era a hora.

Ficamos na cama até baterem à porta.



— Chegamos a esse ponto da reunião — Mitch disse e olhou entre mim e Clint. — Senhores, estamos na reta final. Vocês dois se aproximaram da linha de chegada e estão se superando. Nós estamos impressionados. — Os outros sócios murmuraram em concordância. — Como vocês sabem, o escritório fica fechado na semana entre o Natal e o Ano Novo. Vocês serão mais do que bem-vindos para manterem suas horas de trabalho e faturamento, mas não estaremos aqui. — Mitch acenou para os outros senhores. — Dito isto, vamos dar mais uma atualização, em seguida, está tudo nas mãos de vocês.

Tudo o que ouvi foi blá, blá, blá. *Putá que pariu, fala logo!*

— Booker. — Meus olhos se ergueram e encontraram o olhar de Mitch. — Você está na liderança. Nós não vamos dizer por qual diferença, mas estamos animados para ver quem vai sair na frente.

Eu podia sentir os olhos de Clint queimar buracos na lateral da minha cabeça. Eu não olhei para ele. E nem sequer sorri, embora eu quisesse. O melhor homem ganharia, e eu tinha certeza de que seria eu.



Peyton

Quando se é solteiro, não precisa se preocupar com o que comprar de Natal para o amor da sua vida. É fácil e, por vezes, deprimente. Este ano eu não estava solteira, embora não pudesse anunciar esse fato a ninguém, exceto a Lorelei. E ela não estava solteira também. Ela e o Randy tinham se conhecido no *Sensation*, mas o relacionamento deles não era segredo. Ela ainda fez questão de anunciar um dia, na sala de descanso. Eu, por outro lado, tive que fingir que ia para casa todas as noites e afogava as mágoas em uma garrafa de vinho. Isso era o que eu costumava fazer, especialmente depois de lidar com os clientes durante todo o dia.

Eu queria fugir. Queria ir para algum lugar com o Booker que não fosse em LA e me desligar e fazer coisas normais de casal. Não queria ter que me preocupar com alguém nos vendo. Então comecei a procurar lugares em Yosemite para reservar para o Natal.

Yosemite ficava a mais de sete horas de distância de Los Angeles. Eu nunca tive um Natal Branco. Acordar na manhã de Natal, com meu homem ao lado, a neve caindo e um fogo ardente na lareira, parecia o paraíso. Claro, eu teria que dizer aos meus pais. Véspera de Natal nós passávamos com os primos e outros membros da família na casa dos meus pais. Eu passaria à noite, acordaria na manhã seguinte e faria a troca de presentes. No final do dia, os membros da família voltariam para a ceia de Natal. O Natal era sempre nos meus pais porque eles tinham a casa maior. Mas esse ano eu queria passar com o Booker. Não podia levá-lo aos meus pais. Meu pai perguntaria em quê ele trabalhava. Eu sabia que meu pai nunca nos delataria para a Ordem dos Advogados do Estado, mas como ele era juiz aposentado, não queria que ele soubesse de qualquer irregularidade.

Depois que eu conversasse com Booker sobre sairmos da cidade durante a semana em que os nossos escritórios estavam fechados, descobriria como dar a notícia aos meus pais.

Ouvi o barulho da chave na porta e sorri, sabendo que Booker estava em casa. Domingo eu tinha parado no chaveiro e feito uma cópia para ele. Já estava na hora. Não só porque tínhamos professado o nosso amor, mas porque — *bem, essa era a razão*. Nunca pensei que me apaixonaria por ele. Ele era o oponente que eu mais detestava. E agora era o advogado sexy que fazia coisas com meu corpo que nunca pensei ser possível. Além disso, ele me fazia sentir especial. Do jeito que segurava minha mão, à maneira como sempre trancava a porta para mim quando saímos. Não precisava que ele me trouxesse flores ou me levasse a Paris. Eu estava feliz com o que estávamos construindo.

Assim que ouvi a porta fechar, me levantei e fui para a cozinha. Eu tinha feito bolo de carne para o jantar, tentando uma nova receita que esperava que fosse de acordo com a dieta de Booker. Eu sabia que ele gostava de ir à academia, e não queria arruinar todo o seu esforço. *Droga... Eu gostava do esforço dele.*

— Linda — ele cumprimentou, beijando o lado da minha cabeça quando veio para a cozinha.

— Oi, como foi o trabalho?

Ele esfregou a parte de trás do pescoço e suspirou.

— Mal posso esperar até que essa merda acabe logo.

Abri a geladeira e peguei uma garrafa de água, em seguida peguei no armário a vodka que comprei para ele. Não era uma *Beluga*. Olhei para ela, mas rapidamente decidi que preferia gastar vinte e cinco dólares em uma garrafa de vodka, em vez de noventa.

— Toma, acho que você precisa disso.

Ele sorriu.

— Você comprou vodka pra mim?

— Comprei, e eu fiz bolo de carne com pão *Ezekiel*.

Ele pegou a garrafa da minha mão e a colocou em cima do balcão com a água.

— Você realmente me ama — ele disse, me puxando para ele. Os lábios pressionaram nos meus. Meus braços envolveram o pescoço dele, e eu grudei no corpo dele, suas costas batendo no balcão. Ele aprofundou o beijo, a língua procurando e encontrando a minha. Eu não tinha dúvida de que ficaria para sempre na cama com ele. Eu o desejava, e todos aqueles anos que passei desprezando-o, foram tempo desperdiçado.

Quando nos separamos, eu disse:

— Eu amo.

— Ama?

— Sim. — Pressionei os lábios nos dele. — Faça a sua bebida que vou aquecer a comida.

Ele me soltou, e me virei para pegar o prato da geladeira.

— Depois que eu me tornar sócio, chegarei em casa por volta das seis, e nós finalmente poderemos jantar juntos.

Sorri quando olhei por cima do ombro para ele.

— Será perfeito. — Não me passou despercebido que ele se referiu ao meu apartamento como sendo a *casa dele*.

Booker sentou em seu lugar de costume no balcão da cozinha enquanto a comida esquentava no micro-ondas.

— E eu não vou comer comida requentada.

— Você tem sorte que eu cozinho — provoquei. Eu realmente sabia o quão importante era para ele se tornar sócio, e se eu tivesse que cozinhar o café, almoço e jantar para ele, para alcançar seu objetivo, eu o faria.

— Sim, linda, eu tenho.

O micro-ondas apitou e eu tirei o prato de dentro.

— Oh. — Comecei, lembrando algo que Lorelei tinha dito no trabalho. — Lorelei disse que te indicou alguém. Acho que representei o atual marido no divórcio anterior.

— Monica disse algo sobre isso. Ela agendou um horário — afirmou com a boca cheia.

— Bom.

— Antes de você ir para a cama, queria dizer que pesquisei como me tornar cidadão americano.

— Pesquisou? — Sorri.

Ele engoliu.

— Pesquisei, e a Carrie estava certa, leva de seis a doze meses. Vou ter que estudar essas merdas dos Estados Unidos.

— Boa sorte com isso. Não sei se eu conseguiria passar em qualquer teste sobre História ou Constituições dos Estados Unidos.

— Você vai me ajudar a estudar, não é?

Dei a volta no balcão e o beijei na bochecha.

— Claro.

— Bom. Vá ficar nua. Estarei lá em poucos minutos.

Eu virei para ir para o quarto, e ele bateu na minha bunda, fazendo-me pular de susto.

— Um dia destes, baby.

Ri enquanto caminhava até a mesa de centro para pegar o controle remoto e desligar a TV.

— Oh — eu disse, pegando meu laptop aberto. — O que você acha de Yosemite?

Ele se virou para mim.

— Yosemite?

— Sim, pensei que talvez para o feriado de Natal, poderíamos alugar uma cabana ou algo assim.

Vi seu peito subir quando suspirou.

— Eu tinha intenção de te contar, mas com tudo o que está acontecendo, acabei me esquecendo.

— O quê? — perguntei quando fechei o laptop e o coloquei de volta na mesa.

— Meus pais estão vindo para o Natal.

— De Leeds? — perguntei. É claro que é de Leeds. É onde eles vivem.

Ele assentiu.

— Sim. Eu costumo ir pra lá, mas com a promoção em vista, eles quiseram vir.

— Oh. — Respirei, e percebi que isso significava que Booker não viria para a minha casa pelo tempo que eles estivessem na cidade. Meus olhos encontraram os dele. — Quanto tempo eles vão ficar aqui?

— Eles chegam dia vinte e retornam vinte e oito. Eu disse que tinha planos para o ano novo, então eles decidiram voltar para casa antes disso.

— Que planos? — perguntei.

— O clube, baby. Eles fazem uma festa todo ano. Este ano será perfeito, já que é em um

sábado. Normalmente, se cai em um dia diferente da semana, eles mudam a festa para aquela data.

— Certo. Eu preciso me associar.

Ele sorriu.

— Sim, precisa.

Booker levantou e se dirigiu para a pia.

— Vá para a cama. Eu já estou indo.

Depois de tirar a roupa, fui para debaixo dos lençóis e esperei por ele. Quando entrou no quarto, perguntei:

— Então não vou te ver por sete ou oito dias?

— Você acha que vou deixar isso acontecer? — perguntou enquanto tirava a gravata.

— Então, você ainda virá aqui?

Ele balançou a cabeça e jogou a camisa no chão.

— Não, você vai ficar comigo na minha casa.

Fiquei surpresa.

— Mas... Carrie...

Ele desabotoou a calça e as tirou.

— Meus pais não sabem que eu sou casado.

— Você está falando sério? — perguntei, minhas sobrancelhas arqueadas. — Como?

— Eu nunca contei a eles — afirmou quando deitou sob os lençóis.

— Como você *não* contou aos seus pais algo assim?

Booker enganchou o braço sobre minha barriga e me puxou para ele.

— Por causa das circunstâncias.

— Como eles acham que você conseguiu permanecer nos Estados Unidos?

— Visto de trabalho.

— Oh, Senhor — murmurei e olhei para o teto branco.

— Isso nunca foi problema porque eu costumo ir a Leeds.

— Eles nunca vieram aqui?

— Só quando eu estava na faculdade.

Pensei por alguns instantes.

— Então você vai me apresentar como sua namorada?

— Vou. — Ele abriu um sorriso.

— E quando eles perguntarem o que eu faço para viver?

— Eles não vão entender ou imaginar que isso seja um problema.

— Então eu vou apenas jantar algumas vezes enquanto eles estiverem aqui. Tenho que passar

o Natal na casa dos meus pais, que já estava planejado, quando a minha ideia de Yosemite não deu certo.

— Não, você vai dormir todas as noites na minha cama, linda.

— Não, não vou — protestei.

— Vai, sim.

— Booker — repreendi-o suavemente. — Eu não posso dormir na sua cama com seus pais sob o mesmo teto.

— Eu tenho trinta e quatro anos de idade. Tenho certeza de que eles sabem que não estou me guardando para o casamento.

— Mesmo assim. Vai ser constrangedor.

— Vai ficar tudo bem.

— Nós não vamos transar — eu disse.

Booker riu alto e roçou o rosto na curva do meu pescoço.

— Nós vamos, mas só acho que, quando formos ao *Sensation* para a véspera de Ano Novo, você poderá gritar tão alto quanto quiser.



Booker

Eu não via meus pais há quase um ano. Queria vê-los com mais frequência, mas esse negócio da parceria acabou definindo o curso de toda a minha carreira. Portanto, eu os via quando o escritório estava fechado nos feriados. Um dia desses, os levaria a um passeio para que pudessem experimentar um verão na Califórnia. O calor seco, que raramente ficava acima de trinta e dois graus, era o clima perfeito, em minha opinião, especialmente ao lado do Oceano Pacífico.

Enquanto subia a rampa de acesso ao aeroporto de Los Angeles, Peyton estava ao meu lado, torcendo as mãos no colo.

— Não fique nervosa.

Ela olhou para mim.

— Eu nunca conheci os pais de um namorado antes.

— Eles vão te amar.

— Isso foi o que você disse sobre a Carrie.

— E eu estava certo. — Sorri. Eu tinha acabado o trabalho mais cedo para poder ir pegá-los. Planejei trabalhar em casa enquanto eles estivessem “desmaiados” depois do voo longo. Não há descanso para os ímpios, certo?

— Acho que sim, mas ainda estou nervosa.

Segurei a mão dela e deposei um beijo.

— Esta noite vamos apenas jantar. Então eles vão dormir, e você vai trabalhar amanhã. Você só terá, de fato, o dia seguinte do Natal para passar o dia todo com eles. Você vai ficar bem. — Meus pais estavam chegando numa quarta-feira, e tanto Peyton quanto eu, tínhamos que trabalhar o resto da semana. Nossos escritórios ficariam fechados desde a véspera de Natal até dois de janeiro.

Depois de esperar atrás de carros e de pessoas que não sabiam o que diabos eles estavam fazendo, encostei minha Mercedes no meio-fio onde minha mãe e meu pai estavam.

— Booker! — minha mãe gritou e me abraçou quando saí do carro.

— Oi, mãe. Fizeram um bom voo? — Beijei sua bochecha.

— Foi legal. Apesar de que quatorze horas é tempo demais.

Sorri, e depois abracei meu pai.

— Carrie já está com o jantar e bebidas em casa esperando por você.

— Eu poderia tomar uma cerveja agora mesmo — disse meu pai em voz alta.

Meus pais pareciam que podiam dormir durante dias. Os cabelos grisalhos estavam despenteados, os olhos azuis marcados com olheiras. Uma cerveja, comida e cama, definitivamente era o que precisavam.

Sorri e olhei para o lado e vi a Peyton de pé, perto da porta do passageiro.

— Mãe. Pai. Essa é a minha namorada, Peyton.

— É bom conhecê-los. — Peyton estendeu a mão.

Sorri quando minha mãe olhou para ela com o braço erguido, em seguida puxou Peyton para um abraço.

— Você é ainda mais bonita do que o Booker descreveu.

Meu sorriso aumentou, e comecei a colocar as malas no porta-malas do carro enquanto eles trocavam gentilezas.

— É melhor irmos antes que levemos uma bronca — eu disse, olhando para o guarda de trânsito, que observava nossa conversa.

Os três estavam decidindo quem sentaria onde, quando me sentei no assento do motorista. Peyton argumentou que um deles deveria ir na frente, mas eles recusaram, e Peyton voltou ao lugar. Quando já estávamos fora do aeroporto e na 405, segurei a mão de Peyton. Ela virou a cabeça para mim e sorriu. Mesmo sendo breve, achei que o encontro com meus pais ocorreu brilhantemente.

— Então, Peyton — minha mãe disse do banco de trás. — Booker me disse que você é advogada também?

Peyton virou a cabeça bruscamente para mim. Ela limpou a garganta.

— Sim, senhora.

— Me chame de Helen, querida.

— E a mim de Piers — disse meu pai.

— Ok, Helen e Piers — Peyton concordou.

— Você pratica direito de família também? — perguntou mamãe.

— Sim.

— Na mesma firma que o Booker? — papai perguntou.

— Não, Senh... Não, em uma diferente.

Apertei a mão dela. Ela estava tentando ser educada, e tudo o que eu queria fazer era sufocá-la com beijos. Eu sabia que ela não teria nenhum problema em se encaixar com a minha família, mesmo que os tivesse conhecido há apenas vinte minutos.

— Vocês já foram adversários? — minha mãe perguntou.

— Às vezes — respondi.

Continuamos a falar sobre o trabalho, e eu os enchi sobre a história da parceria. Quando chegamos em casa, meu pai e eu pegamos as malas, enquanto Carrie correu para abraçar minha mãe.

— Você parece a mesma de nove anos atrás — mamãe disse.

— Parece inacreditável que já faz nove anos que não vejo vocês.

Entrei em casa com meu pai a reboque. Peyton seguiu com as meninas.

— Se Booker a levasse para a Europa com ele, então não teria sido tanto tempo — mamãe reclamou.

— Se Carrie pagasse a passagem dela, eu a teria levado — respondi do final do corredor, perto do quarto de hóspedes.

— Sinto muito, Helen — disse Carrie. — Como você pode imaginar, o trabalho ocupou a vida dele desde o início da carreira. Quer dizer, Booker trabalha até altas horas em busca de se tronar sócio da empresa. Não percebi quão rápido o tempo passou. Irei a Leeds no próximo ano para visitá-los.

Não ouvi a resposta da minha mãe quando passei pelo quarto de Carrie. Taylor estava sentada na cama, roendo as unhas. Estava nervosa. Carrie nunca havia escondido sua sexualidade, mas como Peyton, Taylor foi a primeira namorada séria de Carrie, e de certa forma, Taylor iria conhecer os “pais” dela.

— Você fez bem, filho — meu pai disse assim que colocou a bolsa no chão perto da cama do quarto de hóspedes.

— Sobre o quê?

— Peyton. Ela é deslumbrante.

Eu sorri.

— Obrigado. Ela é muito linda.

— Sinos de casamento em seu futuro? — ele perguntou, batendo no meu ombro.

Esfreguei a parte de trás do pescoço. Mesmo se eu quisesse me casar com Peyton, ainda havia a questão do meu casamento com a Carrie.

— Nós só estamos namorados há alguns meses — esclareci.

— A noite após o meu primeiro encontro com sua mãe, eu sabia que queria me casar com ela. Eu não conseguia tirá-la da cabeça.

Sorri, sabendo exatamente o que ele queria dizer.

— Então, talvez haja sinos de casamento no meu futuro.

Ele assentiu com um sorriso.

— Já estava na hora. Agora, mostre-me seu bar.

Eu ri, e ele me seguiu pelo corredor.

— Quem é a mulher no quarto de Carrie? — papai sussurrou.

— Tenho certeza de que você irá conhecê-la em um minuto.

— Ok, o jantar deve chegar em trinta minutos. Antes de comermos, tenho alguém que quero que conheçam. — Carrie saiu para chamar Taylor.

Minha mãe se virou para mim e silenciosamente questionou de que raios Carrie estava falando. Balancei a cabeça.

— Eu a conheci durante o jantar também.

— Quem? — perguntou mamãe no exato momento em que Carrie e Taylor entraram na sala.

— Helen, Piers, esta é a minha namorada, Taylor.

Fui até Peyton, envolvi meu braço em seus ombros e a puxei para mim, beijando o topo da cabeça antes de perguntar:

— Você está bem?

Ela sorriu para mim e acenou com a cabeça.



— Eu não vou dormir nua — Peyton disse assim que deitou ao meu lado na cama, vestida com pijama.

Eu estava sentado encostado na cabeceira com o laptop no colo, finalizando uma declaração de um cliente que estava preparando. Depois do jantar, meus pais encerraram a noite como imaginei que fariam. Carrie e Taylor foram para o quarto dela, e Peyton e eu para o meu. Minha cama parecia esquisita, estranha mesmo, porque eu não dormia nela há mais de dois meses.

Olhei para Peyton.

— Ninguém vai entrar aqui.

Ela deu de ombros e deitou a cabeça no travesseiro, de frente para mim.

— Mesmo assim. Seus pais estão no outro quarto.

— Eles estão dormindo.

— Eu acabei de conhecê-los, então não insiste.

— Você pode fazer o que quiser, mas não vai me parar se eu quiser te foder, baby.

Ela arregalou os olhos.

— Não.

Eu sorri.

— Veremos.

— Quanto tempo mais você vai trabalhar aí? — ela perguntou, mudando de assunto.

— Estou quase acabando. Vá dormir.

— Você acha que nós podemos ter um relacionamento normal?

Minhas mãos pararam no teclado e eu olhei para ela.

— Um relacionamento normal?

Ela respirou fundo.

— Uma relação onde as pessoas vão saber que estamos namorando. Onde podemos sair para jantar e não ter que pedir comida. Onde podemos ir ao cinema, talvez ir a uma degustação de vinhos em Malibu, boliche, escalada. Bem, esse último eu realmente não me importo. Ou ficamos trancados no meu apartamento ou no *Sensation* uma vez por mês.

— Eu sei. Em apenas algumas semanas, tudo isso vai mudar.

— Eu entendo. Parece que está demorando muito.

Eu estava tão focado em me tornar sócio, que nunca levei em consideração como o nosso relacionamento realmente era. Claro que estávamos namorando, mas Peyton estava certa. Não saíamos juntos. Mesmo sendo novidade para mim esse lance de namoro sério, eu sabia que casais deveriam sair e fazer coisas juntos e não ficar sentados assistindo TV nos fins de semana.

Fechei meu laptop e o coloquei na mesa de cabeceira. Deitei e fiquei cara a cara com ela.

— Só mais algumas semanas — eu disse novamente.

— Ok — ela sussurrou de volta, mas parecia não acreditar em mim.

Era verdade. Assim que eu fosse promovido, as coisas iriam mudar.



Acordei antes do alarme, duro. Ainda estava escuro lá fora, e quando olhei para o relógio, ainda tinha trinta minutos antes de precisar levantar para ir à academia. Prestei atenção para ter certeza de que ninguém mais estava acordado. Eu tinha duas opções. Uma era para ir ao banheiro e usar a mão, ou acordar a Peyton com a boca, que me levaria a outra maneira de me aliviar.

Optei pela última.

Ela estava deitada de costas, com o rosto virado para o outro lado. Se estivesse nua, teria sido muito mais fácil. Lentamente eu deslizei o lençol pelo seu corpo. Ela não se mexeu. Sorri e cuidadosamente montei em suas pernas. Nada ainda. Prendi os dedos ao elástico da borda do pijama e da calcinha de Peyton, e centímetro por centímetro, puxei pernas abaixo. Ela se mexeu um pouco, mas não me tocou ou acordou.

Depois de jogar as roupas dela no chão, deslizei por seu corpo até meu rosto estar na posição perfeita. Com uma mão, separei os grandes lábios. Minha boca foi para o clitóris, e eu o lambi. Ela se mexeu debaixo de mim, ainda sem acordar, então continuei fazendo círculos lentamente no botão com a língua. Cada vez intensificando mais a pressão.

— Oh, meu Deus — ela ofegou. — O que...

Estiquei o braço livre e cobri sua boca. Eu não queria que ela me dissesse para parar, e com a mão cobrindo sua boca, eu esperava que ninguém nos ouvisse. Peyton gemeu, minha língua ainda trabalhando nela. Deslizei a mão que segurava sua fenda aberta para mim, até que segurasse o seio em cheio. Suas costas arquearam e ela gemeu novamente na minha mão.

— Se você não quer que eles escutem, então precisa ficar quieta — avisei.

Ela gemeu em resposta, enquanto eu continuava com a minha tortura, dando ao mamilo um beliscão que a levou a murchar debaixo de mim novamente.

— É melhor acordar assim do que com o alarme, não é? — perguntei enquanto a chupava.

Peyton não podia responder nada além de um gemido.

Voltei com a mão que estava apalpando o seio até a boceta e inseri dois dedos. Ela estava encharcada, a excitação enchendo o ar, e meu pau estava tão duro que eu estava esfregando-o no colchão a fim de me dar prazer. Eu não aguentaria uma semana sem foder a minha mulher.

Sequer conseguia fazer isso por algumas horas.

Enquanto eu bombeava os dedos em seu interior, curvando-os à direita para acertar aquele ponto que eu sabia que faria Peyton gozar rápido, sua respiração acelerou, e eu sabia que ela estava à beira do êxtase. Então fui mais rápido e chupei mais duro seu clitóris. Tão duro que ela corcoveou, tentando me afastar enquanto gozava, curvando-se. Seus gritos foram abafados pela minha mão, e se eu não me enterrasse dentro dela no segundo seguinte, gozaria em seu estômago.

Eu não queria aquilo. Então ergui meu corpo, agarrei seus quadris e sem uma palavra a virei de barriga para baixo. Peyton gemeu novamente, desta vez no travesseiro, quando empinei sua bunda para cima e deslizei naquele interior quente; naquela boceta encharcada. Deus, ela era tão gostosa. Porra... tão gostosa que eu simplesmente esqueci onde estávamos e comecei a bombear forte dentro dela, as pernas da cama se movendo um pouco no piso de madeira. Eu não me importei. Eu mesmo refaria o piso se isso significasse poder foder a Peyton tão duro quanto eu quisesse, porra.

Foda-se o chão.

Ela era viciante — sedutora — desejável e minha. Toda minha. Caralho, eu queria que o mundo inteiro soubesse. E descobriria um jeito de fazer isso acontecer.

Meus golpes aceleraram, suor escorria pelas minhas costas e Peyton gemeu no travesseiro novamente com o segundo orgasmo, logo em seguida eu gozei dentro dela.

Dentro dela...

Porra!

Eu não conseguia pensar. Não pensei. Estava tão envolvido no fato de que eu sabia uma maneira de transar com ela sem que ninguém ouvisse, que me esqueci de colocar o preservativo. Agora, enquanto eu saía dela e tentávamos recuperar o fôlego, meu esperma estava escorrendo de sua boceta em meus lençóis.

Porra!

Peguei a camisa que usei no dia anterior e a limpei. Ouvi Peyton ofegar, provavelmente percebendo por que eu estava fazendo isso.

— Está tudo bem — eu disse. Não sei se estava. Nunca tinha gozado sem preservativo, nunca conversamos sobre controle de natalidade ou doenças sexualmente transmissíveis ou qualquer coisa que presumi que casais fizessem antes de transar sem proteção. Eu estava limpo, e sabia que ela estava limpa por causa do *Sensation*.

— Você não usou preservativo? — ela perguntou.

Porra!

— Eu... — comecei, ainda limpando-a. — Esqueci.

— Você esqueceu? — ela perguntou, olhando por cima do ombro, de quatro.

— Se você ficar grávida, vamos descobrir isso. — O plano era eu conseguir minha cidadania e me divorciar da Carrie. Ter um bebê podia acabar acontecendo antes do divórcio ser finalizado, mas faríamos a coisa certa. Eu amava Peyton, e tinha que fazer isso direito.

— Eu não estou preocupada com uma gravidez — ela respondeu, e virou-se para se sentar.

— Não está?

Ela balançou a cabeça.

— Eu tomo pílula, por isso não é provável, mas pensei que você me perguntaria antes de fazer.

Meu corpo deu uma leve relaxada, enquanto jogava a camisa no chão e me deitava ao lado dela.

— Eu sinto muito. Eu não pensei.

— Isso é óbvio.

— Mas se você ficar grávida, vamos resolver isso.

Ela balançou a cabeça lentamente, sem dizer uma palavra. Em seguida, o alarme em seu telefone começou a tocar. Depois que ela estendeu a mão e o desligou, deslizou para baixo e me encarou. Todas as manhãs, antes que eu fosse à academia, era nosso tempo para conversar, e eu tinha mexido na porra de uma casa de vespeiro essa manhã ou o quê?

— Sinto muito — eu disse de novo.

Ela estendeu a mão quente e macia e segurou meu rosto.

— Tudo bem. Estamos limpos, e tomo pílula. Além disso, nós já estamos juntos há alguns meses, e confio em você. Eu te amo.

Sorri para as três últimas palavras.

— Eu também te amo, baby, e isso não vai acontecer novamente.

— Bem... — ela mordeu o lábio. — Está bem. Tenho certeza de que assim foi muito melhor pra você.

Meu sorriso se alargou.

— Tão bom que eu tenho certeza de que existem riscos no piso de madeira.

Nós rimos.

Isto era, aparentemente, o que era ter um relacionamento, e mesmo que eu tenha feito merda, amei a direção que estávamos tomando.



Peyton

— Oi, papai — eu o cumprimentei ao entrar pela porta da frente da casa dele em Valley. Meu pai estava sentado em sua cadeira reclinável, lendo um livro, vestindo um suéter marrom com uma camisa de colarinho cinza por baixo, que combinava com o cabelo.

— Ei, menina. — Ele olhou para o relógio. — Você chegou cedo.

Dei de ombros e sentei no sofá ao lado da cadeira.

— Não posso vir passar um tempo com você antes que vire uma loucura aqui?

Ele colocou o livro de lado e olhou para mim, tirando os óculos de armação de fio de arame.

— Claro. Nós apenas não a esperávamos até à tarde. Apesar de que sua mãe pode aproveitar sua ajuda na cozinha.

— Eu imaginei. — Meio que menti.

Na verdade, foi isso que eu disse ao Booker que ia fazer. Eu não precisava estar aqui até às quatro, mas queria ficar longe de todos os olhares que eu sabia que estava recebendo na casa do Booker. Só não sabia se estava recebendo todos aqueles sorrisos brilhantes porque eu era a primeira namorada séria do Booker ou porque eles nos ouviram transando algumas manhãs antes. Eu não perguntei. E depois de amanhã à noite, estaria aproveitando as quarenta e oito horas com os pais dele antes que voltassem para casa, então quis vir para os meus pais mais cedo, para respirar.

Minha mãe entrou na sala, o cabelo castanho curto estava meio solto, e farinha cobria os dedos.

— Peyton. Oh, graças a Deus você está aqui.

Olhei para cima e encontrei os olhos iguais aos meus.

— Está tudo bem?

— Tia Jessi está atrasada, e eu atrasada com as tortas.

Olhei para o meu pai e lhe dei um pequeno sorriso antes de me levantar.

— Viu? Algo me disse para vir mais cedo.

— Roube uma fatia de torta de maçã pra mim quando estiver pronta. — Ele piscou.

— Ela não vai fazer isso, Levi.

— Só estou brincando, Martina.

A mãe balançou a cabeça e revirou os olhos castanhos escuros antes de caminhar de volta para a cozinha. Seria assim comigo e com o Booker algum dia? Ele dormia na minha casa todas as noites como se vivêssemos juntos e eu já fazia o jantar. Pode me chamar de *Dona Maria* e essas merdas.

— Eu te trago uma lasca de um pedaço quando estiver pronta — sussurrei. — Eu preciso dar um jeito de conversar com você sobre algo antes de todo mundo chegar aqui.

Hoje à noite toda a nossa família viria: minhas tias, tios e primos. Amanhã para o Natal seriam só meus pais e eu até a tarde, quando voltaria para o Booker, mas eu queria falar com o meu pai hoje antes de todos chegarem, então teria tempo para processar a resposta.

— Algo me diz que há algo nessa sua cabecinha. É sobre um caso?

Balancei a cabeça.

— Ok. Bem, eu estou aqui quando você estiver pronta.

Sorri e beijei sua bochecha.

— Obrigada, papai.

Quando entrei na cozinha grande, parei abruptamente. Cada boca no fogão tinha uma panela, ambos os fornos estavam ocupados e farinha cobria cada centímetro da ilha de granito. Minha mãe sabia cozinhar. Eu aprendi com ela, então não tinha ideia do por que a cozinha estar um desastre.

— Você se esqueceu de como cozinhar? — perguntei, olhando ao redor.

Mãe estalou.

— Nós temos mais pessoas vindo este ano, e sua tia está atrasada como eu já lhe disse.

— Quem mais está vindo?

— Minha amiga Evelyn e a família.

— Ok — eu disse, embora nunca tenha ouvido falar desta amiga. — Tenho certeza de que tudo vai ficar bem. O que precisa que eu faça?

— Estou trabalhando as crostas para as tortas. Corte aquelas maçãs em fatias. — Ela apontou o dedo coberto de farinha para uma cesta cheia de maçãs verdes.

— Todas elas? — perguntei, meus olhos arregalados. Havia cerca de vinte maçãs na cesta.

— Sim, todas elas — ela sibilou.

— Ok. — Peguei a primeira maçã. Claramente minha mãe estava desgastada com toda aquela preparação, então mantive a boca fechada e cortei todas as maçãs.



Quatro tortas de maçã, duas de abóbora, e uma costela de primeira depois, o jantar da véspera de Natal estava em plena confecção. Eu não tinha certeza do por que minha mãe estava fazendo tantas tortas, mas não ia perguntar. Teríamos comida suficiente para um exército.

Minha mãe e tia estavam fazendo purê de batatas, feijão verde, e pãezinhos; tudo o que eu pensei que comeríamos no dia seguinte, novamente. Normalmente na véspera de Natal comíamos saladas, massas *confetti* que era uma massa linguine de camarão com pimentões e cebolas, e para a sobremesa, cheesecake. Minha família tinha claramente ficado louca.

Quando entrei na sala, meu pai estava assistindo futebol da faculdade com meu tio Archie e

meu primo Brendan. Deixei escapar um suspiro quando afundei no sofá, sentindo dor nas costas e nos pés.

— Onde está a minha torta? — perguntou meu pai.

— Merda — murmurei. — Esqueci. Elas ainda estão lá dentro deixando tudo aquecido. Acho que o tio Tommie e a tia Torrie chegarão em mais ou menos dez minutos.

— Por aí — ele concordou. — Você quer me perguntar o que queria, antes de eles chegarem aqui?

Olhei para o meu tio, e ele olhou para o meu pai e depois para o meu primo.

— Brendan, vamos ver como estão essas tortas.

Eu sorri, em seguida respondi com um aceno de cabeça para o meu pai.

— Quero.

Papai sentou reto e depois se inclinou para mim. Quando estávamos só nós dois na sala, ele perguntou:

— O que é?

— Quando você ainda exercia, alguma vez, algum dos advogados se tornou... hum... íntimo do outro? — Senti o calor subir pelo pescoço até o rosto enquanto murmurava a pergunta.

Ele hesitou antes de perguntar:

— O quê?

— Quero dizer, advogados de partes opostas. Alguém que você conheça, chegou a ter um relacionamento com um advogado de oposição?

Suas sobrancelhas se uniram.

— Você está perguntando por que está saindo com algum advogado da contraparte?

Eu sabia que trazer a questão à tona o faria perguntar exatamente aquilo. Desde que meu pai foi advogado criminalista, e juiz de vara criminal antes de se aposentar, eu imaginava que ele não conhecia nenhum dos advogados de direito de família, especialmente Booker. Mas eu queria pedir seu conselho profissional.

Olhei para o meu colo.

— Estou — respondi com sinceridade.

Ele se inclinou para trás na cadeira, sem dizer nada.

Meu olhar se voltou para ele. Ele estava olhando para mim.

— Você está bravo?

— Não. — Ele balançou a cabeça.

— Então por que você não está dizendo nada?

Ele suspirou.

— Porque isso vai irritar a sua mãe, e vou ter que ouvir sobre isso por uma semana direto.

— O quê? — Eu pisquei. Não tinha ideia do que meu pai estava falando.

— Não vamos entrar nesse assunto. Você vai descobrir em breve. E para responder a sua pergunta, sim, eu conheço advogados que se envolveram emocionalmente.

— Eles ficaram em apuros?

— Com a Ordem dos Advogados, você quer dizer?

— Sim — respondi. Essa era a minha única preocupação. Se Chandler e Patterson descobrissem e tivessem algum problema com isso, eu poderia encontrar outro emprego. Seria um saco, mas era possível. Agora, se a Ordem descobrisse, eles poderiam suspender a minha licença para a prática e eu estaria ferrada, porque provavelmente não seria uma suspensão curta.

— Eu não sei ao certo, mas não acho que eles tenham descoberto, e o relacionamento terminou rapidamente.

— Oh — suspirei.

— Deixe-me te perguntar, Peyton. Você está envolvida seriamente com esse cara?

Balancei a cabeça.

— Nunca pensei que aconteceria, mas, eu o amo.

— Há quanto tempo isso vem acontecendo?

— Alguns meses.

— E você está me dizendo apenas agora?

Engoli em seco.

— Eu teria dito mais cedo, mas temos mantido isso em segredo porque temos alguns casos em lados opostos e ele está concorrendo para se tornar sócio da firma. Não queremos que as pessoas erradas descubram de antemão. Assim que conseguir a sociedade, ele disse que vai se retirar dos casos.

— Quando será isso?

— Em poucas semanas.

— E se ele não for efetivado como sócio?

Pisquei surpresa com a pergunta. Booker e eu nunca tínhamos discutido aquela hipótese. Eu achava que isso não afetava a decisão de ele não se retirar dos casos. Ou eu o faria.

— Eu não sei — respondi honestamente. — Nós não conversamos sobre isso, salvo ele se retirar assim que se tornar sócio.

— Já que só tem algumas semanas e parece que você não está sob investigação, o que significa que ninguém a delatou, acho que é seguro esperar e ver o que acontece com a sua carreira. Mas há mais passos que você precisa fazer além de se retirar dos casos.

— O que seria? — eu perguntei.

Antes que ele pudesse responder, a campainha tocou.

— Pey, docinho, você pode atender? — minha mãe chamou da cozinha.

— Claro — gritei de volta e me levantei.

— Eu quero conhecê-lo — meu pai afirmou. Não sabia se ele ignorou minha pergunta porque

não teve tempo de me dizer tudo o que precisava ser feito ou o quê.

Eu virei para ele e sorri.

— Pode deixar. — Então fui abrir a porta.

Uma senhora que eu nunca tinha visto na vida estava segurando uma garrafa de vinho, e três homens estavam ao seu lado. Um tinha em torno de sua idade, e os outros dois eram da minha ou um pouco mais velhos.

— Você deve ser a Peyton — afirmou. — Eu sou amiga da sua mãe, do Clube do Livro.

— Oh! — exclamei. — Evelyn.

— Sim. — Ela sorriu. — Esse é o meu marido, Fredrick, e meus filhos, Daniel e Dylan. — Cada um deles deu um passo adiante, e nos cumprimentamos com um aperto de mão.

— É bom conhecer todos vocês. — Fiz um gesto para que entrassem. — Minha mãe está na cozinha e meu pai...

— Fred. Evey — meu pai os cumprimentou e deu a volta em mim para apertar a mão de Fredrick e dar um abraço em Evelyn.

— Estes são os nossos rapazes — Evelyn anunciou, e meu pai apertou suas mãos.

Senti dois pares de olhos em mim quando meu pai estava falando com seus amigos. *Constrangedor.*

— Deem a Peyton seus casacos e vamos para a cozinha. Estamos apenas esperando meu irmão com esposa e filhos.

— Maravilha — Fredrick assentiu, e os quatro começaram a tirar suas jaquetas.

Um a um foram entregues e fiquei em pé, com tudo empilhado nos braços até a cabeça.

Só vou encontrar todos na cozinha.



O resto da família chegou pouco depois, e quando toda comida foi posta na mesa da sala de jantar, as *crianças* tiveram suas comidas ajeitadas na mesa do café da manhã e sobre o balcão da cozinha. Sentei-me à mesa com Daniel e Dylan, e meus primos Rylie e Brendan, enquanto meus primos Emery e Brice sentaram-se na ilha da cozinha.

Um silêncio constrangedor pairava no ar à medida que comíamos. Foi totalmente estranho, especialmente que todos estávamos com vinte e tantos anos, quase trinta. De alguma forma, tínhamos sido rebaixados para a mesa das crianças, e agora todos nós olhávamos para qualquer lugar, menos um para o outro. Nenhum dos meus primos tinha filhos, porque estávamos todos tentando nos tornar bem-sucedidos em nossas carreiras antes de formarmos famílias. Pelo menos esse era o meu plano. Eu sabia que Rylie queria ter a própria grife de roupas antes de ter filhos, e Brendan, Emery, e Brice estavam prestes a se formarem em medicina. Brendan e Brice eram residentes em dois hospitais diferentes em LA, e Emery ainda estava na faculdade de medicina.

Limpei a garganta.

— Então, Daniel e Dylan, seus pais trouxeram vocês e os abandonaram na mesa da gurizada — provoqueei, tentando aliviar o clima.

— Aparentemente — Daniel concordou.

— Algum plano para amanhã? — perguntei.

— Futebol — disseram em uníssono.

— Jogar ou assistir? — Emery perguntou da ilha.

— Assistir — Dylan respondeu.

Olhei para a Rylie.

— Vamos trocar de lugar com Em e Bri. Deixe os meninos falarem de futebol.

Eu nem sabia que havia futebol no Natal. Talvez este ano tenha sido diferente já que o Natal seria um domingo e que era geralmente quando o futebol passava na TV. Eu realmente não me importava de ver futebol ou qualquer esporte, para dizer a verdade, mas percebi que eles têm mais em comum com os meus primos do que comigo ou Rylie. Algo parecia estranho sobre toda essa situação também. Rylie assentiu e disse aos seus irmãos para trocarem com a gente.

— Espere — disse Dylan, pousando o garfo. — Viemos para conhecê-la.

Pisquei, surpresa.

— Me conhecer?

Ele esfregou a nuca.

— Você não sabe?

— Saber o quê? — perguntei, enquanto me levantava, com o prato de comida nas mãos.

— Nossos pais estão tentando arranjar um de nós pra você.

— O quê? — Virei a cabeça na direção da sala de jantar.

— Não acho que ela saiba — Daniel disse.

Virei a cabeça para trás em direção a eles.

— Você acha?

— Nós lamentamos. Pensávamos que você soubesse.

— Bem, eu não sabia.

— Você disse que ela tem que escolher entre você *dois*? — perguntou Riley.

— Nós dois somos solteiros, então minha mãe nos disse para vir e ver quem tinha mais química com você. Palavras dela, não minha — Dylan esclareceu. — Mas você é solteira? — ele perguntou a Riley.

— Eu sou — respondeu ela, enquanto eu ria baixinho.

Isso explicava por que minha mãe tinha feito o suficiente para alimentar um pelotão. E o que era mais louco, foi os dois caras terem topado aquilo. E se os dois tivessem gostado de mim? Será que lutariam até a morte pela minha mão em casamento? Qual seria o final?

— Estou lisonjeada — eu disse —, mas sou comprometida.

— É? — Riley perguntou com os olhos arregalados.

Suspirei.

— É recente.

— Quero detalhes.

— Olha, pessoal. Eu realmente sinto muito, mas minha mãe perdeu a cabeça. Rie e eu vamos trocar de lugar com Emery e Brice, assim vocês, homens, podem falar de futebol.

E assim nós fizemos.

Voltar para a casa de Booker estava parecendo cada vez melhor. Ou ir para a *minha* casa, que era realmente onde eu queria estar.

Com Booker.

Na minha cama.



Booker

Minha família, incluindo Carrie e Taylor, tinha transformado a nossa casa no espírito natalino. Um pinheiro de mais de dois metros foi colocado à frente da janela e decorado a tal ponto que você mal poderia ver o verde da árvore. Nosso quintal da frente mais parecia como se duendes de Papai Noel estivessem prestes a montar uma loja e começar a construir brinquedos. Não tínhamos decorado antes de meus pais chegarem, porque, bem, eu não estava em casa e Carrie e Taylor não tinham imaginado que minha mãe fosse reclamar que a casa não estava decorada. Então nós a decoramos na véspera de Natal para apaziguar minha mãe. E porque eu estava muito ocupado com o trabalho e tentando equilibrar meu relacionamento com Peyton, não consegui lhe comprar um presente de Natal, ou para ninguém, a bem da verdade.

— Care — eu disse, esfregando a parte de trás do pescoço enquanto jantávamos — Eu tenho um pequeno problema.

— O que é?

Olhei para cada um dos meus pais, Taylor, e depois de volta para Carrie.

— Eu não comprei nada para a Peyton — confessei.

Minha mãe deixou cair o garfo.

— Booker! Eu te ensinei melhor que isso.

— Não tive tempo.

— São seis horas da véspera de Natal. Não sei o que você pode conseguir tão tarde assim — Carrie respondeu. — Você comprou presentes pra gente? — ela questionou.

Fiz uma careta.

— Tenho trabalhado mais de quinze horas por dia. Acho que vocês todos podiam me dar uma folga.

— Nós não precisamos que você nos compre nada — pai respondeu.

— Fale por você, Piers — Carrie estalou. — Eu tenho que viver com esse bundão. O mínimo que ele poderia fazer é me dar um presente de Natal.

— Eu te dou os papéis do divórcio, se quiser — sibilei antes de perceber o que tinha dito. Eu já tinha dado entrada nos papéis, mas não podíamos arquivá-los até que eu me tornasse cidadão americano, então nada de sinalizar com todas as bandeiras vermelhas.

— Papéis do divórcio? — perguntou minha mãe.

— Ah, merda — murmurei.

Carrie sorriu para mim e acenou com a mão na frente dela.

— Divirta-se com isso.

— O que quer dizer com papéis do divórcio? — papai entrou na conversa.

E lá veio a tensão novamente. Suspirei.

— Carrie e eu somos casados.

— O quê? — mamãe ofegou.

Meu pai arregalou os olhos. Taylor continuou comendo sua pizza. Eu balancei a cabeça lentamente e suspirei novamente.

— Conta logo pra eles — Carrie solicitou.

— Nós nos casamos para que eu pudesse permanecer nos Estados Unidos.

— Não é com visto de trabalho como eu pensava? — perguntou o pai.

Balancei a cabeça.

— Quando precisei ter um, ainda não estava trabalhando para Lee e Thompson. Eu não queria ter que ir e voltar até arrumar um emprego, então Carrie se casou comigo para que eu pudesse ficar aqui.

— Você pode fazer isso? — perguntou mamãe.

Abri um sorriso.

— Bem, nós fizemos.

O pai inclinou a cabeça ligeiramente.

— Espera. Você está na Lee e Thompson desde...

— Sim, nós estamos casados há pouco mais de nove anos.

— Oh, meu Deus — A mãe arfou, apertando o peito como se estivesse tendo um ataque cardíaco.

— Estamos casados há muito tempo, mas não é de verdade — Carrie esclareceu.

— É verdade. Nós gostamos da mesma coisa, se é que você me entende — Sorri para o meu pai, e eu sabia que ele tinha entendido o que quis dizer.

— E quanto a Peyton? Ela sabe? — perguntou mamãe.

Balancei a cabeça.

— Sim.

— Ela é a razão pelo qual você está pedindo o divórcio? — perguntou o pai.

Olhei para eles, contemplando a resposta. Carrie pediu o divórcio, mas estava tudo bem, porque isso significava que eu poderia estar com Peyton e pensar em um futuro com ela. Tudo parecia estar indo conforme o planejado.

— Na verdade, eu pedi para o divórcio — Carrie respondeu. — O Booker agora já pode se tornar cidadão, na verdade, faz tempo que pode, e assim que a cidadania sair, vamos nos divorciar.

— Eu já iniciei o processo — esclareci. — Devo conseguir a cidadania dentro dos próximos cinco meses e meio, e depois vamos apresentar os papéis do divórcio, que levará mais seis meses.

Meus pais pareciam atordoados, obviamente, contemplando a bomba que acabei de soltar. Não era uma grande coisa. Sim, minha mãe, provavelmente, queria dançar comigo no meu

casamento, mas esse não foi um casamento tradicional. Em menos de um ano eu não estaria casado, e tudo seria como se nunca tivesse acontecido. Embora ainda houvesse a questão com Peyton e eu estarmos em lados opostos no tribunal.

— Eu não posso acreditar que você é casado. — Mamãe suspirou.

— Pense nisso como se nós não fôssemos. — Dei uma mordida da minha pizza. Optamos por uma refeição leve na véspera de Natal como pizza e cerveja, e minha mãe ia fazer o jantar de Natal. — É só para que eu possa ficar aqui e trabalhar.

— O que você precisa fazer para se tornar cidadão? — perguntou o pai.

Eu disse a eles tudo o que precisava fazer, e então mudamos de assunto completamente.

— Amelia disse que vai dar uma passada aqui amanhã, depois que as crianças abrirem os presentes de Papai Noel.

Meus olhos se voltaram para Carrie enquanto ela falava. Eu não via Amelia há meses.

— Ela vem?

— Ela ouviu que seus pais estão na cidade, então mandou uma mensagem e perguntou quais os nossos planos para amanhã.

— Isso é ótimo. Eu não a vejo há muito tempo.

— Ela vai trazer as crianças? — perguntou mamãe.

— Acho que sim. Acho que vem todo mundo.

— Bem, eu não comprei nada de Natal para as meninas também. — E ainda tinha a questão do que comprar para a Peyton em menos de vinte e quatro horas.

— Você é um tio de merda — Carrie bufou.

Revirei os olhos.

— Que tal você tentar trabalhar até onze da noite, às vezes até meia-noite e depois me diga o quanto de compras que você faz.

— Você já ouviu falar de compras on-line? — ela retrucou.

— Eu não sei o que você poderia conseguir para as crianças em curto prazo, mas pode conseguir um cartão de presente online ou algo parecido para a Peyton — Taylor declarou, finalmente se juntando à conversa.

— Oh! — exclamou Carrie. — Essa é uma boa ideia.

— Um cartão de presente? — Quão impessoal era isso?

— Então ela pode comprar o que quiser — Carrie declarou.

— Um cartão de presente? — perguntei novamente.

— Vou colocar seu nome nos presentes que comprei para as crianças — Carrie continuou.

— Adorável. Obrigado, esposa.

Ela revirou os olhos.

Mordi um pedaço da pizza e, conforme mastigava aquele queijo dos deuses, percebi o que eu poderia comprar de Natal para a Peyton.

— Eu sei o que comprar para a Peyton. Já volto.

— O quê? — Carrie gritou quando levantei e comecei a andar.

Eu não respondi enquanto caminhava pelo corredor até o quarto. Quando entrei peguei o laptop, abri e reservei um fim de semana em Yosemite. Pode não ter sido o Natal como ela tinha sugerido, mas passar um fim de semana prolongado juntos, definitivamente era o que precisávamos.

E... imprimir!

— Carrie! — chamei-a enquanto caminhava de volta para a sala de jantar, levando o papel.

— Você pode embalar isso?

Ela olhou para o papel na minha mão quando parei ao lado dela.

— O que é isso?

— O presente da Peyton.

Ela o pegou.

— O que você comprou? — perguntou mamãe.

— Eu reservei um chalé em Yosemite para o fim de semana no Dia do Presidente.

— Você vai dar um presente que ela só vai poder usar em fevereiro? — perguntou Carrie.

Revirei os olhos.

— Apenas embrulhe para presente para mim, tá?

— Mal posso esperar para sair o nosso divórcio. — Ela mostrou a língua.

Eu olhei para ela.

— Igualmente.



Meu braço mudou-se para o outro lado da cama onde Peyton deveria estar, mas não estava. Era apenas um espaço frio. Muito frio. Antes de Peyton, eu gostava de me espalhar no meio da cama e dormir nu, mas agora eu estava olhando para o teto escuro. Era quase meia-noite, e eu estava a um passo de pedir o endereço dos pais de Peyton, para que pudesse subir pela janela do quarto dela, como um adolescente, para dormirmos juntos. Peguei o celular e mandei uma mensagem.

Você está acordada?

Alguns segundos depois, ela respondeu.

Sim. Agora é estranho estar na cama sem você, e mais ainda uma cama que durmo uma vez por ano.

Eu sorri.

Eu me sinto da mesma forma.

Também a minha mãe tentou me “arranjar” com dois filhos de uma amiga esta noite. Foi embaraçoso.

Sentei na cama e reli a mensagem antes de responder.

O quê? Ela tentou te arranjar um encontro com alguém?

Dois caras. A amiga dela tem dois filhos com um ano de diferença entre eles, e ela sentiu a necessidade de convidá-los para me conhecer.

Fodam-se as mensagens de texto.

Me liga.

O telefone tocou.

— O que aconteceu? — perguntei a título de saudação.

Eu a ouvi rir.

— Relaxe, Sr. Romântico. Eu, obviamente, os dispensei.

— É, obviamente — eu gemi.

— Eu conversei com meu pai sobre você antes que eles aparecessem, e antes que eu percebesse o que estava acontecendo. Depois que eles saíram, eu contei à minha mãe que estávamos namorando.

— Contou? — perguntei e me deitei na cama, ainda olhando para o teto.

— Sim. Eles querem te conhecer.

— Quando?

— Eu não sei. O mais cedo possível. Minha mãe está animada, pensando que vamos casar e começar a ter filhos.

Arregalei os olhos com suas palavras.

— Você quer isso?

Houve uma pausa antes de ela responder.

— Bem, eventualmente, eu quero me casar e ter filhos. Não estou ficando mais jovem, mas começamos a namorar agora e...

— Tem a questão dos nossos empregos — eu terminei por ela.

— Sim — ela suspirou.

— Nós vamos dar um jeito nisso. — Eu me senti um disco quebrado, sempre lhe assegurando que tudo ficaria bem. Com tudo o que estava acontecendo, eu tinha que pensar que ficaria.

— Sim — ela disse novamente, provavelmente cansada de me ouvir dizer a mesma merda.

— Que horas você vai estar aqui amanhã? — perguntei.

— Bem, nós praticamente tivemos o jantar de Natal hoje à noite, então acho que vamos só tomar café da manhã e trocar presentes, então estou liberada.

— Bom. Você poderá conhecer uma grande amiga, Amelia, e a família. Ela foi testemunha no meu casamento.

— Você foi para a faculdade de direito com ela?

— Sim. Foi ela, Carrie, Randy e eu.

— Ela sabe que você está pedindo o divórcio?

Dei de ombros no quarto escuro.

— Não sei o que Carrie disse a ela. Mas tenho certeza de que ela sabe. Carrie tem a boca grande.

Peyton riu, e isso fez o meu pau se contorcer.

— Ela tem uma boca grande mesmo.

— Se bem que essa noite, quem teve a boca grande fui eu. Ela estava tagarelando, e eu perguntei se ela queria os papéis do divórcio de presente de Natal, bem na frente dos meus pais.

— Você fez isso? — ela ofegou.

— Sim. Um pesadelo do caralho.

— O que eles disseram?

— Eles me questionaram sobre tudo, e sei que a minha mãe ficou magoada porque não falei nada durante nove anos. É que no papel, Carrie e eu estamos casados, mas não estamos, sabe?

— Sim. Tudo terminará em breve.

— Não em breve. Você vai me ajudar a estudar para o meu teste?

— Claro.

— Eu estudo melhor se você estiver nua no quarto. — Sorri.

Peyton riu, e meu pau estremeceu.

— Tenho certeza disso, o Sr. Jameson.

— Tudo bem, o que você acha disso? Para cada resposta certa que eu der, enquanto estudamos, você tira uma peça de roupa.

— E cada resposta errada?

— Eu tiro a roupa.

— Acho que você vai se beneficiar de qualquer forma, ao fazer isso. — Eu podia ouvir o sorriso em sua voz, e percebi que estava sorrindo tão intensamente que minhas bochechas estavam doendo.

— Acho que nós dois seremos beneficiados, baby.

— Você é tão impertinente.

— Só quando estou perto de você. Deveria me ver no trabalho. Não levo desaforo de ninguém.

— Ah, eu me lembro. Estou feliz que não estaremos mais em lados opostos.

— Eu queria que você estivesse grudada em mim agora — retruquei.

— Sim, feriados estúpidos.

— O que você está vestindo?

Eu a ouvi explodir em risos.

— Você está tentando fazer sexo por telefone comigo?

— Sim — eu brinquei.

— Bem, não estou vestindo nada.

— Mentirosa. — sorri.

— O que você está vestindo?

— Nada — eu disse.

— Mentiroso.

— É a verdade. Você sabe que eu durmo nu.

— Você está duro?

— Estou — falei a porra da verdade. Parecia que essa mulher me deixava duro vinte e quatro horas por dia, sete dias da semana.

— Toque-se.

E então eu fiz...



Eu me senti um babaca completo. Não dei a uma única pessoa presentes de Natal, e cada uma delas me deu várias coisas. Meu pessoal era gente boa, e eu estraguei tudo. Apesar dos protestos, assim que as lojas abrissem no dia vinte e seis, eu iria fazer compras. Então Amelia e a família vieram, e eu fui mais uma vez idiota, mas graças à minha esposa, parecia que eu tinha pelo menos algo para as crianças.

— Então, quando vou conhecê-la? — Amelia perguntou quando sentou no chão da sala para brincar com os brinquedos que Carrie tinha comprado para as crianças.

— Quem? — perguntei, embora eu soubesse que ela se referia a Peyton. Amelia olhou para Carrie, e eu revirei os olhos. — Você realmente tem uma boca grande — eu disse, olhando para Carrie.

Carrie estalou a língua.

— Por favor. Não é grande coisa. Além disso, eu sou uma mulher. Isso é o que fazemos.

— Ela é muito linda — mamãe interveio.

— Carrie me disse a mesma coisa — Amelia concordou.

Eu olhei para o marido de Amelia, Mark, silenciosamente pedindo ajuda com estas mulheres. Ele deu de ombros e olhou para longe. *Idiota!*

— Ela deve chegar aqui daqui a pouco — eu finalmente disse.

— E ela sabe que estamos nos divorciando — Carrie mencionou.

Amelia e Mark se viraram para olhar para os meus pais.

— Eles sabem.

— Parece que perdi muito nestes últimos meses. — Amelia riu.

— Sim, companheira, você perdeu.

— Bem, mal posso esperar para conhecê-la.

Eu sorri e olhei para as crianças. Emily, de três anos de idade, era a cara de Amelia com o cabelo preto escuro, belos olhos verdes e um sorriso que iluminava o rosto. Ryder, de oito, parecia mais com o pai, embora tivesse o cabelo preto da mãe. Enquanto eu olhava para elas, me perguntava se crianças estavam no meu futuro. Perguntei isso a Peyton brevemente ao telefone na noite anterior, quando ela mencionou que a mãe queria que ela tivesse filhos. Ela disse que eventualmente gostaria de ter. Eu também, e não conseguia me imaginar sem a Peyton, por tanto, teríamos filhos juntos. Era algo louco para pensar, mas eu os queria com ela.

Trinta minutos depois, minha garota chegou.

— Oi — eu disse caminhando até seu Bimmer prata.

— Oi. — Ela sorriu quando saiu, em seguida jogou os braços em volta do meu pescoço.

Eu me afastei e beijei seus lábios.

— Nós temos a casa cheia. Tudo bem conhecer mais pessoas?

— Sim. Eu sou ótima com crianças.

— Bom saber.

Entramos em casa e imediatamente o rosto de Peyton se iluminou quando olhou ao redor da sala.

— Vocês ficaram bem ocupados desde que eu fui embora. — Ela olhou ao redor da sala para as luzes cintilantes.

— Não parece Natal sem todas as decorações — mamãe disse, de pé, vindo abraçar a Peyton.

Peyton sorriu e devolveu o abraço, olhando para mim como se ela não esperasse isso. Podia parecer estranho, já que elas só tinham estado juntas por algumas horas, mas minha mãe provavelmente entendia como eu me sentia sobre ela. Eu nunca fiz uma grande coisa sobre presentes de Natal ou qualquer coisa do tipo, a respeito de uma mulher antes.

— Você deve ser a Peyton — disse Amelia, em pé na fila para o abraço.

Minha mãe soltou a Peyton, em seguida Amelia entrou em cena para lhe dar um abraço.

— E você deve ser a Amelia.

Amelia se separou de Peyton, mas não a soltou. Enquanto a segurava pelos ombros, ela disse:

— Posso apenas dizer que é bom finalmente conhecer a única mulher a fazer a Booker sossegar?

— Não vamos começar isso, *amor*. — Puxei Peyton e envolvi o braço no ombro dela.

Ela imediatamente olhou para frente e murmurou.

— E quem são essas gracinhas?

— Eu sou o marido de Amelia, Mark — disse Mark e estendeu a mão para Peyton.

Todo o mundo olhou para onde ele estava sentado.

— Não acho que ela está falando de você, companheiro. — Eu ri.

Peyton riu.

— Eu não estava, mas é bom conhecê-lo também. — Eles apertaram as mãos.

— Esta é minha filha, Emily e meu filho, Ryder — Amelia apresentou.

As crianças olharam por cima de seus brinquedos e Peyton abaixou até o nível dos olhos deles.

— Oi, pessoal. Eu sou a Peyton. Posso brincar com vocês?

Ambas as crianças olharam para Amelia e depois voltaram para Peyton. Sem dizer uma palavra, sorriram e acenaram.

— Ótimo. De quê vamos brincar? — perguntou Peyton.

— Transformers — Ryder respondeu.

Sentei-me no sofá ao lado de meu pai enquanto olhava para Peyton. Sim, eu podia ver totalmente esta mulher com os nossos filhos.

— Transformers, hein? Isto é tão legal. Qual deles é o seu favorito?

Ryder sorriu e pegou o caminhão vermelho e azul.

— Optimus Prime!

Peyton sorriu.

— Ele é legal. Quer saber o meu favorito?

Ryder assentiu com a cabeça.

— Sim!

Peyton estendeu a mão e agarrou o Autobot amarelo que não estava em forma de carro.

— Bumblebee.

— Eu também gosto dele.

— Eu gosto dele porque ele se transforma em um carro legal e toca música.

Ryder pegou a figura de ação de Peyton e começou a transformá-lo em um carro. Peyton virou-se para Emily.

— E com o que você está brincando, Emily?

A garotinha de três anos, que não só tinha um irmão mais velho para protegê-la, mas um tio também, sorriu.

— Barbie.

— Barbie? — Peyton disse entusiasmada. — Ela veio com um Ken, também?

Amelia, Carrie e Taylor todos bufaram. Todos se entreolharam na sala quando Emily respondeu que Ken estava em casa. Então Peyton começou a rir.

— O quê? — perguntei.

— Nada — Carrie respondeu.

— Por que foi tão engraçado? — perguntou mamãe.

— É uma piada — Amelia compartilhou. — Ken não tem as peças para fazer a Barbie... você sabe.

— Eu nem pensei isso — disse Peyton, ainda rindo.

Balancei a cabeça. Sim, Peyton ia se encaixar bem.



Peyton

Depois de brincar com os filhos de Amelia e Mark por alguns minutos, Booker me entregou um envelope.

— O que é isso?

— É Natal — afirmou.

Olhei ao redor da sala. Será que eu deveria ter comprado um presente para todos? Era alguma coisa deles e eu não tinha ideia? Não esperava trocar presentes com Booker na frente de todos.

— Eu... eu deixei o seu em casa.

Ele sorriu.

— Eu não preciso de nada. Apenas abra.

Isso poderia até ser verdade. Embora, eu sei que ele ficaria animado com o que lhe comprei. Coincidentemente poderia caber em um envelope também.

A sala ficou em silêncio, exceto pelas crianças que brincavam com seus brinquedos.

Virei o envelope para abrir e Booker falou:

— Eu tinha pedido a Carrie para embrulhar para presente, e ela colocou em um envelope.

— Ficou legal, Booker — Carrie gemeu.

Dei de ombros.

— Seja o que for, tenho certeza de que vou amar.

Parti o selo, em seguida retirei o papel branco dobrado. Era um panfleto impresso de uma cabana. Imediatamente respirei fundo, e depois falei:

— Nós vamos para Yosemite?

— Em poucos meses — Booker esclareceu.

— Quando? — perguntei, a procura de mais esclarecimentos. Não havia informações sobre o papel com exceção de um retrato de uma cabana de madeira coberta de neve.

— Final de semana do Dia do Presidente, em que temos três dias de folga.

Olhei para ele. Isso seria depois da promoção e estaríamos livres e poderíamos nos assumir.

— Eu vou ter você só para mim por três dias?

Ele sorriu.

— Sim, linda. E não vou nem levar meu laptop.

Levantei e corri para onde ele estava sentado no sofá para abraçá-lo.

— Eu mal posso esperar...

Booker virou a cabeça e sussurrou em meu ouvido:

— E ninguém vai estar por perto para ouvi-la quando gozar.

Ou pelo menos não seriam os pais de Booker e eu não me importaria.



Hoje à noite era véspera de Ano Novo.

Nos últimos dias, eu estava passando tempo com Booker e sua família. Nunca pensei que o advogado arrogante que eu costumava odiar ver no tribunal teria um lado lúdico. Claro que *brincávamos* na cama, mas vê-lo com as crianças fez meu coração e estômago fazer coisas que eu tinha certeza de que não deveria estar acontecendo tão cedo em um relacionamento.

Eu, definitivamente, tinha me apaixonado pela pessoa mais inesperada no momento mais inesperado.

Ao contrário da última vez que participou no *Sensation*, Booker se vestiu no meu apartamento. A turma foi nos pegar em uma limusine, e íamos todos juntos como da primeira vez, quando Lorelei foi ao *Sensation*. Desta vez, ela não seria mais *virgem*. Randy e Lorelei estavam se dando bem. Tanto que eu não tinha visto muito a Lore na semana de folga. Normalmente, durante as férias de inverno nós íamos às compras depois do Natal, em busca das liquidações ou qualquer outra coisa, mas não este ano. Ela estava com o Randy e eu com o Booker e a família dele. Eles passaram por aqui um pouco antes de Helen e Piers voltarem para Leeds. Foi apenas por uma hora ou mais, mas não tempo suficiente para Lorelei contar sobre seu relacionamento com o Randy.

Eu sabia que isso ia acontecer quando a Lorelei foi ao *Sensation*, e com certeza, ela também estava pensando em aderir ao clube, o que fiz oficialmente antes do Natal. Foi o meu presente para o Booker e me custaria dois mil dólares por mês. Era um preço alto a pagar por um entretenimento, mas valia totalmente a pena. Podia ser estranho presentear alguém com algo que era essencialmente para mim, mas o *Sensation* era uma parte dele. Era algo que ele gostava, e eu gostava muito. Era um lugar para deixar minhas inibições na porta e ser a pessoa que eu realmente queria ser.

Eu não era a advogada que precisava estar em jogo.

Eu não era a melhor amiga que ria ao falar de sexo.

Eu não era a namorada que fazia o jantar do namorado todas as noites.

Eu era confiante, sexy e finalmente não tinha mais nenhum embaraço por qualquer coisa que fizesse ou visse, assim que cruzasse as cortinas pretas de veludo.

Booker, claro, ainda era membro Diamante, mas eu optei pela categoria Pérola. Já que eu estava com ele, poderia participar de tudo e não precisava pagar por nada mais.

— Esta noite é especial? — perguntei e entrei no quarto para pegar meu salto alto.

— A única diferença será o brinde com o Champanhe à meia-noite — Booker respondeu, ajeitando a gravata borboleta na frente do espelho.

— Ah.

— Mas não serão em taças normais.

— O quê? — Virei-me para olhar para ele através do reflexo.

— Bem — ele riu —, eles têm taças, mas as pessoas costumam usar o corpo do outro para beberem.

— Mesmo?

— É mais saboroso dessa forma. — Ele piscou.

— Você é tão cheio de merda. — Gargalhei.

— Vamos tentar isto essa noite. Aposto que você vai sentir a diferença.

— Qualquer coisa que eu beber nos seus abdominais será delicioso — argumentei

— Isso pode ser arranjado para todas as refeições.

Joguei a cabeça para trás e ri.

— Você é demais.

— Mas você me ama.

Caminhei até ele e o abracei por trás.

— Amo.

— Bom. Randy me enviou uma mensagem dizendo que já estão quase aqui, e todos os membros tendem a aparecer na véspera de Ano Novo, então não quero ter que esperar na fila a noite toda.



Assim que entramos na mansão, fomos ao que interessava primeiro; precisávamos de um drinque. Mesmo eu me sentindo despreocupada, ainda precisava de uma coragem líquida. Booker me pediu uma vodka cranberry com todas aquelas coisas boas e para ele, uma vodka e água. Depois que tomamos nossos drinques, caminhamos pela mansão, as pessoas observando. Eu não fazia ideia de para onde nossos amigos haviam escapulado. Nem me importava. Lorelei me contou que ela e Randy uma vez transaram contra a parede em alguma parte da mansão, e aquilo foi visual o suficiente.

Enquanto passeávamos, meu olhar pousou em ninguém mais, ninguém menos que Jason Black. Eu não o via há bastante tempo. Depois do último incidente, eu não tinha o menor desejo de voltar a falar com ele novamente. Era duro perceber que a celebridade por quem você sempre teve uma paixonite era um idiota que colocava *Boa-Noite Cinderela* dentro da bebida de seu encontro, e eu ainda me surpreendia ao pensar que era assim que ele conseguia transar. Se ele tinha tara de querer dupla penetração em uma mulher, havia um melhor jeito para isso. Uma prostituta seria mais barata que o *Sensation*.

Booker e eu caminhamos diretamente pelas portas duplas até a piscina.

— Aposto que a piscina é uma delícia no verão — declarei, olhando para a água iluminada.

— É agradável durante todo o ano.

— Mesmo? Não é fria?

— É aquecida — ele confirmou, tomando um gole de sua bebida.

— Você não sente frio quando sai da água?

— Só brevemente. Eles têm toalhas aquecidas e lâmpadas de calor nas espreguiçadeiras.

— Chique.

— Quer ir lá fora?

— Claro.

Assim que passamos pela porta francesa, o frio tomou conta de mim. Ali podia ser *totalmente a Califórnia* e não um lugar com neve durante todo o inverno, mas ainda era frio para mim, especialmente usando vestido.

— Quer entrar? — perguntou Booker.

Eu olhei para ele, em seguida de volta para a piscina. As pessoas estavam lá fazendo coisas.

— Estou bem por enquanto.

Booker se aproximou de mim.

— Você sabe que eu vou te convencer a te dar prazer na frente das pessoas um dia. E você vai gostar — Não era uma pergunta.

Eu conseguiria? Claro que as pessoas ao meu redor não me importavam, e pensei que tivesse deixado minhas inibições na porta, mas quando realmente chegasse a hora, conseguiria não me importar se as pessoas assistissem? Quando estávamos assistindo ao show do *shibari*, a sala estava quase escura, e senti como se as pessoas não pudessem me ver. Mas agora, mesmo que estivesse escuro lá fora, havia luzes.

— Vamos lá — ele disse e segurou minha mão, me levando para uma espreguiçadeira.

A maioria das espreguiçadeiras brancas ao redor da piscina tinham cobertores e uma lâmpada incandescente por trás. Sentamos e Booker colocou minha bebida na pequena mesa redonda ao lado da dele.

— Acho que devemos começar de pouquinho.

Meu olhar voltou-se para ele.

— O que você quer dizer?

— Devemos dar uns amassos. — Ele sorriu.

Beijar em público não era lá essas coisas.

— Você quer curtir comigo? — provoquei.

— Eu quero fazer mais do que isso com você.

— Diga-me.

— Quero beijar seu pescoço enquanto minha mão corre até sua perna nua. — A mão dele se transformou em veludo, deslizando sobre a minha pele.

— Uh-huh — eu disse, inclinando o pescoço para o lado para lhe dar melhor acesso.

— Enquanto eu degusto a sua pele, minha mão irá mover para cima e deslizar sob seu vestido

preto para descobrir... — ele puxou a cabeça para trás e sorriu —, que você não está usando calcinha.

Engoli em seco, o dedo roçando meu centro.

— Então eu vou deixá-la pingando, ao esfregar o clitóris. Você vai abrir as pernas, e se as pessoas na piscina olharem, vão ter a visão da sua boceta.

Meu olhar desviou para as pessoas na piscina, enquanto minhas pernas me traíram e abriram para o Booker.

— Eu vou erguer cada centímetro do seu vestido com a mão livre. Quando sua boceta quente sentir a brisa fria, vou deslizar dois dedos para dentro, fazendo-a gemer.

E eu gemi.

— Então, com meu polegar esfregando o clitóris e os dedos empurrando dentro de você, vou te beijar até que esteja prestes a gozar.

E assim ele fez.

Sua língua trabalhou em sincronia com o polegar, fazendo-me ofegar. Foi bom. Bom pra caralho quando a brisa soprou minha pele nua, arrefecendo a minha excitação e enviando um arrepio pela minha espinha. Então quando eu estava prestes a me desmanchar em seu toque, Booker parou. Meus olhos abriram.

— Booker...

Ele se mudou para a minha espreguiçadeira, pegou minhas pernas e as enganchou por cima do ombro enquanto descia o rosto entre as minhas coxas. Gostaria de saber se as pessoas na piscina estavam assistindo enquanto Booker me dava prazer com a boca, mas não abri os olhos para ver. Em vez disso, me abandonei na sensação de sua língua me lambendo e chupando.

Comecei a gemer, incapaz de me controlar. Sua língua era realmente perversa. E então ele fez algo que nunca tinha feito antes. Mordeu meu clitóris. Não foi forte. Nem suave. Foi apenas direto, e me fez puxar uma respiração profunda e gemer minha libertação.

Minha boceta pulsava por causa do orgasmo enquanto eu assistia Booker voltar para a espreguiçadeira dele. Então olhei para a piscina, e apenas algumas pessoas estavam nos assistindo. Pensei que me sentiria envergonhada, mas me senti... sexy.

— Isso não foi tão ruim, foi, baby?

Olhei de volta em seus olhos azuis bebê e sorri.

— Não.

— Da próxima vez, você vai estar completamente nua.

Arregalei os olhos e ele piscou.



Decidimos tomar outro drinque antes de irmos para o quarto do Booker. Enquanto estávamos no bar dos membros Diamante, Jason se aproximou. Ele não olhou para nós, não disse uma única

palavra. Em vez disso, pediu duas bebidas.

Booker olhou para mim enquanto esperávamos pelo nosso pedido e dei um sorriso tenso.

— Você está feliz com a sua decisão?

Eu não precisava saber ao que ele estava se referindo.

— Isso é discutível — eu provoquei.

Ele sorriu, sabendo que eu estava apenas brincando com ele. Em vez de responder, ele agarrou meu rosto e me deu um beijo de tirar o fôlego. Eu me derreti, gemendo enquanto nossas línguas dançavam juntas. Quando nos separamos, sorri para ele.

— Essa é uma maneira de me persuadir.

Nós dois rimos. O barman colocou nossas bebidas à nossa frente e Booker o agradeceu. Assim que nos viramos para sair, paramos e deixamos Jason sair na nossa frente. Do canto de olho, vi Jason colocar alguma coisa na bebida colorida que tinha em mãos. Sem ao menos pensar, agarrei seu braço, fazendo com que se virasse.

— Colocando Rohypnol na bebida de alguém novamente?

Ele bufou.

— Cala a porra da boca, sua puta.

Booker deu um passo à frente e parou diante do rosto de Jason.

— Cuidado com a boca.

— Diga a ela para não se meter nos assuntos dos outros, então.

— Você sabe com o quê eu trabalho? — Booker perguntou, apenas alguns centímetros do rosto de Jason.

Jason piscou ante o questionamento de Booker.

— Divórcios.

— Exatamente, mas eu também conheço um monte de celebridades que têm ligação com *Star Nation*, e se eles descobrirem esse seu hábito você vai estar atolado na merda, companheiro.

Star Nation era o programa de TV de maior audiência de notícias de celebridades. Se você quisesse saber o que acontecia no dia a dia da vida de suas celebridades favoritas, era só assistir ao show.

— Se contar, você quebra o seu acordo de confidencialidade com *Sensation* — Jason cuspiu de volta.

— Você já está quebrando.

— O que está acontecendo? — Vi quando Gwen Walters se aproximou de nós. Ela era uma atriz em ascensão. Não sabia dizer qualquer coisa que ela tenha estreado, mas sabia quem ela era.

— Nada. Vamos — Jason respondeu.

— Você pediu a ele para te pegar uma bebida? — perguntei a Gwen.

— Sim, por quê?

— Ele tem o hábito de batizá-las. Tenha cuidado — respondi. — Ele tentou fazer isso comigo não muito tempo atrás.

Seus olhos verdes brilharam com confusão, então ela se virou para Jason.

— Isso é verdade?

— Claro que não — ele mentiu.

— Eu não estou mentindo pra você — implorei e estendi a mão para tocar seu braço.

Gwen olhou para Jason e depois de volta para mim, em seguida de volta para ele.

— Peça outra bebida.

— Não há nada de errado com esta.

Ele foi entregar a bebida a ela, mas Booker agarrou.

— Como sugeri da última vez, por que você não toma um gole primeiro?

Não percebi que uma multidão se formara ao nosso redor, mas então eu o notei. Savior estava caminhando em nossa direção, com aquela máscara inconfundível, mas Jason não viu porque estava de costas.

— Eu não vou tomar um gole, imbecil. Esta bebida é da Gwen.

Antes que Booker pudesse responder, Savior perguntou:

— Nós temos um problema?

Sua voz era como caramelo grosso: rico, suave e luxuoso. Não me admira que ele era o Sr. Sexo.

Booker olhou para Jason e falou com Savior:

— Já que você perguntou. Acho que é pertinente saber o que o Sr. Black tem feito. — Os olhos de Jason se arregalaram quando Booker continuou. — Ele tem tara por colocar *Boa-noite Cinderela* nas bebidas das mulheres.

— Isso é verdade? — perguntou Savior.

— Não — Jason mentiu novamente.

— Eu vi com meus próprios olhos, Savior — Booker concordou. — E Peyton o viu fazer isso novamente com o coquetel da Gwen.

Savior pegou a bebida das mãos de Jason.

— Eu vou fazer um teste de laboratório nessa bebida. Após os resultados, vou tomar a decisão sobre a sua adesão. Por enquanto, é melhor você ir embora.

— Savior! — Jason protestou.

— Saia, ou chamo o Luke para colocá-lo para fora.

Jason olhou para Booker e depois para mim. Eu o encarei de volta.

— Você ouviu, companheiro — Booker o repreendeu.

Jason virou-se, sem dizer outra palavra.

— Obrigada — disse Gwen para mim.

Sorri calorosamente.

— Garotas precisam se proteger.

— Nunca pensei que isso pudesse acontecer em um clube privado. — Ela suspirou.

— É contra todas as regras — Savior respondeu. — Eu vou compensar sua participação, por um mês, a de vocês três.

— Isso não é necessário — respondi.

— Faço questão e, por favor, me avise se precisar de alguma coisa. Você tem um grande rapaz aqui. — Ele bateu no ombro de Booker. — Eu o vi se transformar em homem, e tenho que dizer que o amor parece ter feito bem para ele.

Um nó se formou na minha garganta. Booker era um grande homem.

O melhor.



Booker

Acordei antes de o alarme tocar. Hoje era o dia em que descobriria se me tornaria sócio ou não. Eu nunca trabalhei tão duro por algo na minha vida, e meus nervos estavam levando a melhor. Enquanto estava na academia, me peguei várias vezes encarando o vazio ao invés de levantar os pesos. Também corri por dez minutos a mais do que normalmente corro na esteira, o que acabou fazendo com que me eu atrasasse. Por sorte, lembrei-me do meu terno para o trabalho, embora eu tivesse abastecido meu reserva no armário.

— Gostaria de uma xícara de chá? — Monica perguntou assim que passei pela sua mesa.

— Eu preciso de café esta manhã.

Ela piscou.

— Ok.

— Com *Stevia* e um pouco de creme, por favor — acrescentei enquanto entrava no meu escritório.

Depois de pendurar meu paletó no suporte, tirei o celular da calça e vi que tinha uma mensagem da Peyton.

Boa sorte hoje, baby. Sei que você vai ser o melhor sócio que a L&T terá. Eu te amo.

Sorri ao ler a mensagem e respondi de volta.

Obrigado, linda. Eu também te amo.

Quando coloquei o celular na mesa, outro texto soou.

Me ligue quando você souber.

Pode deixar.

— Hoje é o dia.

Olhei para cima do meu celular e vi o Randy entrando pela porta. Atrás dele estava Monica com meu café.

— Obrigado — eu disse a Monica, enquanto o pegava de sua mão.

Randy sentou na cadeira em frente à minha mesa, e eu me sentei em seguida, tomando um gole de café.

— Então, você vai pagar o almoço para celebrar a promoção?

— Você não deveria me pagar o almoço? — retruquei.

— Você vai ter um aumento de salário. É justo você pagar.

— Eu não acho que funciona dessa maneira. — Sorri.

Mesmo que Randy e eu tivéssemos o mesmo tempo de trabalho na L&T, ele não foi cogitado para o cargo. E não tinha nenhum desejo de se tornar associado. Ele estava feliz com os casos que estava lidando e em ir para casa às cinco e meia todos os dias. Especialmente agora que ele e Lorelei estavam saindo juntos.

— Tudo bem, eu pago o almoço.

Eu sorri.

— É assim que deve ser.

— Bem, a reunião deve começar em breve. Você está pronto?

Levantei minha xícara e rapidamente bebi o líquido morno.

— Sim, vamos embora.

As pessoas me davam tapinhas nas costas enquanto íamos para a sala de conferência. Quando vi o Clint, o encarei, sem dizer uma palavra. Ele também não. Eu não entendia como ele achava que poderia se tornar sócio no meu lugar. Eu tinha trabalhado até a exaustão e a vista embaçar, enquanto ele ia para casa brincar de casinha.

Todos nós nos reunimos em volta da mesa de madeira, e quando Mitch entrou, começou a reunião.

— Espero que todos tenham tido um bom Natal e aproveitado a semana de folga.

Sem semana de folga para mim, Mitchy.

Depois de explanar sobre os casos e planejamento para janeiro, ele disse:

— Nossas senhoras no faturamento vieram no início desta manhã para contabilizar os números para o Booker e o Clint. Elas sabiam que gostaríamos de anunciar quem seria o novo sócio durante esta reunião, então, a pessoa que estou prestes a anunciar deve realmente dar a Nicole e Bridgette algo especial. Além disso, como você sabe, elas cortaram os salários.

Risos encheram a sala, enquanto a minha perna saltou para cima e para baixo.

Apresse logo essa porra, Mitch!

— Então, eu olhei os números antes de vir aqui, e parece que esta semana passada selou o acordo para um de vocês. Estou orgulhoso de receber Booker como sócio.

Eu sorri, aplausos irromperam, e Randy me puxou do meu lugar, me dando o abraço mais apertado que eu já recebi em toda a minha vida. *Eu consegui. Porra, eu consegui!* Abraços, apertos de mão e tapinhas nas costas começaram até que ficasse eu e Clint cara a cara.

— Você trabalhou durante a pausa de Natal? — perguntou.

Balancei a cabeça.

— Trabalhei. Eu tinha que conseguir essa promoção — retruquei.

Ele suspirou com um leve aceno de cabeça.

— Pensei que você tiraria folga com seus pais na cidade.

Como ele sabia que meus pais estavam na cidade?

— Eles entenderam — esclareci.

— Ei, eu tenho uma chamada de conferência com um cliente. Te encontro meio-dia no seu escritório para almoçarmos — disse Randy, me dando tapinhas nas costas enquanto caminhava, passando por mim e Clint. Assim que ele saiu pela porta, Clint e eu ficamos sozinhos. Eu não tinha percebido que todos já tinham saído, mas aqui estávamos.

— É engraçado — Clint cruzou os braços — eu esperava que você fosse desfrutar o feriado com seus pais e a sua *namorada*.

Meu corpo ficou rígido.

— Namorada?

Ele olhou para a porta aberta, em seguida de volta para mim quando deu um passo mais perto e sussurrou:

— Sim, Peyton Winters.

Que. Porra. Do. Caralho. Era. Aquela?

— Peyton? Eu não estou namorando Peyton Winters.

— Ah, então você está apenas fodendo ela?

Era oficial. Eu queria estrangular aquele imbecil, jogá-lo contra a parede e bater nele pra caralho. Mas então, seria provar que ele estava certo. O estranho era: como ele sabia? A única vez que Peyton e eu saímos juntos em público foi quando estivemos no *Sensation*. Toda noite eu ia até o apartamento dela e saía nas primeiras horas da manhã ou tarde da noite como um adolescente louco de amor, querendo ficar com alguém. Claro que isso não era verdade, mas tivemos cuidado.

Eu pensei.

— Eu não sei o que você pensa que sabe, companheiro, mas entendeu tudo errado. — Cruzei os braços e abri um pouco as pernas para ganhar equilíbrio.

Ele sorriu.

— Viu, foi o que pensei. Eu sabia que morava no mesmo prédio daquela gostosa, e quando te vi pela primeira vez, nem sequer registrei que era exatamente ela quem você estava indo ver.

— Você não sabe o que está falando — falei rapidamente.

Ele continuou.

— Mas então eu te vi de novo e de novo e de novo. Só para esclarecer, eu levo meu cachorro para passear antes de dormir, e às vezes eu te via estacionando na garagem, então, simples assim, somei dois mais dois.

— Eu estava visitando um colega.

— Peyton?

— Não, meu colega, Sam. — Pensei rapidamente naquele cara para meu disfarce. Felizmente eu “conhecia” alguém naquela porra de prédio.

Clint jogou a cabeça para trás e gargalhou.

— Certo. Então você está me dizendo que vai tarde da noite para a casa de um homem? Olhei-o com ódio mortal e pensei em mais uma desculpa.

— Você conhece o Sam? Sabe o que acontece por trás daquela porta?

— Me esclareça.

Eu ri e me inclinei, sentando na ponta da mesa, as mãos apoiadas na borda.

— Passe em frente ao apartamento dele à noite. Tenho certeza de que ouvirá mulheres gritando.

Eu sabia que ele ouviria.

— Então você vai lá para participar de orgias?

Gargalhei novamente e fiquei de pé, lhe dando um tapinha no ombro.

— Eu não sou casado. O que eu faço no meu tempo livre é assunto meu. — Pouco me importava se ele pensasse que eu participava de orgias. Eu estava protegendo a minha garota. Ele não precisava envolvê-la em nada daquilo só porque estava puto por não ter conseguido a promoção. Eu estava quase passando por ele, para voltar ao meu escritório, mas suas palavras me fizeram parar.

— Então, quando eu vi você entrar em uma limusine no mês passado com Peyton, Randy, e outra mulher, foi apenas uma coincidência?

Virei-me para ele e sussurrei:

— Por que a curiosidade?

— Eu não dou a mínima — ele respondeu. — Mas a Ordem dos Advogados da Califórnia vai dar.

Tudo o que Peyton mais temia estava vindo à tona, e por minha causa.

Eu fui o egoísta que quis ter um relacionamento com ela.

Eu fui o que a convenceu de que ninguém descobriria sobre nós.

Eu fui o que pensou que ninguém se importaria.

E eu fui o que estava seguindo meus sonhos e colocando os dela em risco no processo.

— Então você vai me denunciar por algo que não tem cem por cento de certeza, simplesmente porque não foi promovido e eu sim?

Pouco me importava se ele tentasse nos denunciar. Eu ia me retirar dos casos antes que ele pudesse apresentar a papelada.

— Eu trabalhei duro para conseguir essa promoção...

— Eu trabalhei mais — devolvi.

Ele continuou como se eu não tivesse falado.

— E eu tenho uma família para sustentar. Não é culpa minha que você tenha violado regras de conduta profissional.

— Como eu disse, você não sabe nada. Só está especulando. Se acha que me viu com ela, não seria em sentido romântico. Eu tenho casos contra ela. — Eu estava ficando sem mentiras para

dizer e sem maneiras de desviar dele. Ele tinha claramente ficado puto comigo, e não pararia a menos que eu cedesse e dissesse que ele estava certo. Então ele voltaria ao escritório e apresentaria a queixa.

Ele riu e antes que pudesse responder, eu continuei:

— Eu não sei o que você acha que viu, mas se quer apresentar uma queixa contra mim, vá em frente. Não tenho nada a esconder porque não estou namorando ela. — A verdade era que eu praticamente vivia com ela.

— Eu já apresentei queixa contra os dois.

Porra...

Se eu perguntasse quando, ele saberia que me pegou. Pensei que poderíamos agir primeiro, mas talvez não. Se nos retirássemos dos casos, eu não tinha certeza se isso seria suficiente para afastar uma investigação.

— Seja o que for, companheiro. Eu me tornei sócio de forma justa e honesta. Vou dizer à Ordem exatamente os seus motivos, e depois então vou contar ao Mitch e aos outros sócios, e você vai ficar sem emprego.

— E você também.

Assunto encerrado.

Enquanto eu caminhava em direção à porta, disse:

— Se você quer começar essa briga vá em frente, mas lembre-se da sua família. Se tentar me derrubar por algo que não estou fazendo, a minha ira será um milhão de vezes pior. — Eu disse essas palavras na esperança de que ele diria à Ordem que entendeu errado sobre meu relacionamento com a Peyton. Mas era uma causa perdida, porque ele estava sedento por sangue.

Enquanto eu caminhava de volta para o meu escritório, todo mundo que me via, me parava para me felicitar. Tive que colocar um sorriso forçado no rosto e agradecer, quando na realidade eu queria pular pela janela. Não, eu queria empurrar o Clint pela janela. *Filho da puta do caralho.*

Quando finalmente cheguei à minha sala, fechei a porta, precisando ficar sozinho. Eu deveria estar pulando de alegria. Abri meu calendário no computador e confirmei que não tinha nada agendado. Naquele momento, pouco me importava de ser o segundo dia do ano, ou que a maioria das pessoas estava de volta ao escritório depois de uma semana de folga. Eu trabalhei, e, portanto, decidi tirar o resto do dia de folga.

Eu precisava sair.

Eu precisava da Peyton.

Eu queria pegar o telefone e ligar para ela para contar a minha boa notícia e ver também se podia tirar o dia de folga. Mas eu não sabia se o Clint tinha ouvido sobre mim ou o quê, então decidi enviar mensagem de texto.

Oi, você pode me encontrar na minha casa?

Alguns segundos depois, ela respondeu.

Na sua casa?

Eu preciso te ver.

Você conseguiu a promoção?

Por favor, me encontre na minha casa, ok?

Agora?

Você pode?

Olhei pela minha janela a vista ensolarada, enquanto esperava por uma resposta. Um minuto depois, ela mandou uma mensagem de volta.

Posso. Estou livre toda a tarde.

Eu também. Tire folga. Eu preciso de você.

Você está me assustando.

Te explico quando nos encontrarmos.

Ok, te vejo em meia hora.

Peguei o casaco do paletó e saí da sala.

— Monica, vou tirar o resto do dia de folga.

— Para comemorar? — Ela sorriu.

Dei um sorriso tenso em resposta.

— É.

— Parabéns. Você merece.

— Obrigado.

No caminho para o elevador, mandei uma mensagem para o Randy.

Vamos ter que desmarcar o almoço.
Clint sabe sobre Manning.

Quando saí do elevador, notei que Randy tinha enviado uma mensagem de volta.

Como?

Eu não sei. Fique de olho nele. Ele está me ameaçando, dizendo que entrou com uma queixa junto à Ordem.

Putá que pariu!

Exatamente os meus pensamentos.

Eu estou indo para casa para contar a ela.

Boa sorte!

Eu não tinha certeza se sorte ia me ajudar.



Peyton

Booker me pediu para encontrá-lo na casa dele, o que era estranho porque a minha casa era mais perto dos nossos trabalhos. O único pensamento que me ocorreu foi de ele não ter conseguido a sociedade e ter decidido ir para casa porque estava chateado. Mas por que a casa dele? Ele tinha a chave da minha e era lá que dormíamos todas as noites.

Estacionei na frente da casa dele e, antes que eu chegasse à porta da frente, ele a abriu, claramente esperando por mim. Analisei seu rosto, procurando por qualquer sinal de que a notícia era boa ou ruim. Ele parecia... preocupado. Estava com a calça do trabalho e a camisa branca que usou com o terno estava desabotoada e entreaberta, mostrando a camiseta. Aquele não era o homem que eu conhecia. Ele estava sempre apresentável, mesmo tarde da noite, depois de trabalhar o dia todo. As únicas vezes em que o via sem a gravata eram nos fins de semana.

— O que houve? — perguntei, não querendo tirar conclusões precipitadas.

— Primeiro, entra. — Ele fez um gesto para eu entrar. Sim, ele estava chateado.

Nenhum abraço.

Nem beijo.

Nada de oi.

Ele fechou a porta, se virou e suspirou, passando as mãos pelo rosto.

— Você... Você não conseguiu a sociedade? — Não aguentei o suspense.

— Consegui — ele respondeu sem sorrir, sem emoção.

Eu pisquei.

— Você está chateado...

— Não sobre isso.

— Então o que é? — perguntei, dando um passo mais perto dele, mas ele deu outro para trás. Eu parei, meu coração parou, o mundo todo parou.

— Acho melhor você sentar. — Ele fez sinal com a cabeça para eu sentar no sofá. Mas não sentei.

— Por quê? Diga logo o que está acontecendo. Você conseguiu se tornar sócio, e agora você está agindo como se eu te causasse repulsa.

Ele balançou a cabeça ligeiramente.

— Você não me causa repulsa.

— Então por que você não me toca? Por que não me beijou? — perguntei.

— Não há nada que eu queira fazer mais que isso, linda.

— Então faça! — gritei.

— Eu não posso.

— Por quê? — Meu peito subia e descia rapidamente enquanto esperava sua resposta. Eu estava enlouquecendo. Esse não era ele.

— Porque eu estava errado.

— Errado sobre o quê?

— Nós. — Ele suspirou.

Meu mundo começou a girar novamente, e tão rápido, que senti como se eu fosse cair.

— Você está terminando comigo?

— Eu não sei. — Ele passou a mão pela nuca.

— Você não sabe? O que isso quer dizer? Estava tudo bem de manhã, então você é promovido e agora não me quer mais, é isso? Eu só servi para te satisfazer? Para te ajudar a aliviar o estresse de trabalhar horas a fio, e agora que você se tornou sócio no escritório não precisa mais de mim?

— Não, não é nada disso. — Ele deu um passo na minha direção, mas agora quem recuou fui eu.

— Me diz logo o que está acontecendo. Se você quer terminar comigo, eu vou embora sem olhar para trás.

— Eu não quero terminar com você, mas você vai querer terminar comigo quando eu te contar...

— Você me traiu? — perguntei, interrompendo-o.

— Não! Por Deus, não!

Minha cabeça pareceu ficar mais leve, como se eu fosse desmaiar, e meus olhos encheram de lágrimas.

— Eu não estou entendendo.

— Por favor, baby. Senta.

— Me toque — repliquei, precisando que ele me mostrasse que ainda me queria.

Assim ele o fez. Correu para mim, segurou meu rosto e atacou meus lábios. Eu me derreti contra ele, e enquanto nossas bocas estavam unidas, percebi que estava me levando para o sofá. Ele pressionou o corpo no meu e eu caí sobre a superfície macia, com ele em cima de mim. Não parecia ser um beijo de despedida, apesar de que nesse momento, eu não tinha certeza de mais nada.

— Baby, eu nunca vou querer parar de te tocar, te beijar ou de te amar. Mas aconteceu uma coisa...

— Então me diga — eu disse enquanto ele olhava nos meus olhos.

Ele suspirou.

— Clint sabe sobre nós.

— O quê? Como?

— Ele disse que mora no seu prédio.

Meu coração parou novamente.

— Mora? Eu nunca o vi, e quando ele me chamou para tomar um drinque, não mencionou nada. Além disso, ele tem esposa e um filho recém-nascido, mas sempre senti que ele tinha uma coisa por mim.

— Certo. — Booker sentou e eu também.

— Ele é um idiota que sempre deu em cima de mim quando nos víamos no tribunal.

— Como aquele dia na escada?

Estremeci.

— É. Ele não estava aceitando o meu não como resposta, mas felizmente você subiu as escadas e eu consegui escapar.

— Eu vou matá-lo.

Sorri suavemente pela primeira vez desde que cheguei.

— Essa situação não vai se repetir com aquele cara.

— Está mais do que claro que ele sempre me invejou, e agora que estamos juntos, ele não vai parar. Tenho certeza.

— Ele é casado e tem um filho recém-nascido — eu disse de novo, como se isso fosse deter aquele asqueroso.

— Obviamente, isso não o impediu de dar em cima de você.

— É verdade — concordei. — Então o que vamos fazer?

Os penetrantes olhos azuis do Booker se viraram para mim.

— Eu não sei. Ele disse que já nos denunciou na Ordem.

Respirei fundo. Isso não estava nos nossos planos. O que tínhamos planejado era o Booker se tornar sócio e depois se retirar dos casos, então viveríamos o nosso *felizes para sempre*. Agora que a Ordem dos Advogados, provavelmente, já sabia que éramos um casal, eles poderiam nos dar uma suspensão, até mesmo caçar nossas licenças.

Pensei por um momento, tentando pensar no que fazer.

— Conversei com meu pai sobre nós dois, quando eu disse a ele que estávamos namorando. Ele foi advogado por vinte e poucos anos, e depois juiz, por mais de dez anos. Ele disse não termos problemas, se um de nós nos retirarmos.

— Foi só isso que ele disse?

— Bem, nós fomos interrompidos, mas, sim.

— Eu não acho que seja assim tão simples.

— Vou falar com ele novamente. Vou lá agora. Nós poderíamos ir lá agora — sugeri.

— Você quer fazer isso? Arriscar sua carreira se a Ordem nos investigar?

— E você, não? — perguntei, temendo a resposta.

— Claro que eu quero. Há cinco anos que eu quero ficar com você. Se tivermos que começar

a nossa própria empresa, então faremos isso.

Sorri novamente.

— E eu nunca soube que te queria, mas agora que tenho você, meu coração não quer te perder.

— Então, vamos descobrir como consertar essa bagunça.

Nós nos levantamos e eu passei os braços em volta da sua cintura, inclinando a cabeça no peito.

— Apesar de tudo, estou muito orgulhosa de você pela sua promoção.

Ele beijou o alto da minha cabeça.

— Espero que possamos comemorar essa noite.

— Claro que vamos comemorar. — Pisquei para ele.



Depois de eu ter ligado para o meu pai, para me certificar de que ele estava em casa, Booker e fomos até lá. Eu não levava um cara para casa desde o meu baile de formatura. E nem era meu namorado. Jonathan era só um garoto que me chamou para ser o par dele no baile, e eu aceitei porque queria ir. Após o colegial, fui para a faculdade de Direito e depois para a especialização. Eu não tinha tempo para os meninos. Claro que eu tive meus encontros, mas nada sério e que justificasse levar para conhecer meus pais.

Até agora.

— Nervoso? — perguntei quando estacionávamos em frente à casa de dois andares.

— Eu deveria estar?

Dei de ombros.

— Você é o primeiro cara que namoro, que vai conhecê-los.

— Sério? — Booker sorriu.

— Ninguém era digno o suficiente.

Ele se inclinou sobre o console central.

— Sinto-me honrado, linda. — Então ele me beijou. Beijou-me na frente da casa dos meus pais, com eles em casa e, provavelmente, meu pai assistindo da janela da sacada da frente. Isso era algo que eu queria fazer desde o Ensino Médio, mas nunca tive chance.

Nós nos aproximamos da porta da frente e entramos. Meu pai estava sentado em sua poltrona favorita, e quando nos viu, ficou de pé.

— Juiz Winters — Booker cumprimentou, estendendo a mão.

— Isso já passou, filho. Pode me chamar de Levi, Booker. — Meus dois homens apertaram as mãos. — Vocês dois querem ir até a cozinha? Sua mãe pode nos fazer um café ou chá.

— Onde ela está? — perguntei quando começamos a caminhar em direção à cozinha.

— Lá em cima, se arrumando.

Revirei os olhos. Eu tinha certeza de que minha mãe esperava por esse dia desde que eu tinha dezoito anos. Meus rapazes sentaram à mesa do café que dava vista para o quintal, enquanto eu comecei a fazer o café e o chá. Não sabia quanto tempo minha mãe ainda demoraria.

— Obrigado por nos receber e conversar com a gente — disse Booker.

— Eu faria qualquer coisa pela minha filha — papai respondeu, e eu sorri.

— Eu também faria. É por isso que precisamos de uma solução.

Virei a cabeça e sorri calorosamente para Booker.

— O que está acontecendo? — meu pai perguntou. Quando eu telefonei para saber se ele estava em casa, não dei nenhum detalhe. Só disse que precisava conversar com ele.

— Um sujeito na minha empresa disse que nos denunciou à Ordem por estarmos namorando — Booker respondeu. — E nós não sabemos o que fazer.

— Entendi — meu pai respondeu. — Bem, há duas opções. Ou vocês terminam o namoro, então quando a Ordem investigar, não terão nada a esconder. Ou um de vocês dois se retira dos casos atuais que têm contra o outro e informam ao juiz, através de uma carta, o relacionamento de vocês. Quem retira pode indicar outro advogado na sua empresa para assumir o caso, mas com a promessa de nunca discutirem o caso novamente, especialmente entre vocês. E também precisam contar aos seus empregadores.

Booker se virou para mim depois de volta para o meu pai.

— É tão fácil assim?

Papai assentiu.

— É. A questão é: qual dos dois vai se retirar do caso?

Meus olhos encontram os do Booker.

— Serei eu — afirmou. — Se não fosse pela minha promoção, acho que isso não estaria acontecendo.

— Mas você precisa dos honorários dos seus clientes, ou eles vão te pedir para sair e lhe darão um pacote de indenização. Então vou ter que sustentar a casa — brinquei, tentando aliviar o clima. Quando se torna associado em uma empresa, ela não pode simplesmente te demitir. No entanto, os outros sócios podem pedir que você se retire do quadro societário e lhes dão um pacote de indenização.

— Vai dar tudo certo — Booker afirmou.

— Minha sugestão — meu pai entreviu. — Diga a eles que vocês só começaram a namorar durante a semana de férias do Natal. Eles não terão como provar de outra forma, exceto o sujeito do seu trabalho, Booker. E mesmo assim, se você se retirar e fizer todas as formalidades, terá admitido a verdade, então a Ordem não terá motivo para te investigar.

Booker concordou.

— Obrigado. Eu vou fazer isso.

Minha mãe decidiu que estava na hora de se apresentar.

— Peyton — ela cumprimentou calorosamente. — Não vai me apresentar?

Virei-me de frente para ela.

— Oi, mãe. Este é o Booker. Booker, esta é a minha mãe, Martina.

Booker levantou e estendeu a mão.

— Prazer em conhecê-la.

— Igualmente — disse minha mãe.

— E, se me permite acrescentar — Booker disse, e meus olhos dispararam para ele. — Não há necessidade de apresentar Peyton a mais ninguém. Eu não vou a lugar nenhum.

Eu sorri e meu coração disparou no peito.

— Duplamente anotado. Agora, Peyton, seja encantadora e me traga uma xícara de café também. — Ela andou até a mesa. — Com meio a meio.

— E o nome? — brinquei, fingindo que trabalhava em uma cafeteria e que era a barista. De certo modo, foi no que eu tinha me transformado no momento em que entrei na cozinha.



— Temos uma comemoração a fazer — Booker disse enquanto nos afastávamos da casa dos meus pais.

— O que você quer fazer, chefão?

Ele sorriu e apertou minha mão que estava segurando.

— Quero levar minha namorada para jantar.

Arregalei os olhos.

— Sério?

— Sério. Nós já encontramos uma solução, e não há mais necessidade de nos esconder. Vou me retirar dos casos amanhã de manhã.

— Está bem. — Sorri. — Aonde você quer ir?

— Ficarei feliz de ir onde você quiser, contanto que esteja comigo.

Depois dos eventos da tarde, ficou claro que Booker e eu éramos mais fortes juntos do que sozinhos. Clint pode ter ficado magoado por não ter conseguido a promoção, mas meu homem mereceu.

Nós merecemos ser felizes.



Booker

Meu primeiro dia como sócio ia ser brilhante.

A primeira coisa que fiz foi contar ao Mitch sobre mim e Peyton. Bati na porta dele, e depois que ele me disse para entrar, falei:

— Tem um segundo? — perguntei.

— Está tudo bem? — ele perguntou, soltando a caneta.

— Acho que sim. *Espero* que sim — respondi, fechando a porta. Sentei-me na cadeira à frente de sua mesa.

— O que houve?

Respirei fundo e cruzei a perna por cima do meu joelho.

— Depois de você ter me nomeado ontem, Clint me ameaçou.

— Ele o quê? — Mitch falou rapidamente.

— Não fisicamente, embora eu tenha ficado tentando em agredi-lo.

— O que ele disse?

— Eu não sou dedo-duro, e não te contaria se não fosse necessário porque não é algo que você precisa se envolver.

— Fala de uma vez, Booker.

— Certo, então, eu comecei a namorar Peyton Winters.

— De Chandler e Patterson?

Balancei a cabeça.

— Ela mesma.

— Ok. E que o Clint tem a ver com isso?

— Ele está amargurado por não ter conseguido a sociedade e quer que eu seja demitido. Ele disse que já nos denunciou à Ordem.

Mitch fechou os olhos brevemente como se estivesse tentando processar o drama.

— Mas você disse que o namoro começou agora. Quão recente é isso, e quando ele o denunciou?

— Começamos a namorar durante a semana de férias do Natal. Ele disse que me viu na casa dela porque ele mora no mesmo prédio. — Eu estava contando meias verdades para o meu chefe. — Mas decidi me retirar dos casos que eu tenho contra ela, e os repassei para o Randy, e também vou comunicar, por carta, aos juízes dos casos. Então se a Ordem decidir nos investigar, não teremos problemas.

— Ao fazer isso, você sabe que *já* vai poder falar de *qualquer* caso que temos contra ela

ou a empresa dela?

Balancei a cabeça.

— Eu sei e isso não será problema.

— Bem, nós não podemos dizer com quem você pode ou não namorar, e eu confio no seu julgamento. Você está nessa empresa há muito tempo para pôr em risco a sua carreira por causa de uma mulher.

Mordi a língua. Peyton não era uma mulher qualquer. Eu a amava. Queria dizer isso ao Mitch, mas já que menti sobre começar o namoro há uma semana, mantive a boca fechada e apenas balancei a cabeça em acordo.

Ele acenou a cabeça em troca.

— Obrigado por ter vindo me contar. Eu vou lidar com Clint, e você faz a documentação para passar os casos para o Randy e a carta para os juízes.

— Na verdade... — Eu tinha acabado de lembrar que Randy não poderia pegar meus casos por causa da Lorelei, e me perguntei brevemente se ele se retirou dos casos que tinha contra a Peyton. — Randy não deve pegar meus casos também. Ele está saindo com a assistente da Peyton.

Mitch jogou a cabeça para trás, olhando para o teto e suspirou.

— Eu não quero saber. Apenas lide com isso.

— É pra já.



Os meses seguintes foram perfeitos. Clint foi advertido e colocado em observação, eu me retirei dos casos contra a Peyton, e nunca conversamos sobre eles. A Ordem dos Advogados nunca nos notificou, talvez de alguma forma, eles tenham ficado sabendo que tomamos todas as medidas necessárias antes de abrirem a investigação. Seja lá o que fosse, eu estava feliz. Ser capaz de sair em público com a Peyton era a melhor sensação do mundo. No Dia dos Namorados fomos para Malibu, jantamos em um restaurante com vista para o mar e aproveitamos como um casal normal.

No fim de semana do Dia do Presidente nós fomos até Yosemite, o chão ainda estava lindamente coberto de neve. Fizemos uma caminhada em torno do lago *Mirror*, fomos até *Bridal Veil Falls* e tiramos fotos no mirante com vista para o *Half Dome*. Quando não estávamos passeando no parque, estávamos na nossa cabana fazendo outras coisas.

Foi então que eu percebi que queria casar com ela. Eu sabia que a amava, sabia que queria acordar todas as manhãs ao lado dela e sabia que meu mundo desmoronaria se algo viesse a acontecer com ela. Não havia nada que eu não tivesse mais certeza.

Por esse motivo, eu não podia deixar passar muito mais tempo sem tornar as coisas permanentes. Nós praticamente já morávamos juntos e meu divórcio com a Carrie levaria tempo necessário para Peyton planejar o nosso casamento.

Meu verdadeiro casamento.

Mas primeiro, eu tinha que me tornar cidadão americano. Ainda assim, seria um cidadão britânico, mas agora vivendo nos EUA sob o estatuto das leis deles. Eu já havia feito a entrevista biométrica com Departamento de Imigração dos Estados Unidos e agora estava esperando o FBI fazer a minha verificação de antecedentes antes de eles marcarem a minha entrevista de naturalização, onde me fariam um monte de perguntas. Em seguida, eu teria que passar por um teste de educação cívica e esperar para fazer o juramento dos Estados Unidos. Não era de se admirar que o processo todo de cidadania levava pelos menos seis meses.

— Qual é o nome do atual presidente da Câmara dos Deputados? — Peyton perguntou, segurando um *flashcard* para me ajudar a estudar para o teste, então ela me deu quatro opções de nomes.

— Letra D — eu respondi.

Ela sorriu.

— Correto. — Então foi para o cartão seguinte. — O que fez Susan B. Anthony? — Mais respostas de múltipla escolha.

— Ela lutou pelos direitos das mulheres.

— Correto. — Peyton sorriu novamente. — Por que a bandeira dos Estados Unidos tem cinquenta estrelas?

— Essa é fácil. Uma estrela para cada estado.

— Correto.

— Você não deveria tirar uma peça de roupa para cada resposta certa minha?

Peyton riu.

— Você vai ficar muito distraído e começará a errar.

— Não, não vou — eu disse.

— São vinte questões de múltipla escolha. Eu vou ficar nua antes de você responder todas.

— Exatamente.

Ela revirou os olhos.

— Booker! Vamos...

Eu interrompi a bronca, jogando-a sobre meus ombros.

— O que você está fazendo? — ela gritou.

— Já faz muito tempo que você não revira os olhos para mim, baby. Agora eu preciso te punir.

— Me punir?

Joguei-a na cama e comecei a tirar o cinto.

— Você só pode estar de brincadeira.

Balancei a cabeça.

— Não estou, não.

— Você vai me bater com o cinto?

— Nada forte.

— Mas você vai me bater.

Puxei o cinto do passante da calça.

— Você vai estar encharcada quando eu terminar.

— Com o quê? Sangue?

Segurei seus tornozelos e a virei de bruços.

— Com o seu gozo.

Ela parou de protestar e eu puxei sua legging e calcinha para baixo, revelando a bunda. Decidi usar a mão ao invés do cinto. Eu precisava sentir a vibração da pele dela sob a minha palma.

— Levante os quadris. — Assim que o fez, dei a primeira palmada e ela sibilou. — Doeu? — Peyton balançou a cabeça, e eu dei outra. Como fiz contato com a bunda, um desejo cru invadiu meu corpo. Essa era a minha menina. Não importava se eu a apresentasse uma coisa nova, ela confiava em mim.

— Tá gostando? — perguntei.

Ela assentiu com a cabeça.

— Diga-me o que está sentindo. — *Palmada.*

— Isso... Isso está fazendo a minha boceta formigar — ela estava ofegante.

Passei a mão pela abertura dela. — E você está molhada, baby.

Ela gemeu em resposta e lhe dei mais duas palmadas antes de eu abrir e puxar a calça para baixo, liberando meu pau, e depois o deslizei em seu interior. Imagens da primeira vez que transamos invadiram minha mente enquanto eu agarrava um punho cheio do longo cabelo castanho dela. Desta vez, ela não estava presa, mas assim, eu a comia loucamente. Ela jogou a cabeça para trás, arqueando as costas, e a marca vermelha em sua bunda me deixou totalmente selvagem. Eu estocava sem parar, a cama rangendo quando a cabeceira batia na parede. Sim, eu definitivamente queria fazer isso pelo resto da minha vida. Meu ritmo acelerou ainda mais, e antes que eu me desse conta, estávamos gozando juntos, gemendo em êxtase.

— Você vai revirar os olhos pra mim novamente? — perguntei ao sair de dentro dela.

— Provavelmente. — Peyton sorriu, olhando por cima do ombro para mim.

— Que bom, porque eu amo a sua bunda. — Vi quando meu esperma vazou da boceta dela, me deixando duro de novo.



— Venho por este meio declarar... — Comecei, a mão direita para cima até que o juramento terminasse.

Depois de tudo dito e feito, de ter recebido a minha própria bandeira dos Estados Unidos em uma vara, saímos para comemorar. Definitivamente foi um grande dia. Durante anos me senti como

se fosse cidadão americano, mas agora eu era de verdade e já não precisava mais de um *Green Card*. Sentia-me aliviado. Grato e feliz. Após a cerimônia, fomos todos jantar em uma churrascaria em Beverly Hills, pedimos o melhor vinho e rimos até ficar com as bochechas doloridas.

Definitivamente, um ótimo dia.

— Então, agora que o Booker é um cidadão americano e estamos todos aqui — Carrie anunciou. — Eu e Taylor temos um comunicado a fazer.

Olhei para Peyton, que estava sentada ao meu lado, e depois de volta para Carrie quando ela e Taylor levantaram.

— Claro que isso será mais para frente, depois que meu divórcio com o Booker estiver oficializado, mas — Carrie levantou a mão esquerda do bolso —, Taylor e eu vamos nos casar! — Peyton, Amelia, e Lorelei gritaram e correram para ela.

Fiquei observando as cinco mulheres trocarem abraços e depois fui até a Carrie para felicitá-la.

— Parabéns, esposa.

— Obrigada, *marido*.

— Já que *sou* seu marido, é justo que eu te leve até o altar.

Os olhos de Carrie ficaram vidrados.

— Eu adoraria.



Peyton

Estar no tribunal era rotineiro para mim. Entrar, sair, dar oi e tchau. E era assim que passava a maior parte do dia quando tinha audiências, mas hoje, fui parada nas escadas por Clint, novamente.

Mesmo estando em período de observação na Lee e Thompson, ele ainda tinha casos em que advogava. Sua condicional era estritamente no que dizia respeito ao emprego na L&T.

— Oi, Peyton — ele chamou, mas eu continuei andando fingindo não ter ouvido. — Peyton! Espera.

Parei, suspirei e virei com um grande sorriso falso no rosto.

— Oh, oi, Clint. Tudo bem?

— O casamento dos Waterford, você está pronta para falar sobre o acordo?

— Estou sempre pronta para falar sobre acordos. Me envia um e-mail com a proposta de acordo, que eu levo até a minha cliente.

— Pensei em tomarmos um drinque enquanto eu te falo da proposta do meu cliente.

Realmente não funciona dessa maneira. Um e-mail cairia perfeitamente bem. Se ao menos ele fosse o Booker, ele já teria invadido meu escritório com um acordo em mãos e segundas intenções. Clint tinha que saber que eu sabia que ele tinha nos denunciados, embora nunca tenhamos recebido nenhuma notificação da Ordem avisando que estavam nos investigando.

— Você sabe que eu não posso fazer isso. — Não era a resposta verdadeira. Não importava que fosse de forma profissional. Em hipótese alguma eu iria a qualquer lugar com esse idiota.

— Por causa do Booker?

Olhei para ele sem responder. A porta do segundo andar abriu e eu rezei para que fosse o Booker. Não era.

— Não é só por causa do Booker, mas não há nenhuma razão para fazermos qualquer coisa fora do trabalho. Não estou interessada. — Eu estava sendo legal com esse idiota.

Ele chegou mais perto e eu dei um passo atrás, batendo no corrimão na parede.

— Há quanto tempo você está namorando aquele filho da puta?

— Isso não é da sua conta.

Ele se aproximou ainda mais, meu corpo todo ficando imediatamente em alerta. Eu não sabia se o Booker estava ou não no tribunal porque nós não conversávamos sobre casos.

— E se eu te dissesse que ele não é o homem que você pensa que é?

Revirei os olhos.

— Acha mesmo que eu me importo com o que você pensa?

A porta do segundo andar abriu novamente. Nada do Booker ou qualquer outro subindo. As pessoas estavam descendo, e nós estávamos entre o terceiro e segundo andar.

— Acho que você ia se importar, sim, com a informação que eu tenho.

— Deixe-me adivinhar... Ele matou alguém? — brinquei sarcasticamente.

Ele sorriu.

— Espirituosa. Mas não que eu saiba.

— Então você não sabe tudo sobre o homem que quer ser?

Ele estreitou os olhos.

— Eu não quero ser ele.

— Não, você só quer perturbar e persegui-lo.

— Eu não estou perseguindo-o.

— Mas você tem essa “informação” sobre ele? — perguntei, fazendo aspas no ar.

— Olha, eu estou tentando te ajudar.

— Eu não preciso da sua ajuda — respondi e tentei passar por ele, que não permitiu.

A porta do terceiro andar abriu.

— Que diabos está acontecendo aqui?!

Meus olhos desviaram para o Booker. Ele tinha fogo nos olhos azuis, mas não era de desejo, que eu estava acostumada a ver. Era de raiva. Ele estava furioso.

Clint deu um passo atrás.

— Eu estava prestes a informar a sua namorada que você leva uma vida dupla.

— O quê? — Booker e eu dissemos ao mesmo tempo.

— Eu estava fazendo uma pesquisa para um cliente e me deparei com algo que a nossa doce Peyton precisa saber.

— Minha namorada não é da sua conta — Booker disparou e desceu alguns degraus, se aproximando do Clint.

— Pode ser — Clint concordou. — Mas se eu posso acabar com o seu mundo como você fez com o meu, não vou perder a oportunidade.

— Bem, desembucha logo, companheiro. Estou curioso para saber o que você pensa que sabe e a Peyton, não.

Eu tinha que admitir, também estava curiosa. Embora eu tivesse certeza de que sabia tudo o que precisava saber sobre esse homem.

Clint voltou a atenção para mim.

— Seu namorado aqui é casado.

Olhei para o Booker e ele para mim, depois de nos encararmos por uns instantes, caímos na gargalhada.

— Vocês estão rindo?

— Claro que estamos rindo, seu babaca. Peyton sabe que sou casado.

— Você sabe? — perguntou Clint.

Balancei a cabeça, ainda rindo.

— Boa tentativa, companheiro. E agora que você sabe de toda a história da minha vida, pode sumir daqui. E pra você saber, eu já pedi o divórcio. Não tente se meter comigo de novo. Você não vai ganhar. — Booker deu um tapinha no ombro dele, depois segurou a minha, entrelaçando nossos dedos. — Eu não vou contar ao Mitch sobre isso, mas se faça um favor e desista.

Então descemos e saímos.



Hoje era a festa mensal do *Sensation*. Booker e eu estávamos nos preparando para irmos até as colinas de Beverly Hills e jogar. Quase parecia como um encontro qualquer, mas quando chegamos lá, ledor engano: nada de jantar, filme, e nenhuma longa caminhada pela praia. Apenas o direito do sexo ou preliminares, pelo menos.

Calcei meus Louboutins que usei das outras vezes. Eles eram confortáveis e sexy, as duas coisas que eu precisava enquanto participava do *Sensation*. Lorelei e Randy também iriam, claro. Íamos todos sempre juntos, fosse no carro do Booker ou em uma limusine se a Carrie e a Taylor também quisessem ir. Às vezes, elas nos seguiam no próprio carro para que pudessem sair quando quisessem. Lorelei havia se tornado membro Pérola como eu, já que ela e Randy ainda continuavam firmes e fortes. Eu não tinha ouvido a palavra com A de nenhum deles, mas eu tinha certeza de que em breve eles chegariam lá.

Durante o trajeto, notei Booker olhando pelo espelho retrovisor para onde Randy estava sentado, mas sem dizer nada. Eles só ouviam a Lorelei tagarelando. Era isso que sempre fazíamos quando estávamos juntas. Fora do trabalho eu não era chefe dela, e contávamos tudo uma para a outra.

Booker entrou com o carro na rua circular e quando finalmente chegamos à altura da escadaria de carpete vermelho, Booker parou e os manobristas abriram nossas portas. Lorelei me puxou escada acima sem esperar pelos rapazes. Depois de o Luke checar a lista, esperamos nossos rapazes para guardar as coisas na chapelaria.

— Algum plano para essa noite? — Lore perguntou.

Dei de ombros.

— Não sei. Acho que já fizemos quase tudo o que podíamos sozinhos.

— Talvez você devesse tentar algo que não fosse somente vocês dois.

— Não é a praia do Booker.

— É a sua? — ela questionou.

Booker atravessou as portas francesas, e pensei sobre compartilhá-lo.

— Não, não é a minha praia também.

— O que não é a sua praia? — perguntou Booker, sorrindo.

Devolvi o sorriso.

— Compartilhar você.

Seu sorriso ampliou.

— É por isso que nós somos bons juntos, baby. — Ele beijou meus lábios suavemente e Randy pigarreou.

— Eu sei que estamos em um clube de sexo, mas vocês dois podem esperar até passarmos pelas cortinas pretas de veludo.

— Deixe-os em paz — Lorelei o repreendeu. — Nos vemos quando acabar. — Ela agarrou a mão de Randy, em seguida eles desapareceram ao passarem pelas cortinas.

— Veremos? — Booker perguntou e enganchou o braço no meu.

— Veremos. — Sorri. — Algum plano para essa noite?

— Só alguns.

— Oh? — perguntei, inclinando a cabeça para ele enquanto entrávamos na casa toda decorada de vermelho.

— Primeiro vamos tomar um drinque. Depois pensei em assistirmos ao Savior por um tempo. Para termos algumas ideias.

— Você quer me acorrentar hoje? — provoquei.

— Algo parecido.

Pegamos nossas bebidas e fomos em direção à cadeira do Savior. As pessoas já tinham se reunido em volta. Um homem com duas mulheres estava em um sofá não muito longe de nós. Ele estava deitado acariciando o pau enquanto uma das mulheres estava de costas ao lado dele com as pernas abertas, e a outra mulher estava lambendo a boceta dela. Observei quando esticou o braço em torno da mulher que estava sendo masturbada e começou a esfregar o clitóris dela enquanto a outra mulher enfiava dois dedos nela.

Então virei a cabeça na direção de uma parede próxima e vi dois homens musculosos e atraentes se beijando e acariciando. Não me lembrava de ter visto outros homens juntos antes de hoje à noite, e eu tinha que admitir, a cena estava me excitando.

Savior entrou na sala e minha atenção se voltou para ele. A cena em si não era instrutiva, mas queríamos observar e talvez ter algumas ideias. Se você quisesse aprender, tinha que marcar com antecedência, e, claro, só se você fosse Safira ou Diamante.

Depois que ele sentou, uma mulher no meio dos espectadores avançou na direção dele. A princípio, pensei que ela fosse um membro qualquer, mas depois ficou claro que era sua “cachorrinha” porque enquanto se esfregava no colo dele, ele não a afastava. Pelo contrário, ele a segurou pelos pulsos e os levou até as costas, algemando-a.

— Nós sabemos que você gosta de ser algemada — Booker sussurrou no meu ouvido.

Assenti com a cabeça. Eu gostava de algemas e me lembrei de quando Booker tinha me prendido à cama no andar de cima. Minha boceta ficou molhada com a lembrança enquanto continuei assistindo.

Savior algemou cada pulso, em seguida levantou e pegou mais duas algemas e as prendeu nos tornozelos da ruiva. Ele agarrou o pescoço da mulher e a beijou. A mulher gemeu quando a língua dele invadiu sua boca. Com um puxão rude, ele se afastou. Antes que pudesse entender, Savior tinha puxado uma mordança tipo bola da parte de trás da calça e a colocou na boca da mulher.

— Essa é uma maneira de não deixá-la falar — Booker provocou no meu ouvido.

Eu o cutuquei com o cotovelo e disse:

— Shhh.

Em resposta, Booker estendeu o braço e o envolveu acima do meu peito e me puxou para ele. No momento em que a minha bunda tocou sua virilha, eu o senti.

Observei Savior começar a despir a mulher, deixando-a nua. Ele a pegou pelos pulsos algemados e os levou para trás das costas novamente, e depois os prendeu com uma pequena corrente. Então ele pegou outra corrente, essa presa ao teto acima deles, e enganchou os pulsos já amarrados. Eu sabia o que era estar presa para não poder tocar no Booker, e estava curiosa para saber como Savior ia fazer isso de forma diferente. Em seguida, ele pegou uma barra espaçadora, afastou as pernas da mulher e enganchou as algemas de tornozelo nela, prendendo-a na corrente do teto.

— Quer usar uma barra espaçadora? — Booker perguntou no meu ouvido.

Eu queria fazer de tudo com esse homem.

— Quero — respondi honestamente.

Booker beijou a junção do meu pescoço exposto, me deixando arrepiada.

— Bom.

Savior pegou as correntes que estavam penduradas no teto e começou a levantá-la do chão. Fiquei boquiaberta enquanto observava aquela mulher nua e amordaçada, começar a se inclinar de barriga para baixo em direção ao chão.

— Isso é mais ou menos parecido com a demonstração *shibari* que vimos — sussurrei ao virar levemente a cabeça para Booker.

— Sim — ele concordou. — Mas isso é mais para o prazer dela. — Ele beijou meu pescoço novamente.

Quando a mulher estava na altura da cintura do Savior, ele a parou e a prendeu em um gancho na parede, não muito longe de sua cadeira. Eu nunca o tinha visto fazer nada, a não ser ficar sentado no trono e as mulheres se esfregando nele, então eu imaginava que ele voltasse a sentar e deixasse a pobre menina pendurada no teto pelo resto da noite. Mas para a minha surpresa, ele passou a mão pela perna dela esticada pela barra e a segurou. Ela gemeu na mordança, e se estivesse mais perto, podia jurar que ele a estava masturbando.

Instintivamente, dei um passo atrás e esfreguei a bunda no pau do Booker.

— Isso está te excitando, baby? — ele sussurrou novamente em meu ouvido.

Balancei a cabeça sem falar, ainda roçando nele.

— A mim também — ele concordou. — Eu adoraria te comer pendurada.

— Faça isso — respondi.

Fomos para o quarto do Booker, e eu meio que esperava que ele me atacasse logo que fechou a porta. Mas, não. Em vez disso, ele sentou na cama e se inclinou para trás, sobre os braços, e ficou me observando.

— O que foi? — perguntei de pé entre ele e a lareira.

— Só te admirando, linda.

— Você não prefere me admirar nua? — Eu estava a ponto de entrar em combustão, minha boceta pulsava, querendo ser tocada.

— Prefiro, mas primeiro quero que você me diga o que vamos fazer.

Eu pisquei surpresa para ele.

— Você quer que eu diga a você o que vamos fazer?

— Você não quer estar no controle, baby?

— Como uma Dominatrix? — eu ri, mas logo fiquei séria porque me questionei se ele realmente falou sério. Ele queria ser dominado?

Ele sorriu.

— Não, não como uma Dominatrix. Só quero que você escolha algo que realmente goste.

— Eu gostei de tudo — retorqui, cruzando os braços sobre o torso.

— Mas não fizemos tudo.

— Eu sei disso. — Bufe com um sorriso.

— Por que você não abre a gaveta de cima da cômoda e pega algo que queira tentar.

— Tipo um brinquedo?

Ele assentiu com um sorriso.

— Se for o que você escolher.

— O que mais tem lá dentro?

— Floggers, algemas, plugs anais, contas anais, vibradores, anel peniano...

— Vou procurar na gaveta.

Quando cheguei até a cômoda de madeira escura e a abri o suficiente para ver dentro, olhei da esquerda para a direita analisando por alto. O primeiro que vi era um fio que parecia ser um rabo anal com uma cauda no final do mesmo. Assemelhava-se muito a um rabo de raposa. Depois vi duas bolas pretas de vidro que eu conhecia como bolas chinesas, embora nunca tenha experimentado. Eu tinha lido sobre elas em uma trilogia erótica famosa alguns anos atrás e sempre quis experimentar. Ainda olhando a gaveta, bati os olhos em uma caixa preta de veludo. A curiosidade falou mais alto.

— O que tem aqui? — perguntei ao me virar para o Booker com a caixa na minha mão.

Ele não estava na cama. Não, ele estava ajoelhado diante de mim em um joelho.

Por um momento eu deixei de respirar, e eu podia jurar por tudo quanto é santo que meu coração parou de bater.

— Me dê a caixa, linda.

Booker estendeu a mão, e sem dizer uma palavra, eu a entreguei a ele. Eu não sabia se conseguiria falar. Ele ia fazer o que eu estava pensando?

Olhei em seus olhos azuis cristalinos que detinham tanto amor e paixão. Ele limpou a garganta, respirou fundo, em seguida seu olhar voltou para o meu.

— Naquela noite, você me deixou aqui sem dizer um adeus e foi a noite que eu soube que nunca abriria mão de você. Eu não ia desistir de lutar. Depois que senti o seu gosto, fiquei viciado. Você foi além das fantasias que tinha a seu respeito. E então você me deu uma chance. Me deixou entrar.

— Quando Clint me disse que tinha nos delatado, eu estava disposto a fazer de tudo para protegê-la. Eu te amei o suficiente para te deixar escolher entre seu trabalho e a mim. Eu só queria a sua felicidade. Felizmente, seu pai foi a nossa salvação, porque eu não sei o que teria feito se tivesse que acordar sem você ao meu lado. Fico aguardando com expectativa seu beijo quando acordo, olhar em seus belos olhos castanhos sonolentos mesmo sabendo que você está cansada, mas prefere me desejar um bom dia de trabalho do que ter mais algumas horas de sono. São esses momentos que me fazem perceber que você é o amor da minha vida. Você faz coisas para o meu coração. Você o faz bater. Faz ter um propósito.

Lágrimas caíram dos meus olhos enquanto eu o ouvia.

— Bem, o que estou tentando dizer... — Ele levantou a tampa, e meus olhos pousaram em um brilhante diamante solitário redondo em uma aliança prateada. Um soluço escapou da minha garganta enquanto eu observava o diamante irradiar a luz do quarto. — Peyton, linda, quer se casar comigo?

Eu estava balançando a cabeça antes de ele terminar a pergunta. Corri os dois passos até ele e o derrubei no chão ao pular sobre ele.

— Isso é um sim? — Booker perguntou quando olhei para baixo, em seus olhos.

— Depende. Isso fará de mim um membro Diamante também?

— Você tem sido membro Diamante desde o segundo em que coloquei os olhos em você no tribunal. Você só não sabia ainda.

Eu chorava de soluçar. Se o Booker não fosse membro Diamante do *Sensation*, ele nunca teria me arrastado escada acima na primeira noite e eu não teria começado nada com ele lá embaixo. O quarto do Booker era o nosso santuário; um lugar que guardava nossos segredos, nosso primeiro lugar que ele disse que me amava e agora o lugar que eu aceitei ser sua esposa.

— Então, sim, Sr. Romântico, vou me casar com você porque, sem você, meu coração também não teria uma razão para bater.



Booker

Uma parte de mim pensava que a Carrie estava indo rápido demais com a Taylor. Elas estavam saindo há muito pouco tempo para anunciar que iam se casar. Mas o fato é que não importa o tempo que se esteja com alguém, o que realmente importa é o que sentem pelo outro. E isso não era diferente de como eu me sentia em relação a Peyton.

Não houve um dia que eu não tenha pensado, nem por um segundo, no nosso relacionamento e o tenha querido fazê-lo permanente também. Então, um dia, durante o almoço, fui comprar o anel.

Eu tinha voltado do almoço e fui direto para o escritório do Randy. Quando eu estava no tribunal e vi minha mulher defendendo seus casos, tive uma epifania. Pensei no que meu pai tinha me dito sobre a minha mãe, no feriado de Natal, quando eles saíram pela primeira vez. “Eu sabia que queria casar com ela. Não conseguia tirá-la da cabeça.”.

Essa era a minha verdade também. Então, ao invés de ter voltado para a empresa para ver se Randy queria fazer um rápido almoço, tinha ido à joalheria mais próxima.

Agora que estava com o anel no bolso da minha calça, fui até o meu companheiro para dizer o eu queria fazer.

— Oi. — Bati em sua porta aberta. — Tem um minuto?

Ele olhou por cima da tela do computador.

— Tenho. Só preciso estar no tribunal às três.

— Ótimo — eu disse e entrei para me sentar na cadeira à frente de sua mesa. Porém, antes de sentar, enfiei a mão no bolso e tirei a caixinha preta de veludo e a coloquei na frente dele.

Randy olhou da caixa para mim e quando sentei ele perguntou:

— Isso é para mim?

Dei um sorriso falso.

— Não, americano estúpido, é para a Peyton.

Ele levantou a tampa.

— Puta merda!

Eu sorri.

— Tem certeza? — Essa era uma pergunta válida, dado o tempo em que eu e Peyton estávamos juntos, e a profissão minha e do Randy.

— Sim, companheiro. Certeza absoluta.

— Quando é que você vai fazer isso?

Estendi a mão para ele, que me devolveu a caixa. Enquanto eu olhava para o diamante brilhante, disse:

— *Em breve.*

— *Quão em breve?*

Eu pensei por um momento.

— *Seria estranho fazer o pedido no clube? Quero dizer, a varanda do meu quarto tem uma vista incrível, seria um belo cenário.*

— *Com os gemidos das mulheres ao fundo?*

— *É verdade — concordei. Mas algo me dizia que lá era o lugar perfeito para pedi-la em casamento. Onde tudo começou. — E se eu fizer no meu quarto com a porta fechada?*

Ele assentiu.

— *Acho que seria o ideal, já que você está realmente decidido em fazer o pedido lá.*

— *Então vou precisar da sua ajuda.*

— *Ok, me diga o que você precisa que eu faça.*

Plano estabelecido.

Eu tinha dado o anel para o Randy quando chegamos ao *Sensation*. Lorelei levou a Peyton para dentro, sem a gente, porque essa era a parte dela no *plano*. Quando estávamos todos dentro e cada casal seguiu em direções opostas, eu sabia que Randy e Lorelei iam subir até o meu quarto para colocar a caixa na gaveta como eu tinha instruído.

Então fingi que era como qualquer outra noite no clube. Normalmente passávamos mais ou menos uma hora dando uma volta, observando o ambiente ou tomando um drinque, então eu não poderia ter pressa de subir para o quarto. Embora a ansiedade estivesse me matando.

Quando, finalmente, Peyton abriu a gaveta de cima, meu coração começou a bater tão forte, que eu quase podia jurar que ela conseguia ouvir. A espera pareceu durar horas enquanto a observava examinar alguns dos brinquedos. Seu olhar finalmente pousou na caixa, e quando ela fez menção de pegá-la, meu coração quase parou. Rapidamente saí da cama e me ajoelhei na frente dela.

Meu discurso não foi planejado. A única coisa que eu tinha em mente era fazer o pedido sem enrolação, mas ao olhar nos olhos castanhos da Peyton, eu soube que precisava expressar o que sentia por ela. Eu queria dizer tudo o que pensei e senti desde o dia em que a vi pela primeira vez, até aquele momento. Mas em vez disso, expressei meus medos e disse que jamais queria ficar sem ela. Felizmente, ela também nunca queria ficar sem mim.

A outra grande notícia era que o meu divórcio com a Carrie estava se aproximando rapidamente. Nunca pensei que ficaria ansioso para me divorciar dela, mas eu estava. Nossas vidas estavam mudando para melhor e muito melhor do que eu jamais poderia esperar.



— Decidimos fazer o casamento na praia — Carrie disse enquanto comíamos *cheeseburgers* na mesa da sala de jantar.

Eu estava lentamente tirando as minhas coisas de casa, e a Taylor, no mesmo ritmo, trazendo as dela, mas isso não nos impediu de jantarmos juntos semanalmente. Carrie ainda era a minha melhor amiga. Agora que eu e Peyton podíamos sair em público, estávamos vivendo outra realidade. Poder sair em plena luz do dia com a minha noiva era maravilhoso.

Também passamos a ver mais o Sam na nossa rotina diária. Mesmo as coisas tendo começado meio estranhas com aquele paspalho, acho que finalmente ele se tocou de que eu tinha chegado para ficar. Isso não o impediu de continuar batendo na nossa parede algumas noites por semana, mas eu e a Peyton encontramos um jeito de ignorá-lo. Como usar a mesa de jantar como alternativa para prender algemas ou tomar banho juntos, demorando mais que o necessário. Ou apenas saíamos e dava um passeio, coisas *normais*.

— Vai ser tão bonito — exclamou Peyton.

Questionei-me se ela queria casar na praia também. Eu tinha uma ideia de onde eu queria fazer o casamento, mas eu precisava perguntar a ela.

— Ao pôr do sol — Carrie esclareceu.

— Mal posso esperar. Vocês duas ficarão deslumbrantes — Peyton disse.

— Você também ficará quando chegar o seu grande dia — disse Taylor.

Peyton olhou para mim.

— Você vai ser a noiva mais linda que eu já vi — eu disse a ela.

— Ei — Carrie protestou.

Meus olhos desviaram para ela.

— Desculpe, esposa, mas é verdade.

— Todas nós seremos lindas noivas — Peyton rebateu.

Isto era verdade, mas eu só me preocupava com a que tinha o meu coração na palma da mão.



Eu era legalmente um homem solteiro. Meu divórcio com Carrie foi finalizado e arquivado no Tribunal Superior de Beverly Hills. O divórcio mais fácil que eu já tinha feito. Entramos com a petição, alegações e todos os outros documentos necessários. Quando nos encontramos com o juiz para a nossa primeira audiência, expliquei que tínhamos chegado a um acordo. Eu fui, provavelmente, o caso mais fácil — advogando por causa própria — que o juiz Brown já presidiu.

Ao contrário dos divórcios normais, Carrie e eu saímos para comemorar com nossos amigos. Era mais ou menos uma festa de divórcio, só que os dois compareceram.

E hoje a minha ex-mulher ia se casar com a namorada.

Nunca imaginei que isso fosse acontecer. Verdade seja dita, eu nunca imaginei que um monte de coisa que estava acontecendo, fosse de fato, acontecer algum dia. Mas desde que conheci a Carrie, eu sabia que ela queria um casamento dos sonhos. É lamentável que a lei e a sociedade ainda desaprovem casamento do mesmo sexo em alguns Estados e países. Quando o amor falaria mais alto?

Era isso o que eu admirava na Carrie. Ela não era apenas a minha melhor amiga que gostava da mesma fruta que eu. Ela era uma advogada que lutava por direitos iguais e pelas amigas que enfrentavam as mesmas dificuldades dela. Eu tinha certeza de que um dia ninguém mais sentiria repulsa com o casamento entre dois homens ou duas mulheres.

— Estou indo na frente para encontrar o meu lugar — disse Peyton atrás de mim.

Virei-me do espelho de chão em nosso quarto de hotel.

— Eu vou te acompanhar.

— Você já tem alguém para acompanhar. — Ela sorriu.

— Tenho, mas elas não vão começar sem mim — provoquei. — A propósito, baby, você está lindíssima.

Ela sorriu e um rubor corou suas bochechas. A mesma cor rosa do vestido frente única. O cabelo estava preso em cima em algum tipo de trança. Uma trança que eu mal podia esperar para desfazer e ver o cabelo dela solto, formando uma cascata em volta dos ombros quando eu fizesse amor com ela. Nós estávamos hospedados no hotel, onde aconteceria o casamento — o qual eu conduziria minha ex-esposa até o altar —, e depois faríamos sexo como acontecia em todo casamento. Era tradição.

Saímos do hotel à beira-mar e descemos uma passarela com acesso à areia. Peyton tirou os saltos altos prateados de tiras e os entregou à encarregada de recolher e cuidar dos sapatos. Ela virou para mim.

— Você não vai tirar o seu?

— Só depois que eu levar a Carrie.

— Você sabe que ela vai casar descalça, né?

— É o dia dela, baby. Só estou aqui para levá-la até o altar.

Peyton me deu um sorriso caloroso.

— Se é que faz sentindo, acho especial que seja você, já que ela perdeu o pai.

Dobrei o braço para a Peyton entrelaçar o dela ao meu e começamos a caminhar em direção aos assentos brancos, estilo bancadas.

— Anos atrás eu disse a ela que faria. Não importa o que acontecesse entre a gente, eu não perderia o dia de hoje.

Ela apoiou a cabeça no meu ombro enquanto caminhávamos, sem dizer uma palavra. O gesto doce era tudo o que eu precisava. De excepcional importância. A quem eu amaria pelo resto da minha vida.

Chegamos a um gazebo de madeira decorado com flores brancas em volta dos pilares. Os assentos dos convidados estavam arrumados em círculo em vez de enfileirados em um casamento tradicional. Carrie queria que todos tivessem a melhor vista dos votos, e tenho que admitir, foi uma ideia brilhante.

Levei a Peyton até o banco mais próximo a um dos lados da pérgula, lhe dei um beijo casto e voltei para buscar minha ex-esposa. As pessoas passavam por mim enquanto eu voltava pela areia para dentro, e assim que cheguei à calçada, tirei os sapatos e os esvaziei. Não havia a menor

chance de conseguir andar com os sapatos cheios de areia. *Aparentemente, minha noiva estava certa.*

Quando entrei no hotel, meus pais estavam saindo.

— Peyton guardou lugar para vocês — eu disse a eles.

— Esse casamento será lindo — minha mãe falou emocionada. — Já estava na hora de irmos à Califórnia no verão.

— É verdade, mãe. Você vai ter a visão perfeita do oceano — concordei.

— Vá buscar a Carrie, filho. Encontraremos a Peyton — papai disse, então ele e minha mãe caminharam na direção oposta.

Encontrei o quarto que a Carrie estava se arrumando, bati na porta e esperei. Amelia abriu, sorrindo para mim.

— Dá para acreditar que a nossa menina vai casar?

— Não será a primeira vez — brinquei.

Amelia bateu no meu braço.

— Mas essa é a primeira que conta.

— Verdade — concordei, e meus olhos encontraram Carrie vestida de branco. O cabelo loiro estava trançado no alto e o vestido era lindo. Ela parecia uma princesa.

— Por que você não ficou tão linda assim quando nos casamos?

Seus olhos azuis encontraram os meus.

— Porque você me fez casar no cartório.

— Você me fez casar com você.

— Ei, vocês podem parar? — Amelia intercedeu.

— Estamos apenas brincando, *amor*.

— Não me chame de amor. Sei que você só fala em tom de deboche.

Dei de ombro.

— E?

— Você quer ficar de babá dos meus filhos? Posso providenciar.

— Você não faria isso — protestei.

— Tenho certeza de que posso convencer a Peyton.

— Tudo bem, vou ser legal.

— Que bom. Agora pegue a mão de nossa menina e a conduza até o altar de uma vez por todas.

— Com prazer. — Estendi o braço para a Carrie entrelaçar o dela no meu. — Vamos, querida. Está na hora de você se tornar uma mulher honesta.



Peyton

— Eu quero que você fique com isso.

Ergui o olhar e vi minha mãe entrando na cozinha. Eu e Lorelei estávamos sentadas à mesa do café da casa dos meus pais, finalizando tudo do meu casamento que se realizaria em poucas semanas.

— O que é? — perguntei, olhando para o tecido azul bebê dobrado na mão dela.

— Isso pertencia a minha mãe e ao meu pai, e o guardei para te emprestar quando se casasse. Sei que eles adorariam vê-la caminhar até o altar se ainda fossem vivos. — Um nó começou a se formar na minha garganta. Eu também queria poder tê-los presentes, mas Deus precisava deles mais do que nós.

— É um lenço que pertenceu ao seu avô — ela continuou. — Mas minha mãe o guardou depois que ele se foi e o carregava na bolsa.

— Eu me lembro — sussurrei e peguei o lenço dela. Eu não via esse lenço há... Bem, não conseguia me lembrar exatamente quanto tempo, mas com certeza, desde que a minha avó faleceu.

— Você pode colocá-lo no sutiã — Lorelei deu a ideia.

Suspirei, e as lágrimas começaram a descer.

— Vou fazer isso.

Enquanto continuávamos finalizando o mapa de assentos, menu do buffet e várias outras coisas que eu achava importante, pensei na avó do Booker. Ele não tinha dito nada, mas eu sabia, no fundo do meu coração, que ele desejava que ela também pudesse estar presente no nosso casamento. Então, eu precisava pensar num jeito.



Hoje era o dia pelo qual esperei a vida inteira. Nunca imaginei que ele aconteceria, porque além de eu ser advogada de vara de família com especialidade em divórcio, os homens tinham medo de encarar um relacionamento sério.

Até Booker aparecer.

Nós tínhamos a mesma profissão. Sabíamos o que acontecia nos divórcios, e mesmo que agora ele fosse um homem divorciado, sabíamos o que fazer ou não para um casamento dar certo, já que praticamente tínhamos visto ou ouvido de tudo.

Booker tinha me perguntado o que eu achava sobre fazer o casamento no *Sensation*. Achei perfeito. Quando nos encontramos com o Savior para pedir permissão para usar a casa dele,

porque foi nela que o nosso relacionamento começou, ele ficou encantado em nos ajudar.

E gratuitamente, embora pelo valor exorbitante que pagávamos como membros, aquilo ali não deveria ser nada.

Realmente foi uma bênção e o Savior era um homem encantador, depois do meu noivo, é claro. Sempre imaginei que pessoas que praticavam BDSM deviam ser idiotas. Mas o que eu descobri foi que praticar BDSM não significava que seu desejo tivesse emergido depois de abuso de violência doméstica, e se envolver com isso, não significa que eles se divertiam com abusos e maus tratos. Pelo contrário, praticar BDSM era apenas uma faceta da sexualidade e estilo de vida de alguém, e, lentamente, eu estava começando a descobrir que gostava do aspecto *bondage*, e também ser um pouco submissa.

Quando contei à minha família onde o casamento seria realizado, eles me perguntaram como consegui bancar uma mansão em Beverly Hills. Não havia a menor chance de eu contar a verdade aos meus pais, então eu contei que o Booker conhecia os donos. Isso era verdade.

— Pronta?

Virei e vi meu pai que tinha entrado no quarto. Não era o quarto do Booker, mas o da Carrie no final do corredor. Ela tinha me emprestado para eu me arrumar. E o Booker estava se arrumando no dele.

Sorri para o meu pai.

— Estou.

Eu esperava que ele me desse o braço, mas em vez disso, ele colocou as duas mãos sobre os meus ombros e olhou para mim.

— Hoje é o dia em que eu te dou, oficialmente, a outra pessoa. Não tenho a menor dúvida de que o Booker cuidará de você e a tratará como um homem deve tratar uma mulher. Você fez uma boa escolha, minha menina.

Meus olhos encheram de lágrimas, mas lutei contra elas. Eu não podia chorar antes de caminhar até o altar. Eu não podia chorar em hipótese alguma. Minha maquiagem ficaria uma merda e me faria chegar atrasada no meu casamento.

— Pai — sussurrei, mas ele continuou.

— Eu sei que deveria fazer meu discurso mais tarde, mas só quero falar a sós com você por um minuto.

Balancei a cabeça, ainda tentando segurar as lágrimas.

— Eu nem sempre vou estar aqui para você, e à medida que você foi se tornando adulta, sua mãe e eu esperávamos que você encontrasse uma pessoa que a olhasse como se você fosse o mundo dela. Quando eu vejo Booker com você, eu sei que é o que ele está pensando. Você não é apenas uma mulher para ele, você é o tudo dele. E eu não preciso que ele me diga isso. Eu vejo.

Balancei a cabeça novamente e uma lágrima deslizou do meu olho. Enxuguei-a e respirei fundo, tentando controlá-las.

— O que estou tentando dizer é que me sinto tranquilo em entregá-la a ele, porque sei que ele a tratará como a princesa que você é. Eu te amo, menininha.

— Obrigada, papai. — Passei meus braços em volta de sua cintura, sem me importar se estava borrando a maquiagem ou desarrumando meu penteado. Meu pai sempre seria o meu primeiro amor.

— Vamos lá, para que você se case.

Balancei a cabeça e me afastei.

Enquanto descíamos as escadas e caminhávamos para as portas francesas que davam acesso para a piscina, a ansiedade tomou conta de mim. Eu estava prestes a me casar com Booker. Booker Jameson. Estava prestes a me tornar Peyton Jameson. O pensamento me fez perceber que se você der a alguém uma chance, esse alguém pode se tornar o que você sempre quis. O que você sempre sentiu que estava faltando.

Booker era o que estava me faltando.

Meu pai e eu paramos um pouco antes de sairmos pelas portas. Lorelei estava lá com Randy porque eles iam caminhar até o altar na minha frente. Mesmo sendo um casamento pequeno, íntimo, queríamos que eles fizessem parte dele. Os filhos da Amelia eram a menina que jogava as pétalas de flores e o menino, o portador das alianças, e Carrie era o juiz de paz. Sim, a ex-esposa do Booker, a quem ele conduziu até o altar, ia oficializar o nosso casamento.

— Você está tão linda — Lorelei falou irradiando alegria.

Olhei para o meu vestido de noiva estilo princesa com lantejoulas na saia. Eu me sentia linda.

— Obrigada, querida.

Randy se aproximou e me deu um abraço de lado.

— Se o Trent Inglewood fosse meu cliente e não do Booker, seríamos nós que estaríamos casando?

Eu o empurrei de brincadeira quando Lorelei sibilou:

— Randy!

— O quê? — ele perguntou com um enorme sorriso no rosto. — Foi assim que eles começaram.

— É melhor você parar com isso, ou nós vamos... — Seu olhar desviou para o meu pai e ela sorriu, em seguida virou de volta para o namorado. — Apenas pare com isso.

— Você me ama.

— Eu não te amo quando você dá em cima da minha melhor amiga.

Balancei minha cabeça, rindo. Estes dois foram feitos um para o outro e, sim, eles se amam. Randy tinha se declarado a ela logo depois do casamento da Carrie, há três meses, enquanto eles caminhavam pela praia. Parecia que o meu homem não era o único romântico.

— Se os dois tiverem terminado, acho que está na hora — meu pai afirmou no exato momento em que a música começou a tocar.

Observei o Randy acompanhar a Lorelei pelo corredor que estava logo à direita da piscina. Estava começando a anoitecer e o céu estava lançando uma tonalidade amarela em todos os nossos amigos e familiares. Fiz questão de não olhar para frente, para não ver o Booker. Eu queria esperar até o final da passarela para depois olhar para ele. Queria olhar diretamente para ele

enquanto caminhava para o meu *felizes para sempre*.

Amelia se aproximou, sorriu para mim, em seguida, disse ao Ryder que era hora de ir encontrar o tio Booker. Eu sorri de volta, então vi quando ela deu a Emily uma cesta com pétalas de rosas vermelhas. Não só porque foram só as primeiras flores que o Booker me deu, mas porque elas simbolizavam a avó dele por serem suas preferidas. Ela, obviamente, significou muito para ele, por isso senti que deveria trazê-la para dar um pouco de beleza para o nosso dia.

— Pronta?

Balancei a cabeça e meu pai e eu começamos a andar quando a música *Boom Clap* da versão de Lennon & Maisey começou a tocar. Mantive o olhar no meu buquê de rosas vermelhas enquanto caminhávamos em direção ao final do corredor. Nossos convidados provavelmente pensavam que eu estava envergonhada já que eu não olhava para nenhum outro lugar, mas se eles soubessem o que eu fiz nessa piscina, surtariam.

Parei somente na última fileira de cadeiras e esperei o segundo verso começar. Quando começou, olhei para cima e meus olhos encontraram os do Booker no exato momento em que as palavras cantadas mencionavam sobre uma pessoa ser o brilho de seu mundo. Booker, definitivamente, era o brilho da minha escuridão.

Booker sorriu.

Eu sorri.

E tudo e todos à nossa volta desapareceram enquanto eu me aproximava, porque ele foi a minha luz guia em um mundo que estava vazio antes dele.

Booker e meu pai apertaram as mãos, depois meu pai virou para mim, beijou minha testa, e foi sentar ao lado da mamãe. Eu virei e olhei para o Booker. Ele estava com lágrimas nos olhos. Durante os últimos quinze minutos, eu tentei não me desmanchar em lágrimas, mas ver esse homem arrogante chorando, me fez cair no choro.

— Estou feliz por você ter aparecido — ele falou brincando no meu ouvido.

Sorri através das lágrimas. Eu sabia que ele só estava dizendo isso para aliviar o clima. Ele realmente estava destinado a mim.

Demos as mãos e o Booker murmurou:

— Você está deslumbrante.

Eu sabia que meu pai estava certo. Booker me via como se eu fosse o seu mundo, e não apenas uma mulher.

E pensar...

Que tudo começou com um convite.

Fim

Nota da Autora

Caros Leitores,

Espero que tenham gostado do *Sensation*. Se puderem me fazer a gentileza de deixar um comentário onde compraram esse livro, e também no Goodreads, eu agradeceria muito. Opiniões honestas ajudam outros leitores a encontrarem meus livros. E o apoio de vocês significa o mundo para mim.

Por favor, assine meu blog, newsletter ou ambos, para se manterem atualizados sobre todos os meus lançamentos.

Meu site: www.authorkimberlyknight.com.

Sigam-me também no Facebook:

www.facebook.com/AuthorKKnight.

Até nos encontrarmos novamente, amigos.

Kimberly

Agradecimentos

Eu sempre começo pelo meu marido, por ele ter me apoiado nessa jornada. Ao longo dos anos, temos enfrentado muitos desafios e, sem ele, eu não seria tão forte como sou hoje. Obrigada por tudo que você faz por mim e por todo o seu amor. Eu te amo, sabia?

Para Jessi Gibson: Dediquei este livro para você, que me deu o empurrão para continuar. E sem você eu não teria continuado a acreditar em mim. Obrigada por todas as ideias e estar lá quando precisei de você. Sou muito feliz por chamá-la de amiga.

Andrea Long, mais conhecida como Andie M. Long: companheira!!! Obrigada por me ajudar a dar ao Booker a sua voz britânica. Agora, quando eu visitá-la e formos para aquele bar com todas as bolas, estarei falando a sua língua! Continue lutando, Mulher- Maravilha.

À minha editora, Jennifer Roberts-Hall: obrigada por ser sempre a única que tem certeza de que meus livros são perfeitos. Não há um dia que eu não seja grata pelo único dia que nos encontramos, no aeroporto de Vancouver, e nos tornamos amigas rápido.

Para minha melhor amiga, Lea Cabalar: você é meu yin para o meu yang. Meu ébano ao meu marfim. Agradeço a tudo o que você faz para mim e por ser realmente a minha melhor amiga.

Jennifer Severino: Muito obrigada por ser minha advogada para esse tema. Haha, sério, obrigada por toda ajuda para manter os dois advogados da história desse livro na linha. Você é uma rocha, e um dia vou aceitar sua oferta para *Originais de Werther*.

Renee Reigles: eu sei que a vida ficou no caminho, mas ainda te amo. Espero que Booker tenha ficado compatível com os seus padrões.

Para minhas betas: Rachel Adams-Burgess, Helena Cole, Kristin Jones, Maureen Mayer e Kerri McLaughlin. Obrigada por serem meus olhos e se certificarem que essa história fazia sentido. Vocês são incríveis e eu tenho sorte de tê-las dispostas a me ajudarem. Muito obrigada.

Para todos os blogueiros que participaram na minha revelação de capa, Blitz de lançamento e blog tour, obrigada! Sem vocês, não faço a mínima ideia de onde eu estaria. Todos vocês sempre deram chance a mim e aos meus livros, e não tenho como expressar tanta gratidão.

Para Liz Christensen de E. Marie Fotografia: Com essa, são onze!

E, finalmente, aos meus leitores: Obrigada por acreditarem em mim e darem uma chance aos meus livros. Sem vocês, eu não ainda estaria escrevendo e vivendo meu sonho!

Fotógrafa:

Liz Christensen

www.facebook.com/E.MariePhotographs

emc33photos@gmail.com

Modelos:

Amy Belle Reusch e Bailey Lee

Sobre a Autora

Kimberly Knight é uma autora BESTSELLER USA TODAY que vive nas montanhas, perto de um lago com o marido amoroso e seu gato mimado, Precious. No seu tempo livre, ela gosta de assistir seus programas de TV favoritos, fazer passes de softball em campeonatos locais, assistir os Giants San Francisco e San Jose Sharks chutarem o traseiro do time adversário.

Ela também lutou contra o câncer desmóide por duas vezes, o que a deixou mais forte, uma inspiração para os seus fãs.

Agora que está perto de um lago, ela planeja trabalhar em mais coisas ao ar livre, como em seu bronzado e coisas como... assistir caras quentes praticarem esqui aquático. No entanto, a maior parte de seu tempo é dedicada à escrita e leitura de romances e ficção erótica.

www.authorkimberlyknight.com

www.facebook.com/AuthorKKnight

twitter.com/Author_KKnight

pinterest.com/authorkknight

Instagram: [KimBrulee10](#)

Conheça a Série B&S



Lançada no Brasil

<http://amzn.to/2kTzQkr>

SUMÁRIO

Capa

Ficha Catalográfica

Dedicatória

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

Nota da Autora

Agradecimentos

Sobre a Autora

Conheça a Série B&S